PLACAR

N.º 1060 JUNHO/1991 Cr$ 900,00

GIL, VERÍSSIMO, RUI CASTRO, JOELMIR BETTING, BUSSUNDA E OUTROS TORCEDORES FAMOSOS CONTAM O JOGO DE SUAS VIDAS

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Sílvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área: Carlos Roberto Berlinck, Júlio Bartolo, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério

PLACAR

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Álvaro Almeida
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórter: Paulo Coelho
Editor de Arte: Afonso Grandjean, Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e Mônica Ribeiro (colaboradores)
Assistente de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Assessor: Moacyr Guimarães
Gerentes: Adilson Colucci, Dario Castilho, Pedro Bonaldi, Roberto Nascimento (SP); Aldano Alves (RJ)
Representantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Antonio Carlos Perreto, João Marcos Ali, Liliane Schwab, Luciana Hollo, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Luiza Pantalea, Marcia Regina da Silva, Olavo Ferreira, Paulo Wenzel Lagos, Renato Bertoni, Ronaldo Lipparelli, Selma Ferraz Souto, Sergio Rodrigues (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)
Serviço de Marketing Publicitário - Supervisora: Marta de Moraes

Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenho Engel (Região Sul); Geraldo Nílson de Azevedo (Região Nordeste)
Escritórios Regionais: Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte); Rogério Ponce de Leon (Brasília); Abel Augusto (Campinas); Lilica Mazer (Curitiba); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Rosangela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Sílvio Provazzi (Recife); Alfredo Guimarães Motta Netto (Salvador); Mauro Marchi (Santa Catarina)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

PLANEJAMENTO E MARKETING
Gerente de Planejamento e Controle: Carlos Herculano Ávila
Gerente de Produto: Reynaldo Mina

ASSINATURAS
Diretor de Operações: Ignácio Santin
Diretora de Serviços ao Assinante: Rugênia Maria Pomi

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições.

Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** (011) 823-9222

ANER

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

PLACAR

A HORA DO TORCEDOR

Que paixão poderia unir Joelmir Betting, Luis Fernando Verissimo, Ruy Castro, Gilberto Gil, Fernando Vannucci, Armando Nogueira, Éder Jofre e outras 25 personalidades de profissões e interesses tão diversos? O futebol, é claro. Mas os olhos destes torcedores ilustres brilham mesmo diante de um grande clássico, quando os rivais se vêem frente a frente e a vitória ou a derrota carregam, na certa, a euforia ou a depressão do dia seguinte. Este PLACAR reúne textos inéditos de jornalistas, músicos, escritores, que contam detalhes de clássicos inesquecíveis. Além de um levantamento de todos os resultados dos principais duelos do Brasil. No maior deles, o Fla-Flu, prestamos uma homenagem ao rubro-negro Mário Filho e ao tricolor Nélson Rodrigues. Suas crônicas deram a verdadeira dimensão para Flamengo x Fluminense. Divirta-se, torcedor, você se identificará com cada página desta edição.

Rivais em campo: torcida em suspense

ÁLVARO ALMEIDA

SUMÁRIO

Flamengo X Fluminense

AG. O GLOBO

DÁ-LHE, MENGÃO!
Diante de um Maracanã lotado, o Flamengo conquista o Carioca de 1963: o rubro-negro Evaristo vence o tricolor Castilho

ABRIL

ZEKA ARAUJO

TOMA LÁ, DÁ CÁ
O Flamengo de Paulo César leva a melhor em 1972; o tricolor de Rivelino dá o troco no ano seguinte

A festa de cores em que o Maracanã se transforma a cada Fla-Flu já bastaria para coroá-lo o rei dos clássicos do Brasil. Esta briga, porém, vem de antes, desde os tempos das regatas

O MAIOR DE TODOS OS JOGOS

Flamengo e Fluminense ainda nem resolviam suas diferenças dentro de campo e já eram rivais. É que na virada do século as belas moças da sociedade carioca dividiam sua atenção entre os rapazes do futebol tricolor e os do remo rubro-negro. Ressentimentos também mortais alimentavam os nove jogadores do Fluminense que foram buscar abrigo no Flamengo e formar a base de seu primeiro time, em 1911. Tanto rancor só poderia transformar o Fla-Flu no mais importante clássico do Brasil.

Na primeira partida, no ano seguinte, os dois remanescentes do time titular tricolor garantiram a suada vitória de 3 x 2. Desde então, Flamengo e Fluminense dominaram o futebol carioca. A partir de 1922, outros times — América, Vasco, Botafogo e até São Cristóvão — voltaram a conquistar títulos, mas a rivalidade se manteve e aumentou até o tricampeonato tricolor (1936/37/38), onde brilhavam Romeu, Tim e Hércules. Eles também estavam presentes em 1941 no memorável Fla-Flu da Lagoa. O Fluminense jogava pelo empate, tinha um time pior e o goleiro Batatais havia quebrado a clavícula. Para manter o 2 x 2, o time passou a chutar bolas para a Lagoa Rodrigo de Freitas por sobre o muro da Gávea. Ao longo da história, grandes craques desfilaram de lado a lado: Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Tim, Zizinho, Dida, Rivelino, Zico... Todos tiveram a honra de disputar o clássico que o jornalista Mário Filho imortalizou ao batizar de Fla-Flu.

TRÊS VEZES FLU
Embalado por Assis *(foto)* e Washington...

NO RETROSPECTO, FLA VENCEU MAIS

SERGIO SADE

TETRA, NEM PENSAR
Zico barra a seqüência de títulos em 1986

NICO ESTEVES

... o Flu bate o rival no Campeonato Carioca

ARI GOMES

Zinho e Renato, numa das guerras no Maracanã

	FLA X FLU
07/07/12	2 x 3
27/10/12	4 x 0
03/08/13	6 x 3
09/11/13	3 x 0
11/06/14	2 x 0
26/07/14	3 x 2
15/11/14	2 x 1
09/05/15	5 x 0
22/08/15	1 x 1
13/05/16	4 x 1
30/07/16	2 x 2
15/08/16	0 x 0
08/10/16	1 x 3
27/05/17	0 x 2
15/11/17	3 x 3
23/12/17	2 x 2
23/06/18	0 x 3
06/10/18	2 x 2
24/08/19	1 x 3
21/12/19	0 x 4
23/05/20	2 x 1
19/12/20	2 x 2
09/05/21	4 x 3
07/08/21	1 x 1
13/05/22	0 x 1
25/06/22	1 x 1
13/05/23	1 x 1
14/07/23	2 x 2
15/06/24	1 x 1
21/09/24	4 x 2
14/06/25	1 x 3
08/11/25	1 x 1
20/06/26	1 x 1
19/09/26	2 x 0
12/06/27	1 x 0
21/08/27	1 x 1
27/05/28	1 x 4
23/09/28	3 x 2
09/06/29	0 x 1
06/10/29	0 x 1
01/06/30	0 x 1
23/11/30	0 x 2
27/09/31	1 x 2
20/12/31	1 x 0
03/07/32	4 x 0
02/10/32	1 x 1
01/06/33	2 x 1
10/06/33	3 x 1
17/09/33	0 x 2
08/04/34	3 x 1
10/06/34	2 x 2
13/06/34	2 x 3
26/08/34	0 x 2
23/09/34	2 x 0
21/10/34	2 x 1
10/02/35	2 x 1
23/06/35	0 x 0
21/07/35	2 x 2
01/09/35	1 x 3
13/10/35	1 x 2
15/11/35	1 x 2
22/05/36	2 x 2
16/08/36	2 x 2
13/09/36	1 x 1
20/09/36	1 x 0
11/10/36	2 x 0
28/10/36	1 x 2
22/11/36	1 x 1
20/12/36	2 x 2
23/12/36	1 x 4
27/12/36	1 x 1
27/06/37	3 x 4
27/07/37	1 x 4
27/11/37	0 x 1
26/01/38	1 x 1
08/05/38	0 x 1
10/07/38	0 x 3
11/09/38	0 x 2
20/11/38	5 x 2
14/05/39	2 x 2
06/08/39	2 x 1
05/11/39	2 x 1
02/06/40	2 x 1
03/08/40	1 x 2
30/10/40	2 x 1
25/01/41	2 x 3
20/04/41	1 x 1
25/05/41	3 x 1
27/07/41	4 x 1

	FLA X FLU
19/10/41	2 x 1
23/11/41	2 x 2
12/03/42	0 x 0
07/06/42	1 x 2
09/08/42	1 x 0
11/10/42	1 x 1
15/11/42	1 x 1
24/03/43	1 x 5
04/04/43	1 x 0
08/05/43	1 x 3
11/07/43	2 x 0
12/09/43	2 x 2
12/03/44	3 x 1
17/06/44	0 x 1
20/08/44	0 x 0
22/10/44	6 x 1
11/04/45	0 x 4
11/05/45	7 x 0
09/09/45	2 x 1
11/11/45	1 x 1
17/03/46	2 x 3
15/06/46	1 x 3
01/09/46	5 x 2
10/11/46	2 x 5
16/11/46	1 x 1
07/12/46	1 x 4
01/06/47	2 x 1
13/07/47	1 x 1
21/09/47	3 x 3
07/12/47	1 x 1
23/05/48	1 x 1
29/08/48	1 x 1
21/11/48	2 x 1
06/01/49	2 x 5
08/01/49	5 x 0
05/05/49	1 x 1
18/05/49	3 x 0
11/09/49	1 x 2
04/11/49	1 x 1
24/01/50	2 x 1
23/10/50	1 x 2
13/01/51	5 x 2
14/10/51	0 x 1
25/11/51	0 x 1
19/03/52	2 x 3
05/10/52	3 x 0
17/01/53	1 x 1
20/01/53	3 x 1
16/08/53	2 x 3
06/12/53	2 x 1
22/12/53	2 x 1
23/06/54	0 x 1
24/10/54	0 x 0
19/12/54	0 x 3
30/01/55	3 x 3
14/04/55	1 x 3
11/09/55	1 x 2
18/12/55	6 x 1
29/02/56	2 x 3
16/09/56	1 x 0
09/12/56	1 x 0
01/05/57	4 x 1
16/05/57	1 x 2
08/09/57	1 x 3
08/12/57	1 x 2
27/03/58	1 x 0
28/09/58	2 x 1
03/11/58	1 x 1
23/04/59	2 x 0
23/08/59	0 x 0
22/11/59	0 x 2
06/04/60	2 x 1
11/09/60	1 x 1
20/11/60	3 x 1

	FLA X FLU
16/03/61	0 x 2
20/08/61	3 x 4
01/10/61	0 x 0
02/12/61	4 x 1
15/02/62	1 x 0
29/07/62	1 x 0
28/10/62	1 x 0
14/03/63	2 x 0
22/09/63	0 x 0
15/12/63	0 x 0
22/04/64	1 x 1
02/08/64	0 x 1
18/10/64	3 x 3
17/03/65	1 x 0
28/04/65	0 x 0
08/08/65	0 x 0
23/10/65	0 x 0
12/12/65	2 x 1
20/03/66	4 x 1
12/06/66	3 x 2
28/06/66	2 x 2
07/09/66	1 x 3
23/10/66	2 x 0
27/11/66	1 x 1
13/05/67	1 x 1
04/08/67	2 x 1
29/10/67	3 x 1
16/12/67	4 x 1
20/04/68	4 x 2
05/05/68	1 x 0
11/08/68	2 x 1
13/10/68	0 x 1
01/05/69	0 x 0
15/06/69	2 x 3
27/07/69	2 x 1
10/08/69	0 x 0
28/09/69	1 x 4
19/04/70	1 x 0
31/05/70	1 x 1
02/08/70	0 x 2
06/09/70	0 x 2
22/11/70	1 x 1
04/04/71	0 x 0
15/05/71	1 x 1
20/06/71	0 x 2
01/08/71	1 x 3
10/10/71	0 x 1
28/11/71	0 x 0
12/12/71	1 x 4
23/04/72	5 x 2
03/07/72	0 x 1
27/08/72	0 x 0
07/09/72	2 x 1
29/10/72	0 x 1
01/05/73	2 x 1
15/07/73	0 x 0

	FLA X FLU
29/07/73	0 x 1
22/08/73	2 x 4
02/12/73	1 x 2
27/01/74	0 x 0
01/09/74	1 x 2
01/11/74	0 x 0
30/11/74	2 x 1
23/02/75	0 x 0
12/04/75	1 x 1
18/05/75	2 x 1
03/08/75	2 x 1
02/11/75	0 x 3
07/03/76	4 x 0
16/05/76	0 x 0
18/07/76	1 x 1
01/08/76	1 x 1
07/11/76	0 x 1
05/02/77	3 x 1
22/05/77	2 x 0
25/06/77	1 x 2
28/08/77	2 x 0
15/11/77	1 x 2
26/03/78	1 x 0
12/08/78	0 x 0
15/10/78	0 x 2
05/11/78	4 x 0
10/12/78	2 x 1
11/03/79	1 x 1
22/04/79	1 x 1
24/06/79	2 x 1
23/09/79	1 x 0
14/10/79	0 x 3
13/07/80	2 x 0
14/09/80	1 x 1
02/11/80	2 x 2
29/06/81	1 x 2
07/09/81	1 x 1
15/11/81	3 x 1
29/08/82	3 x 0
31/10/82	0 x 1
17/07/83	0 x 0
02/10/83	2 x 1
11/12/83	0 x 1
23/09/84	1 x 0
30/11/84	1 x 2
16/12/84	0 x 1
27/02/85	0 x 0
07/04/85	1 x 1
22/09/85	0 x 0
17/11/85	1 x 1
11/12/85	1 x 1
16/02/86	4 x 1
13/07/86	1 x 0
19/10/86	0 x 0
30/11/86	0 x 1
05/04/87	0 x 0
21/06/87	1 x 1
27/07/87	1 x 0
04/10/87	0 x 1
27/03/88	0 x 1
22/05/88	0 x 0
04/06/88	0 x 0
30/11/88	1 x 0
09/04/89	4 x 0
04/06/89	1 x 0
02/12/89	5 x 0
04/02/90	1 x 1
08/04/90	0 x 1
21/10/90	2 x 1
07/04/91	2 x 1

RETROSPECTO

289 jogos
106 vitórias do Flamengo
89 vitórias do Fluminense
94 empates
424 gols do Flamengo
369 gols do Fluminense

Por Mário Filho

O Fla-Flu da Lagoa

Trecho da crônica de Mário Filho, extraído do livro *Fla-Flu ... E as Multidões Despertaram*, coletânea organizada por Oscar Maron Filho e Renato Ferreira

...Quando o Flamengo marcou o segundo gol, antes mesmo que o garoto do placar colocasse o dois ao lado do nome Flamengo, a gente olhou para o relógio: faltavam seis minutos. Começou uma voz gritando faltam seis minutos e aí o Flamengo foi para cima do Fluminense. Para o Fluminense bastava o empate, para o Flamengo era preciso a vitória. O Flamengo atacava, o Fluminense jogava a bola na Lagoa. Não se tratava do recurso da bola fora. Bola fora não adiantava ao Fluminense. Noutro campo, a história desse Fla-Flu seria diferente. Bola fora volta logo, na Lagoa demorava. E o Flamengo jogou n'água guarnições inteiras de remo para apanhar a bola na Lagoa. Parecia que essas guarnições disputavam um campeonato de remo. Apanhavam a bola, mandavam-na de novo para o campo e ficavam n'água, os remos suspensos, os músculos retesados, prontos para quarenta remadas por minuto. Que outra bola havia de vir, e rápida. Enquanto o Fluminense pudesse jogar bolas na Lagoa não faria outra coisa.

Era ainda no tempo do cronometrista. O juiz não mandava no tempo, quem mandava era o cronometrista. E lá estava o cronometrista. A bola caía na Lagoa. O cronometrista travava o cronômetro. E o tempo parava. O Flamengo queria que o cronômetro parasse, o Fluminense queria que corresse. Eram duas concepções de tempo que se chocavam, irreconciliáveis. Não é possível, o cronômetro não anda. E andava, bem que andava. Para o Flamengo, corria. A angústia fazia com que para o Fluminense o tempo parasse; e corresse, desembestado, para o Flamengo. Nem o Fluminense compreendia que ele custasse tanto a passar nem o Flamengo que ele corresse tanto. Então foi um homem do Fluminense para junto do cronometrista, acompanhado logo por outro do Flamengo. E o cronômetro parava e o cronômetro andava. Com um pouco a gente olhava para o relógio e não entendia mais nada.

Só se sabia de uma coisa: que quando o Flamengo empatou faltavam seis minutos. E agora? Agora ninguém sabia. O Flamengo mandava buscar todas as bolas que tinha. Eram bolas de treino, pesadas, duras, enchidas a pressa, estourando de ar. Caía uma bola na Lagoa e as bolas do Flamengo eram chutadas para campo. Lembro-me que Batatais, uma vez, fez cera escolhendo uma entre as muitas bolas do Flamengo. Apertava uma, não servia, batia com outra no chão, não servia, como que pesava outra numa mão estendida feito prato de balança, não servia. E lá vinha o Flamengo para cima do juiz que era Juca da Praia. Seu Juca, olha a cera. Na mesa do cronometrista, o homem do Fluminense exigia aos berros que o cronômetro andasse. Finalmente Batatais escolhia uma bola, ajeitava para Renganeschi, Renganeschi enchia o pé, bola na Lagoa...

ABRIL

Mário Filho *foi o principal cronista esportivo de sua época. Morreu em 1966, aos 58 anos, e era declaradamente rubro-negro. Deu seu nome ao Estádio do Maracanã*

ABRIL

SOFRIMENTO NA GÁVEA O Flamengo bem que tentou, mas o Fluminense *(foto)* conseguiu segurar o 2 x 2 e levar o título

Ah, o primeiro clássico

Texto de Nélson Rodrigues, também retirado do livro *Fla-Flu... E as Multidões Despertaram*, publicado em 1987, com o apoio da Xerox do Brasil S.A.

Eu estou imaginando o campo, as duas torcidas e os times. Mas para visualizar a partida temos de inseri-la no velho Rio, o Rio machadiano, o Rio que era uma abundante paisagem de gordas.

Na *belle époque*, as mulheres iam para o futebol como se fossem para uma recepção no Itamaraty. E elas desmaiavam, vejam vocês, ainda tinham ataques. De vez em quando, faço a mim mesmo esta pergunta: "Há quanto tempo não vejo uma mulher com ataque?" Elas matam e se matam, elas se atiram do sétimo andar, elas devoram um tubo de comprimidos. Mas não têm ataques, nem desmaiam. Ah, naquele tempo era lindo "ser histérica". E, no futebol, quando entrava um gol, as mulheres desfaleciam, pareciam morrer em estertores. Os homens achavam sublime.

O primeiro Fla-Flu não era Fla-Flu. Só muito mais tarde é que Mário Filho inventou e promoveu a abreviação. O Flamengo fez tudo, tudo para ganhar esse primeiro jogo. Outro dia, conversei com um velho torcedor, mais velho que o século. E ele, falando fino e baixinho (como uma criança que baixa numa tenda espírita), contou o que foi o nascimento do maior clássico do futebol brasileiro. O Flamengo era o time campeão do Fluminense, sem Oswaldo Gomes.

Parece que, na partida, o futebol era um detalhe irrelevante ou mesmo nulo. Os dois times davam a sensação de que jogavam de navalha na liga. E, no entanto, houve um cínico e deslavado milagre: ninguém saiu de maca, ninguém saiu de rabecão. Mas nunca se vira, em campo de futebol, ferocidade tamanha. E o Fluminense venceu.

Vejam como, histórica e psicologicamente, esse primeiro resultado seria decisivo. Se o Flamengo tivesse ganho, a rivalidade morreria, ali, de estalo. Mas a vitória tricolor gravou-se na carne e na alma flamenguistas.

E sempre que os dois se encontram é como se o fizessem pela primeira vez.

O PRIMEIRO DE TODOS OS GRANDES DUELOS
O Flamengo tinha levado quase todo o time titular do Fluminense, mas, jogando nas Laranjeiras *(foto maior)*, os reservas do tricolor garantiram a vitória no primeiro confronto *(abaixo)*

REPRODUÇÃO DO LIVRO FLA-FLU

ABRIL

O dramaturgo ***Nélson Rodrigues*** *faleceu em 1980, aos 68 anos, traído por seu coração tricolor.*

Corinthians X Palmeiras

O CLÁSSICO QUE VALE UM CAMPEONATO

Eternos rivais, corintianos e palmeirenses concordam em um ponto: vencer o Derby — como convencionou-se chamar o clássico entre eles a partir dos anos 40 — tornou-se algo tão desejado quanto ganhar o próprio campeonato. Assim é desde 1917, quando o Palestra, fundado por ex-corintianos de origem italiana, ganhou os dois primeiros confrontos (3 x 0 e 3 x 1). As duas vitórias dos *traditori* (traidores), como os italianos que ficaram no Corinthians se referiam aos dissidentes, foram o bastante para acender a rivalidade.

E, se vencer o inimigo é tão bom quanto ser campeão, imagine quando as duas coisas vêm juntas. Como em 1933, quando o Palestra levantou o bi exibindo em seu currículo sonoros 5 x 1 e 8 x 0 no Timão. Ou em 1979 e 1983, com os corintianos campeões, despachando o arquiinimigo nas duas semifinais, em dois 1 x 0. Também estão vivos na memória alvinegra dois outros jogos: o que decidiu o Campeonato do IV Centenário, em que a igualdade (1 x 1) valeu o título; e um incrível 4 x 3, em 1971, com o Corinthians virando um jogo quase perdido. Naquele ano, como acontecia desde 1954, não foi possível ser campeão. Mas, depois de tal virada, quem se preocupava com isso?

Chance mesmo para quebrar o jejum só em 1974, contra o próprio Palmeiras. Deu Verdão — 1 x 0 — e a festa ficou para 1977. Aí começou também o martírio do alviverde. Para os mais fanáticos, a dor de perder o título de 1986 para a Inter foi compensada pelos categóricos 3 x 0 impostos ao Timão, dias antes. Se o Corinthians tem hoje mais títulos paulistas (20 a 18), é do Palmeiras a vantagem nos confrontos. Uma diferença posta à prova a cada encontro, como se valesse mesmo por todo o campeonato.

LEMYR MARTINS

FAZENDO O IMPOSSÍVEL
Adãozinho, Tião e Mirandinha viram um jogo perdido de 3 x 2 para 4 x 3

NICO ESTEVES

A ERA SÓCRATES
Graças ao Doutor, o Timão vai à final em 1983

Mais que craques, gols ou títulos, corintianos e palmeirenses só exigem uma coisa na vida: a vitória no Derby. É dela que, há 74 anos, se alimenta esta rivalidade

FESTA EM DOBRO
Na final de 1954, um ingrediente adicional: foi contra o Palmeiras

ABRIL

CALANDO 100 MIL
Os corintianos lotaram o Morumbi, em ...

ABRIL

TIMÃO CAIU DE CINCO
Vágner e Carlos na mais recente goleada

EDU GARCIA

SABOR DE TÍTULO
O gol olímpico de Éder leva o Verdão à final

AMILTON VIEIRA

...1974, mas a festa foi do Verdão, com gol de Ronaldo

MAIS VITÓRIAS E GOLS PARA O VERDÃO

	COR	X	PAL
06/05/17	0	x	3
1917	1	x	3
24/03/18	2	x	4
13/05/18	3	x	3
03/05/19	1	x	2
20/07/19	0	x	1
09/11/19	1	x	0
15/04/20	4	x	4
25/04/20	0	x	3
05/09/20	2	x	1
04/09/21	1	x	3
25/12/21	0	x	3
08/01/22	0	x	0
23/04/22	2	x	2
24/12/22	2	x	3
15/04/23	0	x	1
08/07/23	4	x	1
04/11/23	2	x	5
17/05/25	3	x	0
11/07/25	2	x	1
21/11/25	0	x	0
15/08/26	2	x	3
08/12/26	1	x	0
08/02/27	1	x	0
21/08/27	1	x	3
25/09/27	3	x	2
16/02/28	0	x	0
11/03/28	3	x	1
25/03/28	0	x	1
23/09/28	3	x	0
16/12/28	0	x	0
23/12/28	1	x	3
27/01/29	1	x	1
01/12/29	4	x	1
29/07/30	2	x	3
24/08/30	0	x	4
07/09/31	1	x	3
17/11/31	2	x	3
1932	0	x	3
07/05/33	1	x	5
05/11/33	0	x	8
1935	1	x	3
24/11/35	1	x	2
04/08/35	4	x	1
24/11/35	1	x	2
26/04/36	2	x	1
28/02/37	1	x	1
25/04/37	0	x	1
02/05/37	0	x	0
09/05/37	1	x	2
07/09/37	1	x	0
13/05/38	2	x	2
25/05/38	1	x	4
03/07/38	0	x	0
21/08/38	0	x	0
18/09/38	1	x	2
04/06/39	3	x	3
17/09/39	1	x	0
21/04/40	2	x	1
05/05/40	1	x	2
18/08/40	2	x	0
01/12/40	1	x	1
12/03/41	2	x	1
22/06/41	1	x	1
12/10/41	0	x	2
25/03/42	4	x	1
28/06/42	1	x	1
15/07/42	4	x	2
04/10/42	3	x	1
23/05/43	0	x	2
01/07/43	3	x	1
19/09/43	1	x	3
05/03/44	4	x	1
30/04/44	1	x	4
27/08/44	2	x	1
18/03/45	1	x	1
10/06/45	2	x	2
02/09/45	2	x	1
13/10/45	1	x	3
30/12/45	3	x	3
10/03/46	1	x	4
30/06/46	1	x	0
20/10/46	4	x	3
07/05/47	1	x	2
20/07/47	1	x	3
23/11/47	2	x	0
25/04/48	0	x	6
08/05/48	1	x	1
05/09/48	1	x	1

RICARDO CORREA

Desta vez, ninguém levou a melhor: 0 x 0

	COR	X	PAL
22/09/48	1	x	2
26/12/48	2	x	1
09/01/49	3	x	2
14/05/49	4	x	3
14/08/49	1	x	0
13/11/49	1	x	1
14/01/50	3	x	1
18/05/50	1	x	1
24/09/50	2	x	2
07/01/51	3	x	1
24/03/51	3	x	0
08/04/51	2	x	3
11/04/51	1	x	3
07/10/51	2	x	3
27/01/52	3	x	1
02/02/52	1	x	2
06/07/52	1	x	1
27/08/52	5	x	1
02/11/52	2	x	1
15/01/53	6	x	4
08/03/53	1	x	0
26/05/53	3	x	3
10/10/53	2	x	2
16/10/53	4	x	2
17/01/54	2	x	1
10/07/54	1	x	0
21/07/54	3	x	0
29/08/54	0	x	1
31/10/54	3	x	2
06/02/55	1	x	1
30/04/55	1	x	2
26/06/55	2	x	1
16/10/55	4	x	2
15/01/56	2	x	0
15/04/56	2	x	1
27/05/56	0	x	1
13/08/56	1	x	0
07/10/56	4	x	4
22/05/57	1	x	1
17/11/57	1	x	0
27/11/57	3	x	1
15/03/58	2	x	1
21/08/58	0	x	4
05/01/59	1	x	2
24/03/59	3	x	3
10/05/59	1	x	2
16/08/59	1	x	1
25/11/59	0	x	3
13/04/60	1	x	0
08/06/60	2	x	1
17/08/60	2	x	1

	COR	X	PAL
03/11/60	1	x	1
07/04/61	3	x	3
13/09/61	1	x	1
26/10/61	1	x	1
22/02/62	0	x	3
30/09/62	3	x	1
09/12/62	3	x	0
23/02/63	0	x	1
15/09/63	0	x	2
04/12/63	2	x	5
18/04/64	1	x	2
13/09/64	1	x	0
29/11/64	1	x	4
24/02/65	2	x	2
05/05/65	0	x	1
23/05/65	2	x	3
12/09/65	0	x	0
05/12/65	0	x	1
21/03/66	1	x	2
02/10/66	1	x	0
11/12/66	1	x	0
09/03/67	1	x	2
24/05/67	2	x	2
04/06/67	0	x	1
29/07/67	2	x	1
19/11/67	0	x	2
10/03/68	2	x	1
11/05/68	2	x	2
16/11/68	0	x	2
30/03/69	2	x	0
11/05/69	0	x	2
22/06/69	2	x	3
15/11/69	0	x	1
30/11/69	0	x	0
15/03/70	2	x	2
04/04/70	1	x	3
11/04/70	0	x	0
26/07/70	2	x	1
16/08/70	0	x	1
22/11/70	1	x	1
25/04/71	4	x	3
13/06/71	0	x	0
15/08/71	0	x	0
27/01/72	1	x	1
23/04/72	1	x	1
30/07/72	0	x	0
01/11/72	1	x	0
03/03/73	2	x	1
04/04/73	1	x	1
26/05/73	0	x	1
05/08/73	1	x	1

	COR	X	PAL
18/11/73	1	x	2
17/03/74	0	x	0
18/08/74	3	x	1
15/12/74	1	x	4
18/12/74	1	x	1
22/12/74	0	x	1
23/02/75	0	x	0
11/05/75	1	x	2
15/06/75	2	x	0
07/08/75	2	x	1
21/09/75	1	x	1
30/11/75	1	x	0
21/01/76	1	x	1
20/06/76	1	x	1
22/08/76	1	x	2
07/11/76	0	x	0
08/05/77	0	x	0
24/07/77	2	x	4
07/08/77	2	x	0
31/08/77	1	x	0
18/09/77	2	x	0
22/03/78	1	x	2
24/09/78	0	x	2
12/11/78	3	x	0
18/02/79	0	x	0
20/05/79	0	x	2
19/08/79	1	x	3
21/10/79	1	x	1
27/01/80	1	x	1
30/01/80	1	x	0
20/07/80	0	x	1
07/09/80	2	x	1
21/06/81	1	x	2
06/08/81	0	x	1
11/10/81	0	x	0
04/05/82	1	x	1
23/05/82	0	x	1
01/08/82	5	x	1
31/10/82	0	x	0
26/06/83	1	x	2
25/09/83	1	x	1
04/12/83	1	x	1
08/12/83	1	x	0
18/08/84	2	x	0
04/11/84	2	x	1
18/08/85	1	x	0
13/10/85	0	x	3
27/04/86	0	x	2
03/08/86	1	x	5
24/08/86	1	x	0
27/08/86	0	x	3
15/03/87	1	x	1
12/04/87	0	x	2
21/06/87	3	x	0
25/10/87	0	x	0
15/05/88	1	x	1
29/06/88	0	x	0
13/07/88	0	x	0
09/10/88	0	x	2
16/04/89	0	x	2
10/12/89	1	x	0
01/04/90	0	x	0
01/06/90	2	x	1
09/09/90	2	x	1
17/03/91	0	x	0

RETROSPECTO

256 jogos
88 vitórias do Corinthians
92 vitórias do Palmeiras
76 empates
345 gols do Corinthians
379 gols do Palmeiras

Por Lourenço Diaféria

Na dúvida, deu Corinthians

Brandão, o preto, foi meu primeiro ídolo. Depois é que vim a descobrir Cláudio, Luizinho, Oreco, Bino, Touguinha, Rafael, Rivelino, Marcelo, Casagrande e Neto

Não lembro quase nada do meu jogo inesquecível. Só não o esqueci completamente porque naquela tarde eu cabulei a aula e certas culpas a pessoa carrega o resto da vida.

Contudo valeu a pena, o pretexto foi razoável. Faltar à aula para ver um Corinthians x Palmeiras compensa, apesar que hoje, não sei bem quantos anos depois, não estou certo nem mesmo se foi o Corinthians ou o Palmeiras que ganhou a partida.

Mas *in dubio*, manda a justiça que se dê a vitória ao Corinthians, de preferência com uma diferença de três gols. O que sei bem é que jogava na intermediária o Brandão, aquele majestoso preto alvinegro que depois, quando ele tinha pendurado as chancas, conheci freqüentando o 9.° Tabelionato de Notas, ele como auxiliar de despachante e eu como auxiliar de office-boy de cartório.

É curioso como se consegue guardar na retina da memória pedaços minúsculos e insignificantes de episódios maiores e importantes que são apagados com o tempo, ao passo que os fiapos permanecem vivos e intensos. Foi assim aquele jogo: não me lembra a escalação dos dois times, não me lembra quem era o árbitro — e nem mesmo se esse jogo teve árbitro —, não me lembra se havia nuvens no céu, no entanto a concha acústica, que tinha o formato de uma concha e tinha acústica, o gramado, e Brandão tomando conta da concha, da acústica, da multidão e do gramado, jamais me saíram dos ouvidos e dos olhos.

Creio que esse foi meu jogo inesquecível — apesar da inexatidão dos pormenores — porque esse foi o primeiro jogo a que assisti de corpo presente, montado num morrinho que sobrepujava os muros altos do Estádio do Pacaembu. Portanto não paguei ingresso. Foi a única vez que me dei a esse luxo. Daí em diante descobri que, além do morrinho dos pobres e duros cidadãos cabuladores de aula da cidade, havia as duras e confortáveis arquibancadas de concreto armado, e foi aí que me instalei para sempre para ver outros Corinthians e outros Palmeiras. Mas nenhum tão emocionante como o primeiro Corinthians x Palmeiras, porque até ali o futebol me chegava na voz dos locutores naqueles rádios que tinham um olho mágico na testa — o olho verde da válvula da sintonia.

Brandão, o preto, foi meu primeiro craque da redonda, meu primeiro ídolo. Depois é que vim a saber que havia existido um Neco. E depois é que vim a descobrir Cláudio, Luizinho, Oreco, Bino, Touguinha, Rafael, Rivelino, Marcelo, Casagrande e Neto.

Foi naquele primeiro jogo inesquecível que se levantou a ponta do novelo de uma história onde nascia o Palestra de uma dissidência da italianada da Rua Caetano Pinto que não se dava com a espanholada da Rua Carneiro Leão, e enquanto uma turma inventava o Corinthians laçando os jogadores do Botafogo da Rua Paula Souza, na várzea do Tamanduateí, a outra turma ia se valer dos jogadores do Ruggerone, da várzea da Lapa, para formar, na sede do Matarazzo, o time do Palestra. Mas eles, os palestrinos, precisaram vir comer milho na mão do Corinthians, e, de joelhos, arrastaram o nosso Bianco, nosso grande corintiano Bianco, e o levaram para o inferno-verde, e esse Bianco é que, como capitão eterno do time esmeraldino, maldito seja, deu espinha dorsal e omoplatas àquela cambada. Quando nós, do Parque São Jorge, falamos isso, os palestrinos têm vontade de morrer. Arrá! Mas é a verdade.

Agora, tem o seguinte: não há nada melhor no mundo do que ver, ao vivo, um Corinthians e um Palestra cara a cara, frente a frente, esgrimindo chuteiras. É um doce. Corinthians x Palmeiras é sempre um jogo inesquecível. Independente de escalação, juiz, placar, e essas coisas secundárias do futebol.

P.S. - Geralmente quando um corintiano imparcial como eu mexe nas cáries palmeirenses, sempre algum chia e invoca o além-túmulo, trazendo à baila uma certa goleada palmeirense de 8 x 0. De fato, foi um dia aziago. O Corinthians jogou com um goleiro chamado Onça, e isso faz tanto tempo, mas tanto tempo, foi em 1933, que eu mal tinha nascido. Assim não vale.

Lourenço Diaféria, *57 anos, é cronista e está concluindo um livro sobre a história do Corinthians para a Fundação Nestlé de Cultura.*

UMA VITÓRIA COM BRANDÃO
Em 1941, nem o Palestra resistiu ao esquadrão corintiano, que tinha Brandão entre seus craques

FOTOS ABRIL

Por Joelmir Betting

Palmeiras 1 x Corinthians 1 (26/10/61)

O gol de Romeiro foi o suficiente para transformar uma partida comum em uma verdadeira guerra. Passei a distribuir bananas e xingar os alvinegros próximos a mim. Tive que deixar o estádio escondido e abandonar a carreira

Mais do que mexer com meus sentimentos, o clássico entre Corinthians e Palmeiras transformou a minha vida profissional. Embora nem todos saibam, iniciei minha carreira no jornalismo trabalhando na área esportiva. Procurava esconder ao máximo minha paixão pelo Palmeiras, pois qualquer um que fizesse o contrário era tido como mau profissional, na época. Naquela tarde do Pacaembu, no entanto, foi impossível me conter.

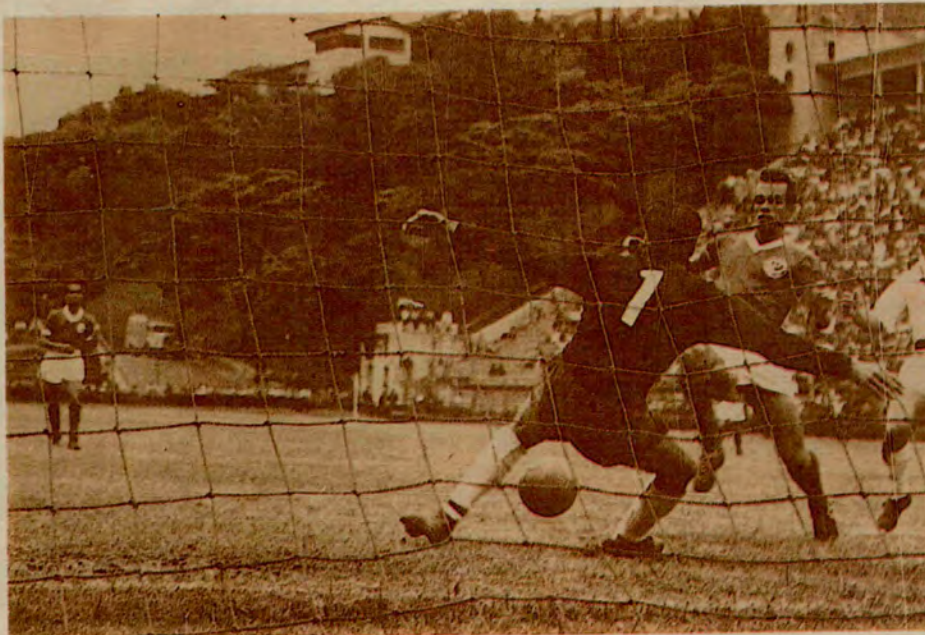
O Corinthians começou vencendo por 1 x 0, se não me engano com um gol de Rafael. Foi quando surgiu uma falta próxima à linha de fundo, que não representava qualquer perigo para o goleiro corintiano. Para a cobrança, porém, preparou-se o incrível Romeiro, o mesmo que dois anos antes havia marcado contra o Santos, dando o supercampeonato paulista ao Palmeiras. À minha frente, uma série de torcedores adversários, que já me incomodavam há algum tempo, gozavam os palmeirenses.

A cobrança de Romeiro fez uma trajetória incomum e entrou na meta corintiana. Foi o suficiente para transformar uma partida aparentemente comum — as duas equipes não tinham mais chances de conquistar o título — em uma guerra entre os torcedores do Corinthians e um palmeirense em particular: eu. Tudo porque passei a distribuir bananas e xingar os alvinegros próximos a mim. Foi minha desgraça. Eu não estava simplesmente no estádio, mas na tribuna de imprensa, que foi cercada de corintianos irados.

Tive que ser socorrido por dois colegas que ocupavam cargos de diretoria da Associação dos Cronistas Esportivos — Wálter Lacerda e Mílton Galdão — e fui obrigado a deixar o estádio escondido no carro do Mário Moraes, um dos maiores comentaristas brasileiros da história e então trabalhando na Rádio Panamericana. No dia seguinte não tive nenhuma dúvida: pedi demissão do jornal *O Esporte*, onde trabalhava, e abandonei não apenas a crônica esportiva como o jornalismo. Só retornei à profissão cinco anos depois, em 1966, já na área econômica.

O curioso é que meu comportamento profissional até aquela partida era absolutamente normal. Naquele dia, no entanto, talvez por se tratar de um clássico contra o Corinthians, me descontrolei completamente. É verdade que como torcedor nunca fui muito tranqüilo. Em 1951, na final da Copa Rio, em que o Palmeiras empatou em 2 x 2 com a Juventus de Turim e conquistou o título, tive um ataque de apendicite ouvindo a transmissão de Geraldo José de Almeida pelo rádio. Até hoje, não consigo assistir a partidas da Seleção Brasileira pela Copa do Mundo. Simplesmente não vejo o jogo, tamanho o nervosismo.

Com relação ao Palmeiras, minha paixão era tão grande a ponto de tentar inutilmente recuperar um periquito de bronze que tinha em um carro que possuí há muito tempo. Meu irmão vendeu o automóvel e nunca mais vi a estatueta. Sobre aquele 1 x 1, só me resta o consolo de ter obtido sucesso como jornalista econômico e poder me lembrar daquele dia apenas com a saudade de um tempo em que o Palmeiras ainda conquistava títulos.

Joelmir Betting, 53 anos, é editor de Economia da TV Globo e colunista de vários jornais. Acompanha o Palmeiras desde sua infância, em Tambaú (SP).

NINGUÉM PODE COM ROMEIRO O ponta do Palmeiras marcou um gol impossível e deu início à confusão

Grêmio X Internacional

NO GRE-NAL JAMAIS HÁ FAVORITOS

Gre-Nal é Gre-Nal. Assim os gaúchos definem com simplicidade o seu clássico. Indo além do óbvio, o ditado procura expressar o quanto de paixão está em jogo quando Grêmio e Internacional se encontram: ninguém é favorito, só existe superação e rivalidade. Desde os tempos dos românticos campos da Baixada e dos Eucaliptos até os imponentes Olímpico e Beira-Rio, toda partida é uma guerra e divide o Rio Grande do Sul em duas facções.

Quando o jogo é em território gremista, a torcida adversária sempre recebe o pior e o menor espaço. Quando o encontro é em solo colorado, são os tricolores quem sofrem. Invariavelmente os visitantes partem logo para a provocação aos gritos de "Chiqueiro! Chiqueiro!" Em Gre-Nais, não há lugar para a simpatia ou a diplomacia. Afinal, esta rivalidade já começou na origem do Internacional, em 1909: seus fundadores tinham sido rejeitados como sócios do Grêmio.

Seis anos mais velho, o tricolor levou ampla vantagem nos primeiros clássicos, e chegou a aplicar a estrondosa goleada de 10 x 0 logo de cara. Com o passar do tempo, porém, o Inter se fortaleceu e conseguiu suas primeiras vitórias. Hoje, os torcedores gaúchos alimentam outra lenda: a da "gangorra". Quando um dos rivais está bem (por cima), o outro está mal (por baixo). As longas séries de conquistas alternadas reforçam a tese e o mito. Mas nenhuma má fase conta na hora do clássico. Pois todos sabem que Gre-Nal é Gre-Nal.

Rivais desde o primeiro jogo, os dois grandes times gaúchos conseguem dividir o Estado cada vez que se encontram. Craques ou pernas-de-pau, todos põem a alma em jogo

ZERO HORA

FESTA QUENTE
Na inauguração do Beira-Rio, em 1969, colorados e gremistas armam uma pancadaria

DELÍRIO TRICOLOR
O Inter era octa, mas André Catimba marca o gol do título de 1977 e voa para a consagração

J.B. SCALCO

GRE-NAL DO SÉCULO
Assim foi chamado pelos gaúchos. O Inter venceu por 2 x 1, de virada, e com dez

DESFILE ÚNICO
O colorado estréia e aposenta o uniforme em 1977. Motivo: 4 x 0 Grêmio

BAITA EMPATE!
No 3 x 3 de 1988, um jogo cheio de emoção

ABRIL — OLIVIO LAMAS — ADOLFO GERCHMANN — NICO ESTEVES

INTER AINDA MANTÉM VANTAGEM

	GRE	X	NAL
18/07/09	10	x	0
17/07/10	5	x	0
18/06/11	10	x	1
23/06/12	6	x	0
15/09/12	2	x	1
08/06/13	2	x	1
31/10/15	1	x	4
30/07/16	1	x	6
29/10/16	2	x	3
19/05/18	3	x	5
04/08/18	1	x	0
20/07/19	0	x	2
14/09/19	3	x	2
02/05/20	4	x	1
22/08/20	2	x	1
23/09/23	2	x	2
01/11/23	1	x	0
27/04/24	4	x	3
12/11/24	1	x	2
24/05/25	3	x	3
11/10/25	2	x	2
27/06/26	4	x	1
14/11/26	4	x	3
08/05/27	2	x	3
12/06/27	1	x	3
10/06/28	3	x	2
26/08/28	2	x	2
19/11/28	2	x	0
26/05/29	2	x	1
14/07/29	2	x	4
10/11/29	2	x	1
04/05/30	3	x	1
14/09/30	1	x	1
04/05/30	0	x	3
28/04/31	0	x	1
29/07/31	2	x	0
18/10/31	2	x	1
10/07/32	2	x	0
30/10/32	1	x	0
09/04/33	5	x	3
13/08/33	3	x	2
24/08/34	3	x	4
21/10/34	1	x	2
21/07/35	1	x	1
21/09/35	2	x	0
15/03/36	1	x	1
30/08/36	2	x	3
08/11/36	0	x	2
31/10/37	2	x	1
21/11/37	2	x	0
12/12/37	4	x	3
08/05/38	3	x	1
06/06/38	4	x	4
02/10/38	4	x	3
01/11/38	0	x	6
02/04/39	1	x	1
28/05/39	2	x	3
20/07/39	3	x	3
13/08/39	2	x	5
08/10/39	3	x	2
12/10/39	1	x	2
04/01/40	1	x	6
13/02/40	4	x	2
28/04/40	2	x	3
07/07/40	5	x	2
20/10/40	3	x	4
18/05/41	2	x	2
25/05/41	2	x	3
17/08/41	0	x	3
19/10/41	2	x	1
11/01/42	1	x	1
19/04/42	1	x	1
12/07/42	2	x	4
30/08/42	2	x	4
28/02/43	1	x	5
11/03/43	1	x	5
06/06/43	3	x	3
11/07/43	0	x	3
19/09/43	0	x	1
13/02/44	2	x	3
30/04/44	2	x	4
28/05/44	3	x	7
13/08/44	4	x	3
08/10/44	1	x	2
09/02/45	0	x	2
23/02/45	1	x	1
08/04/45	2	x	3
24/06/45	1	x	4
30/09/45	2	x	4

	GRE	X	NAL
05/05/46	0	x	1
23/06/46	4	x	3
14/07/46	0	x	1
15/09/46	2	x	1
01/05/47	0	x	4
20/07/47	0	x	3
10/08/47	1	x	2
05/10/47	1	x	2
26/10/47	0	x	3
23/11/47	2	x	2
30/05/48	0	x	0
29/06/48	1	x	1
18/07/48	2	x	6
22/08/48	2	x	3
17/09/48	0	x	7
14/02/49	0	x	2
01/05/49	2	x	2
29/05/49	2	x	4
29/08/49	1	x	1
07/09/49	0	x	2
30/10/49	1	x	0
14/03/50	0	x	2
23/03/50	3	x	0
01/04/50	1	x	1
25/06/50	1	x	0
27/08/50	0	x	1
26/10/50	0	x	0
24/12/50	0	x	0
27/12/50	3	x	4
30/12/50	0	x	1
03/01/51	0	x	3
27/05/51	0	x	0
20/06/51	2	x	1
26/08/51	1	x	1
02/12/51	2	x	2
08/02/52	1	x	1
13/07/52	2	x	1
17/08/52	1	x	1
12/10/52	0	x	0
07/12/52	1	x	5
05/07/53	1	x	1
01/11/53	0	x	2
11/02/54	2	x	3
18/07/54	1	x	3
25/07/54	0	x	4
26/09/54	2	x	6
31/10/54	1	x	1
09/01/55	1	x	2
24/07/55	2	x	1
06/11/55	1	x	3
02/09/56	2	x	1
12/12/56	0	x	1
28/07/57	1	x	1
01/12/57	5	x	3
22/12/57	1	x	2
17/08/58	2	x	1
21/12/58	0	x	1
05/02/59	2	x	2
26/04/59	2	x	1
17/08/59	2	x	1
29/11/59	4	x	1
05/01/60	2	x	3
21/04/60	3	x	0
21/08/60	5	x	1
20/11/60	1	x	1
23/12/60	1	x	2
10/09/61	1	x	2
10/12/61	3	x	2
13/02/62	1	x	1
11/03/62	2	x	1
12/08/62	0	x	0
07/09/62	2	x	1
09/09/62	1	x	1
16/12/62	2	x	0
07/02/63	4	x	2

	GRE	X	NAL
14/04/63	1	x	2
01/05/63	4	x	1
29/09/63	1	x	0
14/12/63	1	x	0
19/04/64	0	x	1
23/04/64	3	x	0
26/07/64	0	x	0
20/08/64	0	x	2
01/11/64	3	x	0
21/11/64	0	x	1
10/12/64	1	x	2
21/03/65	0	x	0
29/08/65	2	x	1
12/12/65	1	x	0
02/10/66	1	x	0
17/12/66	0	x	1
05/03/67	0	x	2
24/05/67	1	x	1
04/06/67	0	x	0
17/09/67	0	x	1
17/12/67	0	x	1
12/05/68	1	x	1
02/06/68	4	x	0
24/11/68	0	x	0
20/04/69	0	x	0
22/06/69	0	x	0
21/09/69	0	x	1
17/12/69	0	x	0
09/05/70	0	x	0
09/08/70	0	x	0
20/09/70	1	x	2
28/10/70	0	x	0
24/03/71	2	x	0
30/05/71	1	x	1
27/06/71	0	x	0
04/08/71	3	x	1
17/10/71	0	x	1
02/03/72	1	x	1
05/03/72	1	x	1
26/03/72	0	x	0
21/05/72	2	x	2
06/08/72	0	x	1
20/08/72	0	x	1
30/08/72	0	x	2
20/09/72	0	x	1
20/05/73	1	x	1
05/08/73	0	x	0
11/11/73	1	x	1
24/03/74	1	x	2
29/09/74	0	x	1
01/12/74	0	x	1
01/05/75	0	x	2
13/07/75	1	x	2
23/07/75	3	x	1
06/08/75	1	x	1
10/08/75	0	x	1
07/09/75	1	x	1
23/11/75	0	x	1
25/07/76	0	x	2
28/07/76	2	x	0
09/08/76	0	x	1
18/08/76	1	x	1
22/08/76	0	x	2
07/09/76	1	x	3
17/04/77	3	x	0
08/05/77	0	x	1
29/05/77	0	x	1
01/06/77	0	x	0
14/08/77	2	x	1
18/09/77	2	x	0
25/09/77	1	x	0
06/11/77	4	x	0
23/04/78	3	x	2
20/08/78	2	x	1
07/09/78	0	x	1

LEMYR MARTINS

Grêmio hexa:
4 x 1 na final

	GRE	X	NAL
10/09/78	2	x	2
13/09/78	0	x	1
05/11/78	1	x	1
08/11/78	1	x	2
26/11/78	0	x	0
13/12/78	2	x	2
17/12/78	1	x	2
13/05/79	0	x	0
22/07/79	1	x	1
26/08/79	2	x	1
20/09/79	1	x	1
07/10/79	1	x	2
24/04/80	2	x	2
19/10/80	0	x	1
05/11/80	0	x	0
23/11/80	0	x	0
26/07/81	0	x	0
07/10/81	0	x	0
04/11/81	1	x	2
29/11/81	1	x	1
03/08/82	2	x	0
10/10/82	2	x	2
07/11/82	1	x	3
28/11/82	0	x	2
30/07/83	0	x	1
02/10/83	1	x	1
02/11/83	0	x	0
27/11/83	2	x	2
26/01/84	4	x	2
23/09/84	0	x	2
08/11/84	1	x	2
25/11/84	0	x	2
10/02/85	2	x	0
24/03/85	1	x	0
20/10/85	0	x	2
08/12/85	2	x	1
23/03/86	1	x	0
11/05/86	1	x	3
09/07/86	2	x	2
20/07/86	1	x	0
18/03/87	2	x	2
29/03/87	2	x	1
05/04/87	1	x	0
10/05/87	0	x	1
31/05/87	1	x	1
14/06/87	3	x	0
16/06/87	0	x	0
28/06/87	0	x	0
19/07/87	3	x	2
12/10/87	1	x	0
12/03/88	1	x	0
26/04/88	3	x	1
22/05/88	0	x	0
19/06/88	3	x	3
04/09/88	1	x	0
09/02/89	0	x	0
12/02/89	1	x	2
19/03/89	1	x	1
28/05/89	3	x	1
18/06/89	0	x	0
29/11/89	0	x	2
21/03/90	0	x	1
03/06/90	0	x	1
15/07/90	1	x	0
29/07/90	4	x	1
26/08/90	1	x	0
18/02/91	0	x	0

RETROSPECTO

306 jogos
97 vitórias do Grêmio
119 vitórias do Internacional
90 empates
434 gols do Grêmio
467 gols do Internacional

Por Paulo Sant'Ana

Grêmio 3 x Internacional 2 (10/12/1961)

Juarez cabeceou, vencendo o goleiro Silveira. Era inacreditável: o Grêmio praticava uma das maiores viradas da história do Gre-Nal, 3 x 2

Era quente aquela tarde de dezembro de 1961. O Internacional já tinha sido dias antes declarado campeão, mas a tabela marcava como último jogo do Campeonato Gaúcho o Gre-Nal. E naquele tempo o último Gre-Nal decidia nos costumes do povo de que cor seria o Papai Noel, vermelho ou azul. Hoje me espanto que isso pudesse ter importância, mas tinha. Haveria de ser o Gre-Nal mais emocionante de minha vida. E, pelo seu desenvolvimento, creio que para tanta gente que o assistiu foi um jogo inesquecível.

Ali pelos 20 minutos do primeiro tempo o Internacional já vencia por 1 x 0. Altemir, lateral-direito do Grêmio, era expulso ainda na primeira etapa. Contra dez homens, não foi difícil o Internacional fazer os 2 x 0, ambos de autoria de Alfeu, escore dos primeiros 45 minutos.

Lá pelos 18 do segundo tempo, houve uma falta contra o Inter e o Nadir, que havia entrado no lugar do Élton, cobrou-a com chute forte, que bateu na barreira e entrou no canto. 2 x 1. Dez minutos depois, Marino empatou o jogo, numa cruzada do Mílton. Parecia incrível, mas estávamos a poucos minutos do final e podíamos até ganhar um Gre-Nal já perdido, com inferioridade numérica gremista em campo.

Até que o inesquecível Vieira, da ponta-esquerda, cinco minutos antes de terminar a partida, cruzou uma bola alta para a área pequena. Juarez cabeceou livre, com o goleiro Silveira batido. Era inacreditável. O Grêmio praticava uma das maiores viradas da história do Gre-Nal: 3 x 2. A torcida gremista festejava aquele gol como se fosse um título. Havia desânimo e pranto entre os torcedores colorados. Silveira, o goleiro colorado, desmaiou após o gol espetacular de Juarez. Carregado na maca, foi substituído por Cestari.

Faltava entrar em campo, com o jogo findado, o Papai Noel Azul. Sabem quem tinha sido escalado? Exatamente este que está recordando o fato. Tinha eu então 22 anos e fui convidado para a façanha. Dias antes, prepararam-me uma vestimenta de seda azul, com gorro de pompom e tudo. E fiquei eu no vestiário durante todo o tempo, já dentro da indumentária, esperando apenas para calçar as botas, que eram de número 39, enquanto eu calçava 41.

Quando o Internacional fez 2 x 0, tirei a quente roupa de Papai Noel e coloquei-a em uma sacola. Nada mais havia que fazer, ainda mais com a desvantagem de dez homens em campo. Mas, à medida que o escore ia se modificando, eu ia pondo as calças, a blusa, o chapéu, na expectativa de entrar no gramado. Quando explodiu o terceiro gol, de Juarez, o massagista Biscardi passava sabonete em meus pés, com o objetivo de fazer entrar neles as botas apertadas.

A gente ficava naquele vestiário da cancha de basquete. Havia uma porta de ferro e tela separando-o da quadra. Quando o árbitro terminou a partida, atirei-me contra ela, procurando ultrapassá-la. Policiais e funcionários da Federação tentaram impedir à força minha entrada. Os dirigentes e jogadores reservas do Grêmio empurravam-me. Consegui passar aquela barreira, mas percebi que não havia mais pompom no meu chapéu, nem a barba branca postiça no meu queixo, que haviam sido arrancados no sururu. Mesmo assim, entrei correndo em campo, sob os vivas da torcida gremista. Fui levantado pelos jogadores tricolores e levado até as sociais coloradas, que assistiam arrasadas ao meu desfile triunfante.

Cumpria-se uma tradição de todos os anos. Fui para o centro da cidade, cercado por duas loiras espetaculares. Era o carnaval gremista que se espraiava pelas ruas. Dali a pouco, na Borges de Medeiros, o mais numeroso carnaval colorado vinha em direção contrária, afinal o Internacional tinha sido campeão. E nem a vitória gremista conseguira arrefecer-lhes por inteiro o ânimo. Quando aquela massa vermelha cruzou por nós, eles me atacaram. Subi num bonde-gaiola e eles entraram nele, perseguindo-me. Levei uma boa surra e minha roupa de Papai Noel foi inteiramente esfrangalhada.

Nunca mais vou esquecer aquela impossível vitória. Nem os riscos que corri para apenas afirmar uma rivalidade que continua séria mas tinha muito mais imaginário e pitoresco que nos dias de hoje.

ABRIL

Paulo Sant'ana, *51 anos, é cronista do jornal Zero Hora, comentarista da Rádio Gaúcha e gremista desde os 7 anos.*

PAPAI NOEL É AZUL
O centroavante Juarez define a virada gremista no último clássico de 1961

ZERO HORA

Por Luis Fernando Verissimo

Internacional 0 x Grêmio 0 (17/12/1969)

Com o empate, o colorado conquista o primeiro título do octacampeonato e pendura o escalpo do inimigo na porta do seu recém-inaugurado Beira-Rio

Eu ia dizer que meu Gre-Nal inesquecível foi o primeiro que vi, mas acabo de desaprovar uma teoria: a gente esquece, sim, a primeira vez. Eu tinha uns 9 anos e posso dar todo o time do Internacional naquele dia de cor — Ivo, Alfeu e Nena; Viana, Ávila e Abigail, que tinha quase o nome da minha avó; Tesourinha, Villalba, Adãozinho, Eliseu e Carlitos. Eu só conhecia futebol profissional do rádio e lembro que a minha primeira grande impressão foi o cheiro da grama. Futebol ao vivo e com cheiro! Mas o resto é uma bruma. Sei que o goleiro do Grêmio era o Júlio, que eles tinham o Clarel na zaga, um possível Detefon numa ponta, talvez o Geada no meio do ataque. Para efeitos literários, seria melhor que fosse Geada o centroavante. Porque Geada era o anti-Adãozinho. Era um alemão comprido, enquanto Adãozinho, como o nome está dizendo, era um preto baixinho e driblador, e os dois simbolizavam uma das diferenças entre os clubes, que hoje não existe mais. O Grêmio não aceitava preto no time. A maioria do time do Inter era preta. Não me lembro se o jogo foi no campo do Grêmio, a Baixada, ou no do Internacional, os Eucaliptos. Não me lembro do resultado. O Internacional da época era o Rolo Compressor, normalmente ganhava do Grêmio, mas aquele pode não ter sido um dia normal. E como não posso citar um jogo do qual mal me lembro como inesquecível, escolho um Gre-Nal mais recente. O que decidiu o Campeonato Gaúcho de 1969. Sim, crianças, estou naquela idade em que há 22 anos foi ontem. O Grêmio era campeão gaúcho há, sei lá, sete anos. O Internacional tinha acabado de inaugurar o Estádio Beira-Rio, o marco de uma nova era na história do clube depois de anos de frustração diante do poderio gremista. Mas a nova era precisava começar com o sacrifício ritual do inimigo. De nada nos adiantaria o novo e grande estádio se não pudéssemos pregar o escalpo do Grêmio em cima da porta. Assim, aquele não foi necessariamente o melhor Gre-Nal da minha vida, mas não me lembro de outro que tenha significado tanto. Já tínhamos vencido o Grêmio naquele ano, dentro do Beira-Rio, mas pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o Robertão, precursor do Campeonato Brasileiro. Agora seria pelo Campeonato Gaúcho. Agora valia o mundo.

Noite de 17 de dezembro de 1969. O Internacional estava um ponto na frente. Se empatasse, seria campeão. Se fosse campeão, não apenas terminava de inaugurar o Beira-Rio como impedia o Grêmio de conquistar seu oitavo campeonato seguido, feito que nem o Rolo Compressor conseguira. O juiz era um honrado cidadão, mas com notória simpatia pelo Grêmio, e quando ele anulou um gol legítimo do Valdomiro uma premonição de garfeada passou pela torcida colorada como um arrepio. Íbsen Pinheiro, hoje presidente da Câmara Federal e na época dirigente do Internacional, aproveitou uma confusão em campo e dirigiu-se, tão naturalmente que o policiamento pensou que fosse cooper, para o centro do campo e deu uma palavrinha com o juiz. Até hoje ninguém sabe o que foi dito nesse encontro. O Íbsen garante que conversaram sobre o tempo e, genericamente, sobre a precariedade da existência humana sobre a Terra. O fato é que, se tinha alguma intenção de prejudicar o Inter, o juiz esqueceu-a e comportou-se com correção monástica até o fim do jogo, que terminou 0 x 0. Tínhamos o nosso escalpo. O Inter foi campeão naquele ano e nos próximos sete.

ABRIL

Luís Fernando Verissimo, 54 anos, é cronista, humorista, jornalista e, como se não bastasse, torcedor do Internacional.

ZERO HORA

A PRIMEIRA CONFUSÃO
Na primeira final no Beira-Rio, o estádio começou a se acostumar à rivalidade

Botafogo X Vasco

TRIBUTO À QUALIDADE ALVINEGRA

Assistir a um jogo entre Botafogo e Vasco é prestar um tributo ao bom futebol. Por mais que as camisas alvinegras das duas equipes mostrem o contrário, a história desse clássico nunca se passou em branco e preto. Afinal, talvez tenham sido exatamente de botafoguenses e vascaínos dois dos melhores times que já passaram pelos estádios cariocas: o de Garrincha na década de 60 e o famoso Expresso da Vitória vascaíno dos anos 40.

Nessa época, foi do Botafogo a glória de vencer a única decisão perdida pela equipe de Ademir, Jair e Chico. Mesmo usando métodos pouco recomendáveis — deram um banho de pó-de-mico nos adversários —,os botafoguenses deram um show, fizeram 3 x 1 e acabaram com a pose do melhor time do Brasil na época.

A vitória do Botafogo, porém, não ficaria sem volta. Em 1970, após perder outra final para o rival em 1968, o Vasco deu o primeiro sinal de que o reinado do Glorioso nos anos 60 havia chegado ao fim. Com os 2 x 1 que lhes deram o Campeonato Carioca, os vascaínos não apenas quebraram um jejum de doze anos sem títulos como passaram a praga para o adversário — os botafoguenses passariam mais dezenove anos sem conquistas.

Mesmo nessas épocas de vacas magras dos dois lados, os craques e o bom futebol estiveram presentes. Nada mais lógico para um jogo que já contou com jogadores como Didi, Garrincha, Roberto Dinamite e Ademir de Meneses. Um privilégio que apenas quem teve a sorte de nascer alvinegro pode ter.

RODOLPHO MACHADO

SEM MOLEZA
O 3 x 3 de 1988: Botafogo deu trabalho em um ano de título vascaíno

Poucos clássicos tiveram tantos craques ao longo dos anos quanto Botafogo x Vasco. Por isso, mesmo quando os dois times não estão bem, as duas torcidas sabem: ir ao Maracanã em dia de jogo entre os alvinegros é certeza de bom espetáculo e muitos gols

ALBERTO FERREIRA/JB

"JOÕES" VASCAÍNOS
Garrincha prepara a fila: mais uma jogada de craque no clássico

FIM DA POSE
O Bota vence a final de 1948, a única...

GOLEADA INESPERADA
O Bota surpreende: 4 x 1 em 1982

VASCO CAMPEÃO
Em 1970, o fim do jejum vascaíno

...derrota decisiva do Expresso da Vitória

NÚMEROS REVELAM UM MASSACRE DO VASCO

	BOTA	X	VAS
01/07/23	2	x	3
10/05/25	2	x	2
11/10/25	2	x	4
06/05/26	2	x	3
01/08/26	2	x	4
17/06/27	1	x	0
26/06/27	3	x	3
24/07/27	1	x	1
21/10/27	3	x	1
16/06/29	0	x	2
23/06/29	1	x	2
20/10/29	2	x	2
08/06/30	2	x	1
30/11/30	0	x	2
27/09/31	1	x	1
20/12/31	3	x	0
27/03/32	1	x	3
10/07/32	1	x	0
09/10/32	0	x	0
09/12/34	1	x	1
30/12/34	1	x	1
06/06/35	1	x	2
23/06/35	0	x	4
15/09/35	1	x	1
06/10/35	1	x	0
14/05/36	0	x	3
26/07/36	0	x	1
01/11/36	0	x	0
11/04/37	0	x	2
01/10/37	2	x	2
16/06/38	1	x	2
10/07/38	5	x	2
29/09/38	2	x	2
02/10/38	0	x	0
07/12/38	2	x	0
11/12/38	2	x	1
18/05/39	0	x	1
20/08/39	2	x	0
18/11/39	2	x	2
16/06/40	0	x	3
21/07/40	4	x	3
13/10/40	2	x	2
08/06/41	3	x	5
10/08/41	1	x	1
19/10/41	0	x	4
24/11/41	2	x	2
07/06/42	3	x	3
09/08/42	5	x	1
11/10/42	4	x	1
14/03/43	1	x	2
22/05/43	2	x	0
24/07/43	1	x	4
26/09/43	1	x	3
15/03/44	0	x	3
10/06/44	0	x	2
13/08/44	2	x	1
14/10/44	0	x	1
31/03/45	1	x	2
03/06/45	3	x	5
12/08/45	0	x	1
14/10/45	2	x	2
27/03/46	4	x	8
21/04/46	1	x	1
07/07/46	0	x	3
08/09/46	1	x	1
31/05/47	4	x	0
21/09/47	0	x	2
07/12/47	0	x	0
13/06/48	2	x	2
26/09/48	2	x	1
12/12/48	3	x	1
18/09/49	2	x	2
11/12/49	0	x	2
05/02/50	2	x	3
08/10/50	1	x	0
14/01/51	0	x	2
29/09/51	1	x	1
28/10/51	1	x	1
08/03/52	1	x	2
11/05/52	4	x	1
11/10/52	1	x	1
30/11/52	0	x	1
16/05/53	0	x	0
21/06/53	1	x	2
15/08/53	1	x	4
29/11/53	1	x	2
27/12/53	1	x	1
19/05/54	3	x	5
19/09/54	1	x	3

Mazinho é cercado pelos botafoguenses: disputa palmo a palmo

	BOTA	X	VAS
22/12/54	2	x	4
02/02/55	1	x	1
20/03/55	3	x	2
20/04/55	2	x	1
30/10/55	2	x	3
29/01/56	1	x	2
25/04/56	2	x	3
29/07/56	0	x	0
25/11/56	2	x	3
22/09/57	2	x	2
10/11/57	0	x	3
26/02/58	2	x	4
28/09/58	2	x	3
07/12/58	2	x	0
03/01/59	1	x	0
10/01/59	1	x	2
07/04/59	1	x	1
30/04/59	0	x	2
27/08/59	0	x	2
29/08/59	1	x	0
15/11/59	2	x	4
04/12/60	2	x	1
19/03/61	5	x	1
17/08/61	1	x	1
19/11/61	4	x	0
20/12/61	2	x	1
21/02/62	4	x	1
04/08/62	0	x	1
04/11/62	1	x	1
13/03/63	1	x	1
03/09/63	2	x	0
22/11/63	1	x	1
15/04/64	0	x	1
19/08/64	2	x	0
07/11/64	2	x	0
24/03/65	2	x	4
19/05/65	0	x	1
11/08/65	3	x	0
05/09/65	0	x	2
17/10/65	1	x	2

	BOTA	X	VAS
04/12/65	2	x	1
27/03/66	3	x	0
27/08/66	2	x	0
25/10/66	2	x	1
18/12/66	1	x	2
26/04/67	0	x	1
06/08/67	0	x	3
05/11/67	0	x	2
13/12/67	3	x	1
28/04/68	0	x	2
09/06/68	4	x	0
28/07/68	1	x	1
06/10/68	1	x	2
04/05/69	0	x	0
04/06/69	0	x	2
06/07/69	0	x	3
13/10/69	2	x	0
21/04/70	0	x	0
31/05/70	1	x	1
26/07/70	0	x	0
17/09/70	1	x	2
27/09/70	1	x	0
06/04/71	4	x	2
09/05/71	0	x	0
23/05/71	2	x	1
06/07/71	0	x	0
31/10/71	0	x	1
05/03/72	3	x	0
23/07/72	1	x	2
16/08/72	0	x	0
15/10/72	0	x	0
14/07/73	2	x	3
05/08/73	0	x	2
16/12/73	0	x	1
30/03/74	0	x	0
25/08/74	2	x	3
13/10/74	1	x	2
04/12/74	1	x	1
16/03/75	1	x	1
04/05/75	1	x	0

	BOTA	X	VAS
02/08/75	1	x	0
14/08/75	0	x	2
24/01/76	0	x	2
09/05/76	1	x	2
04/07/76	3	x	1
25/07/76	1	x	1
22/08/76	0	x	1
18/02/77	3	x	4
29/05/77	0	x	2
21/08/77	0	x	2
13/11/77	0	x	0
23/04/78	0	x	0
14/10/78	0	x	2
29/10/78	1	x	2
19/02/79	1	x	1
08/04/79	0	x	2
01/07/79	0	x	0
22/09/79	1	x	1
07/10/79	1	x	2
06/07/80	0	x	0
21/09/80	0	x	1
09/11/80	0	x	2
21/06/81	1	x	1
13/09/81	0	x	0
11/10/81	3	x	1
28/04/82	0	x	0
15/05/82	3	x	3
05/09/82	0	x	1
07/11/82	4	x	1
24/07/83	3	x	2
09/10/83	1	x	0
16/09/84	0	x	3
25/11/84	1	x	2
03/03/85	3	x	1
10/04/85	1	x	2
15/09/85	0	x	0
10/11/85	0	x	1
06/04/86	2	x	0
27/04/86	2	x	3
15/03/87	0	x	0
26/04/87	1	x	2
28/03/88	3	x	4
23/05/88	0	x	3
01/12/88	0	x	3
12/03/89	0	x	0
14/05/89	1	x	1
28/05/89	1	x	1
29/11/89	2	x	2
18/02/90	1	x	1
18/03/90	1	x	1
19/07/90	1	x	0
06/11/90	2	x	2
02/12/90	2	x	2
14/04/91	0	x	3

RETROSPECTO

- 223 jogos
- 55 vitórias do Botafogo
- 98 vitórias do Vasco
- 70 empates
- 283 gols do Botafogo
- 344 gols do Vasco

Botafogo 1 x Vasco 0 (19/7/1990)

Onze homens, vestidos com a camisa do Vasco, apanham uma caravela de brinquedo, daquelas vendidas em feiras, e correm feito bobos. Mas é o Fogão o campeão

Ah! (bocejo) Que fastio. Bicampeão. Toda hora esse esforço... Gritando... Suando... Torcendo... Chega de títulos! Já estou até com saudade do tempo em que o Botafogo não ganhava nada. Lembram-se? Tuca... Fischer... Puruca. Mas aí então me perguntam: qual foi, na sua opinião, o grande Botafogo x Vasco? Eu poderia falar (ou escrever) aqui mais de uma página (ou horas) das nossas vitórias. Mas existe uma que, por obra dos "canastrões" — (E.T.) (canastrão é o ator que não interpreta nunca um papel a contento, ou seja, um ator muito fraco) — quase nos subtrai o bicampeonato de 1990. Foi a partida vencida gloriosamente por 1 x 0, gol de Carlos Alberto Dias. Bem, nesse dia... Ah! Espera um pouco, como diz o Costinha, antes de falar desse jogo eu quero aproveitar essa oportunidade rara para tornar pública mais uma interpretação dos "canastrões", abaixo da crítica. Fluminense x Botafogo. O jogo do "alambrado". Eu estava lá. Vi e ouvi tudo. Segundo tempo do jogo, o alambrado, colocado próximo à torcida do Botafogo, cai. O meu amigo e juiz Roberto Wright (Zé) vem em direção ao chefe do policiamento. E aí ele pergunta: "Dá pra continuar? Você garante?" "Sim", diz o chefe do policiamento. "Tudo sob controle. Pode reiniciar a partida." Mas, enquanto conversavam ali próximo ao alambrado caído, uma facção da torcida tricolor avançou em direção à torcida botafoguense, derrubando a outra parte do alambrado, fazendo com que os botafoguenses, inclusive crianças, não tendo para onde correr, viessem para o meio do campo. Sendo assim, José Roberto Wright foi obrigado a suspender a partida. Bem, amigo leitor: essas são as pistas. Aí estão os fatos. De quem é a culpa? Do arquiteto, que foi obrigado a cortar um pedaço do campo do Fluminense para que passasse a avenida que vai para o Palácio do Governo? Ou foi do senhor Emil, que comprou do sr. Francisco Aguiar, segundo os jornais, 8 000 ingressos? A culpa? Ora, minha senhora (ou senhor), foi dos "canastrões". Eurico Miranda, Francisco Aguiar e o presidente Caixa-D'Água sempre interpretam mal. Sempre inclinam a verdade para o seu lado mais vantajoso. Mas voltemos ao passado mais longe, para o mais importante Botafogo e Vasco que eu presenciei.

Onze homens, vestidos com a camisa do tradicional Vasco da Gama, não tendo o que fazer, apanham uma caravela de brinquedo, daquelas que são vendidas em feiras (talvez na de São Cristóvão), e, por ser um santo dos caminhoneiros, engrenam uma primeira e correm feito bobos. Pra nada. Todos viram, todos leram, todos haviam interpretado o regulamento. Menos os homens do Vasco. É evidente. Perdendo como perderam, queriam eles se agarrar na prorrogação. Gottardo, o valente capitão, após demorada conversa com o árbitro, colocou-se à disposição de sua senhoria para qualquer coisa, menos para continuar uma partida terminada, segundo a interpretação real do regulamento. E lá foram eles... Senhores... Chefes de família... Craques internacionais desfilando mais rápido do que a Mocidade Independente de Padre Miguel. Rápido, porque estavam com vergonha. Mas os "canastrões" mandaram, o que vamos fazer? O verdadeiro campeão daquela tarde-noite, não tendo mais o que fazer a não ser receber aplausos dos seus fãs, recebeu a taça oferecida por um canal de televisão e foi ao encontro da ovação final.

Ricardo Cruz, Paulo Roberto, Gottardo, Gonçalves e Renato; Carlos Alberto Santos, Luisinho, Djair e Gustavo; Donizete, Valdeir e Carlos Alberto Dias: eis o BICAMPEÃO. Mas... pasmem. Só seis meses depois é que oficialmente a Federação chegou à conclusão de que o campeão de 1990 era o Botafogo.

SER CAMPEÃO VIROU ROTINA
Wilson Gottardo comemora com Luisinho (8) o gol de Carlos Alberto Dias que garantiu o bicampeonato de 1990

NILTON CLAUDINO

ABRIL

Régis Cardoso, *56 anos, é diretor de TV e um botafoguense pé-quente — viu seu time ser bicampeão duas vezes contra o Vasco, em 1968 e 1990.*

Por Sérgio Cabral

Vasco 2 x Botafogo 0 (14/1/1951)

Base da Seleção derrotada em pleno Maracanã, o Vasco era tido como acabado. Mas a vitória ainda válida pelo returno de 1950 provou o contrário

Campeão invicto de 1949, o Vasco não começou bem o campeonato de 1950. Era natural, pois o time fora a base da Seleção Brasileira, responsável pela maior decepção já sofrida pelo nosso futebol, a perda da Copa do Mundo de 1950, em pleno Maracanã. O São Paulo, que dividia com o Vasco o orgulho de fornecer um grande número de jogadores à Seleção, também pagou por aquela derrota. Tanto que, vindo de um bicampeonato estadual — 1948/49 —, só voltaria a ganhar o Campeonato Paulista em 1953, já com o time inteiramente modificado. O Vasco sofreu três derrotas no turno de 1950, para o América (3 x 2), para o Botafogo (1 x 0) e para o Fluminense (2 x 1). Nenhum time que deseja ser campeão pode perder três vezes num turno só. Já se dizia que o extraordinário elenco vascaíno chegara ao fim, pois jogadores como Barbosa, Augusto, Danilo, Ademir e Chico atingiram os 30 anos e já não eram os mesmos (todos eles haviam sido titulares da Seleção Brasileira na Copa do Mundo). Mas o técnico Flávio Costa conhecia bem o elenco e sabia que ele tinha fôlego para a recuperação. Tratou de utilizar alguns jovens reservas — e a solução deu certo. Botou Laerte na zaga central, deslocou Alfredo para a ponta-direita (no lugar do grande Tesourinha, contundido), fixou Ademir no centro do ataque, decidiu que Ipojucan seria titular da meia-esquerda e escalou na ponta-esquerda, barrando e lengendário Chico, um jovem de 18 anos chamado Djair, um incrível driblador (melhor do que ele, só vi um: Garrincha).

E começou a reação. O Vasco venceu o Flamengo, o Madureira (9 x 1), o Bonsucesso, o Canto do Rio (7 x 0), o São Cristóvão (6 x 0), o América (então, líder do campeonato), o Bangu e foi enfrentar pela segunda vez o Botafogo. Lembro-me bem desse jogo. Na época, com 13 anos de idade, meu lugar era na geral do Maracanã. O Botafogo fazia, naquele domingo, possivelmente, a sua melhor exibição no campeonato. Na defesa, um zagueiro argentino chamado Basso dava um show de bola. Que belo zagueiro aquele Basso. Tão bom que conservo a firme convicção de que foi um dos três maiores beques que vi em toda a minha vida. E, na frente, o Botafogo brilhava através da atuação do meia Neco, que infernizava a defesa vascaína. Que jogo duro, que sofrimento! É claro que poderia escolher vários outros Vasco x Botafogo para falar desse clássico, pois o Botafogo tem o saboroso hábito de perder para o Vasco. É um velho e incorrigível freguês. Mas optei por aquela partida do returno de 1950, exatamente porque os alvinegros jogaram um bolão.

Honestamente, confesso que contribuiu muito para a vitória vascaína uma contusão sofrida pelo meia Neco (aquele mesmo que, anos depois, ficaria famoso com a sua escolinha de futebol, através da qual revelou vários craques para o Botafogo e para a Seleção Brasileira). Foi uma vitória conquistada no segundo tempo, 2 x 0 sendo um dos gols marcado por Ademir, o artilheiro do campeonato. Poucas vezes senti um alívio tão grande quanto os proporcionados pelos gols vascaínos, naquele dia. E, depois dos dois gols, o Vasco passou a trocar bolas, Maneca para Ipojucan, este para Danilo, que passava para Ademir, que entregava a Djair. E Djair parava, chamava o seu marcador e bailava como um mestre-sala de escola de samba, deixando a defesa botafoguense tonta, parecendo o gato perseguindo o rato no desenho animado. Uma festa, uma alegria, ilustrada pelo toque de Ramalho, na arquibancada, tirando sons incríveis de um talo de mamão.

Voltei para casa, feliz. Valeu a pena viver aquele domingo. Tenho a impressão de que nem no céu encontrarei um domingo igual.

P.S. — O Vasco foi campeão de 1950. Ou melhor: bicampeão.

ABRIL

Sérgio Cabral, 54 anos, é jornalista, escritor e vereador no Rio pelo PSDB, além de vascaíno.

ARTILHEIRO E BICAMPEÃO
O centroavante Ademir Menezes marca o seu gol nos 2 x 0 sobre o Botafogo: festa vascaína

AG. O GLOBO

Santos X São Paulo

JOSÉ PINTO

JUARY ROUBA A FESTA
Na volta de Serginho, após longa ausência por suspensão, quem brilha é o outro camisa 9, na goleada de 4 x 1

A FORÇA IMPREVISÍVEL DO SAN-SÃO

Mais que em qualquer jogo, no San-São não há lógica. Pelé & Cia. já fugiram de campo contra um time de jogadores medianos, o Peixe já foi campeão mesmo perdendo e, não raro, ganha quem está pior. São alguns ingredientes de um clássico, antes de tudo, imprevisível

Tão antigo quanto o futebol profissional — um jogo entre o Peixe e o antigo São Paulo da Floresta marca o fim do amadorismo no Brasil —, o confronto Santos x São Paulo envolve decisões dramáticas e às vezes desiguais. Não faltam histórias de suborno e nem sempre o vencedor sai campeão.

A mais antiga delas foi em 1956. Para não deixar escapar o bicampeonato que nunca havia conseguido, o Santos sacou do time o goleiro Manga e os zagueiros Hélvio e Ivan, acusados de suborno. A tática deu certo, e os 4 x 2, de virada, trouxeram o campeonato.

Nem na década de 60, quando o Santos tornou-se bicampeão mundial enquanto o São Paulo montava equipes medianas a fim de concentrar esforços na construção do Morumbi, houve desequilíbrio. Buscando forças em suas limitações, o tricolor era capaz de proezas inimagináveis, como fazer 4 x 1 e obrigar o Santos a fugir de campo, em 1963. Do lado do alvinegro, naquele dia, estavam Pelé e Coutinho. Do São Paulo, Faustino e Sabino.

Mas até milagres como este tinham limites, e na decisão de 1967 não foi mesmo possível ao São Paulo segurar o Peixe, que venceu por 2 x 1. A situação só mudaria a favor do tricolor em 1980, quando arrancou para o título de campeão da década vencendo o Peixe por 1 x 0. Em 1978, é certo, ganhou o terceiro jogo das finais, mas só empatou na prorrogação. No fim, Peixe campeão — mostrando que, em jogos equilibrados como o San-São, toda vantagem é bem-vinda.

ABRIL

ENFIM, VITÓRIA!
Os gols de Serginho deram ao São Paulo um título que ele nunca havia conseguido: ...

NÃO BASTA VENCER
Empate na prorrogação e Santos campeão

RONALDO KOTSCHO

SERGIO BEREZOVSKY

MANTENDO A TRADIÇÃO
Em 84, o São Paulo enfia 4 x 1 no Peixe

ABRIL

... a vitória, numa final, contra o Santos

APESAR DE PELÉ, TRICOLOR ESTÁ NA FRENTE

NELSON COELHO

No último clássico, nova surpresa: Santos 2 x 1, de virada

	SAN	X	SP
25/04/36	2	x	0
01/11/36	4	x	0
20/02/37	3	x	1
25/04/37	3	x	2
12/09/37	4	x	1
27/11/38	0	x	5
09/07/39	1	x	0
22/10/39	2	x	3
18/08/40	5	x	1
14/12/40	1	x	6
18/05/41	2	x	4
14/09/41	3	x	3
31/05/42	2	x	4
02/08/42	1	x	5
24/01/43	0	x	2
17/02/43	1	x	2
16/05/43	1	x	6
12/09/43	1	x	4
18/06/44	1	x	9
06/08/44	0	x	1
21/10/44	1	x	2
25/10/44	1	x	2
13/05/45	1	x	1
19/08/45	0	x	4
14/07/46	2	x	3
31/08/46	0	x	2
09/04/47	1	x	6
22/07/47	1	x	1
28/09/47	1	x	1
05/09/48	2	x	3
03/10/48	2	x	1
25/05/49	2	x	0
14/08/49	1	x	0
20/11/49	1	x	3
19/04/50	0	x	4
03/09/50	3	x	2
21/01/51	2	x	1
24/05/51	1	x	2
12/08/51	3	x	0
02/12/51	2	x	1
26/03/52	2	x	1
03/06/52	1	x	0
07/06/52	0	x	2
30/07/52	0	x	1
26/10/52	0	x	3
15/01/53	0	x	1
17/05/53	0	x	2
10/07/53	0	x	0
17/10/53	1	x	4
24/01/54	1	x	3
02/06/54	1	x	2
05/09/54	1	x	1
10/12/54	0	x	2
06/04/55	2	x	0
07/09/55	3	x	1
27/11/55	1	x	3
21/01/56	4	x	1
08/03/56	6	x	4
29/04/56	3	x	5
06/06/56	3	x	0
12/08/56	1	x	0
28/10/56	2	x	0
09/11/56	1	x	3
03/01/57	4	x	2
26/04/57	3	x	1
15/09/57	2	x	3
17/11/57	2	x	6
03/12/57	2	x	2
16/03/58	2	x	4
24/04/58	2	x	1
17/08/58	1	x	0
18/12/58	2	x	2
05/04/59	4	x	1
26/04/59	4	x	3
27/09/59	1	x	2
13/12/59	4	x	3
21/04/60	1	x	1
31/08/60	1	x	1
11/12/60	1	x	2
15/03/61	1	x	0
03/09/61	6	x	3
16/12/61	4	x	1
02/09/62	3	x	3
05/12/62	5	x	2
07/03/63	6	x	2
15/08/63	1	x	4
27/11/63	1	x	1
19/04/64	4	x	1
19/07/64	5	x	1
11/10/64	3	x	2
27/03/65	1	x	3
01/08/65	1	x	1
16/10/65	0	x	0
26/02/66	2	x	3
28/09/66	1	x	0
30/10/66	1	x	2
01/04/67	1	x	1
16/08/67	0	x	0
15/10/67	2	x	2
21/12/67	2	x	1
27/03/68	5	x	2
01/06/68	3	x	1
20/10/68	0	x	0
09/03/69	3	x	0
21/05/69	1	x	0
21/06/69	0	x	0
09/11/69	1	x	1
21/03/70	4	x	0
15/04/70	2	x	1
12/07/70	2	x	3
09/08/70	2	x	3
29/11/70	3	x	2
21/04/71	1	x	0
16/05/71	0	x	0
14/08/71	3	x	1
16/04/72	1	x	3
23/07/72	0	x	2
28/09/72	1	x	0
27/01/73	1	x	1
25/03/73	2	x	2
29/07/73	0	x	0
17/12/73	1	x	0
29/01/74	1	x	2
02/06/74	1	x	1
15/09/74	1	x	1
27/10/74	1	x	1
04/05/75	0	x	2
29/06/75	0	x	1
07/08/75	2	x	1
28/09/75	0	x	1
12/02/76	3	x	3
27/06/76	0	x	0
30/10/76	1	x	0
07/11/76	0	x	1
11/12/76	2	x	1
01/05/77	0	x	2
03/07/77	0	x	3
14/09/77	0	x	2
01/10/78	3	x	1
11/11/78	0	x	0
28/01/79	4	x	1
12/05/79	1	x	2
20/06/79	2	x	1
24/06/79	1	x	1
28/06/79	0	x	2
29/07/79	0	x	1
28/10/79	3	x	0
19/07/80	2	x	2
19/10/80	1	x	1
16/11/80	0	x	1
19/11/80	0	x	1
08/04/81	0	x	2
12/04/81	1	x	2
13/06/81	0	x	3
18/10/81	2	x	3
17/04/82	0	x	2
02/05/82	0	x	1
25/05/82	0	x	1
09/09/82	1	x	1
03/10/82	0	x	0
19/06/83	0	x	3
01/11/83	2	x	1
03/12/83	1	x	2
07/12/83	1	x	1
02/09/84	1	x	4
11/11/84	0	x	0
07/07/85	1	x	1
27/10/85	0	x	3
30/03/86	1	x	3
13/07/86	1	x	2
09/08/86	1	x	0
19/10/86	0	x	2
23/11/86	0	x	0
19/04/87	3	x	2
02/08/87	0	x	1
24/10/87	1	x	3
22/05/88	3	x	0
29/06/88	0	x	2
13/07/88	1	x	1
02/10/88	0	x	1
18/05/89	2	x	1
11/11/89	0	x	3
25/03/90	0	x	1
29/08/90	1	x	0
24/11/90	0	x	1
02/12/90	1	x	1
17/02/91	2	x	1

RETROSPECTO

187 jogos
65 vitórias do Santos
81 vitórias do São Paulo
41 empates
275 gols do Santos
317 gols do São Paulo

POR TONICO DUARTE

Santos 2 x São Paulo 1 (21/12/1967)

Os são-paulinos acreditavam na mística de seu uniforme número dois, com o qual haviam conquistado seu derradeiro campeonato, dez anos antes. No entanto, vestiram as camisas listradas e não saíram por aí

ABRIL

Tonico Duarte, *repórter especial de O Estado de S.Paulo, é ex-guitarrista do Tribal de Albatroz, que tinha Hélio Nunes no contrabaixo e Marcos Munhoz na bateria.*

Chamava-se Tribal de Albatroz. Foi, provavelmente, a primeira torcida organizada do moderno Santos. Pequena mas apaixonada, tinha como integrantes três alunos do velho Colégio Canadá. Nas horas vagas, o Tribal seguia a trilha do Jimi Hendrix Experience, fazendo marinheiros nórdicos sacudir o esqueleto nas boates da Boca. Seguia também a trilha do Peixe. Foi a menor, mas certamente a mais lisérgica das galeras santistas.

No começo da noite de 21 de dezembro de 1967, uma quinta-feira, o Tribal subiu a serra, rumo à final do Campeonato Paulista. Santos e São Paulo fariam a decisão no Pacaembu, então chamado de Próprio da Municipalidade. Era uma partida extra, já que o tricolor, com dez anos de jejum nas costas, passara quase todo certame à frente do alvinegro. Mas coube ao Corinthians — logo aquele time! —, na última rodada, fazer com que os dois times terminassem empatados. O Tribal estava agradecido ao centroavante Benê, que, quatro dias antes, faltando 30 segundos para o fim do jogo, empatara em 1 x 1 o clássico Corinthians x São Paulo, colocando os são-paulinos na boca do tubarão.

Ali começava o último dos tricampeonatos do Santos. Talvez para disfarçar o nervosismo, alguns tricolores mais afoitos partiram para provocações. "Eles estão receosos porque o São Paulo sempre foi seu maior rival", apostara o grande zagueiro Roberto Dias, considerado então um dos grandes marcadores do Rei. Os são-paulinos também acreditavam na mística de seu uniforme número dois, com o qual haviam conquistado seu derradeiro campeonato, dez anos antes. Mas vestiram as camisas listradas e não saíram por aí.

Chovia no Pacaembu. O Santos entrou em campo com Cláudio; Carlos Alberto, Ramos Delgado, Joel e Rildo; Clodoaldo e Buglê; Wílson Tergal, Toninho, Sua Majestade e Edu. O falecido Sílvio Pirilo armou o São Paulo com Picasso; Renato, Belini, Dias e Edílson; Nenê e Lourival; Válter, Dejair, Babá e Paraná. Armando Marques no apito. O Tribal na arquibancada, entre 43 627 pessoas.

Menos uma grande decisão, mais uma brincadeira de gato e rato. Em menos de um quarto de hora, o Santos já vencia por 2 x 0, gols de Edu, aos 9 minutos, e Toninho Guerreiro, aos 12. Babá entra para a história como autor do gol de honra do São Paulo, aos 43 do segundo tempo, quando o título já era ponto em caixa. "Arrepiei muito o Babá naquela partida", confessaria o argentino José Manuel Ramos Delgado, anos mais tarde, a um amigo, ex-integrante do Tribal.

Fora uma semana estranhamente tensa na Vila Belmiro. Na antevéspera da decisão, durante um racha entre brancos e crioulos, o zagueiro Orlando Peçanha de Carvalho e o ponta Wílson Tergal haviam se estranhado. O técnico santista Antoninho Fernandes, divino meia-direita da década de 40, mandou os brigões para o chuveiro. "Deixem passar a decisão", ordenou. "Depois vocês se pegam na praia."

Começa o jogo, a tranqüilidade baixa sobre os uniformes brancos. O primeiro gol foi uma pintura: teve como origem uma tabela entre Pelé e Edu. Também o Rei faria o passe para que Toninho marcasse o segundo, na saída de Picasso. Divino Toninho Guerreiro, hoje um dos centroavantes da Seleção do Céu. Naquele tempo não havia motor-rádio , mas ele deixaria o campo como o melhor entre os 22.

São-paulinos têm memória curta. Gostam de lembrar os 4 x 1 de 1963, quando, humilhado, o Peixe apodreceu num cai-cai e fugiu de campo. Esquecem, porém, que, naquele mesmo ano, com um ataque reserva formado por Peixinho, Batista, Gonçalo e Noriva, o Santos lhes impôs uma goleada de 5 x 1. Quatro anos se passaram e eles acabaram na goela do grande tubarão branco.

Naquela noite de dezembro de 1967, o Tribal de Albatroz desceu a serra em êxtase. Foi direto para a boate Suomi, na Rua General Câmara. Guitarras ligadas, embalou marinheiros & putas ao som do clássico "Purple Haze", do gênio Jimi. Velhos lobos-do-mar acabaram chacoalhando ao sabor de um som desconhecido para eles. Era a versão alucinada e elétrica de uma canção cujos versos iniciais diziam: "Agora quem dá bola é o Santos..."

CAMPEÃO MAIS UMA VEZ
Edu marca o primeiro do Santos na final de 1967. Para o tricolor, mais um ano na fila

AE

Por Alexandre Machado

São Paulo 4 x Santos 1 (15/8/1963)

Nós que gostávamos das jogadas de Pelé e Coutinho fomos obrigados a incentivar por anos nossos cabeças-de-bagre.
Até que, num determinado dia, os nossos Sabino e Cecílio Martinez colocaram o Santos na roda

As minhas primeiras lembranças futebolísticas não remetem ao São Paulo, mas ao Palmeiras; aliás, remetem ao modesto salão de trabalho de um sapateiro próximo a minha casa. Dominando as primeiras letras consegui decifrar os nomes de alguns atletas cujas fotos, já desbotadas, apareciam num quadro pendurado na parede. O-berdan, Pa-lan-te, Tur-cão...

A emoção da leitura guardo até hoje. Mas o meu coração de amante do futebol foi tocado por outras emoções. O São Paulo do final da década de 40, que tanto ouvi falar mas a que nunca assisti, transmitia pelas ondas do rádio e páginas de *A Gazeta Esportiva* o carisma de um time vencedor, goleador, forte e inspirado. Leônidas da Silva e suas bicicletas, a imponência de Bauer e Rui, a categoria de dom Antonio Sastre encantavam quem se encantava com a arte. Fiz-me são-paulino.

Este espírito artístico continuou a manifestar-se aqui e ali na década de 50. Poy, De Sordi e Mauro; Pé-de-Valsa, Bauer e Alfredo, em 1953, ou Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro, em 1957. Zizinho e Canhoteiro — basta redigir esses dois nomes para me sentir tomado pelas melhores alegrias que um torcedor pode fruir.

Até aí tudo corria bem. O surgimento de Pelé e as vitórias santistas no começo não doíam. Mas veio a construção do Morumbi e os torcedores do futebol-arte de Leônidas, Mauro, Zizinho e Canhoteiro tiveram de se contentar durante anos com um exército de pernas-de-pau. Dinheiro só para tijolo, jogador só se for muito baratinho. Deste período heróico, guardo na cabeça um rol de nomes de rapazes esforçados que tiveram a ventura de jogar pelo São Paulo; ao invés de Mário ou Poy, tínhamos Suli; ao invés de De Sordi, Deleu; ao invés de Mauro, Gildásio; ao invés de Maurinho, Nondas.

Nós que gostávamos mesmo das jogadas de Pelé, Coutinho, Zito e Pepe fomos obrigados a incentivar, por anos, nossos cabeças-de-bagre. Até que, num determinado dia, tocados por alguma graça superior e orientados pelo magistral Pagão, que defendeu no São Paulo uns últimos trocados em seu final de carreira, os nossos Sabino e Cecílio Martinez colocaram o Santos na roda.

O Sabino, vindo do Internacional de Bebedouro, carregava o apelido de Pelé II (a semelhança era só física). Naquela tarde, no Pacaembu, Pelé II barbarizou e o baixinho Cecílio Martinez jogou tanto quanto no dia em que foi descoberto, lá no Paraguai, para o São Paulo. E esguio, já meio careca, tão maravilhoso como sempre, mas um pouco mais lerdo, evoluía Pagão. O mesmo Pagão que deu vida ao ainda pequenino Santos ao lado de Tite, Jair da Rosa Pinto, Del Vecchio e o menino Pelé fez o São Paulo se vingar do genial Santos com a melhor moeda daqueles que apreciam o futebol-arte: show de bola, olé e 4 x 1 no placar. E pôs o Peixe para correr.

A VINGANÇA DE PAGÃO
Embora já em fim de carreira, o centroavante ajudou o São Paulo a golear seu ex-time

ABRIL

ABRIL

Alexandre Machado, *46 anos, jornalista, apresenta o programa Vamos Sair da Crise, da TV Gazeta (SP). No futebol, não tem crise: torce para o São Paulo.*

Atlético X Cruzeiro

Se o Galo e a Raposa estão em campo, não há lugar para a tradicional cautela mineira. A paixão das duas torcidas fala mais alto, em um clássico que chegou até a tirar o emprego de goleiros e provocar a mudança no nome de um rival após a derrota

QUANDO OS MINEIROS SÃO EXTREMADOS

Contam os antigos que, quando o clássico era marcado para o campo do Atlético, os jogadores do Cruzeiro saíam a pé, já uniformizados, pelas ruas de Belo Horizonte, só para não precisarem usar o vestiário do inimigo. Prova de que basta começar a falar em futebol para a conhecida cautela mineira ser esquecida. Uma rivalidade acirrada a partir do *final dos anos 20, quando o então* Palestra Itália — primeiro nome cruzeirense — conquistou o tricampeonato (1928/29/30). Antes disso,. os atleticanos estavam mais preocupados com o América, vencedor dos dez primeiros estaduais.

Mas foi na década de 40 que a briga esquentou. Por causa da aliança entre Alemanha e Itália, na Segunda Guerra Mundial, o Palestra tratou de mudar de nome: passou a se chamar Ipiranga. Só que a derrota por 1 x 0 no primeiro confronto com o Atlético veio como um presságio, e ninguém hesitou em rebatizar o clube. O encontro entre Cruzeiro e Atlético logo ganhou o apelido de Derby — o mesmo utilizado no clássico Corinthians x Palmeiras —, surgiram os símbolos do Galo atleticano e da Raposa cruzeirense e cada partida se tornou uma questão de vida ou morte.

Derrotas no clássico custaram o emprego de muitos jogadores, em especial de dois goleiros alvinegros: Hélio, em 1967 (*veja textos de Raul Plassman e Roberto Drumond*), e Ortiz, em 1977. Decisões apaixonadas que não deixam margem a acomodações, a concessões ou ao silêncio. Dentro de campo, ser mineiro é amar o seu time e odiar o rival até as últimas conseqüências.

FIM DA DOR
O Atlético de Reinaldo vence e interrompe a série do Cruzeiro em 1976

MAIOR GOLEADA
Aplicar 9 x 2 no Palestra Itália, em 1927, é a glória que os atleticanos ainda guardam

ABRIL

VOA, KAFUNGA!
Ídolo atleticano, o goleiro Kafunga não pôde evitar a vitória do rival em 1941

ABRIL

ALBERTO CARLOS

AMIGOS, AMIGOS...
Guará e Caieira pouco antes de esquecerem a amizade

ABRIL

ARMENIO ABASCAL

SURPRESA
Tostão leva o Cruzeiro ao título de 1984

OS NÚMEROS FAVORECEM O GALO

Data	ATL	X	CRU
15/05/21	2	x	1
11/09/21	1	x	1
12/03/22	2	x	1
21/05/22	0	x	1
11/09/22	1	x	0
11/11/22	2	x	0
31/12/22	2	x	0
06/05/23	1	x	1
12/08/23	2	x	0
20/09/23	3	x	5
27/09/23	1	x	0
14/08/27	4	x	2
27/11/27	9	x	2
01/04/28	2	x	2
02/09/28	2	x	0
16/12/28	2	x	2
09/06/29	1	x	3
17/11/29	2	x	5
01/06/30	1	x	2
22/02/31	0	x	2
01/03/31	3	x	3
22/03/31	3	x	0
21/06/31	3	x	2
18/10/31	2	x	3
30/10/31	2	x	1
21/11/31	2	x	3
22/11/31	3	x	0
29/11/31	2	x	1
27/12/31	1	x	1
30/12/31	2	x	2
01/01/32	2	x	2
23/04/33	4	x	0
28/05/33	1	x	2
06/08/33	1	x	2
22/10/33	2	x	1
08/02/34	1	x	2
21/04/34	1	x	3
03/06/34	2	x	2
15/07/34	2	x	3
26/08/34	2	x	0
02/12/34	0	x	0
09/12/34	3	x	4
13/01/35	2	x	2
13/04/35	4	x	2
05/05/35	4	x	2
07/07/35	2	x	3
04/08/35	3	x	2
18/08/35	4	x	2
27/10/35	2	x	1
05/01/36	2	x	3
02/02/36	4	x	3
22/03/36	0	x	0
25/06/36	6	x	1
25/10/36	2	x	0
29/08/37	1	x	2
12/09/37	3	x	3
14/11/37	3	x	0
09/01/38	3	x	1
30/01/38	1	x	1
09/04/38	2	x	1
21/04/38	3	x	0
05/06/38	1	x	0
24/07/38	4	x	1
18/09/38	1	x	0
08/01/39	2	x	1
05/02/39	0	x	4
26/03/39	0	x	1
23/04/39	3	x	0
04/06/39	1	x	0
13/08/39	2	x	0
18/02/40	0	x	2
24/03/40	0	x	3
23/06/40	2	x	2
28/07/40	1	x	1
25/08/40	1	x	2
01/09/40	1	x	3
29/12/40	1	x	3
05/01/41	2	x	1
12/01/41	0	x	2
26/01/41	2	x	5
14/02/41	2	x	2
27/07/41	2	x	1
19/10/41	0	x	1
14/12/41	2	x	2
01/02/42	1	x	0
27/05/42	6	x	1
09/08/42	2	x	0
20/09/42	1	x	0
04/10/42	2	x	1

Data	ATL	X	CRU
25/12/42	1	x	3
03/01/43	2	x	1
10/01/43	1	x	3
30/05/43	3	x	1
10/08/43	0	x	2
03/10/43	0	x	1
05/04/44	0	x	2
16/04/44	1	x	1
15/06/44	1	x	2
18/03/45	2	x	1
23/03/45	1	x	2
05/04/45	1	x	0
20/05/45	2	x	4
13/06/45	2	x	4
16/09/45	2	x	3
23/10/45	3	x	0
30/10/45	3	x	0
23/12/45	3	x	1
12/05/46	2	x	0
04/08/46	2	x	2
20/08/46	2	x	2
22/09/46	2	x	0
15/11/46	2	x	0
28/11/46	1	x	0
15/01/47	2	x	2
23/02/47	0	x	2
02/03/47	3	x	1
23/03/47	2	x	1
21/04/47	2	x	1
15/06/47	1	x	0
19/07/47	1	x	1
28/07/47	1	x	0
19/10/47	3	x	1
07/12/47	6	x	2
08/04/48	3	x	2
13/04/48	5	x	1
20/06/48	1	x	2
21/06/48	0	x	1
14/11/48	2	x	1
20/01/49	0	x	0
05/02/49	2	x	1
26/05/49	5	x	2
05/06/49	3	x	1
03/07/49	1	x	3
31/07/49	1	x	2
04/09/49	4	x	2
06/11/49	1	x	1
18/05/50	1	x	3
22/05/50	0	x	2
30/07/50	2	x	0
19/10/50	2	x	1
01/03/51	3	x	0
02/04/51	1	x	2
13/05/51	1	x	1
17/05/51	2	x	1
08/07/51	2	x	1
16/09/51	3	x	1
30/12/51	2	x	1
16/03/52	4	x	3
19/03/52	2	x	4
22/05/52	0	x	3
01/06/52	2	x	1
24/06/52	0	x	4
12/10/52	4	x	0
06/11/52	2	x	2
07/12/52	1	x	0
21/06/53	5	x	0
09/07/53	2	x	2
30/08/53	2	x	2
27/02/54	3	x	3
25/03/54	0	x	1
25/07/54	1	x	0
05/09/54	1	x	0
12/09/54	1	x	1
14/09/54	1	x	0

NELIO RODRIGUES

Édson, do Cruzeiro, enfrenta a força do Galo

Data	ATL	X	CRU
04/12/54	1	x	0
09/12/54	2	x	1
12/12/54	1	x	3
19/12/54	0	x	0
30/01/55	0	x	1
17/04/55	2	x	0
21/04/55	3	x	0
24/04/55	1	x	1
01/05/55	2	x	0
12/05/55	2	x	0
07/08/55	2	x	1
25/11/55	2	x	2
29/06/56	1	x	1
05/07/56	0	x	0
18/09/56	2	x	0
14/10/56	0	x	2
18/10/56	1	x	0
21/10/56	3	x	2
10/01/57	0	x	0
21/04/57	1	x	3
23/05/57	1	x	1
26/05/57	0	x	0
02/06/57	1	x	0
25/08/57	0	x	1
23/11/57	1	x	0
19/01/58	0	x	1
21/01/58	0	x	2
30/03/58	2	x	2
29/06/58	5	x	2
07/12/58	3	x	0
01/03/59	0	x	1
03/05/59	3	x	0
16/08/59	0	x	1
04/10/59	3	x	1
25/10/59	0	x	1
24/01/60	1	x	2
21/02/60	2	x	3
12/06/60	1	x	1
16/06/60	2	x	2
25/09/60	2	x	0
23/12/60	4	x	0
22/01/61	0	x	0
12/03/61	2	x	2
25/04/61	1	x	1
21/05/61	2	x	1
08/06/61	1	x	1
25/06/61	0	x	2
13/08/61	2	x	0
26/10/61	2	x	1
21/12/61	0	x	2
25/05/62	0	x	2
21/04/62	3	x	0
06/08/62	2	x	0

Data	ATL	X	CRU
09/09/62	2	x	0
16/12/62	1	x	0
10/02/63	0	x	1
13/02/63	2	x	1
15/02/63	2	x	1
23/06/63	1	x	0
15/09/63	1	x	0
01/12/63	1	x	1
02/02/64	1	x	3
24/05/64	0	x	0
02/08/64	1	x	0
15/11/64	0	x	1
21/04/65	0	x	1
09/05/65	2	x	3
20/06/65	1	x	3
24/10/65	0	x	1
16/12/65	0	x	2
09/02/66	1	x	2
26/06/66	3	x	2
29/06/66	0	x	0
18/09/66	0	x	2
11/12/66	1	x	1
05/03/67	0	x	4
10/09/67	0	x	0
26/11/67	3	x	3
14/01/68	1	x	3
21/01/68	0	x	3
02/06/68	1	x	2
08/09/68	1	x	1
27/10/68	1	x	0
04/05/69	0	x	1
08/06/69	0	x	1
28/09/69	1	x	2
01/02/70	2	x	1
31/05/70	2	x	2
02/08/70	2	x	1
20/09/70	1	x	1
25/10/70	1	x	1
13/12/70	1	x	1
07/03/71	0	x	0
02/05/71	1	x	0
27/06/71	1	x	0
10/10/71	1	x	1
05/02/72	1	x	3
12/03/72	0	x	0
21/05/72	1	x	1
06/08/72	0	x	1
20/08/72	0	x	0
03/09/72	1	x	1
07/09/72	1	x	2
12/11/72	0	x	0
25/02/73	1	x	0
18/03/73	0	x	2
25/03/73	1	x	3
20/05/73	2	x	0
17/06/73	0	x	1
05/08/73	0	x	1
19/08/73	0	x	1
11/11/73	0	x	0
03/03/74	3	x	1
24/03/74	2	x	1
08/09/74	1	x	1
29/09/74	0	x	1
10/11/74	0	x	0
15/12/74	1	x	2
20/04/75	2	x	2
25/07/75	1	x	0

Data	ATL	X	CRU
07/09/75	2	x	2
18/01/76	2	x	1
25/01/76	2	x	1
08/02/76	0	x	1
22/02/76	0	x	1
25/04/76	2	x	1
04/07/76	1	x	0
25/07/76	1	x	1
27/03/77	2	x	0
03/04/77	2	x	0
29/05/77	3	x	0
07/08/77	0	x	0
25/09/77	1	x	0
02/10/77	2	x	3
09/10/77	1	x	3
06/11/77	1	x	0
29/01/78	2	x	1
23/04/78	0	x	2
27/05/78	0	x	0
22/10/78	1	x	1
17/12/78	0	x	0
18/02/79	2	x	1
18/03/79	0	x	0
27/05/79	0	x	0
22/07/79	0	x	1
29/07/79	0	x	1
01/08/79	1	x	1
05/08/79	1	x	0
26/08/79	3	x	0
09/09/79	0	x	0
07/10/79	1	x	1
02/12/79	0	x	0
26/10/80	1	x	0
30/11/80	2	x	0
28/06/81	0	x	0
11/10/81	0	x	1
08/11/81	1	x	1
29/11/81	2	x	0
02/05/82	2	x	2
23/05/82	0	x	0
05/09/82	0	x	0
17/10/82	2	x	1
07/11/82	0	x	1
05/12/82	2	x	1
24/07/83	0	x	0
02/10/83	2	x	2
09/10/83	0	x	1
12/10/83	2	x	0
16/10/83	4	x	0
13/11/83	3	x	2
11/12/83	1	x	4
15/04/84	2	x	4
29/07/84	0	x	1
11/11/84	1	x	1
05/12/84	0	x	4
09/12/84	1	x	0
03/03/85	2	x	0
10/04/85	2	x	3
01/09/85	3	x	1
15/09/85	1	x	1
25/09/85	0	x	0
27/10/85	1	x	1
17/11/85	0	x	0
01/12/85	3	x	1
08/12/85	0	x	0
11/12/85	2	x	2
15/12/85	1	x	0
02/03/86	2	x	0
27/04/86	1	x	0
08/02/87	0	x	0
11/02/87	1	x	1
03/05/87	0	x	1
10/05/87	3	x	2
05/07/87	1	x	2
29/07/87	0	x	0
02/08/87	0	x	2
11/10/87	0	x	0
03/04/88	1	x	2
10/07/88	1	x	0
04/09/88	0	x	0
23/04/89	0	x	1
11/06/89	1	x	0
09/07/89	3	x	0
10/12/89	0	x	1
01/04/90	1	x	3
30/05/90	2	x	1
03/06/90	0	x	1
30/09/90	2	x	0
17/02/91	2	x	2

RETROSPECTO

373 jogos
159 vitórias do Atlético
117 vitórias do Cruzeiro
97 empates
542 gols do Atlético
443 gols do Cruzeiro

Atlético 3 x Cruzeiro 3 (26/11/1967)

Atlético 3, Cruzeiro 2. Ao lado do Sempre, eu o vi rezar uma estranha oração: "Pai Nosso que estais no céu, fazei as mulheres do mundo abandonarem este pecador, mas não deixei que o Cruzeiro empate o jogo"

O horóscopo do sagitariano José Flores de Jesus, conhecido como Sempre, chefe histórico da torcida atleticana, anunciava mau tempo amoroso para aquele domingo, 26 de novembro de 1967. Em compensação, prometia alegrias esportivas para o Sempre. O que o levou a dizer: "É hoje!"

Pois que naquele domingo o Atlético ia jogar no Mineirão contra seu arquiinimigo, o Cruzeiro do goleiro da camisa amarela, Raul, onde brilhavam as estrelas de Tostão, Piazza e Dirceu Lopes. O Mineirão estava lotado. O Sempre foi o primeiro a chegar. Encorajado pelo horóscopo e vigiado por este cronista (que ia escrever sobre ele), o Sempre puxou os assovios para o goleiro Raul. Era um ritual: Raul encaminhava-se para o gol que cabia ao Cruzeiro por sorteio debaixo dos assovios da torcida atleticana. Quando tocava as traves com as mãos, os assovios aumentavam. Depois vinham os gritos comandados a Raul que o Sempre mais uma vez comandava naquela tarde de domingo:

— Wanderléia! Wanderléia!

Quando a bola começou a rolar no Mineirão, tudo parecia confirmar o horóscopo do Sempre.O atacante atleticano Lacy, a Borboleta Negra, fez a bola beijar a rede de Raul duas vezes seguidas. Logo o ponta-direita Ronaldo aumentava o placar: Atlético 3, Cruzeiro O. E, como a mostrar que a tarde ia ser mesmo de alegrias esportivas para o Sempre, o zagueiro cruzeirense Procópio foi expulso. Pouco depois, a estrela do time, Tostão, deixou o gramado com uma contusão. O Sempre cantava fazendo coro com a torcida do Atlético, em meio aos gritos de mais um, mais um!

Mas nem o Sempre, nem o Atlético, nem o professor Yurk, autor do horóscopo prevendo alegrias esportivas, contavam com um imprevisto: um certo Wílson Piazza. Aconteceu que Piazza, para esfriar o Atlético, começou a prender a bola. Prendia a bola como se estivesse feliz por perder por 3 x 0. Mas foi assim, ritmando o jogo e fazendo uma exibição histórica, que Piazza comandou a reação do Cruzeiro.

O ponta-direita Natal, o Flecha Loura, fez o primeiro gol do Cruzeiro. Agora, Atlético 3, Cruzeiro 1. O Sempre não deixou de cantar. Eis que o Flecha Loura fez outro gol: Atlético 3, Cruzeiro 2. Ao lado do Sempre, na arquibancada atleticana, eu o ouvi rezar uma estranha oração: "Pai Nosso que estás no Céu, fazei as mulheres do mundo abandonarem este pecador, mas não deixei que o Cruzeiro empate o jogo, Senhor".

Por via das dúvidas, após rezar, o Sempre gritava:

— Marquem o Piazza! Marquem o Piazza!

Não ouviram o Sempre nem Deus ouviu sua prece. E coube exatamente ao herói do jogo, Wílson da Silva Piazza, obrigar o goleiro Hélio a ir buscar a bola no fundo da rede. Era o terceiro gol do Cruzeiro, o gol do empate. Quando Piazza marcou, o goleiro Hélio cometeu o pecado de sorrir. Na verdade, sorria de seu próprio azar. Mas os fotógrafos o surpreenderam sorrindo e ele foi acusado (injustamente) de ter se vendido ao Cruzeiro. Após o terceiro gol cruzeirense, o de Piazza, a torcida atleticana gritava para Hélio:

— Vendido! Vendido! Vendido!

Mas o Sempre não gritava: o Sempre chorava, consolado por este cronista. Eu contei tudo que aconteceu numa crônica publicada na época. Omiti apenas um detalhe, que só agora revelo: quando Piazza empatou o jogo e eu vi o Sempre chorar, não pude evitar — chorei também. Eu, que me julgava um cronista isento e acima das paixões, chorei como no tempo de criança.

Roberto Drummond, *51 anos, é cronista, romancista, jornalista e atleticano desde os tempos em que seu time não conseguia vencer o Cruzeiro.*

FOTOS ABRIL

O GALO SAIU ARREPIANDO O ataque do Atlético arrasou no primeiro tempo: a goleada parecia certa, mas Sempre teve que rezar

Por Raul Plassmann

Cruzeiro 3 x Atlético 3 (26/11/1967)

De repente, Natal, Evaldo, Zé Carlos, Piazza e Dirceu Lopes deram um show. Logo vieram os gols: 3 x 1, 3 x 2 e finalmente 3 x 3. O Cruzeiro jogou naqueles 25 minutos como nunca em sua história

Era um domingo, 26 de novembro de 1967. Local: Estádio Magalhães Pinto, o Mineirão. Tempo feio, muita chuva e gramado pesado: perigoso para goleiros, mas eu estava lá, de camisa amarela e tudo. Era o meu quarto Cruzeiro x Atlético. O clima, como sempre, estava tenso, cheio de expectativa, dava aquele friozinho na barriga antes de entrar em campo, mas fazia parte do show. 130 mil torcedores que se dividiam entre cruzeirenses e atleticanos, tudo isso para ver Tostão & Cia. enfrentarem o novo ídolo alvinegro Lacy, um crioulinho esperto, arisco e muito habilidoso. O jogo começa, o nosso time era melhor, só que no clássico o favoritismo deixa de existir quando se entra em campo.

O Galo saiu arrebentando, fez logo de cara 2 x 0, Lacy e Ronaldo. O Cruzeiro não se achava e, para complicar mais ainda nossa situação, Tostão se machuca e sai, enquanto Procópio é expulso de campo. Zé Carlos entra no lugar do Bode (este era o apelido de Tostão). Depois de ter tomado dois gols, o que mais eu poderia fazer senão rezar para o primeiro tempo acabar? Para bater aquele papo no vestiário e consertar a casa (leia-se defesa), que estava derrubando o nosso time. Dentro de campo era impossível, o Atlético não deixava o Cruzeiro respirar.

Veio o final do primeiro tempo, fomos para o vestiário, conversamos e voltamos para saber se o Galo tinha gás e o mesmo entusiasmo. Tinha, tomamos o terceiro rapidinho, Lacy de novo. Só dava ele, estava cansado de vê-lo na minha cara. A galera atleticana parecia que ia descer das arquibancadas para comemorar junto aos jogadores. Estava feia a coisa, aliás, continuava. De repente, como se o Cruzeiro decidisse jogar, o time acertou, ou acordou. Natal, Evaldo, Zé Carlos, Piazza e Dirceu Lopes deram um show. Logo vieram os gols: 3 x 1, 3 x 2 e finalmente 3 x 3. O Cruzeiro jogou naqueles 25 minutos como nunca em sua história. A festa agora era azul e com cinco estrelas no peito. A torcida parecia não acreditar, era muito gostosa a virada.

Como todo clássico, aos 44 minutos a emoção ainda não tinha acabado: Dirceu sofre falta na meia-lua da grande área e o Zelão (Zé Carlos) cobra, a bola vai alta, goleiro Hélio batido, a bendita se choca no ângulo esquerdo. Se esta bola entra, teríamos alguns enfartes no Mineirão, de ambos os lados da torcida, é claro. Não morreu ninguém no estádio naquele dia; ao contrário, nasceu: o Cruzeiro, que virou um jogo praticamente perdido, e uma menina, no lado atleticano das arquibancadas. Fruto da relação entre marido e mulher, e do jogo mais incrível entre os dois rivais.

É muito comum hoje, em Belô, se perguntar aos mais velhos: qual foi o clássico que mais emocionou? A resposta vem na lata: aquele 3 x 3. E não é preciso nem falar o ano; só existe um 3 x 3 que arrepiou. Aquele de 26 de novembro de 1967, naquele domingo feio, cinzento e chuvoso, mas de muita emoção para 130 mil torcedores e pouco mais de 22 jogadores.

***Raul Plassmann**, 46 anos, comentarista da Rede Globo, foi goleiro do Cruzeiro durante 13 anos, de 1965 a 1978.*

UM EMPATE PARA A HISTÓRIA
O Cruzeiro perdia por 3 x 0, mas reagiu e empatou. Um jogo que ficou marcado para sempre na memória

Flamengo X Vasco

Os times mais populares do Rio fazem a cidade tremer a cada jogo, reforçando as diferenças e as marcas que os dois clubes carregam: vitórias inesquecíveis e até trocas inesperadas de ídolos estão na história deste clássico dos grandes públicos

LUIZ PAULO MACHADO

MARACANÃ EM SUSPENSE
O título de 1977 só foi decidido na cobrança de pênaltis: Vasco campeão

DEUS DA RAÇA
Aos 44 minutos do segundo tempo...

O GLOBO

CRAQUES DE SOBRA
O Fla pressiona, mas o Vasco vence o campeonato de 1958

SILVIO VIEGAS

ÍDOLO OU VILÃO?
Bebeto brilhou no Flamengo antes de ir para o Vasco

ONDE AS MULTIDÕES SE ENCONTRAM

No final da década de 20, o *Jornal do Brasil* criou a Taça Salutaris (marca de uma água mineral) para dar ao clube mais popular do Brasil. Depois da apuração e da vitória do Flamengo, centenas de votos vascaínos foram encontrados nas privadas e no poço do elevador do próprio jornal. Pronto. A rivalidade estava oficializada. Os rubro-negros acusavam os adversários (mais ricos) de comprarem votos. Os vascaínos se enfureciam com a fraude flamenguista.

Times mais populares do Rio de Janeiro, Vasco e Flamengo levaram para o gramado uma briga que começou nas regatas de remo. Assim, se o Fla-Flu é o clássico carioca de maior tradição, o confronto entre vascaínos e rubro-negros sempre arrastou mais torcedores aos estádios. Afinal, se o Flamengo cresceu cantado pelo povo, o Vasco foi o primeiro a aceitar um jogador negro em seu time.

O clássico, que já lotava a Gávea e São Januário, ganharia sua verdadeira dimensão depois da inauguração do Maracanã, em 1950. Ali, as duas multidões se encontravam e davam início a espetáculos inesquecíveis. Como o de 1951, quando o Flamengo interrompeu com um 2 x 1 a série de sete anos sem vitória sobre o rival no Campeonato Carioca. Logo se tornou o Clássico dos Milhões. Mais recentes, os duelos entre o Flamengo de Zico e o Vasco de Roberto Dinamite, nos anos 70, fizeram história. E alimentaram uma rivalidade que ficou exposta quando o atacante flamenguista Bebeto vestiu a camisa vascaína. Quem amava passou a detestar, quem odiava ficou apaixonado. Pois assim são as rivalidades.

...Rondinelli dá o campeonato de 1978 ao Fla

BONS DE BOLA
Chico, Vevé e Djalma: craques de 1944

VINGANÇA
O lateral Cocada marca o gol que eliminou o Fla

A VANTAGEM RUBRO-NEGRA, JOGO A JOGO

Jogo duro: o empate de 1 x 1 em março de 1990

Data	FLA	X	VAS
29/04/23	1	x	3
08/07/23	3	x	2
28/06/25	2	x	0
25/11/25	0	x	0
13/06/26	2	x	2
24/06/26	2	x	1
11/07/26	3	x	3
12/09/26	1	x	2
15/05/27	1	x	3
19/06/27	3	x	0
04/09/27	2	x	1
02/05/28	2	x	3
01/06/28	0	x	3
30/09/28	1	x	2
10/03/29	1	x	4
16/05/29	2	x	1
14/07/29	2	x	3
27/10/29	0	x	1
13/09/30	0	x	2
07/12/30	1	x	2
26/04/31	0	x	7
18/10/31	0	x	1
17/07/32	2	x	1
16/10/32	1	x	0
25/06/33	2	x	1
01/10/33	0	x	2
01/05/34	2	x	5
22/07/34	3	x	2
07/10/34	4	x	1
15/08/37	2	x	2
22/08/37	2	x	3
10/10/37	3	x	3
19/01/38	5	x	1
12/02/38	5	x	3
22/05/38	3	x	5
24/07/38	3	x	1
04/09/38	0	x	2
13/11/38	1	x	2
17/03/39	6	x	4
11/06/39	0	x	2
03/09/39	3	x	0
03/12/39	4	x	0
30/06/40	2	x	3
15/09/40	3	x	0
08/12/40	1	x	1
24/04/41	1	x	3
01/06/41	3	x	1
03/08/41	2	x	1
05/10/41	1	x	0
09/11/41	1	x	1
26/04/42	1	x	1
28/06/42	1	x	0
30/08/42	2	x	1
16/03/43	1	x	1
29/05/43	2	x	0
31/07/43	1	x	1
02/10/43	6	x	2
19/03/44	2	x	5
24/06/44	2	x	2
26/08/44	1	x	2
29/10/44	1	x	0
08/04/45	4	x	3
13/05/45	1	x	5
16/09/45	1	x	2
18/11/45	2	x	2
24/03/46	0	x	2
19/05/46	1	x	3
03/08/46	2	x	2
07/10/46	3	x	4
25/05/47	2	x	2
19/07/47	1	x	2
14/09/47	1	x	2
30/11/47	2	x	5
30/05/48	1	x	2
01/08/48	1	x	3
24/10/48	2	x	3
21/08/49	2	x	5
13/11/49	1	x	2
14/01/50	1	x	1
24/09/50	1	x	2
26/11/50	1	x	4
25/03/51	2	x	2
16/09/51	2	x	1
22/12/51	2	x	0
20/02/52	0	x	1
28/09/52	2	x	3
14/12/52	0	x	1
03/02/53	2	x	5
26/04/53	1	x	1

Data	FLA	X	VAS
20/09/53	3	x	3
25/10/53	3	x	3
10/01/54	4	x	1
26/05/54	4	x	1
17/10/54	2	x	1
09/01/55	0	x	0
12/02/55	2	x	1
07/05/55	2	x	1
16/07/55	3	x	3
02/10/55	0	x	3
22/01/56	1	x	1
18/03/56	1	x	2
07/10/56	1	x	1
04/11/56	1	x	0
08/05/57	0	x	1
06/10/57	4	x	1
15/12/57	4	x	1
29/03/58	1	x	1
14/09/58	1	x	1
14/12/58	3	x	1
20/12/58	0	x	2
17/01/59	1	x	1
01/03/59	2	x	2
26/04/59	0	x	0
12/07/59	2	x	2
13/12/59	1	x	1
10/04/60	1	x	0
04/09/60	0	x	1
26/11/60	0	x	1
10/01/61	0	x	1
02/04/61	2	x	1
02/08/61	1	x	0
14/10/61	3	x	0
13/12/61	0	x	2
25/02/62	1	x	1
16/09/62	2	x	0
09/12/62	1	x	1
21/03/63	3	x	1
24/08/63	0	x	0
15/11/63	4	x	3
21/03/64	3	x	1
27/08/64	2	x	1
22/11/64	2	x	1
21/01/65	1	x	4
31/01/65	0	x	0
10/04/65	0	x	0
05/05/65	0	x	1
22/07/65	1	x	1
25/08/65	0	x	1
09/10/65	2	x	1
28/11/65	1	x	0
17/03/66	1	x	1
31/03/66	1	x	2
14/08/66	1	x	0

Data	FLA	X	VAS
08/10/66	0	x	0
06/11/66	2	x	1
19/11/66	2	x	0
15/01/67	2	x	0
19/01/67	0	x	2
22/04/67	0	x	0
10/05/67	1	x	2
22/07/67	3	x	4
11/11/67	0	x	4
02/12/67	0	x	3
01/05/68	2	x	1
30/05/68	2	x	2
18/08/68	1	x	0
30/11/68	0	x	2
11/05/69	3	x	0
08/06/69	1	x	1
05/08/69	2	x	1
31/08/69	2	x	0
05/10/69	3	x	1
22/02/70	2	x	0
01/05/70	0	x	0
10/05/70	2	x	0
09/08/70	0	x	1
30/08/70	0	x	1
04/10/70	3	x	1
17/01/71	2	x	1
21/04/71	0	x	1
10/06/71	1	x	0
29/07/71	2	x	1
03/10/71	0	x	0
20/01/72	1	x	0
16/04/72	1	x	0
07/05/72	2	x	2
20/08/72	0	x	0
31/08/72	1	x	0
08/10/72	2	x	1
10/12/72	1	x	1
21/01/73	1	x	0
10/02/73	0	x	1
06/05/73	1	x	0
10/06/73	2	x	1
22/07/73	1	x	2
19/08/73	0	x	0
23/09/73	2	x	2
25/11/73	2	x	1
17/03/74	1	x	1
21/09/74	1	x	0
20/10/74	1	x	1
24/11/74	3	x	1
22/12/74	0	x	0
08/02/75	1	x	2
02/03/75	2	x	2
08/06/75	2	x	1
13/07/75	2	x	3

Data	FLA	X	VAS
07/08/75	0	x	1
07/09/75	2	x	4
04/04/76	3	x	1
13/06/76	1	x	1
27/06/76	4	x	1
14/08/76	2	x	0
21/11/76	0	x	1
03/12/76	2	x	3
13/02/77	1	x	2
20/03/77	2	x	1
24/04/77	0	x	3
07/08/77	0	x	0
28/09/77	0	x	0
29/01/78	0	x	0
17/09/78	0	x	0
03/12/78	1	x	0
04/03/79	1	x	1
15/04/79	2	x	1
22/07/79	4	x	2
09/09/79	2	x	4
28/10/79	3	x	2
03/02/80	0	x	1
03/08/80	0	x	0
19/10/80	0	x	0
16/11/80	2	x	0
17/05/81	0	x	1
17/06/81	1	x	0
20/09/81	1	x	1
29/11/81	0	x	2
02/12/81	0	x	1
06/12/81	2	x	1
19/09/82	0	x	0
23/09/82	1	x	0
20/11/82	1	x	3
05/12/82	0	x	1
05/05/83	2	x	1
08/05/83	1	x	1
05/10/83	0	x	1
27/11/83	3	x	0
05/08/84	0	x	1
04/11/84	1	x	1
12/12/84	1	x	0
10/10/85	0	x	4
30/11/85	2	x	0
20/04/86	0	x	2
22/06/86	1	x	2
27/07/86	3	x	2
03/08/86	0	x	0
06/08/86	0	x	0
10/08/86	2	x	0
19/04/87	0	x	0
17/05/87	0	x	0
22/07/87	0	x	0
09/08/87	0	x	1
20/09/87	2	x	1
31/01/88	1	x	0
08/05/88	0	x	1
12/06/88	1	x	3
19/06/88	1	x	2
22/06/88	0	x	1
04/09/88	0	x	1
23/04/89	3	x	1
12/06/89	1	x	2
05/11/89	2	x	0
04/03/90	1	x	1
15/04/90	1	x	2
16/09/90	1	x	0
24/03/91	3	x	0

RETROSPECTO

- 265 jogos
- 101 vitórias do Flamengo
- 94 vitórias do Vasco
- 70 empates
- 373 gols do Flamengo
- 364 gols do Vasco

POR RUY CASTRO

Flamengo 1 x Vasco 0 (4/12/1978)

As relações entre Rondinelli e a bola não eram exatamente cordiais — ele era pago para varrê-la da área rubro-negra, se preciso espanando os atacantes adversários. A partir daquele jogo, a torcida o chamaria de Deus da Raça

Ninguém, nem a torcida do Flamengo, reparou quando Rondinelli deixou o seu posto de sentinela na nossa zaga e caminhou em direção à área do Vasco da Gama com um ar de quem estava com péssimas intenções. Eram 41 minutos do segundo tempo no dia 4 de dezembro de 1978, no Maracanã, e Zico ia bater aquele córner — talvez o último de um jogo duríssimo. O empate em 0 x 0 dava o título do returno ao Vasco e obrigaria a um jogo extra. E jogo extra com o Vasco, vocês sabem como é — ou nós, flamengos, sabemos, já que ao Vasco nada parece importar mais neste mundo do que nos vencer, o que eles raramente conseguem.

Mas, enfim, Zico levantou a bola na área e, *out of nowhere*, Rondinelli penetrou como um pênis a defesa do Vasco, subiu mais que os orlandos e alfinetes que tomavam conta da Cruz de Malta e deu a testada mortífera contra o gol de Leão. Bola no barbante e, embora ainda faltassem quatro minutos, eu e a torcida do Flamengo sentíamos que uma nova *âge d'or* estava nascendo. O Vasco *nunca* iria empatar e acabava ali, no gol imortal de Rondinelli, o Campeonato Carioca de 1978. Era o primeiro campeonato do que seria o terceiro tri do Flamengo — conquistado em apenas dois anos porque, por uma dessas coisas de cartolas, houve dois campeonatos cariocas em 1979 e o Flamengo ganhou ambos. Foi também o começo da odisséia que nos levaria a uma overdose de faixas e canecos: o primeiro Campeonato Brasileiro, a Libertadores da América, o Campeonato Mundial em Tóquio.

Rondinelli era zagueiro-central, um número 3 na melhor tradição de Pavão, o qual foi um dos heróis do tricampeonato de 1953/1954/1955. A exemplo de Pavão, as relações entre Rondinelli e a bola não eram exatamente cordiais — ele era pago para varrê-la da área rubro-negra, se preciso espanando os atacantes adversários e passando sobre suas canelas como um rodo. A partir daquele jogo, a torcida o chamaria de Deus da Raça , e só o próprio sabe como Rondinelli teve de rebolar para fazer jus ao glorioso epíteto. Anos depois foi parar no Vasco, onde nunca foi deus, e foi bem feito. Mas, naquele dia, ele era o capitão do Flamengo, não por ser o seu melhor jogador (o qual, evidentemente, era Zico, no esplendor dos 25 anos), nem o seu cérebro (que era Carpegiani), nem os seus pulmões (que eram Toninho e Júnior), nem as suas molas (que eram Adílio e Tita), nem o seu artilheiro especialista (que era Cláudio Adão). Para nós, Rondinelli era a alma do time — e é engraçado como, no futebol, essa coisa incorpórea que chamam alma vive sendo personificada num sujeito que nitidamente tomou hectolitros de Toddy em criança, como Rondinelli.

Naquele campeonato, o Flamengo enfiara 4 x 0 no Fluminense, 5 x 0 no Campo Grande, outros tantos no Olaria, 6 x 0 no São Cristóvão, 9 x 0 na Portuguesa e surrara a concorrência de modo geral, num total de 60 gols — *nenhum* deles de pênalti. Era uma ciranda de goleadas semanais, embora o Vasco tivesse passado o campeonato roendo os nossos tornozelos, um ou dois pontos atrás, se tanto. O melhor era que, desta vez, os vascaínos não podiam sequer gemer que Rondinelli se apoiara nos ombros de alguém, como disseram que Valido fez com um tal Argemiro na cabeçada que deu o primeiro tri ao Flamengo, em 1942/1943/1944, também no finzinho do jogo. Pois querem saber de uma coisa? Antes Rondinelli *tivesse* se apoiado e feito o gol com a mão, em escandalosa banheira!

Aí o juiz apitou, começou o longo carnaval rubro-negro no gramado e, enquanto arquibaldos e geraldinos ululavam, um repórter de vestiário recolheu a seguinte impressão sobre Rondinelli:

"Pô! O cara jogou como um leão durante 90 minutos, comandou o time, saiu de uma área à outra para fazer o gol da vitória, deu a volta olímpica carregando a taça, falou para duzentas rádios e foi tomar banho. E sabe como ele estava debaixo daquele chuveiro frio? De pau duro!"

Ruy Castro, 43 anos, é jornalista, autor do livro Chega de Saudade *e* Flamengo desde 1948.

ASSIM COMEÇOU A FESTA
O zagueiro Rondinelli vence a defesa vascaína e dá o título de 1978 ao Flamengo: fecho de uma grande campanha

FOTOS ABRIL

POR ALDIR BLANC

Vasco 2 x Flamengo 1 (15/4/1990)

Desesperada, a imprensa rubro-negra contrata Romário, Geovani, Maradona, mas Bebeto não pára de doer. O "chorão" é a lágrima rubro-negra. Pode não dividir, chutar pra fora. É nosso, é vascaíno, tá lá em casa!

Vasco e Flamengo não é jogo de 90 minutos de duração. Cada partida leva uma vida inteira. Não há intervalo. Os tempos não são marcados por início e fim. Mal o juiz apita, os lances de cada jogo, da mais banal canelada ao lençol imaculado, passam ao repertório de um tempo mítico, no qual se refazem sem jamais se repetirem — como se Deus rebobinasse eternamente o tape dos momentos inesquecíveis no Paraíso. Ou no Inferno.

Uma vez, no Maracanã, o zagueiro Moisés fez o gol da vitória contra o Flamengo. Eu, na parte mais alta do estádio, olhava os trilhos da Leopoldina. O amigo que me encontrou nesse transe estranhou: "Ué, você não está vendo o jogo?" Estava. Eu estava vendo *todos* os outros jogos. Ou, melhor dizendo, vendo *O Jogo*. Minha vista alcançava campos distantes, onde Ademir, Chico, Tesourinha transformavam em golaços passes sagrados do príncipe Danilo. Válter Marciano surgia inteirinho das ferragens de um automóvel para bater espetacularmente uma falta. E converter. Hideraldo Luís Belini e Orlando guardavam a grande área. Em 1958, queimando de febre em Paquetá, eu ouvia de novo a voz da minha mãe: "Calma. O Vasco foi o Supercampeão, com um gol de Roberto Pinto, sobrinho do grande Jajá de Barra Mansa".

Desde a infância descobri que Vasco e Flamengo não é jogo pra se resumir em vitória ou derrota, assim como não se pode dizer que perdemos ou ganhamos da vida e da morte. Vasco e Flamengo é uma seqüência de instantes mágicos, que podem ser ameaçadores e, se aparecem vestidos de Índio, Evaristo, Zico... mas também revivem alegrias, da grande defesa de Barbosa ao gol do Cocada.

E, já que falamos na alma do futebol, o gol, é hora de ver de novo o gol de Bebeto, calvário do André Cruz, gol apelidado pelo Sérgio Cabral de "Dois pra Lá, Dois pra Cá", tormento do Moacyr Luz, do João Nogueira, do Paulo Adário, do Jorge Benjor, do Apolinho etc.

Bebeto é uma grande vitória cruzmaltina, mesmo quando o Vasco perde. Pode o Flamengo se entregar ao cultivo (e à queima...) de pequenos carrascos, tipo Butica (é isso?), Trélio (tá certo?), aquele outro... como é o nome? Pois é. A cada gol desses cabeças-de-bagre, os rubro-negros voltam pra casa eufóricos e... choram: a partida foi ganha mas o ídolo continua perdido.

Desesperada, a imprensa rubro-negra contrata Romário, Geovani, Maradona, mas Bebeto não pára de doer. O "Chorão" é a lágrima rubro-negra. Pode não dividir, chutar pra fora o gol feito, não querer bater o pênalti. É nosso, é vascaíno, tá lá em casa!

Nunca mais o proverbial mulato flamenguista terá a mesma bossa. *Nunca mais*, na cervejinha de antes e depois da peleja, o emérito gozador sacaneará, com a antiga verve, o portuga atrás da máquina registradora: "E aí, galego? Diz alguma coisa, ô cutruco!"

O lusitano apenas sorri. Em seus olhos sereníssimos, lê-se: Bebeto. Dom Sebastião voltou d'Além-Mar num saveiro baiano para o merecido sossego. O rubro-negro treme, amarela e muda de assunto: fala mal do Renato e concentra seu ódio no Botafogo. É como o pé-de-valsa que se vê de cueca na gafieira; como o grande malandro que teve seu cordão de São Jorge afanado pelo otário; como o falastrão que, enquanto comemora na sala a conquista da mulher alheia, vê sua digníssima esposa dando no próprio quintal...

Bebeto é a imagem e o símbolo da Hora-Além-do-Tempo em que o Bacalhau come para sempre o Urubu pelas beiradas.

Aldir Blanc, 44 anos, é músico, compositor e vascaíno roxo.

ARI GOMES

ANDRÉ PRA LÁ, BEBETO PRA CÁ
Com um drible seco e genial sobre o zagueiro André Cruz, o atacante Bebeto marca seu primeiro gol sobre o ex-time, o Flamengo. Foi pelo Carioca de 1990

Corinthians X Santos

ABRIL

ENCONTRO DE CRAQUES
Rivelino marca Pelé no Paulista de 1965: iriam jogar juntos cinco anos depois

DO OUTRO LADO
Com a camisa do Santos, em 1988,...

CLAUDINEI PETROLI

FINAIS SANTISTAS
Serginho marca em 1984: em duas decisões, só deu Santos

CARLOS FENERICH

ALEGRIA CORINTIANA
Com Edmar, em 1987, o Timão aplicou 5 x 1

Um tabu para cada lado, muitos craques e um ódio recíproco transformaram o jogo entre o Timão e o Peixe em uma autêntica batalha. As armas, porém, sempre foram apenas os gols e o talento dos jogadores

UMA GUERRA FEITA DE BOM FUTEBOL

Por mais que seja visto em todo o mundo como um símbolo da paz e do amor, o branco é sinônimo de um sentimento muito diferente para a nação corintiana: ódio. Durante onze anos, entre 1957 e 1968, os corações dos torcedores do Corinthians se encheram de medo e rancor a cada vez que as camisas brancas do Santos entravam em campo. Não era para menos. Nesse período, o time de Pelé, Pepe e companhia não apenas humilhou o rival, sem lhe permitir nenhuma vitória, como deu início a uma das mais ferozes rivalidades do futebol brasileiro.

O fim do tabu, com os 2 x 0 de 6 de março de 1968, só serviu para tornar o ódio recíproco. Principalmente porque, daí em diante, foi a vez de os corintianos não permitirem vitórias do adversário. Com verdadeiros esquadrões e o talento de jogadores como Sócrates, Palhinha e Zenon, o Corinthians passou sete anos sem conhecer o sabor de uma derrota para o antigo torturador. O grito de liberdade santista viria em 1983, curiosamente com os mesmos 2 x 0 com que se quebrou o primeiro tabu, em 1968.

Mesmo assim, os corintianos ainda guardam a mágoa de nunca terem conquistado um título sobre o Santos. Os dois clubes disputaram duas finais e os santistas levaram a melhor em ambas. Em 1935, conquistaram seu primeiro Campeonato Paulista. Em 1984, impediram os corintianos de comemorar o quarto tricampeonato de sua história. A maior goleada do clássico, porém, foi aplicada pelo Corinthians: 11 x 0, em 1920. Por isso, falar em Santos para um corintiano, ou o inverso, é dar início a um verdadeiro estado de guerra. Uma guerra marcada por ótimo futebol.

ORLANDO KISSNER

...Sócrates também soube o que é vencer o clássico

GERALDO GUIMARÃES

DUPLA DA HISTÓRIA
Com gols de Flávio e Paulo Borges, o Corinthians quebrou o tabu em 1968

APESAR DO TABU, TIMÃO LEVA VANTAGEM

	COR	X	SAN
22/06/13	3	x	6
30/08/14	0	x	0
10/06/17	3	x	3
20/08/17	3	x	0
11/11/17	2	x	3
07/04/18	2	x	2
18/08/18	2	x	4
29/06/19	0	x	1
21/09/19	5	x	0
04/07/20	11	x	0
05/06/21	6	x	1
30/10/21	3	x	3
19/11/22	6	x	2
20/06/23	3	x	1
16/03/24	2	x	1
08/06/24	6	x	1
12/10/24	0	x	2
21/04/25	0	x	1
22/11/25	1	x	2
27/12/25	3	x	1
22/08/26	3	x	2
04/09/27	3	x	8
08/01/28	4	x	4
26/02/28	0	x	1
18/08/28	3	x	1
12/10/28	1	x	1
11/11/28	2	x	3
14/07/29	2	x	1
06/10/29	4	x	1
18/05/30	2	x	0
04/01/31	5	x	2
08/03/31	6	x	2
17/05/31	2	x	3
29/11/31	1	x	1
08/05/32	1	x	7
18/12/32	5	x	3
25/06/33	3	x	3
24/09/33	0	x	6
14/01/34	4	x	3
22/04/34	3	x	0
22/07/34	3	x	0
21/10/34	1	x	0
10/03/35	2	x	3
28/04/35	5	x	2
30/06/35	2	x	1
17/11/35	0	x	2
09/02/36	2	x	1
24/05/36	5	x	1
11/04/37	2	x	3
25/07/37	2	x	2
24/10/37	1	x	0
09/01/38	0	x	1
05/06/38	1	x	0
17/07/38	2	x	0
11/09/38	3	x	0
06/11/38	3	x	2
08/01/39	2	x	1
13/08/39	0	x	0
30/12/39	4	x	1
28/07/40	4	x	1
17/11/40	4	x	2
19/02/41	0	x	1
01/06/41	7	x	0
28/09/41	3	x	2
26/04/42	2	x	2
26/07/42	6	x	2
18/04/43	2	x	1
08/08/43	5	x	2
07/11/43	0	x	1
16/01/44	1	x	2
11/06/44	1	x	1
30/07/44	2	x	1
03/06/45	3	x	0
09/09/45	1	x	2
28/04/46	4	x	2
18/07/46	3	x	3
11/08/46	2	x	1
25/05/47	3	x	2
30/10/47	3	x	0
12/05/48	1	x	2
04/07/48	2	x	3
31/10/48	2	x	3
06/04/49	1	x	2
24/07/49	1	x	2
17/10/49	0	x	0
09/08/50	4	x	3
15/10/50	2	x	2
26/11/50	1	x	2
16/09/51	4	x	1

SILVIO PORTO

1 x 0 Timão em 1990: sem Pelé é um hábito vencer o Santos

	COR	X	SAN
06/01/52	4	x	2
21/02/52	2	x	4
10/08/52	3	x	3
28/09/52	3	x	2
04/01/53	4	x	1
09/05/53	3	x	1
06/09/53	2	x	1
20/12/53	3	x	2
29/06/54	0	x	2
24/10/54	0	x	2
30/01/55	1	x	4
21/04/55	2	x	1
28/08/55	2	x	2
08/01/56	3	x	2
04/04/56	2	x	4
22/04/56	0	x	0
04/07/56	4	x	3
29/07/56	3	x	3
11/11/56	4	x	0
29/12/56	1	x	2
11/04/57	3	x	5
01/05/57	1	x	1
21/05/57	2	x	1
03/11/57	3	x	3
22/12/57	0	x	1
27/03/58	2	x	1
13/04/58	2	x	2
14/09/58	0	x	1
07/12/58	1	x	6
30/04/59	2	x	3
26/08/59	2	x	3
27/12/59	1	x	4
21/03/60	2	x	1
31/07/60	1	x	1
30/11/60	1	x	6
29/03/61	2	x	0
16/08/61	1	x	5
03/12/61	1	x	1
16/06/62	3	x	1
21/06/62	3	x	3
23/09/62	2	x	5

	COR	X	SAN
04/11/62	1	x	2
03/03/63	0	x	2
22/09/63	1	x	3
14/12/64	2	x	2
18/03/64	0	x	3
30/09/64	1	x	1
06/12/64	4	x	7
15/04/65	4	x	4
29/08/65	3	x	4
14/11/65	2	x	4
27/03/66	0	x	0
08/10/66	0	x	3
17/12/66	1	x	1
13/05/67	1	x	1
10/09/67	1	x	2
10/12/67	1	x	2
06/03/68	2	x	0
21/04/68	0	x	2
06/10/68	1	x	2
13/07/69	2	x	0
25/05/69	1	x	1
08/06/69	1	x	3
04/11/69	4	x	1
29/03/70	1	x	0
18/04/70	1	x	1
02/08/70	2	x	2
30/08/70	1	x	1
01/11/70	2	x	0
11/04/71	4	x	2
20/06/71	3	x	3
30/10/71	1	x	1
14/05/72	1	x	1
30/08/72	1	x	0
26/11/72	0	x	4
29/04/73	0	x	3
22/07/73	1	x	1
24/11/73	1	x	0
19/05/74	1	x	1
29/09/74	1	x	0
27/11/74	1	x	0
20/02/75	0	x	2

	COR	X	SAN
20/04/75	0	x	0
13/07/75	1	x	0
31/07/75	0	x	2
08/02/76	0	x	1
13/06/76	0	x	0
20/03/77	1	x	1
29/05/77	4	x	0
04/08/77	2	x	2
04/09/77	2	x	2
29/01/78	1	x	1
08/04/78	0	x	0
20/08/78	1	x	1
26/11/78	1	x	0
12/02/79	2	x	1
10/06/79	1	x	0
15/07/79	1	x	0
23/09/79	0	x	0
06/07/80	1	x	1
05/10/80	3	x	0
31/05/81	2	x	0
27/09/81	2	x	2
22/08/82	1	x	0
21/11/82	1	x	0
31/07/83	0	x	0
23/10/83	0	x	2
13/11/83	1	x	1
27/11/83	0	x	0
16/09/84	0	x	0
02/12/84	0	x	1
10/02/85	1	x	0
24/03/85	0	x	0
11/08/85	2	x	2
17/11/85	2	x	1
19/01/86	2	x	0
20/04/86	0	x	1
26/07/86	2	x	0
03/05/87	0	x	0
07/06/87	2	x	0
16/08/87	5	x	1
22/08/87	0	x	0
27/09/87	0	x	0
21/02/88	1	x	0
03/04/88	3	x	0
03/07/88	3	x	2
17/07/88	2	x	0
14/12/88	1	x	2
11/05/89	0	x	0
04/06/89	0	x	0
18/06/89	3	x	1
28/10/89	0	x	0
22/04/90	1	x	0
15/07/90	3	x	1
12/08/90	0	x	0
04/11/90	1	x	0
06/03/91	2	x	0

RETROSPECTO

226 jogos

97 vitórias do Corinthians

65 vitórias do Santos

64 empates

429 gols do Corinthians

350 gols do Santos

Corinthians 2 x Santos 0 (6/3/1968)

São 22 jogos e meio sem ganhar do Santos. Começa o segundo tempo e Rivelino chuta na trave. Aos treze minutos, no entanto, a explosão. Paulo Borges, de fora da área!

Ser corintiano é decidir que todo ano a gente vai sofrer , diz a letra da bela composição do poeta Gilberto Gil, estranha e lamentavelmente ainda inédita — apesar de feita há oito anos.

Porque é assim mesmo. A vocação alvinegra para o sofrimento é tanta que ao ser provocado sobre um Corinthians x Santos inesquecível logo me vem à cabeça uma derrota — e por 7 x 4! Como se a provocação fosse sobre um Corinthians x São Paulo eu me lembraria de outra tragédia, esta em 1957, quando miseráveis 3 x 1 deram o título ao tricolor. E do mesmo jeito em relação a Corinthians x Palmeiras. Como esquecer da decisão do Campeonato Paulista de 1974, 1 x 0 para os verdes, gol de Ronaldo, o primo de Tostão?

Pois é. Nos aludidos 7 x 4, em 1964, até apanhei da minha gente, na única briga em que me meti num estádio em mais de trinta anos de janela. É que os meus que me cercavam nas gerais do Pacaembu se sentiram enganados, ludibriados por aquele menino que torcia pelo Corinthians até a altura em que o jogo ficou 4 x 4, se calou no 5 e no 6 x 4 e aplaudiu em pé o sétimo gol santista, marcado pelo Rei, da intermediária, no ângulo, indefensável. Emoção fatal. A paixão pela bola falou mais alto que o coração corintiano e tome cascudo, bagaço de laranja na cabeça, ofensas das mais diversas até o rápido abandono do local.

Atávico sofrimento, talvez ainda resquício dos 22 anos de jejum de títulos. Nem mesmo as conquistas estaduais em 1977, 79, 82, 83 e 88, ou a façanha nacional em 1990, parecem suficientes para fazer do corintiano um torcedor seguro de que quando o time entra em campo a vitória é o mais provável. Pelo menos para os da minha geração, anos 50.

Mas é claro que o meu Corinthians e Santos inesquecível não é o de 1964. É o de 1968, o que liquidou um tabu de onze anos sem vencer o time de Pelé. Que noite!

Quarta-feira, 6 de março. Dois dias antes, a maioridade completada; e, então, o melhor presente do mundo.

O Corinthians tinha Ditão, Luís Carlos, Édson, Rivelino, Buião, Paulo Borges, Flávio, Eduardo. O Santos tinha Pelé. Para não ser injusto, tinha também o goleiro Cláudio, tinha Carlos Alberto Torres, Ramos Delgado, Joel, Rildo, Lima, Negreiros, Toninho Guerreiro e Edu. Tinha até um ponta-direita japonês, de nome Kaneko. Em bom português, o time santista era suficientemente categórico para que ninguém precisasse explicar o porquê de um tabu interminável. Era.

Com Diogo no gol, Osvaldo Cunha e Maciel nas laterais, o Corinthians foi à luta, tendo como técnico o gordo Lula, durante anos treinador repleto de glórias do inimigo. Pacaembu lotado. Uma numerada que custava dez cruzeiros passou a valer 25 no câmbio negro. Termina o primeiro tempo: 0 x 0. São 22 jogos e meio sem ganhar do Santos. Começa o segundo. Rivelino chuta na trave. Aos treze minutos, no entanto, a explosão. Paulo Borges, que custara um milhão de cruzeiros na mais cara transação da época, faz o gol que valeria dez vezes mais. De fora da área. E de pé esquerdo, ele que era destro. Teria mais. Aos 31, o gaúcho Flávio termina de vez com a tensão, o medo, o pavor do empate. Recebe de Rivelino e não vacila. 2 x 0. Acabou. O povo se levanta e, soberano, reescreve a história: "Um dois três, o Santos é freguês!"

Juca Kfouri, 41 anos, é corintiano e jornalista só porque antes já era corintiano.

CINCO HOMENS E UM TABU

Em onze anos, muitos tentaram. Mas só Buião, Paulo Borges, Flávio, Rivelino e Eduardo, os atacantes daquela noite, conseguiram realizar um dos maiores sonhos da Fiel nos anos 60: derrotar o Santos

FOTOS ABRIL

Por Plínio Marcos

Santos 3 x Corinthians 1 (nos tempos do tabu)

O Corinthians cresce, torcida grita, time se afoba. Bola fora, rente à trave. Emoção, berreiro da torcida, entusiasmo. E de repente Pelé, Coutinho, Dorval, Jair, Pepe. Que linha. Um a zero Santos

O jogo Santos F.C. de glórias mil e o Corinthians, que marcou mais fundo essa minha passagem pela Terra, foi realizado no Pacaembu. Que ano? Não lembro. Do que lembro é que fui assistir a essa partida por questão de ofício. Eu era nessa época repórter. E me liguei num torcedor do Corinthians. Fui lá pras quebradas do mundaréu. Estava frio. Chovia. Eu me encolhia embaixo de uma marquise e só espreitava os tipos que passavam. Queria ver um torcedor que me parecesse especial, ou melhor dizendo, um que encarnasse toda a torcida corintiana. E não demorou a pintar a figura. Chapéu de feltro. Bandeira, mulato, meia-idade, desdentado, alegrão. Parou no ponto de ônibus, indiferente à chuva. Cheguei junto. Puxei papo.

Ônibus lotado. Meu personagem entra com bandeira e tudo. Se espreme pro meio do carro empurrando os passageiros. Cutuca gente com a bandeira. E eu atrás. Tem muita chiadeira, mas a bandeira é a do Corinthians. Por isso é tolerada. O Figura se explica.

— Fica firme, mano. Hoje a gente quebra a escrita. Tou com palpite.

Entramos. Jogo duro. Enroscamos na borboleta. Revista, umas apalpadelas. É outra batalha conseguir lugar, parada federal. Não tem espaço. É pior do que no ônibus, ninguém arreda um milímetro. Tem que fazer careta e empurrar. Mas é assim. Todos acabam encaixados. Eu e o Figura também. E lá está o jogo. O Santos F.C. de glórias mil todo de branco. O time do Parque São Jorge de camisa riscada e calção preto. Corinthians elétrico, nervoso, feroz, o Santos maneiro, toque, cozinhando o siri em água morna. Isso dá ilusão pra torcida corintiana. Que grita, grita empurrando seu time. O Santos F.C. de glórias mil parece que não quer nada. O Corinthians cresce, torcida grita, grita, time se afoba. Rivelino, Mirandinha. Nervos, afobação. Bola fora, rente à trave. Emoção, berreiro da torcida, entusiasmo. E de repente Pelé, Coutinho, Dorval, Jair, Pepe. Que linha. Um a zero Santos. Nova saída. E o Corinthians cresce em cima do Santos. Outra vez a torcida do alvinegro do Parque São Jorge berra animando o Timão. E o Corinthians cresce, cresce, e, de repente, Dorval, Jair, Coutinho, Pelé, Pepe. Que linha, dois a zero Santos.

Intervalo. O Figura sentou no chão duro da geral. Já não era o mesmo. Estava cansado. Desiludido. Parecia que tinha envelhecido muitos anos. Puxei papo de novo.

— Como é?

— Coisa feita. Amarraram nós na encruzilhada. É uma tia desse crioulo. Ela tem parte. Nem pai Jaú pode com ela. Dizem que o Jaú não quer saber. Jogou pra nós, foi fera. Negro brioso, mas quando mandaram ele embora se zangou. Acabou jogando pro Santos. Acho que ele não encara essas macumbas da tia do Pelé... mas também... se a gente tivesse aí um Teleco... Brandão... Naquele tempo nós era mais nós. É, em 54, Baltazar, Cláudio, Idário... Hoje o Riva... é bom... mas é nervoso...

Segundo tempo começa. O Figura fica em pé e abana a bandeira. Todo Corinthians no ataque. A torcida do alvinegro do Parque São Jorge se anima, berra, berra. O time pressiona. E Rivelino de falta mete na gaveta do Peixe. O Laércio nem viu por onde a bola entrou, a terra treme. É a vibração da nação corintiana. O Figura abana a bandeira com força. E assim que o Santos dá a saída ele senta. Enxuga a testa com a bandeira. Está rindo, mas está pálido. Pergunto:

— Tá bem? — Ele sorri.

— Estou. Agora vamos virar, com nós é assim. Não tem pra ninguém. E é só o Cláudio centrar. O Baltazar tá lá. Vai dar, tem que dar. Pau neles, Idário. Vai firme Goiano. Vai que dá.

O Figura sua. Ele fala em Baltazar. Teleco. Brandão. Domingos. Dino, Carbone, é outro jogo o que ele vê. É a seleção corintiana. Eu não sei o que fazer. Como socorrer o Figura. Tento conseguir ajuda com os torcedores, ninguém liga. Não sei como passar no meio daquela gente... O Figura delira... no seu delírio seu time vence. E de repente Dorval, Jair, Coutinho, Pelé, Pepe. Que linha, três a um pro Santos. Torcida do Peixe explode.

O Figura tenta levantar. Não consegue. Eu abaixo perto dele. Está pálido, trêmulo, agarrado na bandeira, murmura.

— Não falei que ia dar nós? Quem foi? Baltazar? E vai ter mais.

Sorriu. Fechou os olhos. Por certo via uma seleção corintiana correndo em campo. Um time vingador. Cláudio. Teleco. Baltasar. Brandão. Dino. Domingos... sorria.

Depois ele não viu mais nada. O estádio foi ficando vazio. Tudo ficou em silêncio. Pro Figura, pra sempre.

Plínio Marcos, 55 anos, é dramaturgo, escritor, autor teatral e torcedor do Santos F.C. de glórias mil.

UMA LINHA MEMORÁVEL Com Dorval, Jair, Coutinho, Pelé e Pepe, o Santos levou os corintianos à loucura

Bahia X Vitória

O folclore do maior clássico baiano é rico em histórias de misticismo e malandragem, mas esta rivalidade só apareceu depois da inauguração da Fonte Nova, em 1950. Mesmo sendo o confronto de menor tradição, o Ba-Vi já conseguiu se firmar com jogos empolgantes como um dos grandes duelos do futebol brasileiro

APOSTAS MOTIVARAM O BA-VI

Dos grandes clássicos brasileiros, sem dúvida o Ba-Vi é o de tradição mais recente. Até a construção do estádio da Fonte Nova, em 1950, os baianos se empolgavam com as partidas entre Bahia, Ipiranga e Botafogo. Apesar de ter departamento de futebol desde 1902, o Vitória se dedicava mais aos esportes amadores, especialmente o remo. A história começou a mudar a partir de 1953, quando o empresário Luís Martins Catharino Gordilho elegeu-se presidente rubro-negro, investiu no time e conquistou o campeonato.

O clássico se fortaleceu até o início dos anos 60, graças às artimanhas do dirigente do Vitória, que fazia apostas públicas com o presidente do Bahia, Osório Vilas Boas, só para promover as partidas. Com a popularidade, não demoraram as histórias de misticismo. Conta-se que, em 1957, por exemplo, os rubro-negros contrataram um babalorixá que mandou todos os jogadores raparem a cabeça e gritarem "raio de prata!" três vezes ao entrarem em campo. Resultado: 1 x 0 para o rival.

AGORA É PRA VALER
O Vitória esquece o remo e começa a se dedicar ao futebol: campeões em 1957

FOTOS ABRIL

O PRIMEIRO ANO
Os jogadores do Vitória posam com os do recém-formado Bahia em 1931

Jogador que falha em Ba-Vi está condenado. E não faltaram craques no clássico baiano: o rubro-negro Mário Sérgio, o tricolor Bobô e o ponta Osni, que atuou dos dois lados. Além dos centroavantes Beijoca e Dario, que defenderam o Bahia e encheram de histórias este clássico um tanto jovem, mas já rico em folclore e emoções.

FESTA TRICOLOR
O ponta-esquerda Biriba comemora o gol na campanha de 1963

DOS DOIS LADOS
O pequenino ponta Osni e Mário Sérgio...

BEIJA-FLOR DADÁ
O atacante brilha na Bahia com gols e humor

... superam a rivalidade: ídolos nos dois times

O TRICOLOR ESTÁ DISPARADO NA FRENTE

	BA	X	VIT
10/04/32	3	x	0
18/09/32	3	x	0
14/05/33	3	x	2
13/05/34	1	x	0
21/06/34	3	x	4
02/07/34	3	x	4
04/11/34	2	x	0
05/09/35	2	x	6
26/07/36	4	x	2
20/11/36	3	x	1
17/04/38	1	x	0
01/05/38	9	x	4
20/11/38	10	x	2
04/06/39	1	x	1
23/07/39	3	x	1
22/10/39	2	x	5
08/12/39	10	x	1
14/01/40	5	x	2
15/05/40	5	x	3
23/06/40	1	x	1
22/09/40	7	x	2
01/01/41	2	x	1
12/01/41	5	x	3
09/03/41	3	x	1
27/04/41	0	x	1
01/06/41	3	x	3
24/08/41	2	x	4
11/06/42	0	x	0
30/07/42	1	x	3
19/10/42	1	x	2
27/06/43	2	x	0
12/12/43	3	x	3
07/05/44	0	x	2
01/06/44	1	x	0
31/07/44	4	x	3
19/04/44	3	x	5
08/04/45	0	x	0
27/05/45	3	x	5
02/08/45	1	x	4
02/09/45	0	x	0
11/09/45	3	x	2
11/11/45	2	x	1
12/05/46	0	x	3
15/12/46	2	x	1
06/04/47	0	x	0
11/05/47	1	x	0
31/08/47	3	x	1
23/11/47	1	x	1
04/01/48	3	x	1
18/04/48	2	x	1
08/07/48	1	x	7
24/10/48	0	x	3
23/01/49	1	x	2
10/04/49	5	x	0
05/06/49	4	x	2
04/09/49	1	x	1
11/06/50	1	x	1
29/08/50	2	x	1
30/10/50	2	x	1
05/11/50	3	x	4
12/11/50	3	x	1
08/04/51	3	x	0
24/06/51	1	x	3
11/07/51	1	x	1
14/10/51	2	x	3
27/01/52	1	x	1
13/07/52	6	x	1
10/08/52	2	x	2
21/09/52	0	x	1
30/10/52	6	x	1
18/01/53	3	x	1
01/02/53	3	x	1
01/03/53	0	x	2
22/03/53	1	x	2
28/06/53	1	x	2
12/07/53	3	x	2
27/09/53	1	x	2
10/10/53	3	x	3
14/03/54	1	x	3
24/04/54	2	x	1
24/06/54	0	x	1
15/08/54	0	x	0
12/09/54	2	x	0
21/11/54	1	x	0
19/12/54	1	x	1
23/03/55	1	x	0
03/04/55	3	x	1
01/05/55	1	x	2
22/05/55	2	x	0

	BA	X	VIT
12/06/55	0	x	1
14/08/55	0	x	1
18/09/55	0	x	2
04/12/55	2	x	0
18/12/55	0	x	3
25/12/55	2	x	1
01/01/56	3	x	4
19/02/56	0	x	1
12/03/56	3	x	2
24/06/56	2	x	0
14/10/56	2	x	2
17/03/57	1	x	2
14/07/57	0	x	2
09/08/57	2	x	1
15/11/57	2	x	0
23/02/58	1	x	0
09/03/58	0	x	4
16/03/58	0	x	2
20/07/58	2	x	0
31/07/58	1	x	2
03/08/58	2	x	2
06/08/58	5	x	1
19/10/58	2	x	0
05/04/59	4	x	1
17/05/59	1	x	0
04/10/59	0	x	0
18/10/59	1	x	1
21/02/60	0	x	0
29/05/60	0	x	0
09/08/60	1	x	0
09/10/60	4	x	1
11/12/60	3	x	1
15/12/60	0	x	1
18/12/60	2	x	0
26/02/61	2	x	0
23/03/61	1	x	1
03/09/61	1	x	1
17/12/61	0	x	0
20/05/62	1	x	0
01/07/62	4	x	1
04/11/62	1	x	0
21/11/62	0	x	0
03/09/63	2	x	1
05/05/63	0	x	0
18/08/63	1	x	1
25/08/63	0	x	1
25/10/63	0	x	1
16/02/64	0	x	0
29/03/64	2	x	1
23/08/64	1	x	1
30/08/64	1	x	2
25/10/65	1	x	1
13/06/66	0	x	1
19/03/67	2	x	3
27/04/67	0	x	0
02/05/67	2	x	2
07/05/67	0	x	0
27/08/67	0	x	1
24/09/67	1	x	2
03/03/68	1	x	3
21/07/68	0	x	0
01/09/68	0	x	1
11/05/69	1	x	0
22/06/69	1	x	0
23/11/69	2	x	1
01/03/70	1	x	1
04/05/70	2	x	0
24/05/70	2	x	1
07/03/70	1	x	0
25/04/71	0	x	1
01/08/71	1	x	0
21/11/71	1	x	1
24/11/71	1	x	1
28/11/71	1	x	0
26/03/72	0	x	1

	BA	X	VIT
23/04/72	1	x	0
04/06/72	1	x	2
30/07/72	1	x	0
20/08/72	0	x	0
12/11/72	0	x	0
19/11/72	2	x	0
10/12/72	1	x	2
17/12/72	1	x	3
14/01/73	0	x	2
18/02/73	0	x	0
01/04/73	1	x	1
13/05/73	0	x	1
08/07/73	1	x	0
11/11/73	0	x	1
14/02/74	1	x	0
24/03/74	1	x	1
25/08/74	2	x	0
29/09/74	1	x	1
20/10/74	2	x	2
01/12/74	0	x	0
15/12/74	0	x	0
18/12/74	1	x	0
17/04/75	0	x	0
18/05/75	0	x	0
22/06/75	1	x	1
03/08/75	1	x	1
07/08/75	0	x	0
07/09/75	1	x	1
30/11/75	0	x	1
21/03/76	0	x	1
11/04/76	1	x	1
16/05/76	0	x	1
27/07/76	2	x	1
25/07/76	0	x	1
15/08/76	1	x	0
18/08/76	2	x	1
22/08/76	1	x	0
07/09/76	0	x	0
27/03/77	1	x	0
24/04/77	2	x	0
22/05/77	1	x	0
21/08/77	0	x	0
25/09/77	0	x	0
13/11/77	1	x	0
31/01/78	1	x	0
21/03/78	0	x	1
23/04/78	0	x	1
09/07/78	4	x	0
17/09/78	1	x	0
19/11/78	0	x	0
03/12/78	1	x	0
25/03/79	0	x	1
27/05/79	0	x	0
17/06/79	0	x	0
22/07/79	1	x	1
26/08/79	1	x	1
16/09/79	0	x	0
19/09/79	2	x	1
23/09/79	0	x	0
28/09/79	1	x	0
07/10/79	1	x	2
13/07/80	2	x	0
10/08/80	0	x	2
14/09/80	0	x	1
26/10/80	1	x	1
16/11/80	0	x	1
25/04/81	2	x	1
31/05/81	2	x	0
19/07/81	1	x	0
26/07/81	4	x	0
30/08/81	1	x	2
29/11/81	2	x	1
25/01/82	1	x	0
23/05/82	1	x	1
01/08/82	3	x	0

RETROSPECTO

- 303 jogos
- 130 vitórias do Bahia
- 79 vitórias do Vitória
- 94 empates
- 433 gols do Bahia
- 307 gols do Vitória

Charles é a estrela dos últimos tempos

	BA	X	VIT
12/09/82	1	x	0
10/10/82	1	x	1
21/04/83	1	x	1
01/05/83	1	x	1
02/06/83	1	x	1
05/06/83	3	x	1
10/07/83	0	x	0
28/09/83	2	x	1
02/10/83	0	x	0
30/10/83	0	x	0
15/07/84	1	x	1
12/08/84	1	x	1
26/09/84	2	x	0
28/10/84	1	x	1
25/11/84	1	x	0
19/05/85	0	x	1
04/08/85	3	x	0
01/09/85	1	x	1
29/09/85	0	x	2
04/12/85	3	x	1
08/12/85	1	x	1
15/12/85	1	x	0
22/12/85	2	x	1
23/02/86	3	x	0
16/03/86	0	x	1
26/03/86	2	x	1
30/03/86	1	x	1
07/05/86	2	x	0
11/05/86	2	x	0
18/05/86	5	x	0
25/05/86	1	x	1
20/02/87	1	x	0
29/03/87	0	x	0
27/06/87	0	x	0
02/08/87	1	x	1
16/08/87	1	x	1
01/12/87	1	x	0
06/03/88	1	x	1
27/03/88	0	x	0
30/03/88	1	x	0
16/04/88	0	x	0
15/05/88	3	x	1
03/07/88	4	x	0
24/07/88	0	x	1
07/08/88	3	x	0
20/12/88	1	x	0
02/04/89	1	x	2
16/04/89	1	x	1
03/06/89	2	x	0
11/06/89	3	x	1
08/08/89	1	x	1
30/08/89	0	x	0
25/10/89	0	x	0
05/11/89	2	x	1
03/12/89	0	x	3
04/03/90	0	x	0
08/03/90	2	x	0
01/04/90	1	x	2
25/04/90	2	x	0
29/04/90	1	x	1
08/05/90	0	x	1
20/05/90	0	x	1
09/09/90	0	x	1
17/02/91	0	x	1

Por Gilberto Gil

Bahia 1 x Vitória 3 (17/12/1972)

Eu estava voltando do exílio na semana da decisão de 1972 e o meu Bahia improvisou o lento Amorim para marcar André Catimba. Não deu outra

Em função da atitude hostil que o regime resolveu ter em relação a todo o conjunto artístico intelectual brasileiro, nós acabamos tendo problemas com o governo militar, fomos presos e expulsos do país, em 1969. Eu e Caetano Veloso fomos para Londres e só voltamos em 1972. Nesta volta ao Brasil e à Bahia, tinha muito o que colocar em dia, matar a saudade. Nunca fui bom de bola, mas batia meus babas, minhas peladas, e nunca escondi meu grande amor pelo Bahia.

Na volta do exílio, Bahia e Vitória estavam disputando o título de 1972, meio conturbado por causa de ações na Justiça Desportiva. O certo é que a decisão ficou para o mês de dezembro, depois do Campeonato Nacional daquele ano. O Bahia jogava por um empate, e o Vitória tinha de vencer para provocar um jogo extra na decisão do título. Ganhou o primeiro por 2 x 1, e a decisão do título ficou para o dia 17 de dezembro. Eu estava lá, me lembro muito bem. Na época, Antônio Carlos Magalhães, torcedor do Vitória, também era o governador da Bahia, e estava na Fonte Nova. Eram dois grandes times. No Bahia, jogavam ídolos como Douglas, Roberto Rebouças, Baiaco, Eliseu e um goleiro argentino chamado Butice. Do lado de lá, André Catimba, Osni, Mário Sérgio, Jorge Valença, grandes jogadores para um clássico que levou mais de 30 mil torcedores à Fonte Nova. O árbitro era Garibaldo Mattos, um que chegou a trabalhar no cinema e tinha muita fama no futebol brasileiro.

Eu estava no exílio, chegando ao Brasil, e na semana da decisão fizeram muita onda para esta partida. Tiraram Roberto Rebouças do time e fizeram uma improvisão com Amorim no meio da zaga. Um jogador lento para marcar André Catimba, no início de carreira, cheio de velocidade. Não deu outra. Logo no início do jogo, estouraram uma bola na defesa do Vitória e sobrou para André no ataque. Ele ganhou de Amorim na corrida, driblou o outro zagueiro, Onça, aquele que jogou no Flamengo, e fez o primeiro gol da decisão. Me lembro muito bem, porque sempre fui aos clássicos e aquele Ba-Vi de 1972 foi uma das grandes depressões que eu tive no futebol. Amarguei muito aquela derrota do Bahia, e saí do Estádio da Fonte Nova completamente acabrunhado.

Mas o pior ainda estava por vir. Foi a vitória da lógica, da justiça dentro de campo, uma vitória merecida de uma equipe que há sete anos lutava pela conquista de um título baiano. A defesa do Bahia estava completamente desorientada, não conseguia marcar jogadores rápidos, velozes, como Osni, Gibira, André e Mário Sérgio, e o Vitória ainda fez mais dois gols, de pênaltis, cobrados por Osni. Já no final do jogo, Natal fez o único gol do Bahia na derrota de 3 x 1, mas a torcida do Vitória já comemorava o título nas arquibancadas do Estádio da Fonte Nova, fazendo um grande carnaval.

Acredito que o fato de eu ter ficado três anos no exílio, de voltar à Fonte Nova pela primeira vez para ver o Bahia perder um título num clássico contra o Vitória, foi uma situação muito forte, que me fez jamais esquecer aquele clássico. Saí muito triste do estádio.

Gilberto Gil, 49 anos, cantor, compositor e ex-peladeiro das ruas de Salvador, é também um ardoroso tricolor.

VITÓRIA ACIRRA A GUERRA
Em 1972, os rubro-negros ganharam o Ba-Vi, o campeonato e aumentaram o ódio tricolor

FOTOS ABRIL

POR JOÃO UBALDO RIBEIRO

Vitória 2 x Bahia 0 (14/7/1957)

O Vitória treinava pertinho lá de casa e a gente ia conversar com os jogadores. Para consolidar minha paixão, Quarentinha um belo dia esticou uma bola para mim na beira do campo e me chamou de campeão

Eram tempos sérios. Quem dissesse "pimba na gorduchinha" numa casa de família podia ser muito mal interpretado e não existiam essas frescuras de líbero, 4-2-4, cabeça-de-área, ponto futuro e similares. Time de futebol era um goleiro, dois beques, três ralfes (os da direita e da esquerda também chamados de "asas médias") e a linha de frente — dois pontas, dois meias e o centrefor. A formação era a famosa WM — em baianês, "dabliú-mê".

Os uniformes eram também sérios (aliás, o Vitória da Bahia é o primeiro rubro-negro do Brasil, fiquem vocês sabendo), goleiro não usava luvas, não havia anúncios nas camisas e, quando o time do Bahia deu para aparecer em campo exibindo à cintura umas suspeitíssimas faixinhas vermelhas desfiadas nas pontas, até a torcida dele vaiava.

Havia diversos times de respeito e, de vez em quando, o Botafogo, o Ipiranga, o Galícia e até o Guarani levavam um campeonato. O Bahia, nem se fala. Na verdade, todo mundo tinha pelo menos um campeonatozinho de que se gabar, menos o Vitória. Time mais antigo da Bahia, o Vitória nunca havia sido campeão. Sempre rondando a taça e sendo chamado de "grande", mas na última hora quebrando a cara, em decisões trágicas, emolduradas por uivos lancinantes nas arquibancadas, pileques definitivos e mortes passionais. Há quem diga que o fato de sua fundação haver ocorrido numa sexta-feira, treze, tem alguma relação com essa triste sina. Contudo, apesar de ser baiano e, por conseguinte, não poder descartar essa possibilidade, prefiro a tese do hino. Parece que agora mudaram o hino, mas o antigo era uma marcha fúnebre, uma nênia lúgubre e soturna, que transformava o véu da noiva num véu de viúva. Enquanto o hino do Bahia é até hoje dançado nas ruas, ao som de um estribilho vivaz e alegre, os ululos sinistros do hino do Vitória talvez tornassem o ambiente de uma missa de sétimo dia excessivamente tétrico.

Então, dentro desse panorama, por que eu, menino criado em Aracaju (time de fé: Confiança) que só voltou à Bahia aí pelos 10 anos de idade, escolheria logo o Vitória? Fatalidades, fatalidades. Fomos morar na Barra, bairro do Vitória, cujos jogadores se alcunhavam de Leões da Barra. Quando ouvi pela primeira vez o nome, achei lindo, quis logo ser um Leão da Barra também. E, para piorar, o Vitória treinava pertinho lá de casa e a gente ia lá, conversar com os jogadores. Finalmente, para consolidar minha paixão, Quarentinha, o grande Quarentinha, mais tarde do Botafogo do Rio e da Seleção, um belo dia esticou uma bola para mim na beira do campo e me chamou de campeão.

Venho sofrendo muito, desde então. Meu clássico sempre foi o Ba-Vi, embora dolorosas experiências me façam esquecer certos Ba-Vis. Mas tive a glória de estar na Fonte Nova no dia em que o Vitória ganhou seu primeiro campeonato. Não posso dizer que assisti ao jogo. Eu era pequeno, o estádio estava lotado, o Vitória estava com a macaca e a torcida de pé não me deixava ver nada. Mas comemorei do mesmo jeito e até me molhei todo no banho de cerveja promovido pelos barraqueiros do Mercado da Barra. E, se não me falha a vã memória, ainda lembro que alinhamos o nosso triunfante dabliú-mê com Nadinho, Valvir e Alírio; Porunga, Gago e Joel; Tombinho, Alencar, Juvenal, Quarentinha e Ciro. Eu tinha uma bola assinada por todos os onze, mas ela sumiu numa mudança. Deve ser por isso que o Vitória nunca mais foi o mesmo.

João Ubaldo Ribeiro, 50 anos, é escritor e jornalista. Mesmo morando atualmente na Alemanha, não esqueceu seu amor pelo Vitória.

A PRIMEIRA CONQUISTA
Comandados por Quarentinha, os rubro-negros liquidam o Bahia e animam o jovem torcedor

Botafogo X Fluminense

Se de um lado Flamengo e Vasco são os times do povo, Bota e Flu dividem a preferência das classes mais altas. Mas nem esta identidade é suficiente para unir os eternos rivais

ESSA BRIGA VEM DA ZONA SUL

Um dos *rounds* mais acirrados da eterna luta que Botafogo e Fluminense travam desde 1906, quando foi disputado o primeiro Clássico Vovô, só teve solução no ano passado. Depois de anos de disputa jurídica, finalmente decidiu-se que o Fluminense, e não o Botafogo, era o legítimo campeão de... 1907! Quem estranhar a importância que os tricolores deram ao final da pendenga, mesmo passado tanto tempo, por certo desconhece a força da rivalidade entre eles e seus abastados vizinhos de Zona Sul do Rio, os botafoguenses. Motivos para isso não faltaram, no decorrer dos anos.

Dois episódios, porém, permanecem especialmente vivos na memória de torcedores dos dois lados.

Quando em 1957 o Fluminense entrou em campo precisando de apenas um empate para vestir as faixas de campeão, poucos imaginavam que o Botafogo pudesse se superar. O alvinegro, porém, foi além de uma simples vitória — e massacrou o adversário com um histórico 6 x 2, com direito a cinco gols de Paulo Valentim, um deles de bicicleta. Vingança, mesmo, só em 1971. No último jogo de um campeonato que o alvinegro liderou de ponta a ponta, o Flu é que acabou campeão, com um gol marcado pelo ponta Lula a dois minutos do fim do jogo. Pouco importa que os botafoguenses reclamem até hoje de uma falta de Marco Antônio no goleiro Ubirajara, no lance do gol. São detalhes de um clássico que prova: os ricos também torcem.

RODOLPHO MACHADO

FESTA EM MEIO AO JEJUM
Nos difíceis tempos sem título, uma alegria para o Bota: 4 x 0 em 1979

FERNANDO PIMENTEL

MÁQUINA DE MARCAR
Rivelino comanda o Flu no bi de 75/76: vitória de 5 x 1 sobre o velho rival

ABRIL PRESS

6 X 2 NO PÓ-DE-ARROZ
Era o coro da torcida alvinegra depois do massacre na final de 1957

FERNANDO PIMENTEL

HAJA CORAÇÃO!
Lula *(à direita)* fez o gol do Flu campeão

ALBERTO FERREIRA

VÍTIMA CONSTANTE
Garrincha avança contra o Flu, para variar

IGNACIO FERREIRA

MAIS QUE CAMPEÃO
Melhor que o título de 1980 só este 4 x 0

DEZOITO VITÓRIAS SEPARAM OS RIVAIS

MARCO A. CAVALCANTI

O 0 x 0 no Carioca de 90 foi o último empate entre os dois

	BOTA X FLU
13/05/06	0 x 8
14/06/08	4 x 2
02/09/06	0 x 3
30/09/06	0 x 6
22/09/07	4 x 2
1908	4 x 4
02/11/08	2 x 2
09/05/09	2 x 2
22/08/09	1 x 2
22/06/10	3 x 1
25/09/10	6 x 1
31/08/13	3 x 0
01/11/13	0 x 3
21/06/14	1 x 0
08/11/14	2 x 2
04/07/15	2 x 2
12/10/15	1 x 4
25/06/16	2 x 7
26/11/16	3 x 3
15/08/17	2 x 4
18/11/17	2 x 1
14/07/18	0 x 0
29/09/18	1 x 2
20/07/19	1 x 2
23/11/19	2 x 5
18/07/20	1 x 3
07/11/20	2 x 1
22/05/21	1 x 1
25/07/21	1 x 0
21/05/22	2 x 1
16/07/22	0 x 0
06/05/23	5 x 3
08/07/23	1 x 2
18/05/24	0 x 1
17/08/24	0 x 2
03/05/25	2 x 2
27/09/25	1 x 2
02/05/26	1 x 3
18/07/26	3 x 4
05/06/27	1 x 3
14/08/27	1 x 1
22/04/28	1 x 3
05/08/28	2 x 3
14/07/29	0 x 1
26/10/29	0 x 2
14/09/30	3 x 2
07/12/30	2 x 2
07/06/31	1 x 0
29/11/31	1 x 2
29/05/32	1 x 1
28/08/32	2 x 0
14/11/37	0 x 1
02/01/38	1 x 2
16/10/38	3 x 0
25/12/38	0 x 2
21/05/39	4 x 1
13/08/39	2 x 1
12/11/39	2 x 3
09/06/40	3 x 3
08/09/40	2 x 2
01/12/40	1 x 3
01/06/41	2 x 3
03/08/41	3 x 2
12/10/41	0 x 2
17/11/41	1 x 2
17/05/42	1 x 1
19/07/42	2 x 1
20/09/42	1 x 1
04/07/43	0 x 1
04/09/43	3 x 5
22/07/44	0 x 1
24/09/44	1 x 1
22/07/45	1 x 1
07/10/45	1 x 0
28/07/46	3 x 2
29/09/46	4 x 2
30/11/46	1 x 3
22/12/46	0 x 1
28/09/47	2 x 1
14/12/47	2 x 2
01/08/48	5 x 2
24/10/48	2 x 2
28/08/49	0 x 1
10/11/49	1 x 2
15/01/50	0 x 2
16/09/50	0 x 1
24/11/50	3 x 3
21/10/51	1 x 2
16/12/51	3 x 1

	BOTA X FLU
09/02/52	2 x 0
26/10/52	0 x 2
13/12/52	1 x 3
03/05/53	2 x 2
02/08/53	1 x 2
22/11/53	3 x 1
02/01/54	0 x 1
15/05/54	0 x 4
25/09/54	2 x 3
15/01/55	1 x 3
27/01/55	3 x 3
22/10/55	0 x 1
20/11/55	2 x 2
12/05/56	1 x 2
02/12/56	0 x 2
09/05/57	3 x 3
29/09/57	0 x 1
22/12/57	6 x 2
13/01/58	2 x 1
23/01/58	2 x 0
16/03/58	1 x 1
10/05/59	1 x 0
13/09/59	1 x 2
20/12/59	3 x 3
27/03/60	2 x 2
24/07/60	0 x 1
27/11/60	1 x 1
09/03/61	4 x 3
24/09/61	2 x 2
15/10/61	2 x 2
14/12/61	1 x 0
18/02/62	1 x 0
15/09/62	2 x 0
08/11/62	1 x 0
07/03/63	2 x 2
17/08/63	1 x 0
10/11/63	3 x 0
19/04/64	2 x 0
06/09/64	0 x 2
29/11/64	1 x 0

	BOTA X FLU
31/03/65	3 x 0
12/05/65	2 x 7
01/08/65	1 x 1
29/08/65	2 x 0
26/09/65	1 x 1
13/11/65	3 x 1
27/02/66	2 x 3
06/08/66	0 x 0
29/10/66	0 x 1
13/11/66	1 x 0
15/04/67	3 x 4
11/08/67	2 x 0
07/09/67	1 x 0
10/12/67	1 x 1
24/03/68	1 x 1
25/05/68	3 x 1
01/09/68	1 x 0
14/09/68	1 x 2
23/03/69	1 x 1
22/05/69	3 x 1
02/08/69	0 x 1
13/08/69	1 x 0
23/11/69	1 x 0
11/04/70	1 x 1
17/05/70	0 x 2
05/07/70	0 x 0
23/08/70	2 x 1
12/11/70	1 x 1
18/04/71	1 x 0
27/06/71	0 x 1
29/07/71	1 x 0
26/09/71	0 x 0
09/04/72	0 x 1
14/05/72	0 x 1
30/07/72	1 x 0
19/11/72	2 x 1
25/03/73	2 x 1
26/07/73	0 x 2
15/08/73	0 x 1
02/09/73	4 x 0

	BOTA X FLU
18/11/73	0 x 0
02/06/74	1 x 0
11/08/74	1 x 2
19/10/74	1 x 0
07/12/74	0 x 0
21/04/75	1 x 2
15/06/75	2 x 0
06/07/75	0 x 2
17/08/75	1 x 0
05/10/75	1 x 3
23/11/75	0 x 2
02/05/76	1 x 3
20/06/76	1 x 0
14/08/76	1 x 5
25/08/76	0 x 0
07/09/76	0 x 2
27/03/77	2 x 0
07/09/77	1 x 2
11/12/77	0 x 1
07/09/78	3 x 2
02/12/78	0 x 2
15/03/79	0 x 1
11/04/79	2 x 2
15/07/79	1 x 4
19/09/79	0 x 0
21/10/79	4 x 0
02/08/80	1 x 1
31/08/80	0 x 4
15/11/80	2 x 2
14/06/81	1 x 1
30/08/81	2 x 0
21/11/81	3 x 1
11/09/82	1 x 1
14/11/82	0 x 3
04/09/83	1 x 1
20/11/83	1 x 1
09/09/84	1 x 3
18/11/84	4 x 2
29/09/85	0 x 1
23/11/85	0 x 2
19/04/86	4 x 1
08/07/86	0 x 2
18/04/87	1 x 2
19/09/87	1 x 1
17/03/88	2 x 2
17/04/88	0 x 2
03/09/88	1 x 1
16/04/89	0 x 0
21/05/89	2 x 2
12/11/89	0 x 2
11/02/90	2 x 0
01/04/90	0 x 0
24/09/90	1 x 0
24/11/90	2 x 0
01/05/91	0 x 1

RETROSPECTO

224 jogos
73 vitórias do Botafogo
91 vitórias do Fluminense
60 empates
312 gols do Botafogo
351 gols do Fluminense

Botafogo 6 x Fluminense 2 (22/12/1957)

Paulinho fez cinco gols e Mané o outro. Foi uma festa só, lá em casa: papai, eu e Netinho fizemos o maior carnaval. É que, a partir daquele dia, o Botafogo tinha um novo torcedor: meu irmão

Fui buscar "em algum lugar do passado" um clássico inesquecível. Foi no ano de 1957. Eu tinha pouco mais de 6 anos. A vida começava a despertar. As paixões também. Uma delas, o futebol. O meu avô, o velho "Bastião" Braz, havia sido tudo no Uberaba Sport: de treinador a presidente. O papai contava gostosamente as histórias de seu tempo de jogador. E olhe que ele tinha muito o que contar. O seu espírito misterioso e brincalhão estava no seu próprio nome: Sherlock Holmes.

Papai levava a gente, eu e meu irmão, para ver os jogos do Uberaba Sport. É verdade que, com 6 anos, eu queria mais era esperar pela pipoca do intervalo. Mas na hora do jogo o coração já batia forte. E ele — o coração — palpitou de verdade quando descobriu o amor pelo Botafogo. E esse amor chegava pelo rádio. Foi uma descoberta diferente: papai, o velho Sherlock, era completamente surdo. A única maneira dele torcer pelo "seu" Botafogo era me colocar à frente do rádio. Os locutores iam dizendo os nomes dos jogadores e eu ia repetindo. Ele era "fera" na leitura labial. A fantasia do rádio me levava aos sonhos: era maravilhoso poder imaginar os incríveis dribles de Mané Garrincha, a classe de Didi, Nílton Santos. Os gols de Paulo Valentim. A cada gol a paixão ia crescendo em mim.

Cada vez que a bola chegava perto de nosso gol, meu coração quase saía pela boca. Eu morria de medo. Era duro levar um gol. Eu sabia que isso faria meu pai ficar triste. E eu, é claro, ficaria também. Mas, quando era ataque do Botafogo, sentia uma vontade enorme de empurrar os jogadores com minhas mãos de criança. Só que não era preciso. O time era tão bom, mas tão bom, que se empurrava sozinho. Era quase uma covardia! O Botafogo massacrava os adversários. Era puro prazer! E eu confesso uma coisa: até hoje esse gostinho de vitória é mais saboroso contra o Flamengo.

Lembro bem aquela decisão de 57: Botafogo e Fluminense. O meu irmão Netinho, um pouco mais velho do que eu, era tricolor. Não sei bem por quê. Acho que nem ele. Mas a verdade é que ele sabia de cor o time do Fluminense. Aliás, um timaço. Para o Botafogo, ser campeão era uma rotina. Mas aquele título de 57 foi memorável. Foi a primeira vez que eu — uma criança — me senti vencedor, uma sensação inesquecível. Com um minuto de jogo, já estava 1 x 0. Era um dia de Garrincha e Paulo Valentim. Sozinhos, eles destruíram o tricolor. No fim, Botafogo 6 x 2. Fora o show, como se dizia. Paulinho fez cinco gols e Mané o outro. Foi uma festa só, lá em casa: papai, eu e Netinho fizemos o maior carnaval. É que, a partir daquele dia, o Botafogo tinha um novo torcedor: meu irmão.

Hoje, 34 anos depois, tudo está muito diferente. Os tempos são outros. Mas, mesmo assim, não dá pra esconder a alegria quando meus filhos Fernando e Frederico vêm com aquele apelo irresistível a cada domingo de Maracanã: "Pai, leva a gente pra ver o Fogão". O amor está aí. E pensar que tudo começou, de verdade, naquele Botafogo x Fluminense de 57.

ABRIL

Fernando Vannucci, 40 anos, apresentador da TV Globo, desde criança já vibrava com os schulaps do Botafogo.

AG. O GLOBO

SHOW DE PAULINHO O atacante Paulo Valentim prepara-se para marcar o terceiro dos seus cinco gols na histórica goleada sobre o Fluminense em dezembro de 1957

Fluminense 1 x Botafogo 0 (27/6/1971)

Brincar contra o Fluminense durante um clássico não é recomendável. Porque quando o time é fraco e não joga, por ele joga a nossa camisa. A indigesta camisa tricolor

Um tricolor que se preze não poderá jamais se esquecer de uma humilhação a nós imposta em pleno Maracanã. Nesse dia, o centroavante Paulinho, do alvinegro, arrebentou a pedradas a bem cuidada leiteria do São Castilho e perdemos feio: 6 x 2, se não estou enganado. Aquele placar ficou engasgado em nossas gargantas até que resgatamos — e com juros — derrota tão acachapante. Foi num jogo noturno e Tim era nosso técnico. Ganhamos de um Botafogo completinho, com Garrincha e Cia. Eles abriram o marcador e ficaram naquele um enquanto nós fizemos meia dúzia. Amoroso matou a pau e até Gílson Nunes entrou com bola e tudo num dos gols dessa fieira. Foi tão grande o estrago que Geninho, técnico na época, pediu o boné e voltou para sua Minas Gerais.

É evidente, penso eu, que o jogo mais dramático e tenso ocorrido entre Botafogo e Fluminense foi aquele que acabou por nos dar o campeonato. Uma virada fantástica na tabela. Só nos interessava a vitória, faltavam poucos minutos. Um chuveirinho quente sobre a meta de Ubirajara — de pequena estatura — e, subindo com ele, o esguio e enorme Marco Antônio. Juro que não vi falta no lance, porém, depois, ela foi confessada pelo próprio Marco Antônio. Defendo uma tese: quando o goleiro é baixo, se acossado com perigo, nada como um belo soco para afastar a bola da pequena área. Ubirajara apelou para fazer pose, talvez tomado de uma euforia que levava todo o timaço do Botafogo a ensaiar um olé contra nosso timinho. Eles precisavam apenas do empate e já estávamos a menos de 5 minutos do final. Lembro-me do Paulo César Caju — que depois chorou copiosamente no vestiário — ensaiando embaixadas desmoralizantes contra toda nossa defesa.

Voltemos ao lance do campeonato. Do esbarrão ocorrido entre Ubirajara e Marco Antônio, a bola ficou — se não me engano, e me engano quase sempre — entre o artilheiro Flávio e o ponteiro Lula. Mas com certeza foi ele quem desferiu o tiro de morte contra um Botafogo revoltado e estarrecido. Brincar com o Fluminense durante um clássico não é recomendável. Porque quando o time é fraco e não joga, por ele joga nossa camisa. A indigesta camisa tricolor!

Não sei se acontece com outros tricolores o que ocorre comigo. Diferente deles — que elegeram o América por seu segundo time —, eu, se não fosse um tricolor total, certamente teria sido botafoguense. Muitos elos subjetivos me uniram ao Botafogo. Íntimo do filho do presidente Eduardo Trindade, torci como um desvairado para o Botafogo ser campeão de 1948 contra o Vasco. Assisti a esta decisão ao lado do meu amigo Carlos Alberto Trindade. Outros fatores tornaram o alvinegro simpático a mim. Meu querido primo Jardel Filho rompeu com o nosso Fluminense e foi ser atleta da Estrela Solitária. Dois outros amigos extracampo balançaram meu coreto. O irreverente Carlyle — de quem posteriormente herdei o apelido no futebol de praia — e o queridíssimo e eterno amigo Valdir Pereira, o Didi, de tantas e tão boas recordações.

O Fluminense para mim é algo indiscutível. Certa vez, ingenuamente, depois de uma derrota esmagadora, tentei virar a casaca. Eu finalmente passaria a ser botafoguense. Ledo engano. Quanto tentei "virar a casaca", descobri que não era aquele traje que me vestia de Fluminense. Era a minha própria pele. Sou um tricolor de entranhas. Indevassáveis.

O GOL QUE CAUSOU POLÊMICA
O juiz não marcou, mas o lateral Marco Antônio confessou depois que se apoiou no goleiro Ubirajara para dar a vitória ao Fluminense

AG. J.B.

ABRIL

***Ronaldo Bôscoli**, 61 anos, é compositor e torcedor do Fluminense.*

Palmeiras X São Paulo

ABRIL

ARMANDO CONFUSÃO
Mesmo agarrado pela camisa, Leivinha faz 1 x 1 na final de 1971. Mas o juiz, pressionado, anula o gol

MUITO MAIS QUE UMA RIVALIDADE

Uma rivalidade, é certo, pode extrapolar as linhas de um campo de futebol e, às vezes, atravessar os anos. Constata-se isso sobre São Paulo e Palmeiras, quando se ouve o ex-goleiro alviverde Oberdan Catani. A mágoa que o velho palestrino traz do arquiinimigo não se refere a inapeláveis derrotas sofridas dentro de campo, mas à atuação do tricolor no episódio da troca de nome do Palestra para Palmeiras. "Os dirigentes do São Paulo fizeram muita pressão", testemunha o ex-goleiro, evocando uma ferida aberta na alma palestrina.

Se as queixas de Oberdan referem-se a um episódio anterior ao fim da Segunda Guerra Mundial, as novas gerações de palmeirenses têm também seus motivos para não gostar do São Paulo. Não foi contra o tricolor que Armando Marques teria anulado um gol legítimo de Leivinha na decisão do Campeonato Paulista de 1971? E o gol de Serginho, nas semifinais do Paulistão de 1978, eliminando o Palmeiras da disputa do título contra o Santos no último minuto da prorrogação?

Mas, no outro lado deste clássico marcado por ressentimentos, a recíproca de ódio também é verdadeira. A "última" do Verdão pra cima do tricolor, são-paulino nenhum esquece. Nas finais do recente Campeonato Paulista de 1988, um gol do palmeirense Gérson Caçapa acabaria não só eliminando o São Paulo como — pasmem os dois lados — entregando o título de bandeja para o Corinthians. Além do que, qualquer são-paulino sabe, o tricampeonato só não veio até hoje porque, em 1947, 50 e 72, o Palmeiras era a pedra no caminho. Motivos suficientes para tornar a frase preferida do ex-são-paulino Forlan — *"Los mataremos"* — a senha para o sucesso neste clássico.

MANOEL MOTTA

SERGINHO DEVASTA O VERDE
Sem arroubos ecológicos e faltando um minuto, ele leva seu time à final

BIS NO NACIONAL
Apesar do 0 x 0, o bi brasileiro é verde

Em campo, palmeirenses e são-paulinos têm um código comum: odiar o outro acima de tudo, mesmo com o prejuízo de ambos. Subvertendo mandamentos e agitando as torcidas

SAULO MAZZONI

TARDE DE GALA
Em 1985, um surpreendente empate em 4 x 4

ABRIL

SURGE O ALVIVERDE
No primeiro jogo de nome novo: 3 x 1

GERALDO GUIMARÃES

UMA LIGEIRA SUPREMACIA TRICOLOR

	PAL	X	SP
25/10/36	3	x	0
14/03/37	0	x	0
25/07/37	1	x	0
05/06/38	4	x	2
10/07/38	3	x	0
27/10/38	2	x	1
22/12/38	1	x	0
26/03/39	0	x	6
02/07/39	2	x	1
15/10/39	1	x	2
14/03/40	3	x	1
11/08/40	3	x	1
08/12/40	4	x	1
15/06/41	0	x	0
05/10/41	1	x	2
14/03/42	1	x	1
14/06/42	2	x	1
09/07/42	0	x	1
20/09/42	3	x	1
13/06/43	1	x	2
27/06/43	0	x	0
03/10/43	0	x	0
01/03/44	1	x	2
04/06/44	3	x	3
17/09/44	3	x	1
11/03/45	1	x	0
22/04/45	0	x	1
23/09/45	1	x	1
17/03/46	2	x	1
21/07/46	1	x	1
10/11/46	0	x	1
14/05/47	1	x	2
17/08/47	4	x	3
14/12/47	1	x	1
15/08/48	1	x	2
28/11/48	3	x	3
05/02/49	1	x	2
24/07/49	1	x	5
23/10/49	2	x	4
21/01/50	3	x	2
24/05/50	0	x	0
06/08/50	2	x	2
15/10/50	2	x	0
13/01/51	3	x	0
28/01/51	1	x	1
18/02/51	2	x	0
27/05/51	3	x	2
23/09/51	0	x	1
13/01/52	3	x	0
12/03/52	1	x	1
02/07/52	1	x	0
15/08/52	1	x	1
07/09/52	1	x	2
12/10/52	1	x	2
28/12/52	2	x	2
13/01/53	1	x	2
15/03/53	4	x	0
12/04/53	1	x	1
13/09/53	1	x	3
07/02/54	1	x	2
16/05/54	1	x	0
18/07/54	1	x	1
10/10/54	1	x	2
16/01/55	1	x	1
05/05/55	1	x	0
04/09/55	2	x	0
08/01/56	2	x	2
18/04/56	2	x	0
23/05/56	1	x	2
30/09/56	0	x	3
10/11/56	0	x	5
27/12/56	3	x	5
07/02/57	0	x	1
05/04/57	3	x	3
08/05/57	1	x	1
04/08/57	0	x	0
10/11/57	2	x	4
22/12/57	0	x	1
12/03/58	2	x	5
26/06/58	4	x	3
17/09/58	1	x	1
06/12/58	2	x	2
03/04/59	3	x	0
23/04/59	3	x	4
09/09/59	2	x	0
20/12/59	0	x	2
06/04/60	4	x	1
01/06/60	1	x	0
24/07/60	2	x	2

NELSON COELHO

O atacante Careca conduz o Palmeiras no 2 x 1 de outubro de 1990

	PAL	X	SP
19/10/60	2	x	0
19/03/61	1	x	1
20/08/61	0	x	0
22/11/61	0	x	0
03/03/62	1	x	2
08/03/62	1	x	1
13/05/62	0	x	1
20/09/62	2	x	3
13/12/62	0	x	1
14/03/62	1	x	2
14/02/63	1	x	2
25/09/63	1	x	3
17/12/63	1	x	0
23/04/64	3	x	0
30/08/64	0	x	0
15/11/64	2	x	5
27/02/65	2	x	0
19/05/65	5	x	0
08/08/65	1	x	0
24/10/65	2	x	1
26/03/66	2	x	4
09/10/66	4	x	2
15/12/66	3	x	0
06/05/67	1	x	1
27/08/67	1	x	1
03/12/67	0	x	0
14/03/68	1	x	2
26/05/68	1	x	0
12/10/68	1	x	1
03/11/68	2	x	3
23/02/69	1	x	3
27/04/69	3	x	0
11/06/69	1	x	0
05/11/69	1	x	2

	PAL	X	SP
01/04/70	1	x	1
21/04/70	1	x	1
29/07/70	0	x	1
23/08/70	1	x	0
20/09/70	2	x	0
21/03/71	1	x	2
27/06/71	0	x	1
23/10/71	1	x	1
24/02/72	0	x	0
21/05/72	0	x	0
03/09/72	0	x	0
22/11/72	0	x	0
10/12/72	0	x	2
20/05/73	0	x	0
17/06/73	0	x	0
15/07/73	1	x	1
25/11/73	1	x	2
20/02/74	0	x	0
24/04/74	1	x	2
30/04/74	0	x	2
12/06/74	1	x	0
06/10/74	1	x	1
10/11/74	2	x	1
25/05/75	0	x	1
20/07/75	1	x	1
03/08/75	0	x	0
12/10/75	0	x	0
08/02/76	0	x	0
12/05/76	1	x	1
04/07/76	1	x	0
15/08/76	1	x	0
17/10/76	2	x	1
13/03/77	3	x	2
15/05/77	1	x	3

	PAL	X	SP
14/08/77	1	x	3
03/09/77	0	x	0
06/11/77	2	x	0
23/04/78	0	x	0
09/07/78	1	x	1
10/09/78	0	x	0
01/04/79	2	x	0
09/05/79	0	x	1
17/06/79	0	x	1
05/08/79	1	x	1
06/10/79	0	x	2
05/07/80	0	x	1
05/08/80	0	x	4
12/10/80	0	x	3
17/05/81	3	x	0
02/08/81	0	x	1
04/10/81	2	x	6
05/09/82	2	x	0
17/10/82	3	x	1
24/07/83	1	x	1
30/10/83	1	x	2
20/11/83	2	x	2
26/11/83	0	x	1
28/04/84	1	x	0
23/05/84	2	x	0
09/09/84	2	x	1
25/11/84	1	x	1
16/03/85	4	x	4
03/02/85	2	x	2
14/07/85	2	x	3
10/11/85	2	x	1
06/04/86	1	x	1
27/07/86	1	x	5
02/11/86	0	x	0
14/12/86	2	x	2
02/05/87	1	x	0
19/07/87	0	x	0
15/08/87	0	x	0
23/08/87	1	x	3
26/09/87	2	x	1
10/04/88	1	x	3
03/07/88	1	x	2
17/07/88	1	x	0
13/11/88	1	x	1
30/04/89	1	x	1
05/11/89	2	x	2
15/04/90	2	x	0
21/10/90	2	x	1
04/04/91	0	x	0

RETROSPECTO

206 jogos

67 vitórias do Palmeiras

68 vitórias do São Paulo

71 empates

268 gols do Palmeiras

264 gols do São Paulo

Por Giovanni Bruno

Palmeiras 3 x São Paulo 3 (5/4/1957)

Se o São Paulo tinha Gino e Negri, o Palmeiras não ficava atrás. Sempre fui fã de Canhotinho e Lima, que jogava com um gorrinho na cabeça e infernizava a vida das defesas adversárias

Foi naturalmente no Pacaembu, o melhor lugar do mundo para se ver futebol, que aconteceu o jogo mais emocionante da minha vida, um 3 x 3 entre o meu Palmeiras e o São Paulo. Assim que cheguei da Itália, ganhei dois grandes amores: a cidade de São Paulo e o Palmeiras. E esse jogo me marcou muito porque acabei saindo do estádio sem camisa e todo ensangüentado.

Se o São Paulo tinha Gino, Negri e outros craques, o Palmeiras não ficava atrás. Sempre fui fã de Canhotinho e Lima, que jogava com um gorrinho na cabeça e infernizava a vida das defesas adversárias. Para mim, eles eram mais que jogadores — tratava-se de verdadeiros artistas.

Nesse dia, houve tantas viradas no marcador que nem me lembro. Só sei que, hoje, meu coração já não agüentaria mais tantas e tão fortes emoções. Estávamos em um grupo de palmeirenses, assistindo ao jogo da geral, no alambrado, que sempre foi meu lugar preferido. De lá, é como estar em um teatro, sempre na primeira fila. Tenho muitos amigos no São Paulo, mas, na hora do jogo, o fanatismo sempre fala mais alto.

Um mês antes já aguardávamos o dia da partida com ansiedade, e, como naquele tempo trabalhava também aos domingos no restaurante Gigetto, tive que trocar o dia livre por quatro plantões com um colega. Mas como valeu a pena! Foi tão emocionante que, em um dos gols do Palmeiras, de repente vi-me pendurado no alambrado, onde acabei deixando minha camisa.

Cheguei em casa todo sujo, ensangüentado, mas feliz. Os dois times haviam feito uma exibição de gala. No entanto, entre eles, é mesmo o Palmeiras de Luís Villa e Valdemar Fiúme que não me sai da lembrança. No dia seguinte, em *A Gazeta Esportiva*, Tomás Mazzoni fez uma das mais belas crônicas da história do futebol sobre aquela partida. Os que dela participaram terão para sempre minha eterna gratidão — e é importante que cheguem às novas gerações os feitos daqueles vinte e dois heróis vestidos de verde e de tricolor.

Em especial os que defenderam o Palmeiras, exemplos de raça e dedicação. Eles souberam, naquele dia, elevar como nunca o nome do amor que escolhi assim que desembarquei da Itália. Mais que participantes de um jogo de futebol, eles estarão sempre presentes nos meus sonhos de alviverde. Sonhos que, por certo, podem se repetir a cada vez que onze camisas verdes entrarem em campo. Mas que nunca se apagarão de minha memória de torcedor apaixonado.

CRAQUES EM TARDE DE GALA
Zizinho e Valdemar Fiúme regem suas orquestras no Pacaembu, em 1957. Só podia dar empate

FOTOS ABRIL

Giovanni Bruno, *57 anos, italiano de Salerno, é palmeirense desde que chegou ao Brasil, em 1950.*

POR NEIL FERREIRA

São Paulo 1 x Palmeiras 0 (27/6/1971)

Os palmeirenses só se lembram daquela majestosa figura vestida de negro, assoprando um apito mais alto que a gritaria, o braço direito levantado e a mãozinha apontando o gol de mão de Leivinha

Lembrar um São Paulo x Palmeiras inesquecível é fácil. Todos os que ganhamos são inesquecíveis. Aquele 6 x 2, por exemplo, quando o Mário Sérgio gastou a bola e acabou com o jogo. Mas não é desse que quero falar. Quero falar daquele 1 x 0 de 1971, que é gostoso dobrado. Primeiro, porque foi o 1 x 0 do bicampeonato 1970/71. Há quantos anos um palmeirense não sente o gostinho nem de ser campeão? O gostinho de sair da fila, comemorar? Quase 15 anos, isso já é vestibular de corintiano, é sofrimento grave, coisa séria. Segundo porque teve o Armando Marques, com olho de águia, anulando o gol de mão do Leivinha, pensava o que esse Leivinha, pensava que era o Maradona jogando contra a Inglaterra?

Os palmeirenses se lembram desse jogo quase mais do que os são-paulinos. É uma pedra no sapato, uma espinha na garganta, um cisco no olho. O São Paulo jogava pelo empate, eles não se lembram. Só se lembram daquela majestosa figura vestida de negro, assoprando um apito mais alto que a gritaria, o braço esquerdo colado ao corpo ereto, a barriguinha apontando indiscreta no perfil atlético, o braço direito levantado em vertical perfeita e a mãozinha, ah, aquela mãozinha, a munheca ligeiramente quebrada e a mãozinha apontando o gol de mão do Leivinha. Nunca jamais em tempo algum palmeirense nenhum vai conseguir dormir em paz com essa visão povoando o seu sono. Para mim, no vetê da memória, não estão lá só os melhores momentos. Está lá em baixo, no gol, São Sérgio, para sempre seja louvado. Gérson já tricampeão do mundo. Pablo Forlan, *Don* Pedro Rocha, Mestre Osvaldo Brandão, Jurandir, Gilberto, Édson. Craques. Artistas. Terto, Paraná, heróis. Toninho Guerreiro, que fez o gol do bi, uma lenda em si mesmo: o único pentacampeão paulista. Tri pelo Santos, 67/68/69. Bi pelo São Paulo, 70/71.

Mas o gostoso mesmo de lembrar, o que dá saudade, o que parece que nunca vai voltar é que era um tempo diferente. Eu assisti a esse jogo do bi, com a minha namorada, hoje minha mulher, no Morumbi, no meio da torcida do Palmeiras. Decisão de campeonato, gol anulado, discussão, palavrão, mas sem briga. Dava coragem de ir ao estádio enrolado na bandeira do seu time, dando a maior bandeira. Parece que não havia risco de vida. Era um tempo de euforia com o futebol. Era um tempo em que, em pleno Parque Antártica, eu morria de rir com o maior frango do futebol, servido pelo Roberto Dias ao Leão. E ninguém sequer me olhou feio.

Passamos 20 anos de outros tempos. De República Nova e Brasil Novo. De TUP e Mancha Verde, quando passou a dar medo até de dar risada no sábado e na segunda-feira. Bem, parece que o Braga da Capitinga ressuscitou a civilidade da torcida nas competições. Quando o Telê deu uma aula de tática, Zetti, Leonardo, Antônio Carlos, Ricardo Rocha, Zé Teodoro, Raí e companhia bela deram uma aula de bola, o Braga deu uma aula de civilização. É só o Palmeiras aprender o futebol desse São Paulo vencedor e a boa educação do Braga, o mais inesquecível de todos os São Paulo x Palmeiras será o próximo.

***Neil Ferreira**, 48 anos, publicitário, tricampeão brasileiro e pai dos são-paulinos José Bento, de 13, e Juliana, de 10 anos.*

DOIS REIS EM CHOQUE
Leivinha marcou um gol anulado por Armando Marques. O título ficou com o São Paulo de Gérson

LEMYR MARTINS

Os Fora de de

CÔNCAVO E CONVEXO

Conforto, requinte e privacidade são os grandes destaques deste motel moderno e bem equipado para oferecer a você momentos de prazer e sedução. Uma ótima opção para mergulhar nas mais românticas horas de amor.
Av. do Estado, 6600 - Cambuci SP. - Tel.: (011) 274-7433

POUSADA DO COWBOY

Com todos os ambientes que lembram o oeste americano, este motel supera todas as expectativas para quem espera encontrar um ambiente exótico e muito aconchegante. Suítes decoradas com muita madeira e uma impecável cozinha que funciona 24 horas.
Rua Taquari, 778 - Moóca - SP
Tel.: (011) 291-4766.

LE MOULIN

Se você acreditava que não havia mais nada para ser provado, Suite LE MOULIN todo o requinte e a sofisticação com muito bom gosto. Ambiente finamente decorado para fazer do prazer a dois momentos inesquecíveis.
Via Anchieta, km 23 - Trevo da Volkswagen - São Bernardo do Campo - Telefone (011) 451-5155

Série São Paulo

COLONIAL PALACE

Ambientes distintos e com muito bom gosto, finamente decorados para proporcionar o máximo de prazer e conforto. Atendimento "Classe A". Não deixe de conhecer os deliciosos pratos da cozinha internacional.
Av. Abraão de Morais, 966
Jardim da Saúde - SP - Tels.: (011) 577-6391 e 578-4602.

Botafogo X Flamengo

UM JOGO QUE ATRAVESSOU FRONTEIRAS

RODOLPHO MACHADO

VINGANÇA EM DOBRO
Após vingar os 6 x 0, em 1981, o Flamengo aplicou 6 x 1 em 1985

De um lado, um anjo de pernas tortas. De outro, o Galinho de Quintino, que durante quase 20 anos enlouqueceu os torcedores no Maracanã. Se não houvesse mais nada para se falar sobre o clássico entre Botafogo e Flamengo, a simples presença dos dois deuses do futebol carioca — Garrincha e Zico — já seria suficiente para fazer desse jogo um dos mais empolgantes do futebol brasileiro.

A riqueza da história do clássico, porém, é tanta que foi capaz de fazer os italianos realizarem uma partida entre os dois gigantes em seu território. Foi assim em 1978, quando o Flamengo bateu o Botafogo por 2 x 0 no Torneio Cidade de Milão.

Em terras brasileiras, no entanto, o Glorioso já provocou grandes decepções aos rubro-negros. A começar pelos inesquecíveis 6 x 0 de 1972, no dia exato em que o Flamengo comemorava 77 anos de existência. Uma partida perfeita de Jairzinho e Fischer, que ficou marcada na memória dos flamenguistas a ponto de fazer todo o Maracanã empurrar o time de Zico em 1981 e conseguir os dois gols que faltavam para devolver o marcador de nove anos antes.

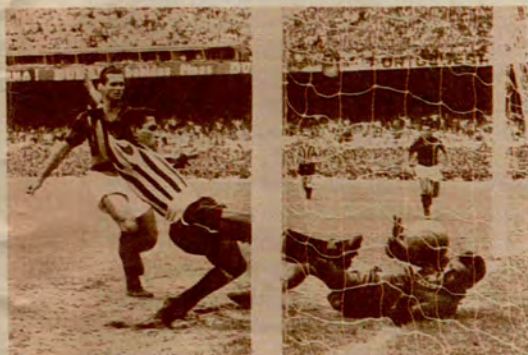
Mesmo assim, os rubro-negros jamais esquecerão a noite de 21 de junho de 1989, quando os botafoguenses comemoraram o fim de um jejum de 21 anos sem títulos, com o gol do ponta Maurício, que vestia a mesma camisa 7 abençoada que um dia fora de Garrincha. Ali, o Flamengo treinado por Telê Santana perdeu a chance de dar o primeiro título a Zico contra o Botafogo e de fazer seu maior ídolo encerrar a carreira com mais uma conquista. Por isso, quem conhece a rivalidade e acompanhou a pressão da torcida para vingar os 6 x 0 de 1972 tem certeza: o Botafogo não perde por esperar. Afinal, os rubro-negros prometem vingança.

Até os italianos já levaram Botafogo e Flamengo para jogar em Milão. Fruto do talento de Zico e Garrincha e de uma rivalidade que já dura quase 80 anos e ainda promete muito mais

RODOLPHO MACHADO

SHOW DO FLA
A torcida empurra e o time vinga os 6 x 0

FIM DO JEJUM
Maurício toca para as redes de Zé Carlos: depois de 21 anos, ...

O PRIMEIRO MASSACRE
Em 1972, o Bota faz os primeiros 6 x 0

TÍTULO DE GARRINCHA
Dois gols de Mané: o Bota é bi em 1962

... o Bota é campeão

O EQUILÍBRIO PREDOMINA NA HISTÓRIA

Bolas disputadas: o clássico é assim

Data	BOTA	X	FLA
13/05/13	1	x	0
16/10/13	0	x	0
05/07/14	2	x	2
12/10/14	2	x	1
30/05/15	1	x	2
19/09/15	0	x	0
03/09/16	1	x	1
29/10/16	3	x	3
29/06/17	0	x	5
25/11/17	3	x	0
17/03/18	1	x	5
13/05/18	1	x	2
18/08/18	3	x	0
08/06/19	2	x	6
05/10/19	2	x	2
11/07/20	1	x	2
15/08/20	1	x	3
05/06/21	2	x	2
21/08/21	1	x	3
21/04/22	0	x	0
11/06/22	2	x	2
27/05/23	1	x	4
05/08/23	1	x	4
29/06/24	5	x	0
12/12/24	0	x	3
31/05/25	0	x	3
25/10/25	2	x	3
30/05/26	5	x	3
15/08/26	1	x	8
29/05/27	9	x	2
07/08/27	5	x	3
06/05/28	1	x	3
05/07/28	1	x	1
19/08/28	2	x	4
05/05/29	2	x	4
16/08/29	5	x	1
04/05/30	2	x	1
19/10/30	2	x	0
12/04/31	5	x	1
04/10/31	1	x	3
13/03/32	7	x	1
10/04/32	3	x	0
22/05/32	1	x	0
21/08/32	2	x	2
08/08/37	2	x	2
28/08/37	2	x	3
07/11/37	2	x	2
12/12/37	2	x	2
01/05/38	2	x	1
03/07/38	2	x	2
09/10/38	0	x	5
18/12/38	0	x	2
16/04/39	1	x	4
09/07/39	5	x	1
08/10/39	3	x	2
05/05/40	2	x	3
01/09/40	2	x	3
24/11/40	1	x	1
22/06/41	3	x	1
24/08/41	1	x	1
28/09/41	2	x	1
02/11/41	3	x	2
12/04/42	1	x	1
21/06/42	2	x	2
23/08/42	0	x	4
19/03/43	1	x	4
18/04/43	2	x	2
20/06/43	1	x	4
22/08/43	2	x	4
08/03/44	6	x	2
09/04/44	4	x	2
09/07/44	1	x	4
10/09/44	5	x	2
28/03/45	1	x	0
23/06/45	0	x	2
26/08/45	3	x	1
28/10/45	2	x	0
30/03/46	1	x	1
02/06/46	6	x	4
18/09/46	2	x	2
26/10/46	2	x	3
23/11/46	1	x	0
14/12/46	2	x	1
18/05/47	0	x	1
07/09/47	2	x	2
23/11/47	4	x	2
25/04/48	0	x	2
05/09/48	2	x	1
28/11/48	5	x	3
01/05/49	0	x	3
04/09/49	2	x	1
27/11/49	1	x	2
11/02/50	2	x	2
05/08/50	4	x	2
15/10/50	1	x	0
03/12/50	4	x	2
01/05/51	1	x	1
26/08/51	2	x	1
06/01/52	2	x	1
05/03/52	2	x	2
14/09/52	2	x	3
10/01/53	3	x	6
28/03/53	0	x	3
04/04/53	3	x	1
07/09/53	3	x	0
01/11/53	1	x	1
20/01/54	0	x	1
23/03/54	1	x	4
17/06/54	2	x	1
07/11/54	1	x	1
12/12/54	2	x	3
09/02/55	0	x	2
05/05/55	0	x	0
04/09/55	0	x	1
04/02/56	1	x	2
29/09/56	5	x	0
16/12/56	1	x	0
22/05/57	1	x	4
01/09/57	3	x	3
17/11/57	1	x	1
20/03/58	0	x	4
30/08/58	2	x	2
09/11/58	3	x	2
27/12/58	1	x	2
14/01/59	2	x	2
07/05/59	2	x	3
04/10/59	2	x	1
05/10/59	2	x	6
24/03/60	1	x	3
07/08/60	0	x	0
30/10/60	4	x	1
22/03/61	3	x	0
10/09/61	2	x	2
26/11/61	1	x	1
28/12/61	3	x	0
01/03/62	2	x	3
14/03/62	1	x	0
23/09/62	3	x	1
15/12/62	3	x	0
03/03/63	2	x	1
21/07/63	1	x	3
13/10/63	0	x	0
11/04/64	2	x	1
20/09/64	0	x	1
13/12/64	1	x	0
17/04/65	1	x	1
08/05/65	1	x	0
18/07/65	2	x	1
22/08/65	1	x	0
31/10/65	0	x	2
19/12/65	1	x	0
02/03/66	1	x	2
20/08/66	0	x	0
15/10/66	0	x	0
04/12/66	1	x	1
12/04/67	2	x	4
29/07/67	1	x	0
22/10/67	2	x	1
30/11/67	1	x	0
14/04/68	1	x	0
02/06/68	1	x	0
08/09/68	0	x	0
18/09/68	4	x	1
19/10/68	0	x	0
20/04/69	2	x	0
21/06/69	1	x	2
13/07/69	1	x	1
17/08/69	1	x	1
09/11/69	1	x	1
07/03/70	0	x	0
24/05/70	1	x	2
15/08/70	1	x	1
12/09/70	3	x	0
25/10/70	0	x	0
14/03/71	2	x	0
02/05/71	1	x	1
12/06/71	0	x	2
11/07/71	1	x	0
15/08/71	1	x	1
08/01/72	1	x	1
26/03/72	0	x	0
16/07/72	1	x	2
06/08/72	1	x	2
15/11/72	6	x	0
03/02/73	1	x	1
15/04/73	0	x	0
20/05/73	2	x	0
11/08/73	2	x	0
09/12/73	0	x	1
09/06/74	0	x	2
15/09/74	2	x	2
27/10/74	0	x	0
17/11/74	1	x	2
06/04/75	1	x	0
05/05/75	2	x	2
20/07/75	0	x	4
18/04/76	0	x	1
11/07/76	2	x	0
07/08/76	1	x	2
17/04/77	1	x	2
18/09/77	0	x	2
28/05/78	1	x	1
02/07/78	1	x	1
27/08/78	0	x	2
08/10/78	1	x	1
19/11/78	0	x	1
18/03/79	0	x	3
29/04/79	2	x	2
03/06/79	1	x	0
16/09/79	1	x	2
04/11/79	0	x	0
27/07/80	1	x	1
12/10/80	1	x	1
22/11/80	1	x	3
16/04/81	0	x	0
19/04/81	3	x	1
12/07/81	0	x	0
26/09/81	2	x	1
08/11/81	0	x	6
14/08/82	0	x	3
18/10/82	0	x	1
14/08/83	3	x	0
30/10/83	0	x	1
15/07/84	0	x	1
14/10/84	2	x	3
10/02/85	2	x	1
24/03/85	1	x	6
08/09/85	0	x	1
03/11/85	0	x	2
02/03/86	0	x	2
11/05/86	2	x	1
28/03/87	0	x	0
10/05/87	0	x	1
24/10/87	0	x	1
06/03/88	0	x	0
15/05/88	1	x	1
02/10/88	2	x	2
26/02/89	1	x	1
07/05/89	3	x	3
16/06/89	0	x	0
21/06/89	1	x	0
20/09/89	0	x	1
11/03/90	2	x	1
28/04/90	2	x	0
30/09/90	1	x	0
28/04/91	0	x	0

RETROSPECTO

246 jogos
84 vitórias do Botafogo
87 vitórias do Flamengo
75 empates
377 gols do Botafogo
392 gols do Flamengo

Por Armando Nogueira

Botafogo 5 x Flamengo 2 (10/9/1944)

O jogo transcorre numa sucessão de duelos: é Jarbas pelo Flamengo, Ivã pelo Botafogo; Heleno versus Nílton, Biguá contra Válter. Cada confronto direto põe a torcida em suspense. Sai faísca!

Cá estou eu de volta ao duro ofício de tentar converter em palavras a emoção de um jogo de futebol.

Lembro-me bem, era domingo; o mês, setembro, o ano, 1944 e o jogo, Botafogo x Flamengo.

Rapazola, mal chegado do interior, espremido no bolo das torcidas, olho para tudo em torno, meio apreensivo.

De repente, o estadinho explode num delírio só, celebrando, com gritos de guerra, a entrada no campo das duas equipes.

A essa altura, não adianta mais perguntar o que é que eu vim fazer aqui. Minha sorte está lançada.

Meu primo Carlos, que me trouxe ao campinho do Botafogo, vai me mostrando um a um os jogadores: aquele baixinho, entroncado, é o Biguá. O grandão é o Perácio, da Copa de 38... Aquele, de cabelo bem penteado, é o Heleno, a coqueluche do Botafogo.

Conheço de nome quase todos eles pelas transmissões da Rádio Nacional. O Perácio, então, já freqüenta as minhas fantasias desde a Copa de 38, que eu ouvia pelo rádio. Ele quebrou o braço do Planika, goleiro da Tchecoslováquia. Um chute de 35 metros de distância!

Mas, vamos em frente que o jogo aqui já começou. A batalha é empolgante. A poucos metros do campo, vejo tudo, ouço tudo: o tamanho do palavrão, o suor escorrendo no rosto dos jogadores, o entrechoque de músculos em cada bola dividida. Nunca pensei que pudesse ser assim tão inflamada uma disputa de campeonato na cidade grande. É verdade que a cadência não me parece tão vertiginosa como fazia crer a trepidante narração do jogo feita pelo rádio.

Recriado na voz do espíquer, o jogo que me chegava aos ouvidos, em Rio Branco, era intenso, angustiante, sem dúvida, mas não assustava como agora me assusta o fervor com que se joga este clássico do futebol carioca. A própria bola, que sempre foi um ser de trato poético, rola pelo campo de cara amarrada como se não fosse ela apenas um brinquedo.

O jogo transcorre numa sucessão de duelos: é Jarbas pelo Flamengo, Ivã pelo Botafogo; Heleno versus Nílton; Biguá contra Válter. Cada confronto direto põe a torcida em suspense. Sai faísca! Mas sai gol também. Heleno de Freitas faz o primeiro e, dez minutos depois, Jaime de Almeida empata. É batalha de vida ou morte. Perder esse jogo é talvez perder de vista o Fluminense, que lidera o campeonato a três pontos do Flamengo e a quatro do Botafogo.

Outra vez, Botafogo. O autor do gol é um argentino chamado Valsek que joga no mesmo padrão do rubro-negro Perácio, um peso-pesado que quando entra na área intimida qualquer beque. Esse tipo de centroavante, o chamado "tanque", apaixona a torcida e certamente há de ser pelo desassombro de guerreiro com que se dá à disputa.

Confesso, porém, que gosto mais do estilo fidalgo, por sinal, muito bem-representado nesse campo pelo talento de Zizinho, Geninho, de Heleno e de Jaime. Se esses craques jogassem todos no mesmo time é certo que eu já teria decidido por quem torcer. Mas eles estão divididos e, com eles, o meu desafiado coração.

Carlos é um botafoguense moderado. Até agora ele vinha respeitando a minha inocente neutralidade. Mas, com o terceiro gol do Botafogo, o rapaz perdeu a linha. Exaltado, ele aperta com mãos de ferro os meus dois braços, perguntando, aos berros, se ainda tenho dúvida. E, querendo me seduzir de vez, me aponta a multidão de bandeiras efusivas no meio da torcida botafoguense.

A minha dúvida dura precisamente mais três gols: um do Flamengo e dois do Botafogo. Mal me rendo à euforia do meu primo, eis que o estádio é surpreendido por um lance insólito: o Flamengo rebela-se contra a arbitragem, o time inteiro senta no meio do campo, e sentado fica até o derradeiro apito do juiz, 14 minutos depois do gesto injustificável.

É uma cena constrangedora para o final de um jogo que até então tinha o fôlego heróico de uma epopéia.

Passados 47 anos daquele clássico, revivo hoje o instante do quinto gol do Botafogo — saudoso gol com o qual Heleno de Freitas cravaria pra sempre, no meu peito, a flama de uma estrela solitária.

ABRIL

Armando Nogueira, 63 anos, jornalista e cronista esportivo, é botafoguense.

ABRIL

O BRILHO ETERNO DA ESTRELA
Heleno de Freitas consagrou a estrela no peito dos botafoguenses e passou à história

Flamengo 6 x Botafogo 0 (8/11/1981)

O time pressionou, empurrado pelo nosso grito, até que, aos 42 minutos (4 + 2 = 6), Andrade, o camisa 6, fez o gol da vingança. Tive o ataque de riso mais demorado da minha vida. Durou uns dez dias

Em 1972, eu tinha 10 anos de vida. Estava começando a torcer de verdade, ficando fanático pelo meu Mengão. Foi quando eu comecei a ir ao Maracanã. No dia 15 de novembro, o Flamengo fazia o 77.º aniversário e enfrentava o Botafogo. O resto todo mundo já sabe — comandado por Jairzinho, o time de General Severiano (na época) enfiou 6 x 0 no esquadrão rubro-negro. E olha que Piá e Rogério não tinham nem nascido! Mas não se iludam, esse não foi o Flamengo x Botafogo da minha vida, foi só um aperitivo para aquela que seria a maior vingança da história do futebol mundial.

Eu tive uma adolescência difícil. Tinha saúde, uma boa família, foi uma época em que a classe média vivia muito bem... enfim, eu tinha tudo para ser feliz, mas faltava alguma coisa. Aos 14 anos tive a minha primeira transa. A moça perguntou: "Foi bom pra você?" Foi ótimo, mas continuava faltando alguma coisa. E esse sentimento foi me acompanhando ao longo dos anos. Vocês não têm idéia do que é passar a fase de crescimento inteira sendo sacaneado por botafoguense. Eu perdi a virgindade, mudei de voz, tirei carteira de motorista e para onde eu olhava tinha um Cri-Cri me mostrando seis dedos das mãos. E olha que a torcida alvinegra não é chamada de cri-cri à toa. Eles parecem o bagageiro do Galeão, é uma concentração de malas impressionante! Basta dizer que o Agnaldo Timóteo e o Carlos Imperial são botafoguenses...

Mas nada disso foi capaz de matar minha paixão pelo futebol e pelo Mengão. Muito pelo contrário, passei a acompanhar o time aonde quer que ele fosse, fazendo parte da saudosa Fla-Geral. Vi o Márcio Braga, que na época ainda gostava mais do Flamengo do que da política, montar a maior equipe de clube de que se tem notícia. Um time diante do qual o Santos de Pelé tremeria. Raul, Leandro, Júnior, Andrade, Adílio, Júlio César e aquele menino que foi jogar no Japão agora. Era muito craque para um time só. Enquanto isso, o Fogão atacava de Cremílson, Puruca e Tiquinho. Ganhamos tudo que tínhamos direito. Tricampeão carioca vencendo todos os turnos, campeão nacional, campeão da América e, finalmente, campeão do mundo! Mas continuava faltando alguma coisa... Nessa época vi o Flamengo ganhar muitas vezes do Botafogo, mas quando a gente ia sacanear... Lá estavam aqueles seis dedinhos fatídicos!

No dia 8 de novembro de 1981, Flamengo e Botafogo se enfrentavam mais uma vez. Fazia nove anos desde aquela humilhação. Reparem bem, nove é um seis invertido. Acordei às nove da manhã e comecei a ligar para os amigos. Sei que é difícil de acreditar, mas eu dizia: "Vamos lá que hoje é o dia da vingança!" Fomos cedo para o Maraca. Na maior torcida do mundo, o ambiente era de festa. Afinal, nós tínhamos um timaço e eles um amontoado, cujo principal jogador era o vovô Jairzinho, o mesmo de nove anos atrás. O jogo começou tenso, como todo clássico, mas, logo aos seis minutos, Nunes, camisa número 9, fez 1 x 0. Aí começou a se cumprir o irremediável caminho do destino. Zico fez o segundo, Lico o terceiro e Adílio o quarto. Acabou o primeiro tempo. Foram quinze minutos de intervalo com a torcida toda gritando: "Queremos seis! Queremos seis!" O segundo tempo começou morno, afinal a partida já estava ganha. Mas, aos 30 minutos, Zicão, de pênalti, fez o quinto. Aí foi como se a galera entrasse em campo. O time pressionou, empurrado pelo nosso grito, até que, aos 42 minutos (4+2=6), Andrade, o camisa 6, fez o gol da vingança. Tive o ataque de riso mais demorado da minha vida. Durou uns dez dias.

Esse jogo foi importante, porque foi a primeira vez. Depois, em 1985, o Flamengo provaria que fazer seis gols no Foguinho tinha virado um hábito. Hoje, o Botafogo pode ser decacampeão carioca, pode vencer o Flamengo duzentas vezes, mas, sempre que um botafoguense chegar do meu lado, vai ver seis dedos levantados. Aquela sensação acabou. Agora não falta mais nada. Ser feliz é dar seis, sem tirar, na cachorrada!

ABRIL

Cláudio Besserman Viana, *o Bussunda, 26 anos, é humorista do Planeta Diário e Flamengo até morrer.*

A PARTIDA DA VINGANÇA

O Flamengo acaba com a pose dos botafoguenses em 1981: hoje quem mostra seis dedos são os rubro-negros

RODOLPHO MACHADO

Corinthians X São Paulo

Com sete finais disputadas em 56 anos, muitos craques e jogos memoráveis, Corinthians e São Paulo fazem valer o apelido dado ao clássico nos anos 40

O PACAEMBU APLAUDE
Em 1946, Leônidas marca o gol da vitória por 2 x 1

PEQUENO POLEGAR
Luisinho: um dos deuses do clássico

A MAJESTADE DOS CLÁSSICOS PAULISTAS

Os corintianos e são-paulinos das novas gerações que se acostumaram a ver seus times fazendo finais a cada ano não devem imaginar que isso é apenas uma fase passageira. Em 56 anos de história, Corinthians e São Paulo se acostumaram a decidir títulos. Ao todo foram cinco finais de Campeonatos Paulistas — 1938, 57, 82, 83 e 87 —, e uma de Brasileiro em 1990, além da decisão de 1931, quando o time do Morumbi ainda era chamado de São Paulo da Floresta.

Somente isso já seria suficiente para justificar o nome dado ao clássico nos anos 40: Majestoso. Cultuar um nome, porém, é muito pouco para um jogo marcado pela presença de craques como Sastre, Canhoteiro, Teleco, Sócrates e tantos outros que deixaram a história dos dois clubes nos gramados por onde passaram.

O Pacaembu, por exemplo, chegou a receber 70 mil pessoas em 1942 — a capacidade oficial hoje é de apenas 40 mil — para ver o empate em 3 x 3 na estréia de Leônidas da Silva. Em 1957, os 3 x 1 que deram o título ao tricolor foram motivo para a maior briga da história do estádio, após o terceiro gol, marcado pelo ponta Maurinho. Como castigo, o São Paulo jamais voltaria a conquistar um título no Pacaembu e, mesmo no seu Morumbi, foi obrigado a ver o rival ganhar o bicampeonato em 1983, após 31 anos sem este título. O presente para o estádio tricolor viria com os 3 x 3 que comemoraram sua milésima partida, em 1987. Na ocasião, o clássico não podia ser mais bem escolhido. Afinal, para um estádio gigantesco, somente um clássico Majestoso.

JOGO MIL
Em 1987, Müller marca na milésima partida do Morumbi

ÚLTIMA FINAL
Tupãzinho marca na final do Brasileiro: ...

ABRIL

GOLEADA HISTÓRICA
Serginho faz o primeiro dos 4 x 0 de 1980

CARLOS FENERICH

TALENTO DE VENCEDOR
Pita comanda o tricolor campeão de 1987

DANIEL AUGUSTO JUNIOR

...o Corinthians conquista seu maior título

DESDE 1936, DEU MAIS CORINTHIANS

	COR	X	SP
23/03/36	3	x	1
06/09/36	3	x	0
29/11/36	3	x	2
29/08/37	1	x	0
26/09/37	1	x	1
25/08/38	0	x	3
04/09/38	3	x	1
20/11/38	3	x	1
23/04/39	1	x	1
16/07/39	1	x	2
29/10/39	1	x	0
02/12/39	3	x	0
03/03/40	2	x	1
24/03/40	4	x	1
25/09/40	2	x	3
22/12/40	3	x	0
06/04/41	2	x	1
10/08/41	3	x	0
18/10/41	2	x	0
07/03/42	3	x	3
24/05/42	3	x	3
05/07/42	2	x	1
30/08/42	2	x	4
02/05/43	2	x	1
24/06/43	1	x	1
05/09/43	0	x	2
08/03/44	2	x	3
02/07/44	1	x	0
15/10/44	0	x	4
14/03/45	4	x	4
06/05/45	2	x	3
12/08/45	2	x	1
01/01/46	1	x	5
13/03/46	2	x	3
09/06/46	1	x	2
29/09/46	1	x	2
16/04/47	5	x	1
27/04/47	3	x	2
14/09/47	1	x	1
04/01/48	1	x	1
10/06/48	1	x	3
11/07/48	0	x	2
07/11/48	0	x	2
28/08/49	2	x	3
11/12/49	3	x	3
28/12/49	4	x	1
21/05/50	1	x	2
05/11/50	0	x	1
17/12/50	1	x	1
11/03/51	3	x	1
26/08/51	4	x	0
16/12/51	4	x	1
06/02/52	2	x	1
29/06/52	0	x	3
16/11/52	2	x	1
01/02/53	3	x	2
12/03/53	3	x	2
19/04/53	1	x	3
21/06/53	1	x	1
04/09/53	0	x	1
25/10/53	3	x	1
31/01/54	1	x	3
04/07/54	0	x	1
25/07/54	3	x	3
07/11/54	2	x	1
13/02/55	3	x	1
28/04/55	3	x	4
02/10/55	3	x	2
11/12/55	1	x	1
07/04/56	2	x	2
30/05/56	1	x	3
07/07/56	2	x	0
16/09/56	4	x	3
21/10/56	1	x	1
01/12/56	2	x	2
16/05/57	0	x	0
25/06/57	2	x	3
25/08/57	2	x	1
20/10/57	1	x	1
29/12/57	1	x	3
20/03/58	1	x	1
16/04/58	5	x	1
04/06/58	0	x	1
13/08/58	2	x	0
26/11/58	1	x	1
01/04/59	1	x	2
07/05/59	2	x	2
03/10/59	0	x	1
05/11/59	0	x	4

RICARDO CORREA

Na era Neto, só deu Corinthians: última vitória tricolor é de 1988

	COR	X	SP
10/04/60	0	x	0
22/05/60	1	x	1
15/09/60	3	x	1
23/11/60	1	x	4
11/01/61	2	x	1
22/03/61	2	x	3
24/05/61	3	x	2
19/07/61	0	x	1
08/11/61	0	x	0
25/01/62	2	x	1
11/02/62	4	x	2
27/02/62	1	x	1
27/05/62	0	x	2
26/08/62	1	x	1
02/12/62	3	x	2
14/03/63	1	x	2
02/06/63	1	x	2
04/08/63	3	x	0
17/11/63	1	x	0
09/04/64	3	x	0
15/08/64	0	x	0
01/11/64	2	x	0
19/01/65	0	x	1
07/03/65	2	x	2
24/04/65	1	x	2
18/07/65	2	x	1
03/10/65	1	x	1
19/03/66	2	x	0
26/06/66	2	x	1
10/07/66	4	x	4
18/09/66	0	x	3
04/12/66	1	x	2
22/04/67	1	x	0
13/08/67	3	x	3
17/12/67	1	x	1
31/03/68	3	x	2

	COR	X	SP
01/05/68	1	x	1
08/09/68	2	x	1
02/03/69	4	x	2
01/06/69	0	x	2
15/06/69	2	x	3
01/10/69	2	x	0
07/03/70	2	x	2
24/04/70	1	x	1
19/07/70	1	x	1
13/09/70	0	x	1
11/10/70	2	x	1
04/04/71	1	x	1
06/06/71	1	x	0
17/10/71	0	x	2
21/11/71	0	x	1
04/12/71	0	x	0
19/03/72	0	x	0
06/08/72	1	x	1
18/10/72	1	x	3
24/02/73	1	x	0
15/04/73	0	x	0
10/06/73	1	x	1
19/08/73	2	x	1
09/09/73	1	x	0
02/12/73	0	x	0
09/06/74	1	x	1
09/10/74	1	x	0
01/12/74	0	x	3
02/02/75	2	x	2
29/03/75	0	x	2
10/08/75	1	x	2
19/10/75	1	x	0
05/02/76	0	x	2
07/03/76	3	x	2
23/05/76	1	x	2
08/08/76	1	x	0

	COR	X	SP
17/04/77	1	x	0
21/08/77	1	x	0
28/08/77	2	x	1
02/10/77	2	x	1
04/12/77	2	x	0
05/11/78	1	x	1
10/12/78	0	x	0
05/05/79	2	x	2
26/08/79	2	x	0
16/09/79	1	x	1
21/11/79	2	x	1
13/07/80	0	x	1
10/08/80	0	x	4
28/06/81	1	x	2
04/08/81	1	x	1
20/09/81	1	x	1
25/10/81	0	x	2
15/11/81	1	x	0
12/09/82	2	x	0
05/12/82	2	x	3
08/12/82	1	x	0
12/12/82	3	x	1
17/07/83	1	x	1
02/10/83	1	x	0
11/12/83	1	x	0
14/12/83	1	x	1
22/07/84	2	x	2
14/10/84	0	x	1
14/02/85	2	x	0
27/03/85	1	x	2
04/08/85	0	x	1
15/09/85	1	x	1
17/05/86	1	x	1
20/07/86	1	x	2
10/05/87	0	x	0
09/08/87	3	x	3
26/08/87	1	x	2
30/08/87	0	x	0
04/10/87	0	x	0
28/02/88	2	x	1
26/06/88	2	x	2
10/07/88	1	x	1
04/09/88	0	x	1
07/05/89	2	x	0
24/09/89	2	x	1
08/04/90	0	x	0
23/09/90	1	x	1
13/12/90	1	x	0
16/12/90	1	x	0
07/04/91	1	x	1

RETROSPECTO

211 jogos
83 vitórias do Corinthians
63 vitórias do São Paulo
65 empates
315 gols do Corinthians
285 gols do São Paulo

Por Gianfrancesco Guarnieri

Corinthians 1 x São Paulo 0 (16/12/1990)

O que vejo não é só mais um jogo de bola, mas o titânico confronto entre duas forças poderosíssimas: de um lado, a elite... do outro, a força popular. Embate de gigantes

Ando afastado dos campos de futebol. Sou torcedor comedido, caseiro. Sofro pela televisão. Divirto-me com os *Gols do Fantástico*. Se me perguntarem, errarei as escalações dos times. Um sofredor a distância, incapaz de reproduzir um lance habilidoso, de efeito, nas rodas de amigos, no abrigo de um bar. E, no entanto, já fui torcedor fanático, na minha juventude. Rubro-negro feroz. Assistia a, praticamente, todos os jogos do Mengão, sem contar os treinos dos quais era freqüentador assíduo. E, isso, morando no Cosme Velho. Abalava-me, cedíssimo, de lá até a Gávea, de bonde, numa época em que o Rio ainda não exibia os túneis que, hoje, encurtam a distância entre os dois bairros. Sabia tudo sobre o Flamengo e, naqueles tempos, era capaz de narrar, quase lance por lance, uma partida realizada na semana anterior. Por isso, era considerado, pelos meus amigos, consultor de máxima confiança em assuntos flamenguistas.

Deixei o Rio, mudando-me para São Paulo, três anos depois da Copa de 50 — à qual assisti, movido pelo maior e mais do que justificado entusiasmo. Placares dilatadíssimos, nossa Seleção um primor, até aquele dia aziago da final, verdadeira hecatombe, experiência ímpar, "não conseguia acreditar nos meus próprios olhos", dor, choro, papel queimado, silêncio sepulcral, pedradas, filhos da p...! etc. Distante do Mengo, arrefeceu-se o fanatismo mas permanecia a paixão. Embora inteiramente absorvido por interesses novos, que acabaram por determinar minha vida, não deixava de me interessar pelo meu Mengão e também por um conhecimento maior e mais próximo dos times paulistas. Ao contrário do que poderiam indicar meu nome e sangue italianos, minhas simpatias não foram para o velho Palestra. Apesar de verdadeiras campanhas de cooptação, não me sentia um palmeirense e cada vez mais passava a admirar o Coringão. O Timão ia me conquistando aos poucos. Resistia por uma questão de fidelidade ao meu clube carioca. Por fim, sucumbi. Declarei-me Corintiano! Afinal, havia tanto de Flamengo no Corinthians... A partir da similaridade das torcidas, havia muito de rubro-negro no Coringão.

Uma vez que meu coração escolheu meu time paulista, também descobri meu verdadeiro antagonista. Da mesma forma que, no Rio, meu antagonista era o Fluminense — sou do tempo dos memoráveis Fla-Flus —, na paulicéia ficou sendo o São Paulo Futebol Clube. Com perdão da talvez excessiva subjetividade, sempre notei muito de Fluminense no São Paulo. Por isso, o clássico que até hoje mexe comigo é, justamente, o Corinthians x São Paulo.

Nos meus anos dourados, assistia futebol na geral. Hoje vejo futebol no geral. Perdi por certo a velha chama. O que resta de paixão é saudosista e eis aí um traço que me desagrada. Paixão só pode ser sentimento do presente, evocando o passado será, quando muito, uma lembrança vibrante, ardente. Paixão jamais.

Contudo, diante do clássico Corinthians x São Paulo, tudo em mim se mexe, a paixão já não é mais aquela, saudosista, que não é paixão. Vibro apaixonadamente como se estivessem decidindo os destinos do mundo, aqui e agora. Meu coração bate agitado em compasso com os da Fiel. Torcedor simplesmente, o que vejo não é só mais um jogo de bola, mas o titânico confronto entre duas forças poderosíssimas: de um lado, os mantenedores do *status quo*, a elite fortalecida pelo avanço tecnológico a que só ela tem acesso, arrogante e preconceituosa, altiva na exibição de sua habilidade e valores individuais; do outro, a força popular, procurando organizar-se, lutando para a conquista de união, conjunto, movida pela necessidade e garra, comprometida com a imensa geral, camisa prenhe de suor, humilhação, medo, fome, sangue, cachaça e força histórica desentranhada ao longo do tempo. Embate de gigantes. Não importa quem vença, pois a verdadeira luta se trava em outro campo. Apenas o gosto do que poderá vir a ser. Representação, ritual, catarse. O resultado do jogo influi na produção do dia seguinte quando se volta à realidade. Desaparece o torcedor que cede o corpo ao sofredor. Dias, semanas de espera até a final, a verdadeira, decisiva, sem direito a empate.

Pois é, cada louco com sua mania!

ABRIL

Gianfrancesco Guarnieri, 56 anos, ator e teatrólogo, é corintiano, apesar de sua origem italiana.

NELSON COELHO

TIMÃO VENCE NA RAÇA Márcio, Marcelo e Eliel na final do Brasileiro de 90. O Corinthians conseguiu uma das maiores vitórias

São Paulo 3 x Corinthians 1 (29/12/1957)

Assisti ao jogo com a família, toda são-paulina, e os amigos, a grande maioria de corintianos. Eu dizia: "Taí a TV, vocês estão na minha casa, vejam lá como vão torcer". Mas não adiantava

Já nasci são-paulino, porque meu pai, Kid Jofre, começou a trabalhar como profissional de boxe no São Paulo, assim que chegou da Argentina, e nunca mais largou o tricolor. Os irmãos Zumbano, meus tios, também lutavam boxe no clube, e por isso o São Paulo me acompanhou como uma religião por toda a vida.

Brigar por causa de futebol eu nunca briguei, sempre preferi ficar só na tiração de sarro. Também não tenho nenhuma bronca especial contra o Corinthians — se eles jogam contra um time estrangeiro, por exemplo, sou até capaz de transformar o preto e branco em verde e amarelo e torcer para o Timão. Mas é justamente de um São Paulo x Corinthians, em que o São Paulo foi campeão, que trago minhas melhores lembranças.

Meu pai foi um dos primeiros a comprar televisão no nosso bairro, o Parque Peruche, quando o São Paulo foi campeão vencendo o Corinthians por 3 x 1, na final de 1957. Vou te contar — um time que, craque por craque, era talvez melhor que os campeões brasileiros deste ano. Zizinho, Maurinho, Gino e o Canhoteiro, que mais de uma vez deixou o corintiano Idário dando trombadas nos companheiros, tonto com seus dribles. Eles também tinham um grande time, é verdade, com o Cláudio centrando para o Baltazar fazer gol de cabeça em quase todo jogo. O Luisinho, então, até sentava na bola.

Mas naquele dia não deu. Assisti ao jogo com a família, toda são-paulina, e os amigos, a grande maioria de corintianos. Eu falava para eles: "Taí a TV, vocês estão na minha casa, então vejam lá como vão torcer, hem?" Mas não adiantava. Cada vez que o Luisinho dava um drible, era a maior tiração de sarro em cima de mim. Depois dos 3 x 1, foi a minha vez de mandá-los tirar sarro das negas deles. A corintianada saiu de cabeça baixa, sem argumentos. Dali para a frente, em casa de campeão, corintiano, para ver TV, só pagando aluguel.

TRICOLOR IRRESISTÍVEL
Com Zizinho lançando Canhoteiro, o São Paulo ganhou o jogo e o título em 1957

PAULO C. BRAVOS

ABRIL

Éder Jofre, *55 anos, campeão mundial de boxe nos pesos galo e pena e vereador em São Paulo pelo PSDB, "é e vai morrer são-paulino".*

Atlético X Coritiba

O ESTADO DO PARANÁ

A ESCRITA CONTINUA
Paulo Vecchio marca o gol que prolongou o jejum atleticano em 1968

SABOR DE DECISÃO
O Atlético enfia 5 x 1 no Coritiba em um ...

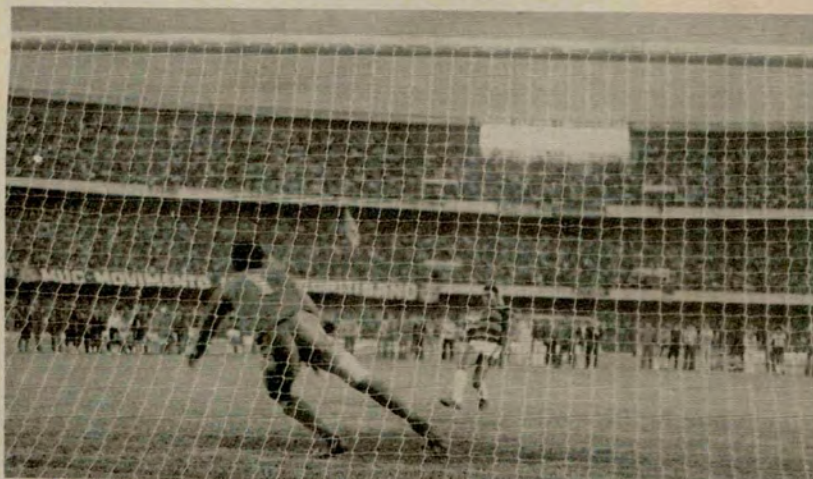
O ÓDIO ACIMA DE TUDO

Entre humilhações e conquistas inesquecíveis, como a atleticana de 1958 na casa coxa-branca ou a de 1978, quando Manga defendeu um pênalti para o Coritiba, uma lei predomina na história do Atle-Tiba: detestar e fazer o máximo possível pelo mal do adversário

Embora não esteja escrito textualmente nos estatutos de Atlético e Coritiba, qualquer torcedor desses clubes sabe: o primeiro mandamento para pertencer a um dos dois grupos é odiar os integrantes do outro *acima de todas as coisas*. E não podia ser diferente. Desde o começo da história do Atle-Tiba, em 1924, as provocações de lado a lado são uma constante. A começar pelo marcador da primeira partida: 2 x 0 para o recém-criado Atlético, em jogo válido pelo Torneio Início.

Perder para os calouros do futebol paranaense, porém, não foi a única vergonha pela qual passaram os coxas-brancas. Logo em seu segundo campeonato, em 1925, os atleticanos arrebataram o título estadual. Era tudo o que os coritibanos precisavam para começar uma verdadeira coleção de conquistas que inclui o Brasileiro de 1985 e 13 estaduais a mais que o rival.

Humilhações de ambas as partes, no entanto, continuaram existindo. Basta lembrar 1958, quando o Atlético estragou a festa do 49.º aniversário do Estádio Belfort Duarte — hoje Couto Pereira —, pertencente aos coxas: 3 x 1 e o título da temporada.

Por isso, o Coritiba não teve o menor constrangimento em impedir a quebra de um jejum atleticano que já durava 10 anos, em 1968. Afinal, inimigos são inimigos. E humilhações são a melhor parte da história.

JOSÉ EUGENIO

DEFESA PARA A HISTÓRIA
Em 1978, Manga faz milagre: pega pênalti e dá o campeonato ao Coxa

ABRIL

... jogo de turno que ficou na memória como uma final

SERGIO SADE

DELÍRIO ATLETICANO
Em 1983, o Atlético foi bi depois de 53 anos

AO LONGO DOS ANOS, O COXA É MELHOR

	ATL	X	CORI
20/04/24	2	x	0
08/06/24	3	x	6
26/04/25	0	x	1
14/06/25	3	x	3
06/09/25	1	x	1
13/12/25	1	x	1
23/05/26	1	x	3
05/12/26	2	x	2
22/02/27	4	x	4
20/03/27	0	x	1
10/07/27	0	x	2
25/12/27	2	x	1
05/02/28	2	x	0
06/05/28	3	x	1
20/07/28	2	x	1
27/01/29	2	x	2
01/09/29	4	x	4
05/01/30	2	x	1
20/04/30	0	x	2
18/05/30	3	x	2
07/09/30	1	x	1
23/11/30	4	x	7
28/12/30	3	x	2
13/09/31	0	x	1
03/01/32	1	x	1
08/05/32	3	x	2
07/08/32	1	x	5
05/02/33	2	x	5
09/04/33	0	x	4
14/05/33	1	x	0
21/05/33	2	x	1
30/07/33	1	x	2
29/04/34	2	x	0
02/09/34	1	x	1
09/12/34	2	x	1
19/05/35	2	x	3
03/11/35	0	x	1
10/05/36	1	x	1
04/10/36	1	x	0
20/06/37	1	x	2
26/10/37	2	x	1
28/11/37	2	x	2
03/04/38	3	x	3
06/04/38	6	x	2
19/06/38	1	x	2
24/07/38	4	x	5
21/05/39	1	x	2
03/06/39	4	x	1
14/01/40	2	x	3
19/05/40	4	x	1
08/09/40	2	x	0
10/11/40	4	x	2
16/02/41	2	x	1
30/03/41	0	x	1
01/06/41	2	x	1
24/08/41	0	x	2
19/10/41	1	x	3
26/10/41	0	x	1
12/04/42	1	x	4
26/07/42	0	x	2
20/09/42	0	x	3
02/05/43	0	x	2
25/07/43	1	x	1
12/12/43	3	x	3
09/01/44	3	x	2
16/01/44	3	x	2
19/03/44	1	x	2
23/04/44	2	x	3
04/06/44	1	x	3
03/09/44	1	x	0
19/12/44	1	x	1
22/04/45	2	x	3
15/07/45	4	x	2
25/11/45	1	x	2
16/12/45	1	x	2
23/12/45	5	x	4
30/12/45	2	x	1
10/03/46	0	x	1
02/06/46	4	x	2
01/12/46	1	x	1
23/02/47	1	x	2
27/04/47	4	x	1
10/08/47	1	x	1
05/10/47	0	x	3
09/05/48	0	x	0
27/06/48	1	x	2
25/08/48	1	x	1
26/12/48	4	x	3
14/02/49	3	x	1

SERGIO SADE

No Paranaense de 88, deu Atlético: 2 x 0

	ATL	X	CORI
13/03/49	5	x	3
01/05/49	1	x	0
07/08/49	5	x	1
27/11/49	3	x	2
23/03/50	3	x	3
08/05/50	2	x	3
24/09/50	2	x	4
15/11/50	1	x	4
15/04/51	6	x	5
29/04/51	0	x	1
21/06/51	2	x	4
04/11/51	1	x	2
23/03/52	2	x	3
10/08/52	1	x	3
08/01/53	1	x	3
18/01/53	1	x	4
02/04/53	1	x	4
09/08/53	2	x	2
18/10/53	5	x	2
14/02/54	1	x	4
21/02/54	4	x	2
18/03/54	4	x	3
27/03/54	3	x	1
06/06/54	2	x	2
29/06/54	0	x	3
18/09/54	1	x	1
08/12/54	3	x	2
23/01/55	2	x	1
17/04/55	0	x	0
19/06/55	1	x	1
29/06/55	0	x	3
18/09/55	1	x	1
29/01/56	0	x	3
10/03/56	4	x	4
09/09/56	2	x	3
26/06/57	1	x	3
22/09/57	1	x	4
15/12/57	1	x	0
23/02/58	2	x	0
28/06/58	5	x	1
12/10/58	3	x	1
22/02/59	1	x	1
07/06/59	2	x	4
14/11/59	0	x	6
20/12/59	0	x	0
15/05/60	4	x	2
14/08/60	1	x	2
22/01/61	0	x	3
26/03/61	0	x	0

	ATL	X	CORI
25/06/61	0	x	1
12/11/61	1	x	2
12/05/62	0	x	2
25/11/62	1	x	1
10/02/63	4	x	3
12/05/63	0	x	0
07/07/63	3	x	1
27/10/63	1	x	1
10/05/64	0	x	1
09/08/64	2	x	1
08/04/65	1	x	3
10/07/65	1	x	3
24/10/65	3	x	0
12/12/65	1	x	1
12/06/66	1	x	0
20/11/66	1	x	1
01/04/67	1	x	2
04/06/67	2	x	2
17/09/67	0	x	5
14/04/68	0	x	1
07/07/68	0	x	0
25/08/68	1	x	2
28/08/68	1	x	1
08/12/68	2	x	2
20/04/69	0	x	1
20/07/69	0	x	0
11/08/69	2	x	0
21/01/70	1	x	2
01/03/70	1	x	0
31/05/70	2	x	2
12/06/70	1	x	1
23/08/70	0	x	1
06/09/70	0	x	0
14/03/71	4	x	3
18/04/71	0	x	0
01/05/71	1	x	1
30/05/71	0	x	1
07/07/71	1	x	2
06/02/72	1	x	1
16/04/72	1	x	1
16/07/72	0	x	2
13/08/72	1	x	0
30/08/72	0	x	1
03/09/72	0	x	0
11/03/73	0	x	2
27/05/73	0	x	1
15/07/73	0	x	0
05/08/73	0	x	0
14/11/73	1	x	2

RETROSPECTO

276 jogos
84 vitórias do Atlético
105 vitórias do Coritiba
87 empates
372 gols do Atlético
421 gols do Coritiba

	ATL	X	CORI
06/03/74	1	x	1
19/05/74	1	x	0
08/09/74	0	x	1
03/11/74	2	x	0
08/12/74	3	x	1
19/01/75	2	x	0
06/04/75	0	x	0
08/06/75	0	x	0
19/07/75	1	x	2
13/08/75	0	x	1
21/09/75	0	x	1
14/01/76	2	x	3
15/02/76	0	x	1
08/05/76	1	x	1
04/07/76	1	x	0
07/09/76	1	x	2
02/12/76	2	x	0
23/01/77	1	x	3
06/03/77	1	x	1
16/03/77	0	x	2
17/04/77	1	x	1
08/05/77	0	x	0
15/05/77	0	x	0
03/07/77	0	x	0
20/07/77	1	x	0
21/08/77	2	x	0
31/08/77	1	x	1
14/09/77	0	x	0
14/03/78	1	x	2
23/04/78	0	x	1
03/09/78	0	x	1
10/12/78	0	x	0
13/12/78	0	x	0
17/12/78	0	x	0
08/04/79	0	x	2
10/06/79	0	x	3
05/08/79	1	x	1
03/09/79	1	x	1
12/09/79	0	x	1
07/10/79	1	x	1
15/06/80	1	x	0
19/11/80	1	x	1
31/05/81	1	x	0
30/08/81	1	x	1
28/03/82	1	x	1
16/05/82	0	x	0
01/06/82	2	x	0
26/09/82	3	x	1
03/07/83	1	x	0
31/07/83	0	x	2
14/08/83	0	x	1
20/09/83	2	x	1
27/11/83	1	x	0
11/12/83	1	x	1
14/12/83	1	x	0
18/12/83	1	x	1
08/07/84	2	x	1
12/08/84	0	x	0
09/09/84	0	x	1
06/11/84	0	x	0
25/11/84	0	x	1
02/12/84	2	x	0
06/05/85	1	x	1
22/06/85	1	x	0
18/09/85	1	x	3
28/09/85	2	x	1
03/11/85	1	x	0
27/11/85	1	x	0
02/02/86	1	x	2
04/05/86	1	x	1
29/03/87	0	x	0
31/05/87	3	x	2
15/06/87	2	x	0
05/07/87	0	x	0
03/03/88	2	x	0
15/05/88	1	x	1
12/08/88	0	x	0
04/09/88	0	x	1
12/03/89	2	x	1
01/05/89	1	x	2
11/06/89	1	x	2
06/08/89	0	x	2
13/08/89	1	x	1
01/05/90	0	x	3
15/07/90	2	x	2
01/08/90	1	x	1
05/08/90	2	x	2
02/09/90	1	x	0
07/10/90	0	x	0

Atlético 4 x Coritiba 3 (14/3/1971)

Futebol é moral e, iniciado o segundo tempo, estávamos com o jogo ganho, apesar do empate no marcador. A malta alviverde, recolhida ao silêncio, prenunciava a tragédia iminente

No fim do verão de 1971, quando todos nós éramos tricampeões e tínhamos o melhor futebol do mundo, reinavam alguns deuses no futebol brasileiro: Pelé, Tostão, Rivelino, Gérson, Jairzinho, Ademir da Guia... Em Curitiba, reverenciávamos dois eleitos dos céus: Zé Roberto e Sicupira. Ou melhor, eles — os coxas, torcedores do Coritiba — tinham o crioulo José Roberto Marques na conta de um anjo e consideravam Barcímio Sicupira Júnior, com seus longos e esvoaçantes cabelos negros, a própria encarnação do demônio. Nós — os atleticanos — pensávamos precisamente o contrário.

Naqueles dias, Curitiba estremeceu com um espetáculo histórico. No Belfort Duarte — era assim que se chamava o Estádio Couto Pereira — Atlético e Coritiba, quer dizer, Sicupira e Zé Roberto, protagonizaram o clássico do século. Cabe o exagero. O maior jogo — como o filme, a música, o jantar, a mulher de nossa vida — somos nós mesmos que elegemos. Definitivamente, portanto, não houve um Atle-Tiba como o de 14 de março de 1971.

Passados vinte rápidos, duros e ricos anos, pode-se olhar para trás e constatar, com algum orgulho, que Curitiba hoje está na moda. Nem sempre foi assim. Em 1971, ela ainda era alvo de ironias e incompreensões. Fria, esnobe, conservadora, fechada em si mesma — não faltavam acusações ao que, no fundo, representava a alma um tanto misteriosa de uma cidade diferente, do clima ao sotaque, de qualquer outra capital brasileira. Nesse cenário, sombreado por pinheiros e ipês, só uma coisa, aparentemente, conseguia nos tirar do sério: o Atle-Tiba. No Atle-Tiba, o maniqueísmo é absoluto. Nada de sutileza, meio-tom ou relativismo. De um lado fica a treva, o mal — eles. Do outro, as luzes, o bem — nós.

Naquele domingo, o jogo seria no campo deles. O chiqueiro, dizíamos. Não se tratava de uma decisão, mas de um jogo do meio do Campeonato Paranaense. E daí? Atle-Tiba é Atle-Tiba. Começou. 1 x 0 para eles. E pênalti para nós. O ponta-esquerda Nílson Borges, refinado no trato da bola, desperdiça a cobrança. Mais alguns minutos e Nílson se reabilita, marcando um golaço que o juiz — ladrão — anula. O Coritiba aproveita-se da santa ira que nos deixou aparvalhados e faz 2 x 0. Partida liquidada, goleada à vista. Zé Roberto resolve fazer gracinhas e ensaia um olé. Safado. Não perdem por esperar. Em sete minutos, numa escapada, Sicupira (quem mais?) diminui e Nílson, enfim, acerta o gol de Célio. Ah, o Célio: tinha 40 anos e, embora defendesse o Coritiba, era reconhecido por nós como um ótimo goleiro. Ufa, 2 x 2! No intervalo, nosso apaixonado presidente, o coronel Rubem Passerino Moura, já abraçava o técnico Djalma Santos. Futebol é moral e, iniciado o segundo tempo, estávamos com o jogo ganho, apesar do empate no marcador. A malta alviverde, recolhida ao silêncio, prenunciava a tragédia iminente. Naquelas arquibancadas frias de cimento, a nação rubro-negra pressentia a consagração. Entre os rapazes do ETA, o Esquadrão da Torcida Atleticana, pepino rimava com Evangelino (o presidente deles, Evangelino da Costa Neves, cartola de inegável competência), entremeando as duas palavras com nomes escabrosos outrora inimagináveis no seio da família paranaense.

Não deu outra. No primeiro minuto, com um chute longo e fraco do mulato Valtinho que o bondoso Célio aceitou, afinal desempatamos. Perto do final do jogo, Nílson Borges marcou de novo: 4 x 2. Nos sete minutos finais, entretanto, o Coritiba mostrou — como normalmente tem acontecido nestes 67 anos em que nos enfrentamos — por que sempre soube valorizar nossas retumbantes vitórias. O técnico Mauro Ramos de Oliveira colocou em campo uma assombração, que atendia pelo nome de Paulo Vecchio. Na decisão de 1968, ele entrara, da mesma forma, nos chamados instantes derradeiros — para lhes dar um título imerecido com um estranhíssimo gol de cabeça aos 45 minutos do segundo tempo. Pois não é que o Paulo Vecchio diminuiu para 4 x 3? E que Zé Roberto em seguida perdeu um gol feito? E que segundos após não se sabe bem quem perdeu outro? Bem, foi só. Graças a Deus, terminou mesmo nos 4 x 3 — do contrário, não teria sido meu Atle-Tiba inesquecível.

ABRIL

Carlos Maranhão, 43 anos, é jornalista, editor-executivo de Veja São Paulo e atleticano desde quando o Brasil era campeão do mundo, em 1958.

SERGIO SADE

OLÉ FORA DE HORA O Atlético Paranaense segura e vence de virada o Coritiba: lição para o centroavante Zé Roberto (9), que tentou dar olé quando estava 2 x 0

POR JAIRO RÉGIS

Coritiba 3 x Atlético 1 (4/6/1944)

Aos meus olhos de menino estavam, de um lado, vestidos de verde e branco, os representantes do bem. Do outro, com agressivas camisas listradas de negro e vermelho, os procuradores do mal

Foi lá por 45 ou 46. O Caldeirão do Diabo estava botando gente pelo ladrão. Nada de mais. Afinal, a Baixada era tão acanhada naqueles tempos quanto nos dias de hoje. Aos meus olhos de menino recém-aprovado no exame de admissão do Liceu Rio Branco, estavam, de um lado, vestidos de verde e branco, os representantes do bem. Do outro, com agressivas camisetas listradas de negro e vermelho, os procuradores do mal.

Passaram-se muitos anos para que o menino descobrisse que não era bem assim. Foi preciso que a vida lhe despertasse juízo crítico e que, nos muitos jogos do Coritiba, ele conhecesse a maldade de Miltinho e em outros tantos Atle-Tibas testemunhasse a finura de um Jackson. Fora de campo foi difícil, porém possível, admitir Osires de Brito, João Xavier Vianna, Tiago Maranhão e João Saldanha como torcedores do Atlético.

Mas, naquele momento, o maniqueísmo era senhor de todos os sentimentos, e o menino se rendia a ele. A lenda de Pizatinho pairava no ar. Era uma saudade pungente do meia-esquerda a quem o menino nunca vira jogar, mas que já sabia, como sabe até hoje, que foi o melhor e o mais completo atacante do futebol paranaense, cuja elegância viria a ser comparada apenas à de Didi, o Príncipe de Ébano, muitos anos depois.

O clima era assustador. A rubro-negrada estava mais do que assanhada e suas gravatas já se apresentavam retorcidas — sim, atleticano que se prezava usava gravata até em dia de jogo. Dos poucos lugares do Caldeirão que sobraram para os coxas, só de raro em raro se ouvia um grito. O bar que ficava sob as árvores, nos fundos do estádio, nunca vendera tanta cerveja. Especialmente depois que o Atlético, por obra e graça de Lilo, marcou um gol.

(Por falar em Lilo, foi ele — e não Cireno, como geralmente se acredita — quem arrancou o boné do Miro, expondo a careca do goleiro e provocando uma ira que o fez perseguir o "agressor" por várias voltas em torno do campinho do Palestra Itália, em busca da justa vingança.)

Virou o primeiro tempo com o desastroso 1 x 0. A derrota parcial poderia ser até maior. Mas Fedato estava lá, impondo calma e tranqüilidade, e rebatendo todas (ou quase). No meio-campo, Tonico, Ferreira e Janguinho faziam misérias, abastecendo o ataque. Especialmente Neno, que, por desconhecer qualquer movimento em campo que não fosse a linha reta em direção ao gol adversário, perdia uma oportunidade atrás da outra, barrado por um semelhante, o zagueiro Zanetti, de redinha na cabeça para prender os cabelos lisos, a exemplo do ponta-direita Babi, coxa autêntico e ponta habilidoso, de cabeça baixa, correndo com os olhos presos à linha lateral.

Tantas investidas fez Neno que, lá pelas tantas — a polacada coxa-branca já com esperanças meio perdidas —, enfiou o "capotão" (era assim que os meninos chamavam, na época) no gol de Laio. Os donos da casa acharam que era apenas um acidente. Que se repetiu poucos minutos depois. Silêncio de morte nas sociais do Joaquim Américo, o Caldeirão. Batido a poucos minutos do final, o time do Atlético foi todo para o ataque. Deu a lógica: tomou mais um. Três a um. Era um sonho.

O problema era sair do estádio sem afrontar a ira da rubro-negrada. Minoritários, acabamos saindo por último, disfarçando a alegria. A tempo de ver Caju, o maior nome produzido pelo Atlético em toda a sua história, defendendo bolas chutadas por garotos, como — soube depois — fazia quase todos os fins de tarde, ali onde hoje está o ginásio.

Os 3 x 1 robusteceram a natural convicção coxa-branca do menino, para quem todo jogo do Coritiba, daí em diante, passou a ser um Atle-Tiba decisivo. Até mesmo este último, no Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas, quando o Coxa foi simplesmente garfado em seu legítimo gol de empate contra o Guarani — que o remeteria ao seu lugar de direito na Primeira Divisão —, anulado por um bandeirinha mal-intencionado, estrábico ou brutalmente incompetente. O Coxa, acredite, está de volta à primeirona. Pelo menos no coração do menino. E existe lugar mais nobre?

ABRIL

Jairo Régis, 59 anos, é jornalista, coxa-branca e foi diretor de PLACAR entre 1971 e 1979.

DE VIRADA E NA CASA DELES

O Atlético saiu na frente, e o Caldeirão quase veio abaixo. Mas Fedato, Tonico & Cia. comandaram a reação coxa

ABRIL

Fluminense X Vasco

AYANIR NIKO

FERNANDO PIMENTEL

DOCE ILUSÃO
Os 3 x 3 de 1980 classificaram o Vasco para a final, mas na decisão venceu o Flu de Edinho: 1 x 0

UM JOGO QUE MEXE COM OS CORAÇÕES

Para a grande maioria dos vascaínos, o verde e o vermelho da bandeira portuguesa são sagrados em todos os instantes da vida. Menos em um: a hora de enfrentar o Fluminense. Nesse momento, todas as forças se unem para derrubar o pavilhão que, apesar de ter as cores de Portugal, sempre foi motivo para tristezas.

Foram os tricolores, por exemplo, que tiraram aquela que seria a maior glória da história do Vasco: o tetracampeonato de 1949, 50, 51 e 52, que só não se concretizou devido à má vontade do Fluminense, campeão em 1951. Outros dois campeonatos, porém, estão presos nas gargantas vascaínas até hoje. O Carioca de 1980, perdido graças a um gol de Edinho, e o Brasileiro de 1984, quando o paraguaio Romerito marcou na primeira partida e o Vasco não teve forças para sair do 0 x 0 no segundo jogo.

Por isso, as vitórias expressivas do Vasco sobre o Fluminense são lembradas até hoje com verdadeira adoração. Em especial os 6 x 0 de 1930 — a maior goleada do clássico — e os 4 x 1 de 1979, quando Roberto Dinamite vingou parte das tristezas vascaínas marcando três vezes. Motivos suficientes para tricolores terem enfartes em pleno Maracanã em jogos contra o Vasco, como aconteceu em 1981, com o jornaleiro Pasquale Amato. Afinal, um grande clássico é sempre capaz de mexer com o coração.

AGÊNCIA ESTADO

DE ALMA LAVADA
Em 1979, Roberto marcou três nos históricos 4 x 1 sobre o Flu

RICARDO BELIEL

O BRASIL SE CURVA
Em 1984, Vasco e Flu foram à final do Brasileiro

Apesar do predomínio do Fluminense, que já venceu duas finais e impediu um tetracampeonato vascaíno, os corações tricolores ficam apertados a cada clássico com o Vasco. Um deles já sofreu até um enfarte em plena arquibancada do Maracanã, tamanha foi a emoção

O CORAÇÃO NÃO RESISTE
Em 1981, deu Vasco com três de Roberto...

MASSACRE TRICOLOR
Em 1976, com Rivelino, o Flu fez 4 x 1

FERNANDO PIMENTEL

RICARDO BELIEL

... e nas arquibancadas um tricolor sofre um enfarte

O FLU TEM 11 VITÓRIAS A MAIS

NILTON CLAUDINO

A última vitória do Vasco contra o Flu em 1990: 1 x 0

	FLU	X	VAS
20/05/23	0	x	1
29/07/23	1	x	2
17/05/25	1	x	2
22/11/25	5	x	1
23/06/26	2	x	1
08/08/26	0	x	3
03/07/27	2	x	2
18/09/27	4	x	3
20/05/28	0	x	0
19/09/28	1	x	2
26/05/29	2	x	1
22/09/29	1	x	2
18/05/30	1	x	1
09/11/30	0	x	6
17/05/31	2	x	1
08/11/31	2	x	3
05/06/32	3	x	2
04/09/32	1	x	5
07/05/33	3	x	1
22/10/33	1	x	0
06/05/34	1	x	2
29/07/34	0	x	1
10/11/37	4	x	2
26/12/37	0	x	0
06/11/38	1	x	1
08/01/39	3	x	1
23/04/39	2	x	0
16/07/39	3	x	0
15/10/39	3	x	2
12/05/40	2	x	0
25/08/40	4	x	2
17/11/40	0	x	2
11/05/41	6	x	2
13/07/41	2	x	1
21/09/41	3	x	1
26/10/41	0	x	1
24/05/42	4	x	1
29/07/42	1	x	0
27/09/42	2	x	1
13/06/43	3	x	0
15/08/43	2	x	2
01/07/44	3	x	3
02/09/44	2	x	1
02/09/45	1	x	3
04/11/45	1	x	1
25/08/46	2	x	0
03/11/46	2	x	3
05/10/47	3	x	5
21/12/47	1	x	1
19/09/48	2	x	0
06/12/48	0	x	2
07/08/49	3	x	5
30/10/49	0	x	2
28/12/49	1	x	3
01/10/50	2	x	1
06/01/51	0	x	4
09/09/51	2	x	4
17/11/51	3	x	2
13/02/52	2	x	2
21/09/52	1	x	0
11/01/53	2	x	2
23/05/53	4	x	1
06/09/53	2	x	2
15/11/53	2	x	1
14/01/54	3	x	2
10/07/54	0	x	1
31/10/54	3	x	4
05/12/54	1	x	1
06/02/55	2	x	4
04/05/55	1	x	4
25/09/55	1	x	1
05/02/56	3	x	1
26/02/56	2	x	0
26/08/56	2	x	3
18/11/56	0	x	0
21/05/57	2	x	0
21/07/57	5	x	2
01/12/57	1	x	2
13/03/58	1	x	6
24/08/58	0	x	1
16/11/58	1	x	1
06/05/59	1	x	2
04/10/59	2	x	0
11/10/59	3	x	1
31/03/60	3	x	2
30/09/60	2	x	0
10/12/60	1	x	0
30/03/61	1	x	4
09/09/61	0	x	0

	FLU	X	VAS
08/10/61	2	x	1
09/12/61	0	x	0
10/03/62	3	x	4
09/09/62	0	x	1
02/12/62	2	x	0
13/02/63	1	x	1
28/07/63	3	x	1
21/10/63	2	x	0
14/03/64	0	x	0
13/09/64	0	x	1
06/12/64	1	x	1
20/02/65	1	x	2
24/04/65	1	x	1
19/09/65	1	x	1
07/11/65	2	x	1
05/03/66	0	x	2
19/10/66	2	x	1
03/11/66	1	x	1
01/04/67	2	x	2
21/10/67	2	x	1
19/11/67	2	x	0
13/04/68	1	x	3
12/05/68	0	x	0
17/11/68	1	x	2
21/04/69	2	x	1
25/05/69	0	x	0
21/09/69	2	x	2
19/07/70	1	x	1
20/09/70	2	x	0
01/11/70	3	x	1
21/03/71	3	x	1
25/04/71	1	x	1

	FLU	X	VAS
16/06/71	2	x	0
15/08/71	0	x	1
19/03/72	0	x	0
21/05/72	0	x	1
12/08/72	0	x	1
03/09/72	2	x	0
26/11/72	0	x	0
08/04/73	0	x	0
08/07/73	0	x	0
25/07/73	1	x	0
01/08/73	0	x	1
08/12/73	0	x	1
21/04/74	2	x	1
08/09/74	5	x	1
29/10/74	1	x	1
10/11/74	0	x	2
30/03/75	1	x	2
01/06/75	1	x	0
27/07/75	1	x	2
10/08/75	4	x	1
26/10/75	4	x	1
21/04/76	0	x	0
07/07/76	4	x	2
08/08/76	3	x	0
29/08/76	2	x	2
03/10/76	1	x	0
14/11/76	3	x	0
08/05/77	0	x	1
25/09/77	0	x	2
24/09/78	2	x	0
26/11/78	0	x	2
17/03/79	0	x	1

	FLU	X	VAS
08/04/79	0	x	0
27/05/79	1	x	4
15/09/79	1	x	0
03/11/79	2	x	3
11/05/80	1	x	1
05/10/80	2	x	1
26/10/80	1	x	1
23/11/80	3	x	3
30/11/80	1	x	0
09/04/81	0	x	2
12/04/81	3	x	2
04/07/81	0	x	3
27/09/81	2	x	3
01/11/81	2	x	2
08/08/82	1	x	2
17/10/82	2	x	3
21/08/83	3	x	1
06/11/83	0	x	2
24/05/84	1	x	0
27/05/84	0	x	0
13/09/84	0	x	0
13/11/84	1	x	2
09/12/84	2	x	0
16/02/85	3	x	5
17/03/85	1	x	2
01/09/85	0	x	0
27/09/85	2	x	0
13/04/86	0	x	0
20/07/86	1	x	1
12/04/87	3	x	0
03/05/87	0	x	0
23/07/87	2	x	0
25/10/87	2	x	0
13/03/88	0	x	1
29/05/88	1	x	2
08/06/88	1	x	1
23/10/88	0	x	0
26/03/89	2	x	0
28/05/89	1	x	1
01/10/89	0	x	0
28/01/90	0	x	1
25/03/90	1	x	0
22/07/90	0	x	1
09/09/90	0	x	0
28/11/90	1	x	3
31/03/91	1	x	1

RETROSPECTO

199 jogos

78 vitórias do Fluminense

67 vitórias do Vasco

54 empates

294 gols do Fluminense

265 gols do Vasco

Por João Máximo

Fluminense 2 x Vasco 1 (1/10/1950)

Foi a maior atuação de um goleiro que vi em toda a minha vida. Era Castilho saltando, Castilho mergulhando em pés vascaínos, Castilho mandando para córner com a ponta dos dedos, Castilho garantindo o placar até o fim

Foi no dia 1.º de outubro de 1950, um domingo de sol como costumavam ser os das melhores primaveras cariocas. Naquela época, nós, garotos não-vascaínos loucos por futebol, vivíamos sonhando com o time do Vasco. Ou melhor, tínhamos pesadelos com o time do Vasco. Era Barbosa fechando o gol, Eli baixando o sarrafo, Ipojucan fazendo embaixada, Danilo dominando a meia-cancha, Maneca inventando passes, Dejair multiplicando dribles, Ademir marcando gols. Meus pesadelos eram mais com Ademir. Via-o passando como um raio pelos lerdos zagueiros tricolores e entupindo de bolas as redes do meu time. Ademir era um goleador infernal. Sempre que o Fluminense jogava com o Vasco, minutos antes de os times entrarem em campo, eu ficava rezando para que aquele pernambucano diabólico, de queixo comprido e futebol imenso, não estivesse entre nossos onze adversários. Quem sabe não teria torcido o pé, caindo da cama durante a noite? Quem sabe uma enxaqueca de última hora, uma dor de barriga repentina, algo assim que, por obra divina, impedisse Flávio Costa de escalá-lo? Mas Ademir estava sempre lá.

Naquele domingo, fui para o Maracanã certo de que viveria acordado, sobre o chão de cimento, meu pesadelo de véspera. O Vasco tinha aquilo que então se chamava de um *scratch*. E o Fluminense, mais que nunca, era um *timinho*. Não seria por acaso que acabaria em sexto lugar, atrás do Olaria, naquele primeiro Campeonato Carioca da era Maracanã. Sabem qual era a "linha média"? Osvaldo, Pé-de-Valsa e Jair. Nenhum time com aqueles três merecia vencer o Olaria, quanto mais o Vasco. E o ataque? Róbson improvisado de ponta-direita, Jerônimo deslocado para a esquerda, um branquelo chamado Silas entre um Carlyle e um Didi, que, dizia-se, tinham brigado na véspera (soube anos mais tarde que as brigas de Carlyle não eram com Didi, mas com Orlando, que na época estava injustamente barrado pelo Silas). Enfim, aquele time do Fluminense, dirigido por Otto Vieira (dos mais burocráticos treinadores de uma época de treinadores burocráticos), deveria ser triturado pelo Vasco da Gama, campeão invicto em 1949 e a caminho do bi em 50. Mas fui lá para ver. Como bom torcedor que naquele tempo era, gostava de sofrer. Ou achava que sofrer fazia parte do jogo.

Mas não foi um jogo. Muito menos um pesadelo. Em menos de 10 minutos, por inexplicáveis descuidos de Augusto e Wílson, o branquelo Silas já tinha feito dois gols. O Vasco levou quase meia hora para refazer-se do susto. Aos 32 minutos, Ipojucan mandou Castilho com bola e tudo para dentro do gol. *Foul*, claro! Mas Carlos de Oliveira Monteiro, o Tijolo (juizinho ruim aquele...), apontou para o centro.

A partir dali, foram 58 minutos de massacrante pressão vascaína. A bola não saía do campo do Fluminense. Se Barbosa quase cochilava lá atrás, Eli ainda baixava o sarrafo, Danilo dominava a meia-cancha, Maneca inventava passes, Dejair multiplicava dribles, Ademir buscava o gol... mas Castilho defendia tudo. Foi a maior atuação de um goleiro que vi em toda minha vida. Foram 64 defesas — contadas por Mário Filho em sua crônica no *Jornal dos Sports* — e pelo menos meia dúzia com jeito de milagre. Era Castilho saltando, Castilho mergulhando em pés vascaínos, Castilho mandando para córner com a ponta dos dedos, Castilho voando, Castilho garantindo o placar até o fim. Naquele dia ele se transformou no maior ídolo da torcida do Fluminense. Torcedores alucinados fizeram o que se julgava impossível: descobriram uma tábua não sei onde, construíram com ela uma ponte entre a geral e o gramado e invadiram o campo para carregar Castilho nos ombros. Nunca, até então, o intransponível Maracanã fora invadido.

Naquela noite, em vez de pesadelo, sonhei que Ademir estava de joelhos rezando. No altar, São Castilho.

ABRIL

João Máximo, *59 anos, é jornalista, expert em música, mas gosta mesmo é de ouvir o Hino do Fluminense.*

VÔOS DE SÃO CASTILHO
O Fluminense surpreende com os 2 x 1 sobre o Vasco: o empate só não saiu porque o goleiro Castilho fez milagres

ABRIL

Por MOACIR JAPIASSU

Vasco 10 x Fluminense 0 (Certa vez, numa mesa de botão)

O menino, com o sentido de vingança despertado, segurou o inimigo e o esquadrão vascaíno pôde assim iniciar o inesquecível vareio de bola. Foi a única vez que vi o Fluminense enroscar-se como um cão aos pés do meu time

Quando meu filho estava com 9, 10 anos de idade, eu o surpreendi a jogar, sozinho, uma partida de futebol de botões, com narração apoteótica e desesperada, ao estilo do locutor José Silvério. O jogo solitário era comum na infância de filho único, porém eu jamais escutara antes tal alarido do esganiçado e improvisado locutor. "Quem está jogando?", perguntei. "Vasco e Fluminense." Insisti: "Quem ganha?" Ele respondeu, aflito: "Zero a zero". Então, na dupla qualidade de pai e torcedor fanático do Vasco da Gama, fiz valer a experiência de tantos anos de emoção e ponderei: "O jogo não é de brincadeira? Por que o Vascão não vence logo de dez a zero?" Na vida real, vínhamos de mais uma derrota para o tricolor no Campeonato Carioca, com gol contra e tudo, de modo que o menino, com o sentimento de vingança despertado, "segurou" o inimigo e o esquadrão vascaíno pôde assim iniciar o inesquecível vareio de bola. Foi esta a única vez que vi o Fluminense enroscar-se como um cão aos pés do meu time.

É claro que o exercício da fantasia jamais há de refrescar um coração sofrido e apaixonado, todavia não diviso outra arma nessa luta tão antiga quanto inglória. É sabido, aqui e alhures, que o Vasco não ganha do Fluminense — ou não vence quando *deve* vencer. A torcida elegeu o Flamengo como adversário-padrão dos, com perdão da palavra, cruzmaltinos, porém esse merece apenas o nosso desprezo enquanto aquele nos tem ensinado a noção do medo. Clássico é isso — na concepção de guerreiros: o enfrentamento do pânico, que começa no enunciado da tabela e se reforça pelos torneios afora. Muito temos perdido. E quando falece ao inimigo a mais mínima competência, Deus ordena que Zé do Carmo nos humilhe com mais um gol contra. É, digo com autoridade, a mais ultrajante das emoções. Em 1946, quando freqüentava o pré-primário desse Carma, reza a lenda que Gentil Cordoso, técnico do Fluminense, teria proclamado aos dirigentes: "Dêem-me Ademir e eu lhes darei o campeonato". O Vasco, que cevava em glórias uma equipe prodigiosa, dispensou seu gênio e isso nos custou o bicampeonato carioca e mais seqüelas na alma calejada. Tive um duro aprendizado, confesso, e fiz PhD no seio da decepção.

Certa vez, tínhamos uma equipe forte, azeitada; o inimigo apresentava-se alquebrado, com Gérson em final de carreira, consumido pelas mazelas da idade; lá na frente, o ponta-direita Gil (lembram-se?) vagueava sua incompetência, ofendido e repudiado pela torcida. Dizia-se nas arquibancadas que guardara no vestiário a passagem de ônibus, de volta a sua terra. Pois bem: Gérson esticou cinco bolas impossíveis para além das fortificações vascaínas e tomamos de cinco! Gil fez três e adiou o embarque desprezível. O Vasco é assim, capaz de exumar talentos, recuperar indigentes — basta que vistam a camisa tricolor. Alguns torcedores mais exaltados falam de sortilégios e quimbandas; considero no entanto tal fenômeno como simples missão dos vascaínos sobre a Terra, missão que procuramos cumprir com alguma resignação e a indispensável coragem. Afinal, um grande clube como o Vasco não se fez apenas das miçangas do carnaval da vitória. A paixão verdadeira situa-se muito além do acaso e do transitório e fidelidade de torcedor exige certo espírito de renúncia.

ABRIL

Moacir Japiassu, *48 anos, é jornalista há 30, chefe de redação da revista Elle e vascaíno há três gerações.*

FERNANDO PIMENTEL

TRISTE SINA VASCAÍNA
Mesmo com Roberto Dinamite, o Vasco jamais soube superar o trauma: o rival Fluminense foi, e ainda é, o eterno fantasma

Palmeiras X Santos

LIÇÕES DE COMO SE JOGA BOLA

Mais que um simples jogo de futebol, Palmeiras e Santos, pela qualidade dos craques que já vestiram suas camisas, protagonizaram verdadeiras obras-primas. Dignas de ocupar o lugar que lhes foi conferido por Paulo Mendes Campos na literatura brasileira com seu texto *Pelé Passa para Pepe*. "Aprofunda-se Pepe, como se passeasse pelo campo do Pacaembu; (...) Parada, parada, inexplicavelmente parada a equipe do Palmeiras", diz o autor.

Talvez o poeta, botafoguense notório, estivesse se referindo à inacreditável vitória santista por 7 x 6, pelo Rio-São Paulo de 1958. Naquele dia, Pepe marcou três gols para o Santos, que chegou a estar perdendo por 5 x 2 e 6 x 5.

Mas material para registro em prosa ou verso era o que não faltava nos confrontos daquela época, a fase áurea do futebol brasileiro. Na final de 1959, vencida pelo Palmeiras, nada menos que seis jogadores já haviam estado em Copas do Mundo defendendo a Seleção — Djalma Santos e Julinho, pelo Verdão, e Zito, Jair da Rosa Pinto, Pelé e Pepe, pelo Santos. E o passar dos anos só fez aumentar o desfile de craques: Gilmar, Carlos Alberto Torres, Clodoaldo, Ademir da Guia, Leão, Luís Pereira e outros cobras mantiveram acesa a chama do clássico. Que hoje, por causa do período em que nenhum dos dois vence um campeonato, vem perdendo um pouco em atualidade. Mas ainda ganha, de longe, em beleza sempre que comparado aos demais.

ABRIL

É SUPERCAMPEÃO!
Dois jogos extras e nada de campeão em 1959: no terceiro, Verdão 2 x 1

SEBASTIÃO MARINHO

DUELO DE COBRAS
Dudu e Pelé no viveiro de craques

Os chutes mortais de Pepe e Romeiro, as defesas espantosas de Leão e Gilmar, a maestria de Ademir da Guia. E Pelé. Nada faltou, nos últimos 76 anos, para que se consagrassem os clássicos Palmeiras x Santos, verdadeiras aulas de bom futebol

ABRIL

ANO LÁ, ANO CÁ
Entre 1958 e 1969, só Palmeiras e Santos foram campeões em São Paulo

ÁGUA NO CHOPE
Faltando 4 minutos, Enéas e Jorginho...

ABRIL

VALEU, ARAGÃO
O empate do Palmeiras, com gol do juiz

NICO ESTEVES

...empatam um jogo quase perdido

NESTE DUELO DE TÉCNICA, DÁ VERDÃO

NELSON COELHO

César Sampaio e Júnior revivem hoje os duelos no meio-campo

	PAL	X	SAN
03/10/15	0	x	7
19/03/16	0	x	5
24/05/16	4	x	2
17/12/16	0	x	1
08/07/17	5	x	1
23/09/17	2	x	0
31/08/19	2	x	0
01/11/19	4	x	1
30/05/20	3	x	2
24/10/20	0	x	0
22/05/21	4	x	2
20/11/21	6	x	1
01/10/22	3	x	0
26/11/22	2	x	0
06/05/23	1	x	0
30/03/24	6	x	1
21/09/24	2	x	1
29/03/25	2	x	0
10/05/25	3	x	0
06/06/26	3	x	2
03/04/27	2	x	3
22/01/28	4	x	1
29/01/28	1	x	1
04/03/28	3	x	2
26/08/28	2	x	2
18/11/28	2	x	3
22/09/29	2	x	4
23/03/30	0	x	1
29/06/30	4	x	2
31/08/30	2	x	0
28/06/31	2	x	4
13/12/31	1	x	2
10/04/32	2	x	1
11/12/32	8	x	0
28/05/33	3	x	1
27/08/33	4	x	3
15/04/34	3	x	0
17/06/34	3	x	1
08/07/34	5	x	0
07/10/34	1	x	1
17/10/34	1	x	3
02/12/34	3	x	2
02/06/35	0	x	1
29/09/35	0	x	0
26/01/36	3	x	1
13/09/36	2	x	1
18/04/37	4	x	0
27/06/37	1	x	1
05/12/37	5	x	3
12/03/38	1	x	0
12/04/39	1	x	6
11/06/39	2	x	3
24/09/39	2	x	2
14/07/40	1	x	0
21/09/40	5	x	0
21/11/40	3	x	0
23/03/41	4	x	2
12/07/41	3	x	2
27/07/41	4	x	1
09/05/42	3	x	2
16/08/42	5	x	2
01/11/42	1	x	1
04/04/43	1	x	0
18/07/43	0	x	2
14/11/43	2	x	3
20/01/44	1	x	0
09/04/44	2	x	1
08/10/44	1	x	0
27/05/45	3	x	0
05/08/45	2	x	0
11/05/46	1	x	1
22/09/46	3	x	1
14/06/47	1	x	0
28/12/47	2	x	1
30/05/48	0	x	2
10/10/48	2	x	3
02/07/49	2	x	0
25/09/49	1	x	1
05/11/50	1	x	1
16/11/50	2	x	4
20/05/51	6	x	2
02/09/51	2	x	1
12/10/51	1	x	1
22/12/51	3	x	2
13/02/52	0	x	2
17/08/52	0	x	0
08/11/52	2	x	0
14/12/52	0	x	4
03/05/53	1	x	2

	PAL	X	SAN
20/09/53	3	x	1
03/01/54	6	x	3
27/05/54	4	x	3
02/10/54	1	x	2
22/01/55	5	x	1
13/04/55	4	x	4
24/09/55	1	x	3
18/12/55	1	x	3
11/04/56	2	x	4
22/09/56	0	x	0
24/10/56	1	x	2
22/12/56	2	x	1
15/05/57	0	x	3
08/09/57	2	x	1
26/10/57	3	x	4
28/12/57	1	x	4
06/03/58	6	x	7
24/08/58	0	x	1
16/11/58	1	x	2
14/03/59	3	x	3
06/05/59	2	x	1
03/10/59	3	x	7
29/11/59	5	x	1
05/01/60	1	x	1
07/01/60	2	x	2
10/01/60	2	x	1
27/03/60	0	x	0
21/08/60	1	x	3
16/12/60	1	x	2
23/03/61	1	x	1
30/07/61	1	x	2
29/11/61	3	x	2
18/03/62	3	x	5
12/08/62	2	x	4
14/11/62	0	x	3
13/03/63	0	x	3
07/08/63	1	x	1
20/11/63	1	x	0
10/04/64	1	x	2
23/08/64	1	x	2
04/11/64	2	x	3

	PAL	X	SAN
07/11/64	3	x	2
10/11/64	0	x	4
31/03/65	7	x	1
19/09/65	1	x	0
03/11/65	2	x	4
10/11/65	1	x	1
12/12/65	5	x	0
23/03/66	2	x	3
15/04/66	1	x	1
22/09/66	2	x	2
23/11/66	0	x	2
08/04/67	2	x	1
06/08/67	1	x	1
29/10/67	1	x	4
13/04/68	0	x	1
19/05/68	1	x	3
18/09/68	0	x	0
08/12/68	0	x	3
22/03/69	3	x	2
03/05/69	1	x	0
18/06/69	0	x	3
12/10/69	2	x	1
11/03/70	0	x	1
24/04/70	1	x	1
05/07/70	0	x	2
06/09/70	1	x	1
11/11/70	1	x	1
28/03/71	2	x	0
30/05/71	2	x	1
16/10/71	0	x	1
15/01/72	4	x	0
26/03/72	2	x	1
13/08/72	1	x	0
25/10/72	0	x	1
06/05/73	1	x	1
12/08/73	1	x	0
02/09/73	0	x	0
09/12/73	1	x	1
20/04/74	0	x	4
09/09/74	0	x	0
24/11/74	2	x	0

	PAL	X	SAN
26/02/75	2	x	2
06/04/75	0	x	2
27/07/75	2	x	0
04/04/76	1	x	1
07/09/76	0	x	1
15/12/76	5	x	0
02/04/77	2	x	0
12/06/77	1	x	1
25/09/77	1	x	1
11/12/77	1	x	1
15/10/78	2	x	0
19/11/78	1	x	3
04/03/79	2	x	1
27/05/79	2	x	1
03/09/79	3	x	1
30/09/79	2	x	1
18/11/79	5	x	1
23/07/80	1	x	0
14/09/80	0	x	0
05/07/81	0	x	1
13/09/81	0	x	0
01/11/81	2	x	3
08/11/81	1	x	1
13/05/82	4	x	0
19/09/82	1	x	3
23/11/82	1	x	6
14/04/83	0	x	1
21/04/83	2	x	2
10/07/83	2	x	2
09/10/83	2	x	2
17/03/84	2	x	2
25/03/84	3	x	2
05/08/84	1	x	1
21/10/84	0	x	2
03/03/85	1	x	2
10/04/85	1	x	1
28/07/85	2	x	1
29/09/85	0	x	0
15/03/86	1	x	1
06/07/86	1	x	1
29/10/86	1	x	0
07/12/86	1	x	1
06/03/87	2	x	3
29/03/87	2	x	2
26/07/87	2	x	1
20/09/87	0	x	0
20/03/88	0	x	1
25/06/88	0	x	0
10/07/88	1	x	2
03/09/88	1	x	1
06/05/89	1	x	1
07/09/89	0	x	0
29/04/90	1	x	2
02/09/90	0	x	0
02/05/91	1	x	1

RETROSPECTO

226 jogos
96 vitórias do Palmeiras
71 vitórias do Santos
59 empates
408 gols do Palmeiras
344 gols do Santos

Por Roberto Avallone

Palmeiras 6 x Santos 7 (6/3/1958)

"Milagre no Pacaembu", gritava Édison Leite, testemunhando o que classificava de "o maior espetáculo que já vi no futebol". Só que, diante da máquina do Santos, milagre tinha mesmo que durar pouco

A ilusão estava no ar, pronta para entrar em campo. Era uma noite quente, a noite de 6 de março de 1958, e, menino de 12 anos, habituado já a freqüentar os estádios, não pude ir ao Pacaembu vencido por uma gripe incômoda.

E era noite de clássico, Santos x Palmeiras. Sem TV direta, o jeito era aproveitar a magia do rádio. Era do rádio a ilusão; a voz grave de Édison Leite, um locutor romântico, pedia aos repórteres as escalações das duas equipes. Lá vinha o Santos do gordo técnico Lula, o Santos que surgia como força emergente para atrapalhar a vida do chamado Trio de Ferro (São Paulo, Corinthians e Palmeiras), com seus meninos em busca dos gols: Manga, Hélvio e Ivã; Fiotti, Zito e Urubatão; Dorval, Jair — o velho Jajá —, Pagão, Pelé e Pepe. Contra essa máquina ousava lutar o Palmeiras, um time que vivia mais à custa de um centroavante apelidado de Diabo Loiro e Mazola. O Palmeiras surgia em campo com Edgar, Édson e Dema; Carabina, Fiúme e Formiga; Paulinho, Nardo, Mazola, Ivan e Urias.

Até aí, tudo normal. Ah, quem poderia prever o que estava para acontecer naquela noite? Quem começou a festa foi o Palmeiras, um gol de Urias, ponta-esquerda sem fama e que viera de Rio Preto. 1 x 0. Não tardaria a resposta do Santos — e veio com um gol do menino de 17 anos que, pouco mais de três meses depois, na Suécia, seria aclamado campeão do mundo e Rei do futebol: tratava-se, evidentemente, de Pelé, ainda um crioulinho das pernas finas que aceitava, humilde, as broncas do capitão Zito. E ainda no primeiro tempo, uma seqüência impressionante de gols. Foi só Pagão fazer 2 x 1 para o Santos que, inflamado, o Palmeiras correu à frente para empatar (gol de Nardo) levando, em seguida, três golpes que pareciam mortais — como num deboche, Dorval, Pepe e Pagão estabeleceram 5 x 2.

Vergonha, pura vergonha, resmungavam os palestrinos. Mas era noite de milagres. E quem treinava o Palmeiras? Simplesmente Brandão, Osvaldo Brandão, homem que não hesitava em tirar o cinto para bater em jogador que não corresse. Nem foi preciso tirar o cinto: Brandão apenas pediu vergonha na cara, trocou o goleiro (saiu Edgar, entrou o jovem Vítor) e colocou em campo a raça de um negro uruguaio, de nome Caraballo. Caraballo não era jogador de pose e nem de firulas, mas debochava da cara feia inimiga. Tendo um parceiro assim ao seu lado, Mazola transformou-se de verdade em Diabo Loiro e o milagre aconteceu: de perdedor de 5 x 2, o Palmeiras passou para 6 x 5! Com gols de Mazola, Paulinho, Urias e Ivan — este, um meia que tinha Palmeira como sobrenome.

"Milagre no Pacaembu!", gritava Édison Leite, testemunhando o que classificava de "o maior espetáculo que já vi no futebol".

Só que, diante da máquina do Santos, milagre tinha mesmo que durar pouco. E lá se foi a esperança palestrina, de jeito inesperado. Não pelos gols de Pelé, mas pela ação fulminante de Pepe, um menino que ainda tinha topete à Tony Curtis e uma canhota tão poderosa que a ele dava a fama de Canhão da Vila. Só que Pepe nem precisou usar a esquerda para acabar com o milagre de Brandão, empatando — 6 x 6 — e dando a vitória ao Santos, balançando de novo as redes inimigas. E de cabeça, façanha rara na carreira de Pepe, o segundo maior artilheiro da história do Santos.

Santos 7, Palmeiras 6! Um placar incrível, a emoção ainda maior pintada com a ilusão do rádio, no clássico incomparável. Entre todos os duelos que vi, o maior mesmo foi esse que ouvi, em que tudo era uma aventura dos tempos em que sobravam os gols e os talentos.

TEMPESTADE DE GOLS
Pelé e Pepe fizeram, juntos, 4 dos 13 gols de Santos 7 x Palmeiras 6, em março de 1958

FOTOS ABRIL

***Roberto Avallone**, 46 anos, é gerente de Esportes da TV Gazeta (SP) e acompanha futebol desde os 5 anos.*

Por Mílton Neves

Santos 1 x Palmeiras 2 (10/01/1960)

Foi a primeira vez que parei para ouvir futebol pelo rádio. Fiquei triste. Mas só naquele dia. Depois, o Santos e o rádio só me deram alegria. Como torcedor, locutor, santista e jornalista

O som mais gostoso do futebol, o do gol pelo rádio, eu ouvi pela primeira vez, algo incomodado, naquele 10 de janeiro de 1960. Ainda não era santista, muito menos jornalista. Tinha 8 anos, 5 meses e 4 dias de vida. Ao lado do inesquecível rádio "capela" de minha avó Beatriz, lá na minha terra, em Muzambinho (MG), ouvi claramente a palavra muito comprida que começava com "G" e era seguida por 23 "os" e 11 "eles": Goooooooooooooooooooooollllllllll deee Roooooooomeiroooo!!! Enquanto o narrador Pedro Luiz detalhava o lance, decidi: o meu time é o Santos. É que, antes da cobrança de falta que deu o supercampeonato paulista de 1959 ao Palmeiras, o repórter de campo garantiu que Zito sequer encostara em Zequinha. Mas o árbitro Anacleto "Valussi" Pietrobom marcou a falta e o ponta-esquerda Romeiro cobrou aos 3 minutos do 2.° tempo, vencendo o goleiro Laércio e decretando a vitória palmeirense por 2 x 1, de virada, depois de dois empates nos dois primeiros jogos decisivos.

Como em 1958 nada desconfiei sobre a Copa do Mundo da Suécia ou qualquer outra competição de futebol — assunto que ainda não havia descoberto —, aquele Santos x Palmeiras de 10 de janeiro de 1960 se tornou o grande marco da minha infância, a ponto de determinar minha própria profissão. O Santos entrou em campo com Laércio, Urubatão, Getúlio e Dalmo; Zito e Formiga; Dorval, Jair da Rosa Pinto, Pagão, Pelé e Pepe. O Palmeiras com Valdir, Djalma Santos, Waldemar Carabina e Geraldo Scotto; Zequinha e Aldemar; Julinho, Américo, Nardo, Chinesinho e Romeiro. Foi o primeiro jogo, o primeiro gol, a primeira emoção. E também a primeira vez que parei para ouvir futebol pelo rádio. Fiquei triste. Mas só naquele dia. Depois, o Santos e o rádio só me deram alegria. Como torcedor, locutor, santista e jornalista.

Muito mais importante do que meus sentimentos, porém, é a gloriosa história de Santos x Palmeiras. Dois clubes que caíram muito nos últimos tempos, é verdade. Mas vocês já notaram que, desde que Santos e Palmeiras — além do Botafogo do Rio — deixaram de ser o que eram, o futebol brasileiro nunca mais foi campeão do mundo?

O Santos, aliás, dominou o futebol de São Paulo, do Brasil e do mundo, com um time que teve Pelé, um jogador que não será igualado enquanto houver uma bola rolando pelos campos do mundo. Mas até Pelé perdeu para o Palmeiras. Em 1959, 63 e 66 deu Verdão no Campeonato Paulista. Com Pelé e tudo!

Foram grandes jogos entre Santos e Palmeiras. Brilhou Chinesinho, liderou Zito, ficou na história Romeiro, jogaram dos dois lados Formiga, Dorval, Laércio, Jair da Rosa Pinto. Aldemar marcou Pelé melhor que qualquer outro. E até Copeu se transformava em Garrincha quando marcado por Rildo. Sobre Ademir da Guia, Coutinho, Pagão, Luís Pereira, Djalma Santos e Carlos Alberto Torres nada precisa ser dito. Só um sorriso e um suspiro de saudade, respeito e gratidão. Lamento apenas que eles não joguem mais no rádio "capela" de minha avó Beatriz. Minha avó morreu, o rádio sumiu, já tenho 40 anos e três filhos são-paulinos, o Palmeiras não ganha mais nada e a camisa branca do meu Santos não ilumina mais os caminhos das pedras. Dentro delas não há mais aqueles crioulos que jogavam "sem tocar o pé no chão", como garantia o rádio esportivo de São Paulo naqueles anos 60 que não voltam mais. Que pena!

Milton Neves, *39 anos, radialista e titular do plantão esportivo da Jovem Pan (SP), é santista até debaixo d'água.*

PALMEIRAS VIRA-VIRA
O ponta-direita Julinho empata o jogo da decisão do Paulista de 1959. O canhoto Romeiro iria completar a virada

INFORME PUBLICITÁRIO

OS MEL
MO
DE SÃO

RARU'S

Todo o requinte de um 5 estrelas no ABC.
Ambiente de sonhos em Ap. Triplex com lareira,
piscina térmica, hidro, sauna e cozinha internacional.
Av. Maria Servidei Demarchi, 256 Saída 23 da Via Anchieta
São Bernardo do Campo, SP - PBX (011) 419-8355

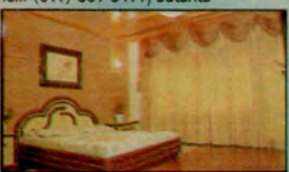
OPIUM

Totalmente equipado, amplos espaços e piscinas térmicas,
o Opium faz os melhores convites para quem exige
sofisticação e comodidade.
Pça. Paschoal Martins, 54
Tel.: (011) 825-5099, Barra Funda

CARIBE

Para liberar as fantasias do prazer, o Caribe dispõe
de deliciosas suítes com hidro. E, para esquentar
ainda mais o clima, piscina térmica, máximo conforto.
Av. Antártica, 2
Tel.: (011) 826-0488, Barra Funda

BARILOCHE

Na realidade do conforto, o Motel Bariloche
recria no relax as melhores fantasias do prazer a dois.
E agora, em exclusivas mansões, totalmente equipadas.
Rod. Raposo Tavares, Km 16,5
Tel.: (011) 869-5477, Butantã

ROMAIN VILLE

Mergulhe na paixão. Camas com espelhos e vitrais, sauna,
video e as suites Ouro e Eros com banheiras
hidrogigantes. Espaço para o amor e para as delícias
da hidromassagem. Romain Ville. Um clássico.
Av. Marquês de São Vicente, 1678, Tel.: (011) 67-1753

HORES TÉIS PAULO.

SWING

Dentro das últimas novidades 5 estrelas do conforto e privacidade, o Swing reserva o bom gosto para você em ambientes muito distintos.
Av. Duquesa de Goiás, 430
Tel.: (011) 531-9199, junto à Pte. do Morumbi.

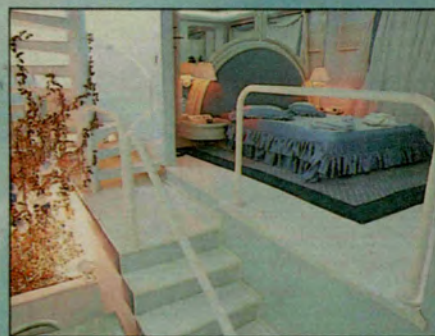
VEGAS

Para curtir os momentos agradáveis da vida, o VEGAS reservou para você suites com muito luxo e sensualidade, finamente decoradas para fazer o prazer a dois ainda mais intenso. Cozinha internacional.
Av. Nações Unidas, 16091 (Marg. Pinheiros) Tel. (011) 522-9222

MAYTÊ

Em tempo de velhos amores, novas emoções. Natureza e muito requinte, o MAYTÊ tem suites de luxo em chalés normandos, com muito verde e o charme da arte do Embú. Aceita cartões de crédito.
Rod. Regis Bitencourt, km 21,5 PBX (011) 791-1066

ÁLIBI

Pela categoria 5 estrelas, o Motel Álibi confirma seu conforto e sofisticação. livre pernoite de domingo a 5ª, após às 22h.
Av. Condessa Elizabeth Rubiano, 4810
Tel.: (011) 293-9011, Penha

DESIRÉE

Suítes com todo o requinte e sofisticação, clima aconchegante que deixa você mais do que a vontade. Decoração de bom gosto e almoço executivo.
Av. Ver. João de Lucca, 1215 - Tel. (011) 562-4855
R. Prof. José Leite e Oiticica, 97 - Tel. (011) 531-2657

OBRAS-PRIMAS

Se você pudesse prever ou voltar no tempo, quanto pagaria para estar na arquibancada em determinadas partidas? Únicos em suas emoções, esses verdadeiros shows se tornaram exemplos clássicos do bom futebol brasileiro

Santos 2 x Bahia 3

AG. O GLOBO

Festa baiana na surpreendente Taça Brasil de 1959: 3 x 2 sobre o Santos de Pelé na Vila

Parecia impossível. Longe de Salvador e diante do Santos de Pelé, o Bahia vence o primeiro jogo da decisão da Taça Brasil de 1959. Sem se intimidar, a equipe baiana ainda saiu atrás no marcador, mas manteve a tranqüilidade para tentar a reação. O gol de Alencar, aos 44 minutos do segundo tempo, garantiu a vitória em plena Vila Belmiro.

10/dezembro/59
SANTOS 2 X BAHIA 3
Local: Vila Belmiro; Juiz: Alberto da Gama Malcher; Renda: Cr$ 868 930; Público: 23 000; Gols: Pelé 15 e Biriba 26 do 1.º; Alencar 12, Pepe (pênalti) 32 e Alencar 44 do 2.º
SANTOS: Manga, Getúlio, Urubatão, Formiga e Dalmo; Zito e Jair da Rosa Pinto; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe. Técnico: Lula
BAHIA: Nadinho, Leone, Henrique, Vicente e Beto; Flávio e Bombeiro; Marito, Alencar, Leo e Biriba. Técnico: Geninho

Santos 2 x Cruzeiro 3

ABRIL

O Cruzeiro inicia a reação no Pacaembu: Tostão *(de branco, à esq.)* comandava este supertime

OLIVIO LAMAS

Decisão da Taça Brasil de 1966. O Cruzeiro já tinha aplicado 6 x 2 no Mineirão, mas o Santos tinha Pelé e tentava o hexacampeonato. Em 25 minutos, os santistas já ganhavam por 2 x 0. Tudo parecia perdido até que Tostão, Dirceu Lopes & Cia., então um time com jovens craques, começaram a empolgante reação.

7/dezembro/66
SANTOS 2 X CRUZEIRO 3
Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Armando Marques (SP); Renda: Cr$ 65 142; Público: não divulgado; Gols: Pelé 23 e Toninho 25 do 1.º; Tostão 19, Dirceu Lopes 28 e Natal 44 do 2.º
SANTOS: Cláudio, Zé Carlos, Oberdan, Haroldo e Lima; Zito e Mengálvio; Amauri (Dorval), Toninho, Pelé e Edu. Técnico: Lula
CRUZEIRO: Raul, Pedro Paulo, William, Procópio e Neco; Piazza e Dirceu Lopes; Natal, Tostão, Evaldo e Hílton Oliveira. Técnico: Aírton Moreira

Cruzeiro 5 x Inter 4

CÉLIO APOLINÁRIO

A festa de Jairzinho nos 5 x 4 de 1976: vingança dos vice-campeões na Libertadores

Um show brasileiro na Libertadores. Os dois melhores times de 1975 se enfrentam no ano seguinte, ainda sob o efeito da decisão que deu o título ao Inter. Agora, no Mineirão, o Cruzeiro leva a melhor e vence por 5 x 4, mesmo com um jogador a menos. O centroavante Palhinha fora expulso no início do segundo tempo de um jogo dramático.

7/março/76
CRUZEIRO 5 X INTER 4
Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Luís Pestarino (Argentina); Renda: Cz$ 794 407; Público: 65 463; Gols: Palhinha 4 e 10, Lula 15, Joãozinho 21 e Valdomiro 39 do 1.º; Zé Carlos (contra) 6, Joãozinho 17, Ramón 25 e Nelinho (pênalti) 40 do 2.º; Cartão amarelo: Hermínio, Cláudio, Palhinha, Figueroa e Vacaria; Expulsão: Palhinha 12 do 2.º
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Morais, Darci e Vanderlei; Zé Carlos e Eduardo; Roberto Batata (Isidoro), Jairzinho, Palhinha e Joãozinho. Técnico: Zezé Moreira
INTER: Manga, Cláudio (Valdir), Figueroa, Hermínio e Vacaria; Caçapava e Falcão; Valdomiro, Escurinho, Flávio (Ramón) e Lula. Técnico: Rubens Minelli

Fluminense 1 x Corinthians 1

LUIS PAULO MACHADO

Carlos Alberto Pintinho perde o segundo pênalti, para a alegria dos corintianos que invadiram o Rio

Mar corintiano no Rio de Janeiro. Mais de 50 mil alvinegros invadiram as praias cariocas, levaram a chuva e trouxeram a vaga na final do Brasileiro de 1976. O Fluminense era melhor e tinha Rivelino, ex-ídolo e Garoto do Parque. Sofrida, bem ao estilo da Fiel de então, a vitória só veio nos pênaltis.

5/dezembro/76
FLUMINENSE 1 X CORINTHIANS 1
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Saul Mendes (BA); Renda: Cr$ 4 027 250; Público: 146 043; Gols: Carlos Alberto Pintinho 18 e Ruço 29 do 1.º; Cartão amarelo: Rodrigues Neto, Moisés, Ruço e Vaguinho
FLUMINENSE: Renato, Rubens Galaxie, Carlos Alberto, Edinho e Rodrigues Neto; Carlos Alberto Pintinho e Cléber (Erivelto); Gil, Doval, Rivelino e Dirceu. Técnico: Didi
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Ruço e Givanildo (Basílio); Vaguinho, Geraldão (Lance), Neca e Romeu. Técnico: Duque

Inter 2 x Atlético-MG 1

J.B. SACALCO

O argentino *Ortiz*, goleiro do Galo, não pôde evitar a virada do Inter: 2 x 1

Emoção até o último minuto. Com o gol mais bonito a que o Beira-Rio já assistiu, Falcão tabelou de cabeça com Escurinho e classificou o Internacional aos 45 do segundo tempo para a decisão do Brasileiro de 1976. O Atlético, comandado por Toninho Cerezo e Paulo Isidoro, surpreendeu os gaúchos, que só partiram para a virada nos 20 minutos finais.

5/dezembro/76
INTER 2 X ATLÉTICO-MG 1
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: Sebastião Rufino (PE); Renda: Cr$ 1 645 170; Gols: Vantuir 30 do 1.º; Batista 28 e Falcão 45 do 2.º; Cartão amarelo: Caçapava e Falcão
INTER: Manga, Zé Maria (Escurinho), Figueroa, Marinho Peres e Vacaria (Cláudio); Caçapava, Falcão e Jair; Batista, Dario e Lula. Técnico: Rubens Minelli
ATLÉTICO: Ortiz, Alves, Márcio, Vantuir e Dionísio; Toninho Cerezo e Heleno; Cafuringa (Paulinho), Marcelo, Paulo Isidoro e Bozó (Ângelo). Técnico: Barbatana

Corinthians 1 x Ponte Preta 0

JOSÉ PINTO

Basílio põe fim *ao jejum de 22* anos sem títulos do Timão: 1 x 0 sobre a Ponte

O fim da agonia. O Corinthians levou 22 anos e mais 36 minutos do segundo tempo da terceira partida decisiva para chegar ao tão sonhado título. A resistência da Ponte Preta acabou nos pés de Basílio, e o Campeonato Paulista, conquistado pela última vez em 1954, voltou para o Parque São Jorge. O encontro entre os dois times se transformou num clássico do final dos anos 70.

13/outubro/77
CORINTHIANS 1 X PONTE PRETA 0
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Dulcídio Wanderley Boschilia (SP); Renda: Cr$ 3 325 470; Público: 86 677; Gols: Basílio 36 do 2.º; Cartão amarelo: Ângelo e Basílio; Expulsão: Rui Rei 15 do 1.º; Oscar e Geraldão 40 do 2.º
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Wladimir; Ruço, Basílio e Luciano; Vaguinho, Geraldão e Romeu. Técnico: Osvaldo Brandão
PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi e Ângelo; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Rui Rei e Tuta (Parraga). Técnico: Zé Duarte

Flamengo 1 x Palmeiras 4

IGNACIO FERREIRA

O Palmeiras de Telê Santana arrasa o Flamengo: Jorge Mendonça faz o primeiro dos 4 x 1

Pintou o campeão. O Flamengo já começava a montar a equipe que seria a melhor do Brasil nos anos 80, mas o Palmeiras de Telê Santana surgia como o grande time de 1979. Uma multidão calada assistiu ao passeio alviverde, liderado por Jorge Mendonça. Uma vitória incontestável, que encheu de esperanças os torcedores palmeirenses.

9/dezembro/79
FLAMENGO 1 X PALMEIRAS 4
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Carlos Sérgio Rosa Martins (RS); Renda: Cr$ 8 227 830; Público: 112 047; Gols: Jorge Mendonça 11 do 1.º; Zico (pênalti) 9, Carlos Alberto Seixas 24, Pedrinho 31 e Zé Mário 45 do 2.º; Expulsão: Beijoca
FLAMENGO: Cantarele, Toninho, Manguito, Dequinha e Júnior; Carpegiani, Adílio (Beijoca) e Zico; Reinaldo (Carlos Henrique), Cláudio Adão e Tita. Técnico: Cláudio Coutinho
PALMEIRAS: Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão, Polozzi e Pedrinho; Pires, Mococa e Jorge Mendonça; Jorginho (Carlos Alberto Seixas), César (Zé Mário) e Baroninho. Técnico: Telê Santana

Palmeiras 2 x Inter 3

Falcão chega antes da solada do palmeirense Mococa e coroa sua atuação no 3 x 2 Inter

RONALDO KOTSCHO

Título decidido na semifinal. Os dois times eram superiores ao Vasco, o outro finalista, e quem passasse fatalmente chegaria ao Campeonato Brasileiro de 1979. Tudo foi resolvido no primeiro jogo, no Morumbi. Com uma atuação magistral de Falcão, o Inter virou a partida sobre o forte Palmeiras. Depois, um empate e o caminho aberto para o tri.

13/dezembro/79
PALMEIRAS 2 X INTER 3
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (RJ); Renda: Cr$ 5 480 680; Público: 61 259; Gols: Baroninho 34 do 1.º; Jair 5, Jorge Mendonça 10 e Falcão 19 e 25 do 2.º
PALMEIRAS: Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão, Polozzi e Pedrinho; Pires, Mococa e Jorge Mendonça; Jorginho, Carlos Alberto Seixas (Zé Mário) e Baroninho. Técnico: Telê Santana
INTER: Benitez, João Carlos, Mauro Pastor, Mauro Galvão e Cláudio Mineiro; Batista, Falcão e Jair; Valdomiro (Adílson), Bira e Mário Sérgio. Técnico: Ênio Andrade

Flamengo 6 x Palmeiras 2

ADALBERTO DINIZ

O centroavante Nunes completa a vingança: 6 x 2 para o Flamengo sobre o Palmeiras

Cinco meses depois da goleada palmeirense, o Flamengo foi à forra. Os times se encontraram no mesmo grupo na fase semifinal da Taça de Ouro de 1980 e os cariocas arrasaram. Zico e Tita brilharam na partida, que chegou a estar 5 x 0. A frágil reação alviverde ainda foi calada com o gol de Nunes, aos 43 minutos do segundo tempo.

13/abril/80
FLAMENGO 6 X PALMEIRAS 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Maurílio José Santiago (MG); Renda: Cr$ 5 672 260; Público: 70 389; Gols: Tita 13 e Zico 33 do 1.º; Zico (pênalti) 6, Toninho 16, Tita 27, Baroninho (pênalti) 29, Mococa 36 e Nunes 43 do 2.º
FLAMENGO: Raul, Toninho, Rondinelli, Marinho e Júnior; Carpegiani, Andrade e Zico (Reinaldo); Tita, Nunes e Júlio César (Adílio). Técnico: Cláudio Coutinho
PALMEIRAS: Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão, Polozzi e Pedrinho; Pires, Jorginho (Carlos Alberto Seixas) e Wílson (Mococa); Lúcio, César e Baroninho. Técnico: Osvaldo Brandão

Vasco 5 x Corinthians 2

RODOLPHO MACHADO

Só dá Roberto na volta do ídolo ao Vasco: Jairo solta a bola e o craque faz o quarto gol

O Corinthians foi vítima de uma paixão. Depois de uma frustrada experiência no Barcelona, da Espanha, o centroavante Roberto Dinamite retorna ao Vasco e dá a maior prova de seu amor ao clube: marca os cinco gols da goleada sobre os paulistas, quatro deles no incrível intervalo de 26 minutos. Uma avassaladora festa vascaína.

4/maio/80
VASCO 5 X CORINTHIANS 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Carlos Sérgio Rosa Martins (RS); Renda: Cr$ 8 648 760; Público: 107 474; Gols: Caçapava 11, Roberto 13, 27, 37 e 39 e Sócrates (pênalti) 42 do 1.º; Roberto 27 do 2.º
VASCO: Mazarópi, Paulinho II, Juan (Ivã), Leo e Paulo César; Pintinho, Guina e Edu; Wilsinho (João Luís), Roberto e Catinha. Técnico: Orlando Fantôni
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Mauro, Amaral e Wladimir; Caçapava (Basílio), Biro-Biro e Sócrates (Djalma); Píter, Geraldão (Toninho) e Wilsinho. Técnico: Jorge Vieira

Flamengo 3 x Atlético 2

O atleticano Éder tenta o chute, acertado por Zico (10): jogo de craques no Maracanã

IGNÁCIO FERREIRA

Largada para Tóquio. Numa decisão empolgante, o Flamengo conquista o primeiro de seus quatro títulos nacionais e inicia a caminhada para o Mundial Interclubes. Um duelo entre dois artilheiros: o atleticano Reinaldo marcou o seu segundo gol machucado, mas Nunes levou seu time à conquista com um golaço.

1.º/junho/80
FLAMENGO 3 X ATLÉTICO 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda: Cr$ 19 726 210; Público: 154 355; Gols: Nunes 7, Reinaldo 8 e Zico 44 do 1.º; Reinaldo 21 e Nunes 37 do 2.º; Expulsão: Reinaldo e Nunes 37 do 2.º
FLAMENGO: Raul, Toninho, Manguito, Marinho e Júnior; Andrade, Carpegiani (Adílio) e Zico; Tita, Nunes e Júlio César (Carlos Alberto). Técnico: Cláudio Coutinho
ATLÉTICO: João Leite, Orlando (Silvestre), Osmar, Luizinho (Geraldo) e Jorge Valença; Chicão, Toninho Cerezo e Palhinha; Pedrinho, Reinaldo e Éder. Técnico: Procópio Cardoso

São Paulo 3 x Botafogo 2

O centroavante Serginho marca o primeiro gol da virada tricolor de 3 x 2 sobre o Botafogo, em 1981

J.B. SCALCO

Susto no Morumbi. O favorito São Paulo disputa a semifinal do Brasileiro de 1981 e aos 18 minutos do primeiro tempo já perde por 2 x 0 para o Botafogo. O técnico tricolor Carlos Alberto Silva arrisca tudo nos últimos 45 minutos e coloca o ponta-de-lança Éverton no lugar do marcador Heriberto. Resultado: dois chutaços e uma virada histórica.

26/abril/81
SÃO PAULO 3 X BOTAFOGO 2
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Bráulio Zanotto (PR); Renda: Cr$ 22 315 900; Público: 98 650; Gols: Jérson 10, Mendonça 18 e Serginho (pênalti) 44 do 1.º; Éverton 21 e 32 do 2.º; Cartão amarelo: Oscar, Serginho, Paulo Sérgio, Zé Eduardo e Mendonça; Expulsão: Gaúcho Lima
SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Heriberto (Éverton) e Renato (Assis); Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. Técnico: Carlos Alberto Silva
BOTAFOGO: Paulo Sérgio, Perivaldo, Gaúcho, Zé Eduardo e Gaúcho Lima; Rocha, Mendonça (Gilmar) e Ademir Lobo; Ziza (Édson), Marcelo e Jérson. Técnico: Paulinho de Almeida

Corinthians 4 x Flamengo 1

O Corinthians, de Sócrates, tinha de vencer o Flamengo por dois gols de diferença: fez 4 x 1

PEDRO MARTINELLI

O alvinegro precisava ganhar por uma diferença de dois gols para chegar às semifinais do Brasileiro de 1984. Apesar da pressão, o primeiro gol só saiu aos 32 minutos do primeiro tempo. Aí começou o baile: Biro-Biro, Casagrande e Sócrates deram um show. Na fase seguinte, o Corinthians foi eliminado pelo Fluminense.

6/maio/84
CORINTHIANS 4 X FLAMENGO 1
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Arnaldo César Coelho (RJ); Renda: Cr$ 222 466 700; Público: 115 002; Gols: Biro-Biro 32 e Wladimir 38 do 1.º; Édson 7, Ataliba 14 e Paulinho (contra) 21 do 2.º
CORINTHIANS: Carlos, Édson, Mauro, Juninho e Wladimir; Paulinho, Sócrates (Wágner) e Zenon; Biro-Biro, Casagrande e Eduardo (Ataliba). Técnico: Jorge Vieira
FLAMENGO: Fillol, Leandro, Figueiredo, Mozer e Júnior; Bigu, Élder (João Paulo) e Lico (Nunes); Adílio, Edmar e Bebeto. Técnico: Cláudio Garcia

Guarani 3 x São Paulo 3

Depois de um 3 x 3 incrível, o São Paulo vence o Guarani na decisão por pênaltis

SÉRGIO SADE

Nem 120 minutos foram suficientes para definir o campeão brasileiro de 1986. O são-paulino Careca levou a decisão para os pênaltis, estabelecendo 3 x 3 aos 14 minutos do segundo tempo da prorrogação. Nas cobranças, vitória do tricolor por 4 x 3, repetindo a façanha de 1977.

28/fevereiro/87
GUARANI 3 X SÃO PAULO 3
Local: Brinco de Ouro da Princesa (Campinas); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda: Cz$ 4 222; Público: 37 370; Gols: Nelsinho (contra) 2 e Bernardo 9 do 1.º; Pita 1 e Marco Antônio Boiadeiro 7 do 1.º da prorrogação; João Paulo 2 e Careca 13 do 2.º da prorrogação.
GUARANI: Sérgio Néri, Marco Antônio, Ricardo Rocha, Valdir Carioca e Zé Mário; Tite (Vágner), Tosin e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. Técnico: Carlos Gainete
SÃO PAULO: Gilmar, Fonseca, Wágner, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sídnei (Rômulo). Técnico: Pepe

22.ª Bola de Prata

Nas rodadas finais, os jogadores de São Paulo e Bragantino saltam para as primeiras posições com toda a justiça. O volante Mauro Silva está perto de levar a Bola de Ouro. Veja na próxima edição o resultado final

GOLEIRO

1.º Ronaldo (Vit) 6,83 (18)
2.º Marcelo (Bra) 6,80 (20)
3.º Sérgio (San) 6,72 (18)
4.º Ricardo Pinto (Flu) 6,70 (20)
5.º Rafael (Atl-PR) 6,67 (12)
6.º Ronaldo (Cor) 6,59 (17)
7.º Ricardo Cruz (Bota) 6,58 (12)
8.º Gomes (Grê) 6,54 (13)
9.º Zetti (SP) 6,48 (21)
10.º Eduardo (Go) 6,38 (16)
Velloso (Pal) 6,38 (16)
12.º Carlos (Atl-MG) 6,33 (21)
Sérgio Néri (Ba) 6,33 (15)

LATERAL-DIREITO

1.º Luiz Carlos Winck (Inter) 6,47 (15)
2.º Maílson (Ba) 6,43 (14)
3.º Gil Baiano (Bra) 6,37 (19)
4.º Odair (Pal) 6,26 (19)
5.º Aílton (Fla) 6,22 (17)
6.º Odemílson (Atl-PR) 6,11 (19)
7.º Giba (Cor) 6,06 (18)
Jairo (Vit) 6,06 (18)
9.º Levi (Náu) 6,00 (17)
10.º Cafu (SP) 5,94 (18)
11.º Paulo Roberto (Bota) ... 5,93 (14)
12.º Betão (Port) 5,87 (15)
13.º China (Grê) 5,83 (12)
Lopes (Spo) 5,83 (12)

ZAGUEIROS

1.º Márcio Santos (Inter) ... 6,88 (17)
2.º Marcelo (Cor) 6,67 (18)
3.º Ricardo Rocha (SP) 6,56 (16)
4.º Júnior (Bra) 6,50 (18)
Cléber (Atl-MG) 6,50 (18)
6.º Missinho (Vit) 6,41 (17)
7.º Jorginho (Ba) 6,39 (18)
8.º Alexandre Torres (Flu) .. 6,29 (17)
Henrique (Port) 6,29 (14)
10.º Célio Silva (Inter) 6,20 (15)
11.º Richard (Go) 6,14 (14)
12.º Vladimir (Port) 6,13 (16)
13.º Nei (Bra) 6,10 (21)

LATERAL-ESQUERDO

1.º Leonardo (SP) 6,85 (20)
2.º Biro-Biro (Bra) 6,32 (19)
3.º Nonato (Cru) 6,00 (13)
4.º Ricardo (Inter) 5,92 (13)
Biro (Pal) 5,92 (13)
6.º Flavinho (San) 5,88 (16)
7.º Paulo Roberto (Atl-MG) .5,83 (18)
Jorge Batata (Go) 5,83 (18)
9.º Dago (Flu) 5,64 (14)

NELSON COELHO

Mauro Silva: mais uma Bola para o Braga

RICARDO CORREA

Ricardo Rocha disputa entre os zagueiros

VOLANTE

1.º Mauro Silva (Bra) 7,21 (19)
2.º César Sampaio (San) .. 6,82 (17)
3.º Valdir (Atl-PR) 6,63 (16)
4.º Capitão (Port) 6,37 (19)
5.º Wallace (Go) 6,29 (17)
6.º Müller (Náu) 6,18 (17)
7.º Charles (Fla) 6,13 (15)
8.º Wílson Mano (Cor) 6,06 (17)
9.º Carlos A. Santos (Bota) .. 5,92 (13)
10.º Éder Lopes (Atl-MG) ... 5,84 (19)
11.º Ademir (Cru) 5,80 (16)
12.º Márcio (Cor) 5,73 (11)

MEIAS

1.º Júnior (Fla) 7,00 (15)
2.º Neto (Cor) 6,72 (18)
3.º Bonamigo (Inter) 6,71 (14)
4.º Luís Fernando (Inter) ... 6,69 (13)
5.º Luís Henrique (Ba) 6,68 (19)
André (Atl-PR) 6,68 (16)
7.º Luís C. Martins (Atl-PR) .. 6,67 (12)
8.º Cuca (Inter) 6,50 (12)
9.º Augusto (Náu) 6,36 (14)
10.º Raí (SP) 6,30 (20)
11.º Alberto (Bra) 6,24 (21)
12.º Edu (San) 6,21 (14)

ATACANTES

1.º Bizu (Náu) 7,07 (15)
2.º Túlio (Go) 6,81 (16)
3.º Careca (Pal) 6,79 (14)
4.º Mazinho (Bra) 6,68 (19)
5.º Maurício (Grê) 6,67 (18)
6.º Paulo Sérgio (Cor) 6,64 (14)
7.º Paulinho (San) 6,60 (15)
8.º Naldinho (Ba) 6,58 (19)
9.º Sérgio Araújo (Atl-MG) . 6,53 (19)
10.º Denner (Port) 6,50 (18)
Bobô (Flu) 6,50 (14)
12.º Helcinho (Inter) 6,46 (13)
13.º Renato Gaúcho (Bota) . 6,44 (16)

BOLA DE OURO

1.º Mauro Silva (Bra) 7,21 (19)
2.º Bizu (Náu) 7,07 (15)
3.º Júnior (Fla) 7,00 (15)
4.º Márcio Santos (Inter) ... 6,88 (17)
5.º Leonardo (SP) 6,85 (20)
6.º Ronaldo (Vit) 6,83 (18)
7.º César Sampaio (San) .. 6,82 (17)
8.º Túlio (Go) 6,81 (16)
9.º Marcelo (Bra) 6,80 (20)
10.º Careca (Pal) 6,79 (14)
11.º Neto (Cor) 6,72 (18)
Sérgio (San) 6,72 (18)

...1974

Tabelão

CAMPEONATO BRASILEIRO

SÉRIE A
FASE CLASSIFICATÓRIA

15.ª RODADA

24/abril/91

BAHIA 1 X SANTOS 0

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: José Mocellim (RS); Renda: Cr$ 10 034 000; Público: 10 910; Gol: Jorginho 5 do 2.º; Cartão amarelo: César Sampaio, Maílson, Pedro Paulo e Marcelo Jorge

BAHIA: Sérgio Néri(6), Maílson(8), Jorginho(7), Wágner Basílio(7) e Gilvan(6); Paulo Rodrigues(6), Gil(5) e Marcelo Jorge(6); Naldinho(7), Edemílson(5) (Adil(7)) e Luís Henrique(7). Técnico: Candinho

SANTOS: Sérgio(7), Índio(6), Camilo(7), Pedro Paulo(8) e Flavinho (5); César Sampaio(7), Zé Renato(4) (Mendonça(sem nota)) e Axel(5); Almir(6), Sérgio Manuel(6) e Sérgio Santos(5). Técnico: Cabralzinho

O JOGO: Embolado no meio do campo e sem criatividade nos 45 minutos iniciais. Mas bem disputado e emocionante em alguns momentos do segundo tempo, com o Bahia aproveitando sua chance e fazendo por merecer o resultado.

27/abril/91

ATLÉTICO-MG 2 X CORINTHIANS 0

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 21 652 500; Público: 31 260; Gols: Gérson 31 do 1.º; Alfinete 13 do 2.º; Cartão amarelo: Márcio, Jairo, Giba, Marcelo, Edu Lima e Viola; Expulsão: Mauro 15 do 2.º

ATLÉTICO-MG: Carlos(6), Alfinete(6) (Carlão(sem nota)), Cléber(7), Fernando(6) e Paulo Roberto(8); Edu(8), Amauri(7), Moacir(6) e Marquinhos(7) (Edu Lima(sem nota)); Sérgio Araújo(7) e Gérson(6). Técnico: Jair Pereira

CORINTHIANS: Ronaldo(7), Giba(6), Marcelo(5), Wílson Mano(6) e Édson(5); Márcio(7), Jairo(6), Tupãzinho(6) e Neto(5); Fabinho(6) e Dinei(5) (Viola(sem nota)). Técnico: Nelsinho

O JOGO: O Atlético foi superior durante toda a partida, por sua aplicação no meio-campo e velocidade no ataque. Mereceu a vitória, e só não ampliou graças às boas defesas do goleiro Ronaldo.

FLUMINENSE 2 X CRUZEIRO 0

Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro); Juiz: José Aparecido de Oliveira (SP); Renda: Cr$ 3 146 000; Público: 3 146; Gols: Renato 29 do 1.º; Pires 9 do 2.º; Cartão amarelo: Dinho, Paulo Roberto, Paulo César, Marco Antônio Boiadeiro e Marcinho

FLUMINENSE: Ricardo Pinto(6), Zanata(5), Válber(7), Alexandre Torres(6) e Paulo Roberto(5); Serginho(6), Pires(7), Macula(5) e Renato(7); Bobô(6) e Ézio(4). Técnico: Gílson Nunes

CRUZEIRO: Paulo César(5), Balu(5), Paulão(5), Adílson(5) e Dinho(5); Ademir(6), Marco Antônio Boiadeiro(4) e Celso(4) (Marcinho(5)); Ramón(6), Charles(sem nota) (Hêider(5)) e Luís Gustavo(6). Técnico: Pedro Pires de Toledo

O JOGO: O Fluminense conseguiu uma merecida vitória. Poderia ter sido mais dilatada se a supremacia no jogo não se chocasse com a má pontaria de seus atacantes.

28/abril/91

BOTAFOGO 0 X FLAMENGO 0

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Cláudio Cerdeira (RJ); Renda: Cr$ 50 875 500; Público: 50 646; Cartão amarelo: Pichetti

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Paulo Roberto(6), André(6), De León(5) e Jéferson(6); Carlos Alberto(6), Pingo(4) e Valdeir(6); Renato(7), Vivinho(6) e Pichetti(6). Técnico: Valdir Espinosa

FLAMENGO: Gilmar(7), Aílton(6), Adílson(7), Wílson Gottardo(7) e Piá(6) (Rogério(6)); Charles(6), Júnior(7), Marquinhos(5) e Marcelinho(5) (Zinho(6)); Gaúcho(6) e Alcindo(6). Técnico: Wanderley Luxemburgo

O JOGO: O Flamengo deixou de aproveitar a má fase vivida pelo arquiinimigo Botafogo, mostrando-se desinteressado pela vitória. Nem parecia um time que ainda sonhava com a classificação.

SÃO PAULO 2 X SPORT 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 19 029 500; Público: 18 285; Gols: Müller 42 do 1.º; Raí 10 do 2.º; Cartão amarelo: Márcio Alcântara, Müller e Lopes

SÃO PAULO: Zetti(6), Zé Teodoro(7), Antônio Carlos(6), Ricardo Rocha(5) e Leonardo(6); Ronaldo(5), Bernardo(6) (Flávio(6)), Raí(7) e Elivélton(8); Müller(8) e Macedo(4) (Mário Tilico(3)). Técnico: Telê Santana

SPORT: Gilberto(6), Givaldo(3), Aílton(4), Márcio Alcântara(5) e Glauco(3); Dinho(6) (Mirandinha(6)), Agnaldo(5), Ataíde(5) e Lopes(4); Moura(6) e Hélio(3) (Fábio(4)). Técnico: Arthur Bernardes

O JOGO: Aproveitando a fragilidade da defesa adversária, o São Paulo partiu desde o início com a certeza dos dois pontos. Com toques rápidos no ataque, só lhe faltou mais seriedade nas conclusões.

GRÊMIO 1 X BRAGANTINO 1

Local: Olímpico (Porto Alegre); Juiz: José Roberto Wright (RJ); Renda: Cr$ 11 050 000; Público: 17 231; Gols: Sílvio 41 do 1.º; Nando 21 do 2.º; Cartão amarelo: Vílson, Biro-Biro, Júnior e Ivair

GRÊMIO: Gomes(6), China(4) (Jamir(sem nota)), João Marcelo(7), Vílson(5) e Marquinhos(5); Jandir(7), Donizete(5) e Mendonça(2) (Nando(8)); Maurício(8), Caio(5) e João Antônio(6). Técnico: Dino Sani

BRAGANTINO: Marcelo(8), Gil Baiano(6), Júnior(7), Nei(7) e Biro-Biro(7); Mauro Silva(7), Pintado(5) e Alberto(6); Mazinho(7), Sílvio(6) (Marco Aurélio(sem nota)) e Ronaldo Alfredo(6) (Ivair(sem nota)). Técnico: Carlos Alberto Parreira

O JOGO: O Grêmio, desesperado com a ameaça de rebaixamento, foi mais ofensivo, embora pouco objetivo. O Bragantino, cauteloso, largou na frente mas não conseguiu segurar a vitória. Empate justo.

ATLÉTICO-PR 1 X PORTUGUESA 1

Local: Pinheirão (Curitiba); Juiz: Pedro Carlos Bregalda (RJ); Renda: Cr$ 3 740 000; Público: 3 566; Gols: Vágner Mancini 18 do 1.º; Moreno (pênalti) 15 do 2.º; Cartão amarelo: Fião, Heriberto, Cristóvão e Vladimir

ATLÉTICO-PR: Rafael(5) (Toinho(7)), Jorge Luís(4), Batista(6), Fião(6) e Odemílson(7); Valdir(8), Luís Carlos Martins(8) e Heriberto(6); Eduardo(4) (Ratinho(7)), Moreno(6) e André(7). Técnico: Edu

PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(8), Betão(sem nota) (Cícero(6)), Vladimir(7), Henrique(sem nota) (Cléber(6)) e Éder(5); Capitão(7), Denner(8) e Cristóvão(7); Marcelinho(5), Vágner Mancini(7) e Agnaldo(5). Técnico: Otacílio Gonçalves

O JOGO: Edu montou um time de armandinhos, que não rendeu no primeiro tempo e foi surpreendido num contra-ataque. Veio o empate, mas a Portuguesa soube segurar o resultado.

GOIÁS 1 X INTERNACIONAL 0

Local: Serra Dourada (Goiânia); Juiz: Ílton José da Costa (SP); Renda: Cr$ 6 739 000; Público: 6 685; Gol: Túlio 41 do 2.º; Cartão amarelo: Luiz Carlos Winck, Bonamigo, Ricardo, Bôni e Richard

GOIÁS: Eduardo(6), Wílson(6) (Marçal(sem nota)), Richard(7), Bôni(7) e Jorge Batata(7); Wallace(7), Fagundes(6) (Josué(7)) e Luvanor(7); Niltinho(7), Túlio(8) e Cacau(6). Técnico: Zé Mário

INTERNACIONAL: Fernandez(8), Luiz Carlos Winck(5), Célio Silva(6), Márcio Santos(7) e Ricardo(6); Simão(6) (Júlio César(sem nota)), Zé Carlos(6) (Alex(sem nota)) e Bonamigo(7); Helcinho(6), Lima(7) e Luís Fernando(7). Técnico: Ênio Andrade

O JOGO: O gol de Túlio no finalzinho premiou o melhor desempenho do Goiás contra um Internacional medíocre, que chutou apenas duas vezes a gol em noventa minutos.

NÁUTICO 1 X VITÓRIA 1

Local: Aflitos (Recife); Juiz: João Paulo Araújo (SP); Renda: Cr$ 4 719 000; Público: 5 871; Gols: Jairo 13 e Róbson 46 do 2.º; Cartão amarelo: Ronaldo, Jairo e Júnior II; Expulsão: Barbosa e Leo 11 do 2.º

NÁUTICO: Mauri(6), Levi(7), Barros(6), Freitas(6) e Roberto(5); Müller(6) (Róbson(7)), Lúcio Surubim(6) e Leo(4); Newton(5) (Lao(6)), Bizu(6) e Possi(6). Técnico: Charles Muniz

VITÓRIA: Ronaldo(6), Jairo(7), Missinho(7), Celso(6) e Júnior II(7); Cacau(6), Reginaldo(6) e Amando(6); Barbosa(5), Júnior I(5) e Dico Maradona(6) (André Carpes(5)). Técnico: Paulo Emílio

O JOGO: Os dois times lutavam desesperadamente para afastar o fantasma do rebaixamento, com pouca técnica mas muita disposição. Os baianos quase deixam o Recife vitoriosos, pois o Náutico salvou-se em cima da hora com um gol discutível — a bola teria entrado ou não?

29/abril/91

PALMEIRAS 2 X VASCO 2

Local: Parque Antártica (São Paulo); Juiz: Wílson Carlos dos Santos (SP); Renda: Cr$ 22 608 000; Público: 18 473; Gols: Bismarck 28 e Careca 30 do 1.º; Sorato 15 e Careca 28 do 2.º; Cartão amarelo: Cássio, Zé do Carmo e Luisinho

PALMEIRAS: Velloso(5), Odair(6), Toninho(6), Eduardo(5) e Biro(6); Galeano(6), Betinho(7), Júnior(6) (Lima(5)) e Ranieli(5) (Edivaldo(5)); Serginho(7) e Careca(8). Técnico: Paulo César Carpegiani

VASCO: Acácio(6), Ayupe(5), Sídnei(3), Jorge Luís(6) e Cássio(5); Zé do Carmo(6), Luisinho(6), William(7) e Bismarck(7); Tiba(6) (Júnior(6)) e Sorato(6) (Ânderson(sem nota)). Técnico: Antônio Lopes

O JOGO: Um verdadeiro clássico, com muita emoção. O Palmeiras foi superior, criou bons lances mas foi pouco objetivo. Já o Vasco procurou aproveitar as poucas oportunidades que teve. Um jogo digno de empate.

16.ª RODADA

1.º/maio/91

CORINTHIANS 2 X GRÊMIO 1

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Wílson Carlos dos Santos (RJ); Renda: Cr$ 29 918 000; Público: 25 873; Gols: João Antônio 21 do 1.º; Neto 5 e 21 do 2.º; Cartão amarelo: Caio, Tupãzinho, Édson e João Marcelo; Expulsão: Marquinhos 33 do 1.º

CORINTHIANS: Ronaldo(8), Wílson Mano(5), Fernando(6), Márcio(4) e Jacenir(5) (Édson(6)); Ezequiel(6), Tupãzinho(6) e Neto(8); Fabinho(6), Dinei(6) (Viola(sem nota)) e Paulo Sérgio(7). Técnico: Nelsinho

GRÊMIO: Gomes(6), China(7), João Marcelo(6), Vílson(6) e Marquinhos(4); Jandir(5) (Darci(6)), Donizete(6) e João Antônio(6); Maurício(7), Caio(6) e Nando(5) (Jamir(5)). Técnico: Dino Sani

O JOGO: Nervoso do início ao fim, por causa da situação oposta dos dois na tabela. O Corinthians lutando para se classificar, e o Grêmio para não cair. Como o jogo era em São Paulo e Neto estava em campo, o Timão levou a melhor.

VITÓRIA 1 X SÃO PAULO 2

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 4 485 500; Público: 5 826; Gols: Raí 19 e Júnior I 42 do 1.º; Müller 34 do 2.º; Cartão amarelo: Júnior II, Fia, Dico, Macedo e Ricardo Rocha

VITÓRIA: Ronaldo(6), Agnaldo(4), Missinho(7), Fia(6) (Sérgio Odilon(sem nota)) e Júnior II(7); Cacau(6), Tóbi(6) e Dico(7); Amando(5) (Marcelo Vita(sem nota)), Júnior I(6) e André Carpes(6). Técnico: Paulo Emílio

SÃO PAULO: Zetti(6), Cafu(6), Antônio Carlos(6), Ricardo Rocha(7) e Leonardo(7); Ronaldo(7), Flávio(6) e Raí(7); Müller(6), Macedo(5) (Mário Tilico(6)) e Elivélton(7). Técnico: Telê Santana

O JOGO: O Vitória teve chance de ganhar no primeiro tempo, mas não soube aproveitar. Nos contra-ataques o São Paulo garantiu o triunfo, num jogo bem disputado.

BRAGANTINO 1 X ATLÉTICO-MG 1

Local: Marcelo Stéfani (Bragança Paulista); Juiz: Cláudio Cerdeira (RJ); Renda: Cr$ 9 590 000; Público: 8 585; Gols: Júnior 6 e Edu Lima 16 do 2.º; Cartão amarelo: Pintado, Mauro Silva, Alfinete e Amauri

BRAGANTINO: Marcelo(7), Gil Baiano(6), Júnior(6), Nei(6) e Biro-Biro(6); Mauro Silva(6), Alberto(6), Mazinho(6) e Pintado(5); Sílvio(5) e Ronaldo Alfredo(5) (João Santos(5)). Técnico: Carlos Alberto Parreira

ATLÉTICO-MG: Carlos(8), Alfinete(8), Cléber(7), Fernando(6) (Tobias(6)) e Paulo Roberto(6); Éder Lopes(6), Amauri(6) e Moacir(7); Sérgio Araújo(8), Gérson(6) e Marquinhos(5) (Edu Lima(7)). Técnico: Jair Pereira

O JOGO: Cada equipe mandou em um tempo da partida, mostrando que estão bem preparadas para chegar às finais.

PORTUGUESA 1 X GOIÁS 0

Local: Canindé (São Paulo); Juiz: Édson Resende (DF); Renda: Cr$ 3 965 000; Público: 3 840; Gol: Bentinho 40 do 2.º; Cartão amarelo: Vladimir, Eduardo, Jorge Batata e Luvanor

PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(6), Josias(6), Vladimir(6), Henrique(7) e Charles(6); Capitão(8), Lê(6) e Cristóvão(6); Denner(6) (Marcelinho(6)), Vágner Mancini(5) e Arnaldo(5) (Bentinho(6)). Técnico: Otacílio Gonçalves

GOIÁS: Eduardo(6) (Cléber(6)), Wílson(6), Richard(6), Bôni(7) e Jorge Batata(6); Wallace(6), Fagundes(6) (Paulo César(sem nota)) e Luvanor(7); Niltinho(6), Túlio(7) e Cacau(6). Técnico: Zé Mário

O JOGO: A Portuguesa irritou seus torcedores com um futebol lento e sem imaginação. Mesmo assim, conseguiu marcar no final graças a um lance de claro impedimento.

INTERNACIONAL 1 X NÁUTICO 2

Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: Pedro Carlos Bregalda (RJ); Renda: Cr$ 12 488 700; Público: 11 933; Gols: Fábio Oliveira 14 e Barros (contra) 44 do 1.º; Bizu 7 do 2.º; Cartão amarelo: Ricardo, Levi, Fábio Oliveira e Fábio Henrique; Expulsão: Luiz Carlos Winck 5 do 2.º

INTER: Maisena(6), Luiz Carlos Winck(5), Célio(7), Márcio Santos(6) e Ricardo(5); Bonamigo(5), Simão(4) (Alex(4)) e Cuca(6); Helcinho(8), Lima(6) e Luís Fernando(6). Técnico: Ênio Andrade

NÁUTICO: Mauri(8), Cafezinho(6), Barros(6), Freitas(7) e Levi(5); Müller(8), Fábio Henrique(7) e Lúcio Surubim(6); Newton(6), Bizu(7) e Fábio Oliveira(7) (Ângelo(6)). Técnico: Charles Muniz

O JOGO: O Inter realizou sua pior partida na competição, perdeu merecidamente e deixou escapar a última chance de classificação.

SPORT 1 X BAHIA 2

Local: Ilha do Retiro (Recife); Juiz: José Aparecido de Oliveira (SP); Renda: Cr$ 7 040 650; Público: 9 227; Gols: Sérgio Alves 18 e Adil (pênalti) 31 do 1.º; Luís Henrique 37 do 2.º; Cartão amarelo: Agnaldo; Expulsão: Givaldo 13 e Marcelo Jorge 23 do 2.º

SPORT: Gilberto(6), Givaldo(6), Márcio Alcântara(5), Aílton(5) e Neco(6); Agnaldo(5), Dinho(5) (Lopes(5)) e Ataíde(7); Moura(7), Sérgio Alves(7) e Tato(4) (Alencar(4)). Técnico: Arthur Bernardes

BAHIA: Sérgio Néri(6), Maílson(6), Jorginho(6), Wágner Basílio(6) e Gilvan(5); Paulo Rodrigues(7), Adil(6) (Marquinhos(6)) e Marcelo Jorge(6); Gil(6), Luís Henrique(7) e Naldinho(6). Técnico: Candinho

O JOGO: Na retranca, e aproveitando os erros do adversário, o Bahia foi melhor na partida e mereceu a vitória. O Sport até começou bem, mas decaiu no segundo tempo.

FLUMINENSE 1 X BOTAFOGO 0

Botafogo e Fluminense empatavam em 0 x 0, nas Laranjeiras, quando os torcedores invadiram o gramado. A CBF decidiu, através de seu Tribunal, dar os dois pontos para o Fluminense, considerando o resultado de 1 x 0.

2/maio/91

SANTOS 1 X PALMEIRAS 1

Local: Vila Belmiro (Santos); Juiz: Ílton José da Costa (SP); Renda: Cr$ 18 244 000; Público: 15 203; Gols: Toninho 21 e Paulinho 32 do 2.º; Cartão amarelo: Camilo, Luís Carlos, Paulinho, Toninho e Júnior

SANTOS: Sérgio(6), Índio(6), Camilo(5), Luís Carlos(6) e Flavinho(6); César Sampaio(7), Zé Renato(5) e Sérgio Manuel(6); Almir(6), Paulinho(6) e Gláucio(5). Técnico: Cabralzinho

PALMEIRAS: Velloso(6), Odair(6), Toninho(8), Eduardo(6) e Biro(6); Júnior(6), Galeano(6) e Betinho(7); Jorginho(6), Careca(5) e Edivaldo(5) (Serginho(6)). Técnico: Paulo César Carpegiani

O JOGO: Para quem precisava da vitória, o Santos foi muito morno — lento na saída de bola e sem criatividade no meio-campo. O Palmeiras, mais cauteloso porém com maior poder defensivo, merecia a vitória.

VASCO 3 X ATLÉTICO-PR 2

Local: São Januário (Rio de Janeiro); Juiz: Manuel Serapião Filho (BA); Renda: Cr$ 1 468 000; Público: 1 353; Gols: Sorato 10 e Moreno 25 do 1.º; Serginho 12, William 14 e Bismarck 35 do 2.º; Cartão amarelo: Luisinho, Ratinho, Zé do Carmo, Toinho, Serginho e Bismarck; Expulsão: Dedé 25 do 2.º

VASCO: Acácio(6), Jorge Raoli(5), Sídnei(5), Jorge Luís(6) (Dedé(sem nota)) e Cássio(5); Zé do Carmo(6), Luisinho(5), William(7) e Bismarck(6); Sorato(6) (Ânderson(5)) e Júnior(5). Técnico: Antônio Lopes

ATLÉTICO-PR: Toinho(6), Odemílson(6), Batista(5), Fião(5) e Ademar(6); Valdir(6) (Alceu(sem nota)), Luís Carlos Martins(6) e Moreno(8); Ratinho(6), Tico(5) (Oliveira(sem nota)) e Serginho(6). Técnico: Edu

O JOGO: Boa vitória do Vasco, valorizada porque jogou com dez homens. Mostrando muita raça, sua equipe conseguiu uma virada espetacular.

17.ª RODADA

4/maio/91

PORTUGUESA 1 X FLUMINENSE 2

Local: Canindé (São Paulo); Juiz: Aristóteles Cantalice (PE); Renda: Cr$ 4 138 000; Público: 3 953; Gols: Renato 3, Cléber 6 e Ézio 42 do 2.º; Cartão amarelo: Josias, Ézio, Charles e Pires

PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(7), Josias(6), Vladimir(6) (Bentinho(7)), Henrique(6) (Cléber(6)) e Charles(6); Capitão(7), Lê (5) e Cristóvão(6); Denner(6), Vágner Mancini(5) e Arnaldo(5). Técnico: Otacílio Gonçalves

FLUMINENSE: Ricardo Pinto(6), Zanata(6), Válber(6), Alexandre Torres(7) e Paulo Roberto(6) (Dago(6)); Serginho(6), Pires(6), Macula(7) e Renato(7); Ézio(6) e Márcio(6). Técnico: Gílson Nunes

O JOGO: A Portuguesa não teve criatividade para furar o bloqueio defensivo do Fluminense e foi vítima de dois contra-ataques que premiaram a maior consciência do time carioca.

5/maio/91

FLAMENGO 2 X CORINTHIANS 3

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José Mocellim (RS); Renda: Cr$ 12 784 000; Público: 12 807; Gols: Dinei 10, Wílson Gottardo 20 e Neto 26 do 1.º; Gaúcho 37 e Paulo Sérgio 45 do 2.º; Cartão amarelo: Paulo Sérgio, Márcio, Tupãzinho, Zé Ricardo, Alcindo, Dinei e Viola

FLAMENGO: Gilmar(6), Charles(6), Adílson(6), Wílson Gottardo(6) e Dida(5); Zé Ricardo(5), Júnior(7) e Marquinhos(5) (Toninho(sem nota)); Alcindo(6), Gaúcho(6) e Zinho(5) (Nélio(sem nota)). Técnico: Wanderley Luxemburgo

CORINTHIANS: Ronaldo(6), Giba(5), Marcelo(6), Wílson Mano(6) e Jacenir(5); Márcio(5), Tupãzinho(6) (Jairo(sem nota)) e Neto(7) (Viola(sem nota)); Fabinho(6), Dinei(6) e Paulo Sérgio(6). Técnico: Nelsinho

O JOGO: Expressiva vitória do Corinthians em pleno Maracanã, já no tempo suplementar. Belo gol de falta de Neto, a aproximadamente 45 metros de distância.

PALMEIRAS 0 X BRAGANTINO 2

Local: Parque Antártica (São Paulo); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 32 757 000; Público: 27 687; Gols: Ronaldo Alfredo 43 do 1.º; Ivair 10 do 2.º; Cartão amarelo: Jorginho, Ivair, Júnior, Mazinho e Aguirregaray

PALMEIRAS: Velloso(6), Odair(6), Aguirregaray(5), Eduardo(6) e Biro(6) (Serginho(5)); Andrei(7), Galeano(5) e Betinho(6); Jorginho(5), Careca(6) e Ranieli(5) (Lima(6)). Técnico: Paulo César Carpegiani

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(6), Júnior(8), Nei(7) e Biro-Biro(6); Mauro Silva(7), Ivair(7), Alberto(7) e Ronaldo Alfredo(6) (João Santos(7)); Sílvio(6) (Marco Aurélio(sem nota)) e Mazinho(7). Técnico: Carlos Alberto Parreira

O JOGO: O Palmeiras reforçou a defesa colocando o zagueiro Andrei na cabeça-de-área, mas esqueceu o meio-campo, onde deveriam ser criadas as jogadas de ataque. Por isso foi presa fácil para o combativo e eficiente Bragantino.

SÃO PAULO 1 X BOTAFOGO 0

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Dalmo Bozzano (SC); Renda: Cr$ 39 526 000; Público: 33 552; Gol: Bernardo 38 do 1.º; Cartão amarelo: Valdeir

SÃO PAULO: Zetti(6), Cafu(5), Antônio Carlos(6), Ricardo Rocha(7) e Leonardo(8); Ronaldo(6), Bernardo(6) (Flávio(sem nota)) e Raí(6); Macedo(7), Müller(7) (Mário Tilico(6)) e Elivélton(6). Técnico: Telê Santana.

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Paulo Roberto(6), André(7), De León(6) e Jéferson(5); Carlos Alberto(6), Pingo(5) e Valdeir(6); Renato Gaúcho(4), Vivinho(5) (Bujica(sem nota)) e Pichetti(5) (Juninho(5)). Técnico: Valdir Espinosa

O JOGO: Por alguns momentos, esteve de volta o futebol-arte creditado às equipes treinadas por Telê. Depois, na vontade, o Botafogo equilibrou, mas os toques rápidos e jogadas ensaiadas com inteligência mostrados pelo São Paulo no primeiro tempo valeram-lhe uma justa vantagem.

GRÊMIO 0 X CRUZEIRO 0

Local: Olímpico (Porto Alegre); Juiz: Cláudio Garcia (RJ); Renda: Cr$ 9 569 500; Público: 11 259; Cartão amarelo: Pereira, Marco Antônio Boiadeiro e Héider

GRÊMIO: Gomes(6), China(5), João Marcelo(6), Vílson(5) e Hélcio(6); Jandir(7), Donizete(3) (Darci(4)) e João Antônio(3); Maurício(5), Nílson(6) e Nando(6). Técnico: Dino Sani

CRUZEIRO: Pereira(7), Balu(7), Paulão(7), Adílson(8) e Nonato(5); Ademir(7), Marco Antônio Boiadeiro(6) e Luís Fernando(6); Héider(5), Charles(4) e Luís Gustavo(3). Técnico: Pedro Pires de Toledo

O JOGO: Uma partida de desesperados. O Cruzeiro armou uma retranca e arrancou um empate que deixou o Grêmio a um passo da Segunda Divisão.

BAHIA 1 X INTERNACIONAL 1

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE); Renda: Cr$ 15 510 500; Público: 16 563; Gols: Adil (pênalti) 17 do 1.º; Zé Carlos 42 do 2.º; Cartão amarelo: Maílson, Célio Silva e Nildo; Expulsão: Daniel e Júlio 12 do 2.º

BAHIA: Sérgio Néri(6), Maílson(6) (Paulo César(sem nota)), Nildo(6), Wágner Basílio(8) e Gilvan(6); Paulo Rodrigues(7), Lima(5) e Gil(6); Naldinho(8), Luís Henrique(6) e Adil(6) (Edemílson(6)). Técnico: Candinho

INTER: Fernandez(6), Célio Lino(7), Célio(6), Márcio Santos(6) e Daniel(5); Júlio(4), Bonamigo(8) e Luís Fernando(6) (Paulinho Criciúma(sem nota)); Zé Carlos(7), Lima(6) e Helcinho(6) (Alex(7)). Técnico: Ênio Andrade

O JOGO: O Bahia foi melhor e merecia a vitória parcial de 1 x 0 até a expulsão dos dois jogadores do Inter. Depois os gaúchos mostraram raça, empataram e mereciam até virar o jogo.

NÁUTICO 0 X VASCO 0

Local: Aflitos (Recife); Juiz: Édson Resende (DF); Renda: Cr$ 7 171 200; Público: 8 719; Cartão amarelo: Tiba e Bismarck

NÁUTICO: Mauri(7), Cafezinho(7), Barros(7), Freitas(6) e Levi(5); Müller(7), Lúcio Surubim(6), Possi(6) (Ângelo(5)) e Fábio Oliveira(7) (Róbson(5)); Lao(6) e Bizu(7). Técnico: Charles Muniz

VASCO: Acácio(7), Rudnei(6), Sídnei(7), Jorge Luís(7) e Ayupe(5); Zé do Carmo(7), França(6), Júnior(6) (Ânderson(5)) e William(7); Tiba(8) (Roberto Gaúcho(7)) e Bismarck(7). Técnico: Antônio Lopes

O JOGO: O bom futebol foi prejudicado pelo gramado encharcado dos Aflitos. Isso favoreceu o Náutico, que, mesmo assim, não conseguiu marcar.

GOIÁS 3 X SPORT 1

Local: Serra Dourada (Goiânia); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 9 230 500; Público: 9 521; Gols: Neco (pênalti) 7, Túlio 16 e 27 e Jorge Batata 30 do 2.º; Cartão amarelo: Aílton, Gilberto, Marcus Vinicius, Fagundes, Richard e Jorge Batata

GOIÁS: Cléber(5), Wílson(7), Richard(7), Bôni(6) e Jorge Batata(6); Wallace(7), Fagundes(7) e Luvanor(6); Niltinho(6) (Josué(sem nota)), Túlio(8) e Cacau(6). Técnico: Zé Mário

SPORT: Gilberto(5), Lopes(6), Aílton(6), Márcio Alcântara(7) e Neco(7); Dinho(6), Marcus Vinicius(6) (Alencar(sem nota)), Ataíde(6) e Joécio(7) (Mirandinha(sem nota)); Moura(7) e Sérgio Alves(6). Técnico: Arthur Bernardes

O JOGO: Depois de um primeiro tempo arrasador e de abrir o marcador no início da segunda etapa, o Sport não resistiu ao melhor nível técnico do meio-campo goiano. Além disso, Túlio estava em campo para desequilibrar.

ATLÉTICO-PR 3 X VITÓRIA 1

Local: Pinheirão (Curitiba); Juiz: Edmundo Lima Filho (SP); Renda: Cr$ 2 221 000; Público: 2 105; Gols: Tico 26 do 1.º; Moreno 10, Tico 20 e Cacau 24 do 2.º; Cartão amarelo: Missinho, Ratinho, Ademar, Jairo, Júnior II, Serginho e Toinho; Expulsão: Reginaldo 32 do 2.º

ATLÉTICO-PR: Toinho(6), Odemílson(7), Fião(5), Alceu(5) e Ademar(4); Luís Carlos Martins(8), Moreno(7) e André(7); Ratinho(6) (Eduardo(sem nota)), Tico(8) e Serginho(6). Técnico: Edu

VITÓRIA: Ronaldo(5), Jairo(4), Celso(6), Missinho(6) e Júnior II(5); Cacau(6), Agnaldo(5) (André Carpes(sem nota)) e Tóbi(6); Barbosa(5), Júnior I(5) e Amando(4) (Reginaldo(sem nota)). Técnico: Paulo Emílio

O JOGO: Luís Carlos Martins mostrou que é peça fundamental no esquema do Atlético e ajudou seu clube a garantir sua permanência na Primeira Divisão.

6/maio/91

ATLÉTICO-MG 4 X SANTOS 1

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Cláudio Cerdeira (RJ); Renda: Cr$ 29 482 400; Público: 41 501; Gols: Edu 5, Paulo Roberto 22 e Paulinho 35 do 1.º; Alfinete 16 e Fernando 35 do 2.º; Cartão amarelo: Sérgio Araújo, Fernando, Flavinho e Luís Carlos

ATLÉTICO-MG: Carlos(6), Alfinete(7), Cléber(7), Fernando(7) e Paulo Roberto(8); Éder Lopes(6), Moacir(7) e Marquinhos(7) (Aílton(sem nota)); Sérgio Araújo(6) (Mauricinho(4)), Gérson(4) e Edu(5). Técnico: Jair Pereira

SANTOS: Sérgio(6), Índio(5), Pedro Paulo(4), Luís Carlos(5) e Flavinho(5); César Sampaio(6), Zé Renato(3) (Axel(4)), Edu(5) e Sérgio Manuel(5); Almir(4) e Paulinho(6). Técnico: Cabralzinho

O JOGO: O Atlético foi aplicado o suficiente para jogar nos erros do adversário, que não soube conter o ímpeto dos atleticanos.

18.ª RODADA

9/maio/91

SANTOS 3 X ATLÉTICO-PR 0

Local: Vila Belmiro (Santos); Juiz: Leo Feldman (RJ); Renda: Cr$ 2 136 000; Público: 2 044; Gols: Paulinho 16 e Almir 31 do 1.º; Paulinho 18 do 2.º; Cartão amarelo: César Sampaio, Alceu, Luís Carlos Martins, Sérgio, Fião e Pedro Paulo

SANTOS: Sérgio(7), Índio(6), Pedro Paulo(5), Luís Carlos(5) (Camilo(sem nota)) e Marcelo Veiga(6); César Sampaio(7), Zé Renato(5) (Axel(5)) e Edu(6); Almir(7), Paulinho(7) e Sérgio Manuel(6). Técnico: Cabralzinho

ATLÉTICO-PR: Toinho(5), Odemílson(5), Fião(5), Alceu(4) (Pedragli(5)) e Ademar(5); Batista(5), Luís Carlos Martins(6), Oliveira(6) e Eduardo(6); Tico(6) e Moreno(5) (Fernando(sem nota)). Técnico: Edu

O JOGO: Ao contrário do que pode parecer pelo resultado, o Atlético não foi presa tão fácil para o Santos. Sua defesa e a sempre eficiente atuação do artilheiro Paulinho foram responsáveis pelo marcador justo que se verificou na Vila.

JOGO ADIADO DA 16.ª RODADA

10/maio/91

CRUZEIRO 0 X FLAMENGO 2

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Antônio Pereira da Silva (GO); Renda: Cr$ 4 122 700; Público: 9 283; Gols: Nélio 10 do 1.º, Nélio 42 do 2.º; Cartão amarelo: Marcelinho

CRUZEIRO: Pereira(4), Dinho(4), Paulão(4), Adílson(3) e Nonato(5); Ademir(4), Luís Fernando(4) e Ramón(5) (Marcinho(3)); Héider(4) (Paulinho(5)), Charles(5) e Luís Gustavo(6). Técnico: Pedro Pires de Toledo

FLAMENGO: Gilmar(6), Aílton(5), Adílson(6) (Rogério(5)), Wílson Gottardo(6) e Dida(6); Marquinhos(6), Charles(5) e Djalminha(5) (Zé Ricardo(4)); Marcelinho(5), Nélio(6) e Zinho(6). Técnico: Wanderley Luxemburgo

O JOGO: Ainda que o Flamengo estivesse sem motivação, o Cruzeiro não conseguiu tirar proveito dessa vantagem. Errou tudo o que tinha direito e o resultado, devido às suas próprias falhas, foi justo.

18.ª RODADA

11/maio/91

BAHIA 1 X CORINTHIANS 1

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Aristóteles Cantalice (PE); Renda: Cr$ 7 351 500; Público: 7 939; Gols: Luís Henrique (pênalti) 2 e Neto 19 do 2.º; Cartão amarelo: Wágner Basílio, Lima, Adil, Wílson Mano, Jacenir e Paulo Sérgio

BAHIA: Sérgio Néri(7), Maílson(7), Jorginho(7), Wágner Basílio(6) e Gilvan(5); Paulo Rodrigues(7), Gil(6) e Lima(6); Naldinho(7), Luís Henrique(8) e Edemílson(6) (Adil (sem nota)). Técnico: Candinho

CORINTHIANS: Ronaldo(7), Giba(6), Marcelo(7), Wílson Mano(6) e Jacenir(5); Jairo(5), Tupãzinho(6) (Ezequiel(5)) e Neto(7); Fabinho(6), Dinei(5) (Édson(sem nota)) e Paulo Sérgio(6). Técnico: Nelsinho

O JOGO: Uma partida válida pelo segundo tempo, quando os dois times mostraram disposição e velocidade. O resultado refletiu o equilíbrio do jogo.

PALMEIRAS 0 X INTER 0

Local: Parque Antártica (São Paulo); Juiz: Édson Resende (DF); Renda: Cr$ 16 668 000; Público: 14 429; Cartão amarelo: Lima, Odair, Simão, Toninho e Careca

PALMEIRAS: Velloso(6), Odair(6), Toninho(6), Eduardo(6) e Biro(7); Júnior(6) (Ranieli(7)), Galeano(6) e Betinho(5); Jorginho(5) (Serginho(6)), Careca(7) e Edivaldo(5). Técnico: Paulo César Carpegiani

INTER: Fernandez(8), Luiz Carlos Winck(6), Célio(6), Márcio Santos(7) e Ricardo(6); Simão(7), Bonamigo(7) e Luís Fernando(6); Zé Carlos(7), Lima(6) e Helcinho(6). Técnico: Ênio Andrade

O JOGO: O único jogador criativo do meio-campo palmeirense, Betinho, não foi bem. Por isso, o Palmeiras dependia de jogadas de bola parada, facilitando o trabalho da defesa colorada e do bom goleiro Fernandez.

12/maio/91

SÃO PAULO 3 X CRUZEIRO 1

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 16 482 000; Público: 16 213; Gols: Raí 11 e Charles 15 do 1.º; Antônio Carlos 12 e Leonardo 24 do 2.º; Cartão amarelo: Ademir, Ricardo Rocha, Cafu e Rogério Lage; Expulsão: Ademir 2 do 2.º

SÃO PAULO: Zetti(6), Cafu(6) (Zé Teodoro(sem nota)), Antônio Carlos(7), Ricardo Rocha(6) e Leonardo(8) (Cláudio(sem nota)); Ronaldo(6), Flávio(6) e Raí(7); Mário Tilico(6), Macedo(6) e Elivélton(7). Técnico: Telê Santana

CRUZEIRO: Pereira(6), Balu(6), Paulão(7), Adílson(6) e Nonato(6); Ademir(6), Marco Antônio Boiadeiro(6) e Luís Fernando(7); Paulinho(5) (Luís Gustavo(6)), Charles(7) e Marcinho(6) (Rogério Lage(sem nota)). Técnico: Pedro Pires de Toledo

O JOGO: Depois de um primeiro tempo fraco, o São Paulo colocou velocidade no ataque e deixou desnorteada a defesa cruzeirense, mantendo um tabu de dezessete anos sem derrotas para o time mineiro.

FLUMINENSE 3 X SPORT 0

Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro); Juiz: Dalmo Bozzano (SC); Renda: Cr$ 6 494 000; Público: 6 233; Gols: Márcio 46 do 1.º; Ézio 3 e Renato 37 do 2.º; Cartão amarelo:

RICARDO CORRÊA

Neto marcou o gol da vitória sobre o Náutico, mas não conseguiu evitar a desclassificação do Corinthians

Renato, Marquinhos, Márcio Alcântara, Aílton e Dinho
FLUMINENSE: Ricardo Pinto(7), Zanata(4), Válber(6), Alexandre Torres(7) e Dago(6); Serginho(5), Macula(6) e Márcio(7); Renato(7), Ézio(6) e Marcelo Gomes(6). Técnico: Gílson Nunes
SPORT: Paulo Victor(5), Marquinhos(5), Aílton(5), Márcio Alcântara(5) e Neco(5); Dinho(5), Aguinaldo(6) e Marcus Vinicius(5) (Sérgio Alves(sem nota)) (Joécio(sem nota)); Moura(5), Hélio(6) e Ataíde(4). Técnico: Arthur Bernardes
O JOGO: O Fluminense jogou o ideal para garantir os dois pontos, mostrando um futebol simples e dinâmico contra um adversário fraco.

BRAGANTINO 1 X GOIÁS 0
Local: Marcelo Stéfani (Bragança Paulista); Juiz: Cláudio Garcia (RJ); Renda: Cr$ 8 546 000; Público: 7 661; Gol: João Santos 16 do 1.º; Cartão amarelo: Nei, João Santos e Richard
BRAGANTINO: Marcelo(7), Gil Baiano(6), Júnior(6), Nei(5) e Biro-Biro(6); Mauro Silva(8), Ivair(7) e Alberto(6); João Santos(7), Sílvio(6) e Ronaldo Alfredo(6) (Marco Aurélio(sem nota)). Técnico: Carlos Alberto Parreira
GOIÁS: Eduardo(7), Wílson(5), Bôni(5), Jorge Batata(5) e Richard(5); Wallace(6), Fagundes(6) e Luvanor(7); Niltinho(6) (Paulo César(6)), Túlio(6) e Cacau(6). Técnico: Zé Mário
O JOGO: O Bragantino não jogou bem, mas fez o suficiente para superar um adversário que deu muito trabalho. Motivado por prêmios extras oferecidos por outros clubes interessados no resultado, os goianos perderam muitos gols.

ATLÉTICO-MG 0 X BOTAFOGO 3
Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE); Renda: Cr$ 53 542 000; Público: 53 542; Gols: Paulo Roberto 33 e Vivinho 43 do 1.º; Valdeir 10 do 2.º; Cartão amarelo: Fernando e Jéferson
ATLÉTICO-MG: Carlos(5), Carlão(5), Cléber(6), Fernando(4) e Paulo Roberto(5); Éder Lopes(4), Moacir(5) e Marquinhos(5); Sérgio Araújo(4), Amauri(4) (Edu Lima(3)) e Gérson(3). Técnico: Jair Pereira
BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Paulo Roberto(7), André(5), De León(6) e Jéferson(6); Djair(5), Juninho(6) e Valdeir(6); Renato Gaúcho(6) (Bujica(5)), Vivinho(6) e Pichetti(5) (Carlos Alberto Dias(6)). Técnico: Valdir Espinosa
O JOGO: O Botafogo fez uma partida perfeita taticamente. Marcou com precisão e se aproveitou dos momentos que foi à frente.

GRÊMIO 3 X VASCO 0
Local: Olímpico (Porto Alegre); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 8 994 500; Público: 12 043; Gols: China 6 e Caio 10 do 1.º; Nando 13 do 2.º; Cartão amarelo: Jandir e Sídnei
GRÊMIO: Gomes(8), China(6) (Norberto(6)), João Marcelo(7), Vílson(7) (Ion(6)) e Hélcio(5); Jandir(7), Donizete(7) e João Antônio(8); Maurício(6), Caio(8) e Nando(7). Técnico: Dino Sani
VASCO: Carlos Germano(6), Jorge Raoli(4) (Ayupe(5)), Sídnei(6), Dedé(4) e Cássio(5); França(4), Luisinho(6) e William(4); Tiba(7), Júnior(4) (Tosin(6)) e Ánderson(3). Técnico: Antônio Lopes
O JOGO: Jogando sua primeira boa partida em todo o campeonato, o Grêmio usou de agressividade e objetividade para fazer logo 3 x 0 e manter chances de escapar da Segunda Divisão. Para isso contou também com a ajuda do Vasco, que desperdiçou dois pênaltis.

FLAMENGO 2 X VITÓRIA 1
Local: Caio Martins (Niterói); Juiz: Ílton José da Costa (SP); Renda: Cr$ 1 114 000; Público: 1 087; Gols: Djalminha 5, Barbosa 20 e Marcelinho 40 do 2.º; Cartão amarelo: Luís Carlos, Zé Ricardo e Paulo Róbson
FLAMENGO: Gilmar(6), Aílton(5), Wílson Gottardo(6), Rogério(7) e Dida(5); Zé Ricardo(4), Charles(5) e Djalminha(6) (Jéferson(sem nota)); Alcindo(6) (Marcelinho(6)), Nélio(5) e Zinho(5). Técnico: Wanderley Luxemburgo
VITÓRIA: Ronaldo(5), Jairo(5), Missinho(5), Sérgio Odilon(6) e Paulo Róbson(5); Cacau(4), Agnaldo(4) e Luís Carlos(4) (Tóbi(sem nota)); Barbosa(6), Júnior(5) e Dico Maradona(4) (Antônio Carlos(4)). Técnico: Paulo Emílio
O JOGO: Muito morno no primeiro tempo, quando não foi criada nenhuma situação de gol. Jogando com maior empenho na segunda etapa, o Flamengo justificou a diferença final a seu favor.

NÁUTICO 1 X PORTUGUESA 0
Local: Aflitos (Recife); Juiz: Lineu Antônio Lisboa (PI); Renda: Cr$ 5 486 500; Público: 6 920; Gol: Lúcio Surubim 13 do 2.º; Cartão amarelo: Lúcio Surubim, Augusto, Henrique e Cristóvão
NÁUTICO: Mauri(8), Cafezinho(7), Barros(7), Freitas(7) e Levi(7); Lúcio Surubim(8) (Leco(sem nota)), Müller(7) e Augusto(6); Newton(5), Bizu(6) e Possi(6) (Lao(sem nota)). Técnico: Charles Muniz
PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(7), Betão(7), Éder(7), Henrique(7) e Charles(6); Capitão(7), Cristóvão(6) e Vágner Mancini(7); Denner(5) (Tico(sem nota)), Bentinho(5) e Arnaldo(5) (Diego Aguirre(sem nota)). Técnico: José de Assis Aragão
O JOGO: Depois de um primeiro tempo trancado, o Náutico voltou para a etapa final disposto a se despedir de sua torcida com uma vitória. A competente defesa da Portuguesa, que parecia ter assegurado o empate, foi surpreendida por uma cabeçada do meia Lúcio Surubim.

19.ª RODADA

18/maio/91

INTERNACIONAL 1 X SÃO PAULO 0
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: Luís Carlos Abreu (PR); Renda: Cr$ 2 933 100; Público: 2 860; Gol: Alex 33 do 2.º; Cartão amarelo: Luiz Carlos Winck, Júlio, Zé Carlos, Alex, Antônio Carlos e Ivan
INTER: Maisena(7), Luiz Carlos Winck(6), Célio(6), Márcio Santos(8) e Ricardo(6); Bonamigo(6), Júlio(7) e Zé Carlos(7) (Alex(7)); Helcinho(5), Cuca(5) e Paulinho Criciúma(7). Técnico: Ênio Andrade
SÃO PAULO: Zetti(6), Zé Teodoro(7), Antônio Carlos(6), Ivan(6) e Leonardo(7); Ronaldo(6), Flávio(8) e Eliel(5) (Rinaldo(5)); Mário Tilico(4), Macedo(5) e Elivélton(4). Técnico: Telê Santana
O JOGO: O São Paulo, já classificado, jogou com pouco entusiasmo. Disso aproveitou-se o Inter para se despedir do campeonato com uma vitória.

19/maio/91

VASCO 1 X ATLÉTICO-MG 1
Local: São Januário (Rio de Janeiro); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 2 729 000; Público: 2 515; Gols: Gérson 12 do 1.º; Zé do Carmo 35 do 2.º; Cartão amarelo: Jorge Luís, Zé do Carmo, Carlos, Alfinete, Fernando, Marquinhos e Joélton
VASCO: Carlos Germano(6), Jorge Raoli(6), Dedé(6), Jorge Luís(6) e Eduardo(5) (Cássio(sem nota)); Zé do Carmo(7), Luisinho(6), William(6) e Bismarck(7); Sorato(6) e Bebeto(4) (Tiba (sem nota)). Técnico: Antônio Lopes
ATLÉTICO-MG: Carlos(8), Alfinete(6), Cléber(6), Fernando(6) e Paulo Roberto(5); Éder Lopes(6), Moacir(6), Amauri(6) e Marquinhos(7); Sérgio Araújo(7) (Aílton(sem nota)) e Gérson(6) (Joélton(sem nota)). Técnico: Jair Pereira
O JOGO: A partida só valia alguma coisa para o time mineiro, que soube segurar o empate graças à boa atuação do goleiro Carlos.

CORINTHIANS 1 X NÁUTICO 0
Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Manuel Serapião Filho (BA); Renda: Cr$ 36 559 000; Público: 31 884; Gol: Neto 18 do 1.º; Cartão amarelo: Gena, Müller, Viola e Jacenir; Expulsão: Bizu 32 do 1.º
CORINTHIANS: Ronaldo(6), Giba(6), Marcelo(7), Wílson Mano(6) e Jacenir(6); Jairo(5) (Ale(sem nota)), Ezequiel(6) e Neto(7); Fabinho(6), Viola(6) (Édson(6)) e Dinei(7). Técnico: Nelsinho
NÁUTICO: Mauri(6), Cafezinho(6), Barros(7), Freitas(6) e Levi(6); Müller(7), Fábio Henrique(5) e Gena(6); Newton(6), Bizu(5) e Possi(6). Técnico: Charles Muniz
O JOGO: O Corinthians começou no ataque e logo chegou ao gol. Depois se acomodou e permitiu que a partida seguisse em ritmo morno até o final. O azar foi só seu — o saldo de gols, insuficiente, acabou separando-o da classificação.

VITÓRIA 1 X FLUMINENSE 2
Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE); Renda: Cr$ 14 309 000; Público: 24 534; Gols: Júnior 38 do 1.º; Pires 7 e Ézio 13 do 2.º; Cartão amarelo: Dico, Jairo e Barbosa
VITÓRIA: Ronaldo(7), Jairo(6), Missinho(6), Sérgio Odilon(5) e Paulo Róbson(4); Cacau(5), Agnaldo(3) e Tóbi(4) (Marcelo Vita(sem nota)); Barbosa(5), Júnior(5) e Dico(4) (Antônio Carlos(4)). Técnico: Paulo Emílio
FLUMINENSE: Ricardo Pinto(8), Zanata(6), Válber(6), Torres(7) e Dago(6); Serginho(7), Macula(7) e Bobô(8); Márcio(6) (Denílson(sem nota)), Ézio(7) (Marcelo Gomes(sem nota)) e Pires(6). Técnico: Gílson Nunes
O JOGO: Na raça o Vitória assustou o Flu no primeiro tempo. Mas na arte, com o futebol de Bobô, os cariocas liquidaram os baianos no segundo, classificando-se para as finais e rebaixando o Vitória.

BOTAFOGO 3 X GRÊMIO 1
Local: Caio Martins (Rio de Janeiro); Juiz: Ílton José da Costa (SP); Renda: Cr$ 895 000; Público: 880; Gols: Pichetti 10 do 1.º; Pichetti 1, Chiquinho (pênalti) 5 e Bujica 38 do 2.º; Cartão amarelo: João Marcelo, Hélcio, Pichetti e Chiquinho; Expulsão: Jandir 42 do 2.º
BOTAFOGO: Ricardo Cruz(7), Paulo Roberto(6), André(7), De León(6) e Jéferson(7); Carlos Alberto(5), Pingo(5) e Valdeir(5) (Bujica(6)); Vivinho(5) (Renato Martins(sem nota)), Juninho(5) e Pichetti(8). Técnico: Valdir Espinosa
GRÊMIO: Gomes(6), Chiquinho(6), João Marcelo(5), Vílson(5) e Hélcio(5); Jandir(4), Donizete(5) (Darci(5)) e Caio(5); Maurício(6), Nando(5) e João Antônio(4) (Nílson(5)). Técnico: Dino Sani
O JOGO: Com esta merecida vitória do Botafogo, o Grêmio cai para a Segunda Divisão. Os cariocas despediram-se apresentando um futebol não visto há muitas rodadas.

SPORT 2 X FLAMENGO 1
Local: Ilha do Retiro (Recife); Juiz: Édson Resende (DF); Renda: Cr$ 5 866 650; Público: 7 747; Gols: Júnior (contra) 19 do 1.º; Moura 10 e Marcelinho 30 do 2.º; Cartão amarelo: Wílson Gottardo, Marcelinho, Zinho, Alcindo, Glauco e Neco; Expulsão: Gaúcho 35 do 2.º
SPORT: Paulo Victor(6), Givaldo(7), Aílton(6), Lopes(7) e Glauco(7); Agnaldo(7), Dinho(7) e Joé-

cio(7) (Ataíde(6)); Moura(7), Fábio(5) (Mirandinha(7)) e Neco(7). Técnico: Arthur Bernardes

FLAMENGO: Gilmar(5), Aílton(7), Wílson Gottardo(6), Rogério(5) e Dida(5); Charles(6), Djalminha(4) (Marcelinho(7)) e Júnior(5); Nélio(7), Gaúcho(3) e Zinho(6) (Alcindo(5)). Técnico: Wanderley Luxemburgo

O JOGO: Só um milagre garantiria a permanência do Sport na Primeira Divisão. Quando aos 19 do 1.º tempo Júnior fez um incrível gol contra o milagre se concretizou.

GOIÁS 3 X SANTOS 0

Local: Serra Dourada (Goiânia); Juiz: Tolistói Batista (DF); Renda: Cr$ 6 656 500; Público: 7 061; Gols: Cacau 33 e Túlio 39 do 1.º; Túlio 36 do 2.º; Cartão amarelo: Bôni e Edu

GOIÁS: Cléber(7), Wílson(7), Bôni(7), Jorge Batata(6) e Lira(6); Wallace(7), Fagundes(5) (Josué(sem nota)) e Luvanor(6) (Marcelo Borges(sem nota)); Formiga(7), Túlio(8) e Cacau(8). Técnico: Zé Mário

SANTOS: Sérgio(8), Índio(6), Pedro Paulo(5), Luís Carlos(5) e Marcelo Veiga(6); Sérgio Santos(5) (Gláucio(7)), Zé Renato(6) (Mendonça(sem nota)) e Edu(8); Almir(6), Paulinho(7) e Axel(6). Técnico: Cabralzinho

O JOGO: Enquanto os santistas se perdiam em campo, os goianos davam um espetáculo, criando grandes chances de gol. O goleiro Sérgio ainda salvou o time paulista de uma goleada histórica.

PORTUGUESA 1 X BAHIA 0

Local: Canindé (São Paulo); Juiz: Cláudio Cerdeira (RJ); Renda: Cr$ 1 630 000; Público: 1 598; Gol: Éder 21 do 1.º; Cartão amarelo: Josias, Gil e Lima

PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(6), Betão(6), Cléber(6), Éder(7) e Josias(6); Capitão(7), Vágner Mancini(5) e Cristóvão(6); Denner(6), Bentinho(5) (Sinval(6)) e Pereira(5). Técnico: Otacílio Gonçalves

BAHIA: Sérgio Néri(6), Maílson(6), Jorginho(7), Wágner Basílio(6) e Gilvan(6); Paulo Rodrigues(7), Gil(6) e Lima(6); Edemílson(5) (Mazinho(6)), Luís Henrique(6) e Naldinho(5) (Ronaldo Silva(6)). Técnico: Candinho

O JOGO: O Bahia entrou em campo disposto a empatar, mas foi surpreendido por um gol da Portuguesa na metade do primeiro tempo e não teve forças para reagir.

CRUZEIRO 2 X PALMEIRAS 0

Local: Independência (Belo Horizonte); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 3 982 000; Público: 3 982; Gols: Nonato 28 e Marco Antônio Boiadeiro 40 do 2.º; Cartão amarelo: Paulinho, Charles e Toninho

CRUZEIRO: Pereira(4), Balu(5), Paulão(5), Adílson(6) e Nonato(7); Rogério Lage(6), Luís Fernando(5) e Marco Antônio Boiadeiro(6); Paulinho(5), Charles(6) e Marcinho(5) (Quirino(sem nota)). Técnico: Pedro Pires de Toledo

PALMEIRAS: Velloso(6), Odair(5), Toninho(5), Eduardo(4) (Aguirregaray(5)) e Biro(5); Júnior(4), Galeano(4) (Lima(sem nota)) e Ranieli(5); Jorginho(5), Betinho(5) e Edivaldo(4). Técnico: Paulo César Carpegiani

O JOGO: Nem parecia que o Palmeiras precisava da vitória para aspirar a uma vaga nas semifinais. O Cruzeiro, mesmo sem jogar bem, marcou dois gols depois de dominar o adversário sem dificuldades.

ATLÉTICO-PR 1 X BRAGANTINO 2

Local: Pinheirão (Curitiba); Juiz: Wílson Carlos dos Santos (RJ); Renda: Cr$ 2 823 000; Público: 2 725; Gols: Sílvio 11, Moreno 20 e Sílvio 24 do 1.º

ATLÉTICO-PR: Tedeschi(6), Odemílson(7), Batista(6), Alceu(4) e Ademar(6); Valdir(7), Serginho(6) e André(7); Ratinho(5) (Alexandre (5)), Tico(7) e Moreno(8). Técnico: Edu

BRAGANTINO: Marcelo(8), Gil Baiano(7), Júnior(7), Nei(8) e Biro-Biro(7); Mauro Silva(8), Ivair(8) e Alberto(6); Mazinho(7), Sílvio(9) (Luís Müller(sem nota)) e João Santos(6) (Franklin(5)). Técnico: Carlos Alberto Parreira

O JOGO: O Atlético esperava um Bragantino cauteloso por já estar classificado. Errou na marcação. O time do interior paulista liquidou a fatura já no primeiro tempo com um futebol forte, rápido e objetivo.

SEMIFINAIS

JOGOS DE IDA

25/maio/91

ATLÉTICO-MG 1 x SÃO PAULO 1

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: José Mocellin (RS); Renda: Cr$ 50 102 600; Público: 53 760; Gols: Mário Tilico 26 do 1.º; Cléber 6 do 2.º; Cartão amarelo: Cléber, Moacir, Leonardo e Cafu; Expulsão: Antônio Carlos 18 do 1.º

ATLÉTICO-MG: Carlos(6), Alfinete(5), Cléber(7), Tobias(6) e Paulo Roberto(6); Éder Lopes(5), Moacir(5) (Amauri (4)) e Marquinhos(4); Sérgio Araújo(5) (Mauricinho(sem nota)), Gérson(3) e Edu Lima(5). Técnico: Jair Pereira

SÃO PAULO: Zetti(6), Cafu(6), Antônio Carlos(2), Ricardo Rocha(6) e Leonardo(7); Ronaldo(4), Bernardo(5) e Raí(7); Mário Tilico(6) (Zé Teodoro(sem nota)), Macedo(4) (Flávio(sem nota)) e Elivélton(5). Técnico: Telê Santana

O JOGO: Faltaram talento e inspiração ao Atlético para vencer a partida. O São Paulo, mais consistente, administrou o resultado.

20/maio/91

FLUMINENSE 0 X BRAGANTINO 1

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José Roberto Wright (SP): Renda: Cr$ 77 712 000: Público: 74 781; Gol: Franklin 43 do 2.º; Cartão amarelo: Torres e Franklin

FLUMINENSE: Ricardo Pinto(7), Zanata(4), Válber(6), Torres(6) e Dago(4) (Marcelo Gomes(5)); Serginho(5), Pires(5), Macula(3) e Renato(4) (Márcio(sem nota)); Bobô(5) e Ézio(5). Técnico: Gílson Nunes

BRAGANTINO: Marcelo(7), Gil Baiano(6), Júnior(7), Nei(6) e Biro-Biro(6); Mauro Silva(8), Alberto(6) e Mazinho(6); Ivair(6), Sílvio(4) (Luís Müller(sem nota)) e Ronaldo Alfredo(6) (Franklin(7)). Técnico: Carlos Alberto Parreira

O JOGO: Indiscutível vitória do Bragantino em pleno Maracanã, enfrentando o melhor time carioca. A equipe de Bragança Paulista mostrou determinação e bravura, valorizando o triunfo e sua passagem para a disputa das finais frente a São Paulo ou Atlético-MG.

JOGOS DE VOLTA

1.º/junho/91

BRAGANTINO 1 X FLUMINENSE 1

Local: Marcelo Stéfani (Bragança Paulista); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (SP); Renda: Cr$ 23 043 500; Público: 14 159; Gols: Ézio 33 do 1.º; Franklin 18 do 2.º; Cartão amarelo: Sandro

BRAGANTINO: Gabriel (5), Gil Baiano (6), Júnior (5), Nei (6) e Biro-Biro (6); Mauro Silva (8), Ivair (5) (Luís Müller(6)), Alberto (6) e Mazinho (7); Sílvio (7) e Ronaldo Alfredo (5) (Franklin (6)). Técnico: Carlos Alberto Parreira

FLUMINENSE: Ricardo Pinto (7), Carlinhos (6), Sandro (6), Alexandre Torres (6) e Paulo Roberto (5); Serginho (5), Macula (5), Renato (6) e Pires (6); Bobô (6) e Ézio (7). Técnico: Gílson Nunes

O JOGO: Já classificado para a final, o Bragantino deu muito espaço ao Fluminense no primeiro tempo. No segundo, trocou a tática e o uniforme, reencontrando parte do futebol que o qualificou como finalista.

2/junho/91

SÃO PAULO 0 X ATLÉTICO-MG 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE); Renda: Cr$ 91 572 500; Público: 57 923; Cartão amarelo: Bernardo, Tobias, Edu Lima, Alfinete e Paulo Roberto

SÃO PAULO: Zetti (7), Cafu (6), Ricardo Rocha (8), Ronaldo (6) e Leonardo (7); Flávio (6), Bernardo (6) e Raí (6); Mário Tilico (6) (Sídnei(sem nota)), Macedo (5) e Elivélton (6). Técnico: Telê Santana

ATLÉTICO-MG: Carlos (6), Alfinete (6), Fernando (7), Tobias (6) e Paulo Roberto (6); Éder Lopes (7), Amauri (6) (Aílton(6)) e Marquinhos (6); Sérgio Araújo (6), Gérson (5) e Edu Lima (7). Técnico: Jair Pereira

O JOGO: O São Paulo foi lento na saída para o ataque e dispersivo quando criou oportunidades de gol. O Atlético não soube se aproveitar disso e perdeu a classificação para jogar a final contra o Bragantino.

Artilheiros

Paulinho (San) **15:** Túlio (Go) **13:** Neto (Cor) e Charles (Cru) **11;** Ézio (Flu) e Bizu (Náu) **10;** Gérson (Atl-MG) e Sílvio (Bra) **9;** Tico (Atl-PR) **8;** André (Atl-PR), Raí (SP) e Sorato (Vas) **7;** Mazinho (Bra), Lima (Inter), Careca (Pal), Hélio (Spo) e Júnior (Vit) **6;** Alberto (Bra), Bobô, Renato (Flu) e Macedo (SP) **5;** Edu (Atl-MG), Moreno, Eder (Atl-MG), Adil, Luís Henrique (Ba), Bujica, Renato Gaúcho (Bota), Gaúcho, Nélio (Fla), Cacau (Go), Betinho (Pal) e Vágner Mancini (Port) **4;** Marquinhos, Moacir (Atl-MG), Jorginho, Naldinho (Ba), Valdeir (Bota), Giba (Cor), Marcelinho, Nélio (Fla), Cuca, Helcinho (Inter), Müller (SP), Zé do Carmo, Bebeto (Vas) e Barbosa (Vit) **3**

Artilheiros negativos

Ademar, Jorge Luís (Atl-PR), Nei (Bra), Paulão (Cru), Júnior (Fla), Richard (Go), Luiz Carlos Winck (Inter), Barros (Náu) e Jorge Luís (Vas) **1**

Expulsões

Bobô (Flu) **3;** Marcelo Jorge (Ba); Paulo Roberto (Bota); Jacenir, Márcio e Mauro (Cor); Ademir (Cru); Wílson (Go); Daniel (Inter); Beto (Vit) **2;** Aílton, Cléber, Edu, Marquinhos, Mauricinho e Paulo Roberto (Atl-MG); Eduardo (Atl-PR); Paulo César (Ba); Renato Martins (Bota); Biro-Biro, Franklin, Gil Baiano, Ivair, Mauro Silva e Mazinho (Bra); Fabinho, Guinei e Jairo (Cor); Andrade, Luís Fernando e Paulão (Cru); Gaúcho (Fla); Macula e Zanata (Flu); Bôni (Go); João Marcelo, Darci, Donizete, Jandir e Marquinhos (Grê); Cuca, Helcinho, Júlio, Luís Fernando, Luiz Carlos Winck e Márcio Santos (Inter); Bizu, Fábio, Leo e Newton (Náu); Erasmo, Galeano, Júnior e Ranieli (Pal); Charles e Henrique (Port); Edu e Flavinho (San); Antônio Carlos, Cafu e Elivélton (SP); Givaldo (Spo); Dedé, França, Jorge Luís e Luciano (Vas); Agnaldo, Barbosa, Cacau, Dema e Reginaldo (Vit) **1**

Melhores médias de renda (Cr$)

1.º Corinthians 21 218 668
2.º Atlético-MG 21 086 061
3.º Botafogo 19 633 594
4.º Flamengo 18 953 892
5.º São Paulo 18 556 203
6.º Internacional 16 186 771
7.º Palmeiras 15 829 076
8.º Cruzeiro 13 647 263
9.º Vasco 13 622 532
10.º Fluminense 13 313 933
11.º Bragantino 11 491 938
12.º Grêmio 10 809 487
13.º Bahia 10 544 650
14.º Vitória 10 119 242
15.º Sport 9 435 779
16.º Santos 9 378 945
17.º Náutico 8 573 513
18.º Portuguesa 8 296 489
19.º Atlético-PR 8 100 810
20.º Goiás 7 868 179

COLOCACÃO - FASE CLASSIFICATÓRIA

CLASSIFICAÇÃO	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º São Paulo	26	19	11	4	4	26	14
2.º Bragantino	26	19	9	9	2	27	14
3.º Fluminense	24	19	10	4	5	28	19
4.º Atlético-MG	24	19	8	8	3	29	19
5.º Corinthians	24	19	8	8	3	23	17
6.º Palmeiras	22	19	7	8	4	20	19
7.º Inter	20	19	5	10	4	19	16
8.º Santos	19	19	7	5	7	23	20
9.º Flamengo	19	19	7	5	7	19	24
10.º Portuguesa	19	19	5	9	5	14	15
11.º Vasco	19	19	4	11	4	22	26
12.º Botafogo	18	19	6	6	7	19	21
13.º Bahia	18	19	5	8	6	16	18
14.º Náutico	17	19	7	3	9	19	25
15.º Goiás	17	19	6	5	8	27	24
16.º Cruzeiro	16	19	5	6	8	23	28
17.º Atlético-PR	15	19	5	5	9	27	29
18.º Sport	13	19	4	5	10	15	30
19.º Grêmio	12	19	3	6	10	15	24
20.º Vitória	12	19	3	6	10	17	27

Melhores médias de público

1.º Atlético-MG 23 117
2.º Corinthians 19 456
3.º Flamengo 19 417
4.º Botafogo 19 026
5.º São Paulo 16 637
6.º Cruzeiro 16 500
7.º Internacional 15 966
8.º Fluminense 14 031
9.º Palmeiras 13 976
10.º Vasco 13 173
11.º Grêmio 11 563
12.º Bahia 11 255
13.º Bragantino 11 154
14.º Vitória 11 088
15.º Sport 10 894
16.º Santos 10 583
17.º Goiás 9 135
18.º Náutico 9 021
19.º Portuguesa 8 495
20.º Atlético-PR 8 157

SÉRIE B

SEGUNDA FASE

JOGOS DE VOLTA

28/abril/91

Sampaio Correa 0 x ABC 0
(Nos pênaltis, ABC 4 x 1)
Ceará 1 x Payssandu 1
Americano 4 x CSA 0
Santa Cruz 4 x Desportiva 0
Novorizontino 2 x Noroeste 0
Londrina 1 x Paraná 1
Botafogo-SP 1 x Guarani 1

QUARTAS-DE-FINAL

JOGOS DE IDA

1.º/maio/91

ABC 1 x Payssandu 0
Americano 1 x Santa Cruz 0
Paraná 1 x Coritiba 0
Guarani 1 x Noroeste 1

JOGOS DE VOLTA

5/maio/91

Payssandu 3 x ABC 1
Santa Cruz 3 x Americano 2
Coritiba 4 x Paraná 0
Noroeste 0 x Guarani 2

JOGOS DE IDA

9/maio/91

Americano 1 x Payssandu 0
Coritiba 1 x Guarani 0

JOGOS DE VOLTA

13/maio/91

Payssandu 1 x Americano 0
(Nos pênaltis, Payssandu 5 x 4)
Guarani 1 x Coritiba 0
(Nos pênaltis, Guarani 5 x 4)

FINAL

1.º JOGO

19/maio/91

Guarani 1 x Payssandu 0

2.º JOGO

26/maio/91

PAYSSANDU 2 X GUARANI 0

Local: Alacid Nunes(Belém); Juiz: Manuel Serapião Filho (BA); Renda: Cr$ 30 428 500; Público: 34 192; Gols: Cacaio 22 e Dadinho 36 do 2.º; Cartão amarelo: Maurício e Jérson; Expulsões: Jura, Julimar, Valmir, Biro-Biro, Édson e Zé Roberto 36 do 2.º

PAYSSANDU: Luís Carlos, Paulo Cruz, Ari, Leo e Pedrinho; Edgar, Oberdan e Maurício (Jorginho Macapá); Cacaio, Dadinho e Jérson. Técnico: Joel Martins

GUARANI: Marcos Garça, Jura, Vladimir (Zé Roberto), Julimar e Valmir; Biro-Biro, Edson, Nenê (Adriano) e Vânder Luís; Volnei e Claudinho. Técnico: Pepe

Obs.: Após o segundo gol do Payssandu, seis jogadores do Guarani acabaram sendo expulsos. O juiz baiano acabou encerrando a partida aos 36 minutos do segundo tempo.

COPA DO BRASIL

QUARTAS-DE-FINAL
1.º JOGO
8/maio/91
Corinthians 1 x Grêmio 1
SEMIFINAL
1.º JOGO
12/maio/91
Remo 0 x Criciúma 1
QUARTAS-DE-FINAL
2.º JOGO
15/maio/91
Grêmio 2 x Corinthians 1
SEMIFINAL
2.º JOGO
19/maio/91
Criciúma 2 x Remo 0
1.º JOGO
22/maio/91
Coritiba 1 x Grêmio 1
2.º JOGO
25/maio/91
Grêmio 1 x Coritiba 0
FINAL
1.º JOGO
30/maio/91
Grêmio 1 x Criciúma 1
2/junho/91
2.º JOGO

CRICIÚMA 0 X GRÊMIO 0

Local: Heriberto Hulse (Criciúma); Juiz: Cláudio Cerdeira (RJ); Renda: Cr$ 21 359 000; Público: 19 525; Cartão amarelo: Sarandi, Altair, Soares, Chiquinho, João Marcelo e Donizete; Expulsão: Gélson e Maurício 7 do 2.º

CRICIÚMA: Alexandre, Sarandi, Vilmar, Altair e Itá; Roberto Cavalo, Gélson e Grizzo (Vanderlei); Zé Roberto, Soares e Jairo. Técnico: Luís Felipe

GRÊMIO: Sidmar, Chiquinho, João Marcelo, Vílson e Hélcio; Norberto, Donizete e João Antônio; Maurício, Nando (Darci) e Caio. Técnico: Dino Sani

Com estes resultados, o Criciúma, campeão da Copa do Brasil, será um dos representantes do Brasil na Taça Libertadores da América em 1992.

AMISTOSO INTERNACIONAL

28/maio/91

BRASIL 3 X BULGÁRIA 0

Local: João Havelange (Uberlândia); Juiz: José Roberto Wright (Brasil); Renda e Público: não divulgados; Gols: Neto 18 e João Paulo 24 do 1.º; Neto 24 do 2.º

BRASIL: Sérgio, Mazinho (Odair), Wílson Gottardo, Márcio Santos (Júlio César) e Branco (Lira); Márcio, Valdir e Neto (Denner); Almir (Luís Henrique), Careca e João Paulo (Valdeir). Técnico: Falcão

BULGÁRIA: Nikolov (Kanshev), Dimitrov, Stalin Angelov, Slavitchev e Dimov; Giorgiov, Todorov, Metcov e Demian; Kirov e Iordanov (Alexandrov). Técnico: Christo Andonov

TAÇA LIBERTADORES

OITAVAS-DE-FINAL
JOGOS DE VOLTA
24/abril/91
Nacional (Uru) 1 x Bolívar (Bol) 1
Colo-Colo (Chi) 2 x Universitário (Peru) 1
Cerro Porteño (Par) 2 x Oriente Petrolero (Bol) 0
Corinthians (Bra) 1 x Boca Juniors (Arg) 1
Flamengo (Bra) 5 x Tachira (Ven) 0
25/abril/91
América (Col) 3 x Concepción (Chi) 3
Nacional (Col) 2 x Liga Universitária (Eq) 0
26/abril/91
Olimpia (Par) 2 x Colegiales (Par) 1

QUARTAS-DE-FINAL
JOGOS DE IDA
1.º/maio/91
Flamengo (Bra) 2 x Boca Juniors (Arg) 1
2/maio/91
Nacional (Col) 0 x América (Col) 0
Olimpia (Par) 0 x Cerro Porteño (Par) 1
3/maio/91
Colo-Colo (Chi) 4 x Nacional (Uru) 0
JOGOS DE VOLTA
8/maio/91
Boca Juniors (Arg) 3 x Flamengo (Bra) 0
Nacional (Uru) 2 x Colo-Colo (Chi) 0
Cerro Porteño (Par) 0 x Olimpia (Par) 3
10/maio/91
América (Col) 0 x Nacional (Col) 2

SEMIFINAIS
JOGOS DE IDA
16/maio/91
Boca Juniors (Arg) 1 x Colo-Colo (Chi) 0
Nacional (Col) 0 x Olimpia (Par) 0
JOGOS DE VOLTA
22/maio/91
Colo-Colo (Chi) 3 x Boca Juniors (Arg) 1
23/maio/91
Olimpia (Par) 1 x Nacional (Col) 0

FINAL
JOGO DE IDA
29/maio/91
Olimpia (Par) 0 x Colo-Colo (Chi) 0

CAMPEONATO ITALIANO

34.ª RODADA
26/maio/91
Torino 0 x Atalanta 0
Cagliari 1 x Bari 1
Napoli 3 x Bologna 2
Cesena 0 x Fiorentina 4
Lecce 0 x Inter 2
Genoa 2 x Juventus 0
Milan 0 x Parma 0
Pisa 0 x Roma 1
Lazio 3 x Sampdoria 3

CLASSIFICAÇÃO FINAL

1.º Sampdoria 51; 2.º Milan e Inter 46; 4.º Genoa 40; 5.º Parma e Torino 38; 7.º Juventus e Napoli 37; 9.º Roma 36; 10.º Atalanta e Lazio 35; 12.º Fiorentina 31; 13.º Bari e Cagliari 29; 15.º Lecce 25; 16.º Pisa 22; 17.º Cesena 19; 18.º Bologna 18

COPAS EUROPÉIAS

SEMIFINAIS
JOGOS DE VOLTA
24/abril/91

COPA DOS CAMPEÕES

Olympique (Fran) 2 x Spartak Moscou (URSS) 1
Estrela Vermelha (Iug) 2 x Bayern (Ale) 2

RECOPA

Juventus (Ita) 1 x Barcelona (Esp) 0
Manchester United (Ing) 1 x Legia Varsóvia (Pol) 1

COPA DA UEFA

Roma (Ita) 2 x Brondby (Din) 1
Internazionale (Ita) 2 x Sporting (Port) 0

Finais

COPA DA UEFA

JOGO DE IDA
8/maio/91
Internazionale (Ita) 2 x Roma (Ita) 0

RECOPA

Final
15/maio/91
Local: Roterdã (Holanda)
Barcelona (Esp) 1 x Manchester United (Ing) 2

COPA DA UEFA

JOGO DE VOLTA
22/maio/91
Roma (Ita) 1 x Internazionale (Ita) 0

COPA DOS CAMPEÕES

FINAL
29/maio/91
Local: Bari (Itália)
Olympique (Fran) 0 x Estrela Vermelha (Iug) 0
(Nos pênaltis, Estrela Vermelha 5 x 3)

Com estes resultados, a Internazionale conquistou a Copa da UEFA; o Manchester, a Recopa; e o Estrela Vermelha sagrou-se campeão da Copa dos Campeões da Europa e disputa no dia 8 de dezembro, em Tóquio, a final do Mundial Interclubes, contra o campeão da Libertadores.

FLAMENGO Campeão da Copa do Brasil 1990

O catarinense Ozildo sonha com este poster

Poster do campeão da Copa do Brasil

Compro poster do Flamengo, campeão da Copa do Brasil de 1990.

Ozildo S. dos Reis
Av. Ganchos, 687
Gov. Celso Ramos, SC

O pedido do Clube do Torcedor

Como membros do Clube do Torcedor de Florianópolis, pedimos a volta urgente das edições semanais de PLACAR.

Leandro Goulart
Adalberto Jorge Kluser
Florianópolis, SC

Colecionador de livros sobre futebol

Compro livros e revistas brasileiras sobre futebol ou futebol de salão.

Jesus Diez Gomes
Santander, Espanha

Solidariedade entre tricolores

Quero manifestar minha solidariedade à torcida do Grêmio devido à má campanha da equipe no Campeonato Brasileiro. Sou simpatizante do Fluminense e vivi situação semelhante no ano passado. Apóiem seu clube e cobrem dos dirigentes times competitivos no futuro.

Márcio José C.dos Santos
Brasília, DF

O Atlético tem mais torcida que o Coritiba

Sou torcedor do Atlético-PR e quero manifestar meu protesto contra a edição especial das maiores torcidas do Brasil sobre o Coritiba. A torcida atleticana é muito maior do que a coxa-branca e também merecia uma revista.

Marcelo Schiavoy
Curitiba, PR

Um escudo para os botonistas

Por que vocês não voltam a publicar os escudinhos para times de futebol de botão? Sugiro que inicialmente sejam publicados escudos de clubes estrangeiros. Não apenas eu, mas todos os amantes do futebol de mesa iriam adorar.

Rodrigo Lestrade Pedroso
Santos, SP

Aguarde, Rodrigo. Em breve, PLACAR voltará a atender os desejos dos jogadores de futebol de botão. Para início de conversa, vai aí o escudo da Sampdoria, campeã italiana desta temporada.

Sampdoria

Acróstico ao maior

Bola na rede adversária é sempre uma rotina
Ontem, hoje e sempre respeitado e temido
Trajetória constante de grandes conquistas
Abençoado pelo Cristo que ilumina a "Cidade Maravilhosa"
Família alvinegra campeã desde mil novecentos e sete
Orgulho de toda uma geração
Glorioso Fogão, não podes perder, perder pra ninguém...
Ostentando a bandeira vitoriosa em todas as competições

De Mal. Hermes a Gal. Severiano; do Caio Martins ao Maracanã
Emocionando cada vez mais a sua imensa galera

Festa no Mourisco: é mais uma vitória do Bota!
Um grito aqui, outro acolá, o Brasil se veste de preto e branco
Torcidas organizadas: a camisa doze incansavelmente fiel
Eternizado e imortalizado pelos dribles do "Seu Mané"
Bola na rede, bola na cesta, bola na quadra...
Ontem, hoje e sempre
Liderando em diversas modalidades

Estrela solitária sempre viva e brilhante

Rio, de janeiro a dezembro é um grito só: Fogo!!!
Explode de alegria a torcida da Academia carioca
Grandes craques, grandes ídolos
Atemorizando e infernizando a vida dos adversários
Títulos inéditos e inesquecíveis
Agosto de mil novecentos e quatro
Surge então o imponente e glorioso BOTAFOGO.

Namir Chaves Souto
Poços de Caldas, MG

Editora Abril

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.
ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belo Horizonte: av. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1085, FAX: (031) 337-2166
Blumenau: av. Martin Luther, 111, Edifício Master Center Empresarial, sala 709, CEP 89010, tel.: (0473) 22-4377
Brasília: SCN - Quadra CN 1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Center, 14.º e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8855, Telex (061) 1464/1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress
Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/133, Centro, CEP 13013, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 3311, FAX: (0192) 22-3281
Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79000, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685
Cuiabá: r. Castelo Branco, 123, CEP 78020, Caixa Postal 445, tels.: (065) 321-0821 e 322-7466
Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5566
Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 1004, FAX: (0482) 23-5873
Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 244-0410, Telex (085) 1607
Goiânia: r. 25, n.º 55, Setor Marista, CEP 7410, tel.: (062) 252-1915
João Pessoa: av. Epitácio Pessoa, 201, sala 206, Centro, João Pessoa - PB, tel.: (083) 221-9328
Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 93-9891
Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 29-4177/29-5899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (0512) 29-4857
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tels.: (016) 623-4262/4291, Telex (016) 4457, FAX: (016) 623-2769
Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress
Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 5.º andares, salas 303 e 502, Bairro Pituba, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583
São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245, tel.: (0123) 21-1126
Vitória: r. Alberto Oliveira Santos, 42, 10.º andar, sala 1011, CEP 29010, tel.: (027) 222-3185, FAX: (027) 222-6219
EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL
ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO
MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

PUBLICAÇÕES DA EDITORA AZUL

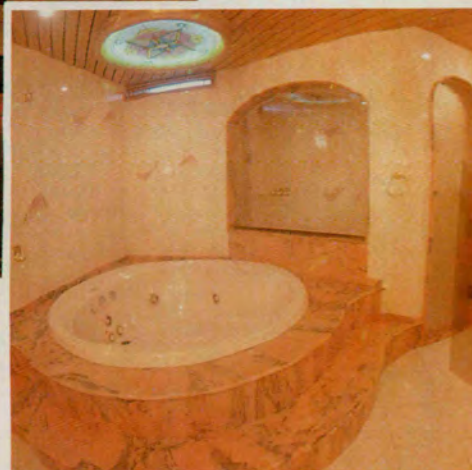
BIZZ • BOA FORMA • BODYBOARD
CARÍCIA • CONTIGO • FLUIR • HORÓSCOPO
INTERVIEW • SAÚDE • SET • SEMANÁRIO
SKATING

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL JOVEM

PATO DONALD • MICKEY • ZÉ CARIOCA
TIO PATINHAS • MARGARIDA • URTIGÃO
DISNEYLÂNDIA • ALMANAQUE DISNEY
SELEÇÃO DISNEY • EDIÇÃO EXTRA
DISNEY ESPECIAL • ALEGRIA ESPECIAL
BRINQUE COMIGO • MINI CRUZADAS
LIGA DA JUSTIÇA • GRAPHIC MARVEL
SUPER-HOMEM • SUPERAVENTURAS MARVEL
HOMEM ARANHA • HULK • OS CAÇADORES
SPIRIT • GROO • CONAN REI • STORM
CONFLITO DO VIETNÃ • GRAPHIC NOVEL
CONAN • MENINO MALUQUINHO
TOM E JERRY • BOLINHA • LULUZINHA
OS TRAPALHÕES • ALMANAQUE DO GUGU

PUBLICAÇÕES DA
FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA

NOVA ESCOLA • SALA DE AULA

Suite
Imperador

SUGAR FREE

SAÚDE E BOA FORMA

GILTON

GINSENG GILTON SANTE-U® ENERGIA VITAL DO GINSENG GILTON SANTE-U® é bioestimulante, combate o stress, a debilidade orgânica e restaura as energias.
APRESENTAÇÕES:
Pó - Caixas com 25 e 50 sachets
Cápsulas - Frascos com 150
Xarope - Frasco com 150ml,
Registro M.S. n.º 1.0324.0014.
Certificado de Marca n.º 078.213.556.790.249.910, 814.247.911 e 814.247.920.

GUARANÁ GILTON® - Puro Guaraná de Mauês (Amazonas), potente revigorante, ativa as funções vitais e combate o Stress. Fonte natural de energia.
APRESENTAÇÕES:
Pós solúvel - Caixa com 50 sachets
Pastilhas - Caixa com 60
Xarope - Frasco com 150ml
Registro M.S. n.º 0324.0024
Certificado de Marca n.º 810.843.340, 780.213.556 e 810.843.358.

NATURAL GELATIN GILTON® - Gelatina Natural de alta potência e qualidade. Contém 247 bloms, onde são encontrados todos os aminoácidos necessários à célula proteica. Evita o envelhecimento precoce, unhas quebradiças e a fragilidade muscular. Recomendado para o aumento da massa muscular, melhor desempenho físico e pleno vigor.
APRESENTAÇÃO: Frasco plástico com 60 e 180 cápsulas.
Registro M.S. n.º 4.9020.0006.01.1
Certificado de Marca n.º 790.249.910

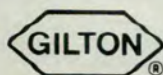
LANÇAMENTO

SPIN® - CENTAUREA MINUS. QUALITY, Spirulina Food Grad Blue-Green, Algagilton® Emagrecimento com saúde sem riscos necessários. SPIN® é uma micro alga moderna cientificamente completa como suplemento alimentar e inigualada com qualquer outro alimento.
SPIN® é uma forma moderna de manter-se fisicamente bem disposto, esbelto e dentro do peso ideal, proporcionalmente a idade e altura. SPIN® é uma dieta introduzida recentemente Nos mais desenvolvidos países do mundo com total êxito.
APRESENTAÇÃO: Frasco com 100 Cápsulas.
Registro M.S. n.º 2.0987.0025
Certificado de Marca n.º 814.247.911.

AKHAUMA GILTON® - Elaborado a base de quatro plantas medicinais. Indicado como sedativo, regulador do sistema nervoso, auxilia na hipertensão e no combate a insônia.
APRESENTAÇÕES: Líquido = Frasco com 100ml
Drágeas — Frascos com 50
Registro M.S. n.º 0324.0038.002-0
Certificado de Marca n.º 814.247.920

LEVEDO DE CERVEJA GILTON® - Fonte natural de todas as vitaminas do Complexo B, de Sais Minerais e de Aminoácidos, inclusive com a garantia de moderna técnica de fabricação Européia.
Usado nos tratamentos de pele, de perturbações nervosas e do intestino.
Levedo de Cerveja GILTON® é fonte natural de saúde.
APRESENTAÇÃO: Frasco com 100 comprimidos.
Registro M.S. n.º 2.500.0074.689
Certificado de Marca n.º 813.342.414

JURUBEBA ATIBAIA (EXTRA FORTE) Elaborado de planta medicinal préviamente selecionada. Tônico geral. Estimula a normalização das funções digestivas, regularizando a atividade do fígado, estômago, vesícula e os intestinos.
É ideal para a recuperação geral e aumento de vitalidade.
APRESENTAÇÃO: Vidro com 300ml.
Registro M.S. n.º 12.804.457
Certificado de Marca n.º 078.213.556.

Divisão Produtos Naturais

Divisão Produtos Naturais

Kamê
Símbolo Longa Vida

MANTENHA SUA SAÚDE NATURAL.

PRODUTOS ISENTOS DE AÇÚCAR E ADITIVOS - SUGAR FREE, OS PRODUTOS ACIMA SÃO FABRICADOS PELA GILTON DO BRASIL INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÊUTICA LTDA, PELA SUA DIVISÃO DE PRODUTOS NATURAIS E TAMBÉM PELA CENTAUREA MINUS LTDA - QUALITY. OS PRODUTOS SÃO ENCONTRADOS NAS MELHORES FARMÁCIAS DO BRASIL. EM SÃO PAULO: DROGARIA DO ONOFRE, DROGARIA DA SÉ, REDES DROGASIL S/A E DROGÃO. SE DESEJAR RECEBER FOLHETO COM MAIORES EXPLICAÇÕES DO PRODUTO, ESCREVA PARA: GILTON DO BRASIL INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÊUTICA LTDA. RUA CLÁUDIO FURQUIM, 21/24 - CEP 03072 - SÃO PAULO - SP.